UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS

DEPARTAMENTO DE LETRAS MODERNAS

PROGRAMA DE ESTUDOS LINGUÍSTICOS, LITERÁRIOS E TRADUTOLÓGICOS EM FRANCÊS

Folheando a obra (e a vida) do grão-senhor da Villa Fortunata: um estudo sobre René Thiollier

ANEXO

VALTER CESAR PINHEIRO

Tese apresentada ao Programa de Estudos Linguísticos, Literários e Tradutológicos em Francês do Departamento de Letras Modernas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, para obtenção do título de Doutor em Letras.

Orientadora: Profª Drª Regina Maria Salgado Campos.

vol. 2

SÃO PAULO

2014

SUMÁRIO

FOLHEANDO A VIDA

I – EDUARDO JERICÓ 3
II – EM CALDAS 9
III – DOROTI PACHECO 16
IV – JOSAFAT, O BANDEIRANTE 23
V – CAMILO LOJISTA 28
VI – O SUICIDA DO CASSINO 33
VII – O DRAMA ÍNTIMO DE INDALÉCIO 42
VIII – SIC TRANSIT GLORIA MUNDI 56
IX – 50 ANOS DE HIPOCRISIA 68
X – CALEIDOSCÓPIO SÃO PAULO 79
XI – JEAN LA TROMPETTE 85
XII – CONTRASTES 91
XIII – NA VIENENSE 96
XIV – NA PRAÇA DA REPÚBLICA 104
XV – O DR. X 112
XVI – A SENTENÇA DO DR. X 124
XVII – 50 ANOS DE HIPOCRISIA 127
XVIII – REMINISCÊNCIAS – OS VIZINHOS DA ESQUERDA E OS DA DIREITA – UMA NOITE DE AMOR 136
XIX – REMINISCÊNCIAS – OS VIZINHOS DA ESQUERDA E OS DA DIREITA 140
XX – REMINISCÊNCIAS – OS VIZINHOS DA ESQUERDA E OS DA DIREITA 146
XXI – REMINISCÊNCIAS – OS VIZINHOS DA ESQUERDA E OS DA DIREITA 150
XXII – A MATERIALIZAÇÃO DE D. MARIA DAS DORES NA CASA DA ESQUERDA 156

EPÍGRAFES E CITAÇÕES 167

FOLHEANDO A VIDA* NAS PÁGINAS DA *REVISTA DA ACADEMIA PAULISTA DE LETRAS 197

FOLHEANDO A VIDA

I

EDUARDO JERICÓ

"Quel supplice que celui d'entendre déclamer pompeusement un froid discours, ou prononcer de médiocres vers avec toute l'emphase d'un mauvais poète!"
La Bruyère (*Les Caractères* – "Des ouvrages de l'esprit")

À Sra. Marta Casares de Bioy

À chegada do trem, o empregado do hotel precipitou-se para ele sorrindo, tomou-lhe das valisas pela janela.

Drumond Peçanha quis saber se havia gente no hotel.

– Muito pouca. Vinte hóspedes apenas.

– E o tempo?

– Bonito, mas frio. Esta madrugada geou.

Havia mês e meio que Drumond ali havia estado, em plena estação; Caldas regurgitava. Palpitava de uma vida intensa. Não havia quarto vago em parte alguma. Agora Caldas estava deserta. Drumond se voltava era a conselho médico, para evitar a umidade do inverno paulista. E não lhe desagradava sabê-la deserta. Em resguardando o físico, repousaria o espírito. E quem haverá que não necessite, hoje, de um repouso de espírito?!...

Em frente à estação, esperava-o o ônibus do "Palace", junto ao do "Quisisana"; ambos vazios. E, do outro lado do largo, alinhavam-se as charretes, com os cocheiros de pé, a acenarem aos raros viajantes que chegavam – na mor parte, gente da terra, gente humilde, que passava, por eles, sem os olhar, levando as suas maletas, os seus sacos, mulheres com crianças no braço, seguidas de outras crianças...

O trem chegara no horário – coisa rara! Eram cinco horas e meia. Enquanto o sol poente, prestes a expirar, estirava os seus raios derradeiros por sobre a copa das árvores do parque, a noite descia sobre o cabeço dos morros, que parecia que se concentravam numa prece.

Drumond, antes de entrar para o ônibus, conchegou o foulard no pescoço. Circunvagou os olhos pelo céu. O céu estava de opala, enovelado em farrapos de nuvens, com um crescente de lua a espiar por entre eles.

Logo depois, apeava-se à porta do hotel. O gerente, o porteiro e demais empregados saíam a recebê-lo, todos muito afáveis, alegrando o semblante.

O gerente disse-lhe:

– O quarto que o sr. ocupou do lado das Termas está vago, mas, se me permite um conselho, agora, no inverno, é preferível o lado oposto. O sr. tem ali sol o dia todo, os quartos são mais quentes.

Drumond, claro está, não hesitou, respondeu-lhe que sim, que aceitava, e meteu-se no elevador.

Depois, quando se viu a sós, deixou-se afundar numa poltrona e recostou a cabeça, cerrou as pálpebras, sentiu-se invadido de uma sensação de bem estar, de bem aventurança, como há muito lhe não acontecia. E assim ficou até que alguém bateu à porta. Era o criado com as malas. Uma mala armário de que ele não se apartava nas suas viagens; por quantos lugares os mais diversos e longínquos ela o não acompanhara?!... Uma outra mala continha livros e um fonógrafo. Foi só, então, que ele tomou conhecimento do aposento em que estava. Abriu a janela e saiu para a varanda a olhar. Era no segundo andar sobre as árvores que ladeiam o rio. As casas apinhavam-se além, com clarões de luz nas vidraças, trepando pelo morro em frente. No céu, agora limpo de nuvens, lucilavam estrelas. A lua lá estava a ungir a noite que se anunciava fria.

Subitamente, ele sentiu um arrepio. Esfregou as mãos e encolheu-se. Entrou, fechou a janela. Depois, abriu as malas e meteu-se a pôr em ordem as suas coisas, a pendurar as roupas nos cabides. Acomodou a roupa branca nas gavetas, os livros numa prateleira no armário; pôs sobre a mesa o fonógrafo e junto dele os seus cadernos.

Tomando de um volume, abriu-o, ao acaso. Eram as *Máximas* de La Rochefoucauld. Leu e sorriu-se:

– “Un homme d’esprit serait souvent bien embarrassé sans la compagnie des sots.”

Sorriu-se, pensando em algumas de suas relações...

Mais adiante, leu ainda:

– “Nous choisissons souvent des louanges empoisonnées qui font voir par contrecoup en ceux que nous louons des défauts que nous n’osons découvrir d’une autre sorte.”

Era um processo de que ele usava e abusava na sua vida – ele a quem, uma vez, no entanto, alguém lhe dissera à queima-roupa:

– Fique você sabendo que nós sempre o tivemos na conta de um bobão!

E esse alguém ainda o fixou como a ver o efeito que lhe produziam as suas palavras. Drumond nem sequer pestanejou; sorriu-se impassível, como sorria agora, ali a sós no seu quarto. É que nada há de mais divertido, neste mundo, que a opinião que formamos uns dos outros; se aquele alguém pudesse imaginar o que ele, por sua vez, pensava a seu respeito?!... Ah! Santa Hipocrisia! Que seria de nós, se não fora ela!...

Fechou o livro, e deixou-se afundar, de novo, na poltrona, bocejando; a viagem fatigara-o. Numa cadeira, ao lado, estavam os jornais da manhã, que trouxera de S. Paulo. Via-se, num deles, Eduardo Jericó, de pé, a falar na Faculdade de Direito, perante um

auditório luzido e numeroso em que se destacavam muitas senhoras. O fotógrafo apanhara-o com um sorriso satisfeito a iluminar-lhe o semblante, em seguida a uma daquelas rajadas de eloquência, em que ele era pródigo nos tropos que arrancava da garganta.

Drumond tinha lá estado, levado por mera curiosidade, pelas suas reminiscências de rapaz. É que houve um tempo que ele costumava frequentar o Tribunal do Júri, nas férias escolares, quando não tinha que fazer; gostava de ir lá assistir aos debates. E foi assim que assistiu a muitas defesas do Jericó, que o arrebatava – (é verdade! quem o diria?!...) – com a enxurrada da sua retórica miúda e prolixa.

Jericó fazia parte de uma meia dúzia de advogados de fama que havia em S. Paulo. Quando qualquer um deles falava, a sala do júri apinhava-se, tomada de assalto. Havia gente que se comprimia de pé, de encontro às paredes, e ali passava o dia, a noite, a ouvi-los, e com que atenção! As sessões terminavam, geralmente, pela madrugada, ao raiar da aurora, porque nenhum deles dispensava a tréplica. E era na tréplica que Jericó punha toda a sua alma, todo o seu talento, em seguida às longas horas que falava a fio, com um copo d'água diante de si, que ele não levava aos lábios. E era o que mais impressionava a assistência – o copo d'água que Jericó não levava aos lábios. Comentava-se isso, no dia seguinte, na cidade, e os seus adversários não lho perdoavam; tratavam-no de cabotino, de reles cabotino. E Jericó, que o não ignorava, divertia-se com aquilo. Para se vingar, na próxima defesa que proferia, requintava, então, na dramatização dos seus gestos, e na modulação da sua voz.

A sua voz era o que se podia considerar "um caso sério"; ninguém a possuía mais sonora, nem a emitia com mais arte do que ele. Dizia-se que Jericó, diariamente, vocalizava diante de um espelho, como vocaliza um cantor; que foi assim que ele conseguiu torná-la de uma destreza, de uma agilidade admiráveis. Havia momentos em que, pelo requebro da sua doçura, ela lembrava as carícias aveludadas que se desprendem das melodias de um *stradivarius*; outros, em que era um perfeito saxofone a tocar um solo – um pistom, uma flauta... E, nos momentos patéticos, quando ribombava, tomada dos fragores do trovão, Jericó, aí então, dava a ideia exata do homem do bombo, da bateria num jazz, a gesticular sanhudo como um possesso, esgrimindo os punhos no ar, ou arrumando-os sobre a mesa, o que fazia estremecer tudo quanto havia sobre ela.

Para Drumond, a conferência do Jericó foi um fracasso, uma decepção. Frequentes vezes, ele duvidou de si, pensando: – "Mas será possível! Era este o homem que eu admirava na minha adolescência!".

Jericó, no entanto, radiante com a presença dele ali, não lhe tirava os olhos, como que só falava para ele, se dirigia tão somente a ele. E Drumond, obrigado por esse motivo a fixá-lo, achava-o, além do mais, lamentavelmente envelhecido, com a face pergaminhosa, riscada de rugas, as bochechas a penderem-lhe bambas como dois sacos vazios. Jericó,

possivelmente cônscio da sua ruína física, para a disfarçar, ou melhor para se iludir, escurecia os cabelos a poder de eureka, e requintava no aperalvilhado dos seus trajes, que lhe imprimiam, à silhueta, um ar de rapaz.

A sua conferência versou sobre um tema pretensioso – "a linguagem simbólica na evolução das ideias"; quem lho sugeriu foi a Mary Keneldy, com quem ele se ia casar, uma vez concluído o seu desquite, porque, Jericó, com grande escândalo, após vinte anos de uma vida conjugal exemplar, estava a desquitar-se. Fatigara-se da gorda d. Paulina, uma excelente senhora sem dúvida, muito virtuosa, muito *collet monté*, mas, por isso mesmo, muito cacete. Segundo ele alegava, ela, agora em casa, o não deixava mais falar; se o via abrir a boca, coruscava-lhe os olhos irritada, o que o fazia silenciar; só quem falava era ela, que era pior que um relógio de repetição.

As pessoas, porém, que privavam com o casal, diziam que aquilo eram histórias do Jericó; o que havia de verdade era a paixão dele pela Mary Keneldy, embalado como andava na doce ilusão de que ninguém jamais o compreendera e o admirara como ela. E a Mary Keneldy, filha de uma francesa e de um inglês, nascida na Argentina e educada na América do Norte, era uma mulher sedutora, elegante, o tipo da *sophisticate girl*, de um *sex appeal* irresistível, com um olhar, sob pesadas pálpebras, lento e lascivo, olhar ambíguo que não fixava, roçava por tudo pejado de carícias quentes... Aparecera em S. Paulo, aterrissando, uma tarde, no campo de Congonhas, de bordo de um avião da Panair; no Esplanada, onde se hospedou, inscreveu-se, no registro dos viajantes, como "ex-vendeuse da Casa Chanel de Nova York, licenciada em Filosofia e Letras pela Universidade da Flórida." E, como fosse vista, no dia seguinte, tomando chá na Vienense, em companhia do andrógino Totó Vasconcelos, que a fitava, como anestesiado em êxtase, tossicando, com a sua carinha pálida de menino cínico, viciado, as olheiras azuladas, foi o suficiente para que a sociedade lhe abrisse os braços, a recebesse, se pusesse a festejá-la. Os vestidos que ela vestia eram todos de uma *fashion too good to be forgotten.* E assim é que ninguém mais deles se esquecia. Era só no que se falava. Nessa noite, estava alucinante, num jérsei cintado, de mangas compridas e luvas pretas, com uma rica pulseira de safira, cravejada de brilhantes – (presente de noivado do Jericó) –, a saia a cair-lhe a prumo sobre os joelhos, as pernas nuas, lindamente torneadas, os pés finos, calçados em sandálias, com as unhas à mostra, como se foram pétalas de rosas.

Quando ela entrou, houve um movimento na sala. Todos arregalaram os olhos. Bisbilhotou-se. Um homem, ao lado de Drumond, disse à mulher:

– É uma aventureira. Está a depenar o Jericó. Breve ele ficará sem nada.

Ao que a mulher retrucou:

– O que eu não compreendo é a sociedade recebê-la como a recebe. É convidada em toda a parte. Não há reunião em que ela não esteja presente.

O homem aí acudiu com vivacidade, com entusiasmo, mesmo:

– Ah! nisso, eu estou com os paulistas! Mostram que são inteligentes! Sabem divertir-se! Detestam o casmurrismo!

A mulher amuou com a resposta; devia ser uma indireta. Contraiu-se em silêncio. Fechou o rosto, alongou os beiços.

Mary Keneldy sentou-se na primeira fila, cruzando as pernas. Não tardou que aparecesse o presidente do Centro, acompanhado de Eduardo Jericó, que ele abraçava pelas espáduas. Convidou diversas pessoas gradas a tomarem parte à mesa. Entre elas o Dutra Pereira, cuja cara fazia pena ver-se. Cara sucumbida de mártir, nédia e cheia, a rolar olhos desconfiados de um lado e doutro. O Dutra Pereira era quem representava oficialmente o Dr. L., que não comparecia a solenidade alguma, devido aos seus achaques de asma, e por isso, segundo uma estatística publicada, era o Dutra Pereira, em S. Paulo, o homem que "engolia", por ano, maior número de discursos e conferências; daí o seu todo de enfartado, de apoplético. Houve um tempo que ele lutava, evitando passar pelo sono. Agarrava-se à cadeira. Aprumava-se. Esbugalhava os olhos. Não obstante, cabeceava. E era um sofrimento. Chegava à casa exausto, a bater com as portas, a proferir palavrões. Agora não. Mal o orador terminava o exórdio e se punha a discretear, ele entregava-se francamente, desabridamente nos braços de Morfeu. E roncava. Conta-se mesmo que, certa vez, assaltado de um pesadelo, exclamou, subitamente, com grande escândalo da assistência, numa voz cava, dorida, de além-túmulo – "Minha mãe! Acuda-me!".

Drumond, por fim, ergueu-se e deu uns passos pelo quarto; dirigiu-se à sala de banho, a preparar-se para o jantar. Continuava a rememorar a noitada da véspera, e sorria. A propósito da oratória do Jericó, pensava agora no maior flagelo que assola a nossa terra, e que é a pseudoeloquência nacional. São milhares os indivíduos, por este Brasil afora, que se consideram e são apontados, o que é pior ainda, como grandes oradores, em vez de serem apontados como grandes maçadores, cuja oratória não passa de uma verbiagem artificiosa, toda feita de funambulismos, prestidigitações, saltos mortais, fogos de vista – como dizia Castilho numa carta, que endereçou a Monte Alverne, suplicando-lhe que escrevesse um Tratado de Eloquência destinado à mocidade brasileira. "O natural, ponderava ele, o belo, o simples que o senso comum do Gênero humano canonizou, e ainda hoje, adorado por clássicos, figura-se agora a esta mocidade, não sem talento, mas sem doutrina, sem estudo, e sem disciplina, uma pobreza e uma impotência; impotência de Virgílio! Pobreza de Racine".

Ora, não é que Jericó termina a sua conferência, metendo-se a fazer com grandes dispêndios de retórica, em frases ciceronianas a seu modo, o elogio da Renascença?!... Referindo-se ao aticismo dos gregos, vociferou a suar em bica:

– *Denique sit quod vis simplex dumtaxat et unum!* Que a simplicidade e a unidade imperem antes de tudo numa obra! É o que diz Horácio na sua Arte Poética. E era essa a divisa, o lema, a regra, o axioma, a máxima por excelência, o preceito de sabedoria, a magia, o feitiço, o sortilégio, a lâmpada de Aladino dessa Arte de uma singeleza encantadora, de uma limpidez brilhante! Arte que permitiu, aos gregos, uma ascendência dominadora sobre os romanos! Arte que os artistas da Renascença, imitando-a, se fizeram perfeitos.

E a assistência aplaudiu-o; aplaudiu-o mesmo com entusiasmo. Em seguida, todos a ele se dirigiram a felicitá-lo, a abraçá-lo; Drumond fez o mesmo. Jericó, deleitado, não cabia em si de contente. Abandonou-se-lhe nos braços, ou, antes, era ele quem apertava Drumond nos braços, dando-lhe palmadinhas nas costas. Voltou-se para Mary Keneldy, e, apresentando-lho, disse:

– Aqui está um gentleman que, de longa data, me honra com a sua admiração. É um admirador sincero que tenho.

Como um rubor súbito colorisse o rosto de Drumond, Mary percebeu-o e sorriu-lhe maliciosamente com os olhos.

Agora, ali diante do espelho, a dar um laço à gravata, Drumond entregava-se a outros pensamentos. Dizia consigo:

– É incrível a que ponto chega, em certas coisas, a falta de gosto entre nós!... *Le manque de goût qui est le plus grand des péchés, le seul qui ne sera pas pardonné!*

Eram oito horas. Concluída a sua toalete, ele desceu para jantar.

II

EM CALDAS...

"En art, le difficile, c'est de voir."
Conseil de La Tour: "Copiez la nature telle qu'elle est, telle que vous la voyez, d'aussi près que vous le pourrez. On n'invente ni un personnage, ni un caractère. Des personnages inventés ne seront jamais que des fantoches."

O hotel estava, com efeito, deserto, com os seus longos corredores quase às escuras, muitas das suas salas fechadas – as salas de jogo, a sala do café, onde, na estação, após o jantar, os veranistas se reúnem, num tumulto amável, a conversar, a discutir.

Luz, verdadeiramente em profusão, só havia na sala de leitura, no hall, e no salão que antecede a sala de jantar. Tudo o mais mergulhava numa meia penumbra. A própria sala de jantar, imensa, com a maioria das suas mesas sem talheres, cobertas apenas com a toalha.

O maître d'hôtel, ao avistar Drumond, dirigiu-se a ele prazenteiramente, a sorrir-lhe, a indagar pela sua saúde; acomodou-o à mesma mesa que ele costumava ocupar. O criado, que era o mesmo, curvou-se respeitosamente, arredando-lhe a cadeira.

O maître d'hôtel, depois de anotar num pequeno bloco de papel os pratos que Drumond escolheu no menu, destacou a folha, entregando-a ao criado. Dali foi ter com um casal que se sentara a uma mesa além. Uma mulher magra, pálida, de feições harmoniosas, que, quando sorria, como que mudava de cara; tornava-se uma velha, com dois vincos oblíquos e profundos, que lhe acentuavam a idade, partindo das asas do nariz. O marido, esse então tinha um olhar vago de idiota que perdera a memória. Era gordo, atarracado, com uma auréola de cabelos grisalhos em derredor de uma calva larga, lisa, luzidia. Entre ambos, de lado, sentou-se um menino, que puxara pela mãe no seu raquitismo, de uma palidez de cera impressionante, muito irrequieto, a mexer em tudo sobre a mesa. Quando a música terminava algum trecho, ele punha-se de pé a aplaudir. Batia as mãos no ar, com entusiasmo. Pedia bis. Os músicos riam-se lá de cima do balcão, e o pai, deleitado, exclamava numa voz grossa, que ecoava na sala:

– Eta, menino danado! Você ainda há de acabar no hospício, meu filho!

– No hospício há de acabar você que já esteve lá! – retrucava o menino.

Drumond, ante aquele despropósito, franziu a testa, recolheu-se em pensamentos, dessa vez a meditar sobre a triste sorte dos "Palaces", hoje em dia. Que diferença de outros tempos! Quando uma pessoa se hospedava num daqueles hotéis, de antemão sabia com que espécie de gente ia ali avistar-se. Era só com o "alto mundo", a "alta sociedade". Uma gente irradiante de prestígio, que os franceses chamavam *des gens à la page, gens de loisir,* quintessenciada pela existência cintilante e perdulária que levava. As mulheres eram de uma elegância sem par, modeladas pelos grandes costureiros parisienses, verdadeiros

criadores de Beleza; e os homens, impecáveis, trajavam-se à última moda. Gente toda ela íntima entre si, que se avistava, frequentes vezes durante o ano, ora em Caldas, ora no Guarujá, ora em Copacabana, ou, então, pelas enseadas floridas da Côte d'Azur, em San Remo, Rapallo, Cannes, Monte Carlo... Gente de uma frivolidade encantadora, arvorando a ociosidade em inocência, para quem a pequena burguesia arregalava, escandalizada, olhos pasmados; gente que irritava no trato pela sua *morgue* aristocrática, mas diante de quem a criadagem tinha gosto em aprumar-se e muita honra em servir.

E agora?!... Agora, era aquilo que ali estava! – considerou Drumond, oscilando a cabeça.

À medida que ele comia se foi fazendo absorto. Pôs-se a evocar toda uma série de tipos, no mesmo gênero, que conhecera em Caldas durante a estação. E foi assim que, ante seus olhos sonhantes, subitamente a sala como que se iluminou, entrou a movimentar-se. Pela sua mesa, passou o Chiquinho Garibaldi e a mulher. Enquanto ela carregava no semblante, de sobrolho espesso, com uma perna mais curta que a outra, a sacudir as nádegas, que roçavam pelas cadeiras, ele, muito cumprimentador, cumprimentava à direita e à esquerda; apertava os olhos e estufava as bochechas, a sorrir, com os dentes claros, resplandecentes, o nariz enorme, cada vez mais inchado e vermelho. Era por causa do nariz que Chiquinho, de longa data, frequentava Caldas. A começo, hospedava-se no "Guarani", onde, à tarde, se sentava no banco, ao lado da porta, na calçada, em mangas de camisa; depois, passou-se para o "Gambrinus", e depois para o "Lealdade", para o "Grande Hotel"; agora, achava-se mais que digno do "Palace", que, houve um tempo, ele mirava de longe com respeito. Dizia cinicamente:

– Não vejo aqui ninguém melhor do que eu. Se Farah Sayed tem dinheiro, eu também tenho!

De sua mesa, com a unha do polegar, arremessava bolinhas de pão, que acertavam na cabeça de Farah Sayed. O turco, que se dizia libanês, verde como uma azeitona, voltava-se na cadeira, furioso. Passava a mão tatuada e engordurada pelos cabelos, cortados à escovinha. Por mais que as filhas o repreendessem, ele só comia com as mãos, e, como não soubesse utilizar-se do guardanapo, para as limpar, esfregava-as uma na outra. Com os olhos a coriscarem-lhe faíscas de cólera, fitava-os em Chiquinho, e, a expandir a sua raiva, arregaçava os beiços, que se lhe esbranquiçavam, escancarava a boca, proferia, sem emissão de voz, mudamente, um palavrão – "Vá...", acentuando bem as sílabas.

Aquilo divertia Chiquinho, que desfechava então uma gargalhada estrídula, enquanto a mulher, discordando da brincadeira, severizava o semblante. Recriminava-o. Dizia-lhe:

– É por esses e outros motivos que a Adeliazinha não me cumprimenta mais!

E era verdade. A Adeliazinha Farah Sayed, uma “uva”, cuja formosura todos gabavam, revoltava-se contra aquela falta de respeito do Chiquinho para com seu pai; sentia-se humilhada. As lágrimas quase lhe borbulhavam nos lindos olhos, mormente quando via a família do Perestelo Coelho rir-se. Era a gente que ela mais odiava no hotel, a gente do Perestelo, sobretudo o velho, desde o dia em que, ao passar por ele, lhe ouvira dizer, apontando-a, num grupo:

– Esta é que é a filha mais velha do mascate!

E, no entanto, Perestelo Coelho não dissera aquilo por mal, que ele não era homem dessas coisas; dissera-o naturalmente, porque aconteceu ela passar por ali, no momento em que se referiam à sua família, e porque ele se habituara a ver sempre num turco um mascate, mesmo em se tratando de algum novo rico arquimilionário, com palacete na Avenida ou no Jardim América, como acontecia agora com Farah Sayed.

Os Perestelos, até, justiça lhes seja feita, eram uma gente de uma correção absoluta. Viviam muito entre si, dominados pela paixão da leitura. Liam, sofregamente, desde pela manhã até à noite. E nada havia de mais pitoresco que assistir-lhes ao desfile, quando se encaminhavam para os bancos do parque. Na frente, de chapéu colonial, os ombros largos, o pescoço curto, a cara bochechuda a luzir num riso satisfeito, marchava Perestelo Coelho, num passo marcial, cadenciado, sempre de cachimbo nos dentes, metido num terno de brim branco, com os bolsos do paletó atulhados de livros, um debaixo do braço e outro na mão. Logo atrás dele, seguiam a mulher, o filho e a filha, cada um levando também o seu livro. A mulher era uma catarinense esquelética, nascida em Canoas, esguia e hierática como uma múmia, que se movia no mesmo passo cadenciado que ele, muito tesa, de óculos verdes, a cabeça alçada para o céu. A quem não a conhecia, a impressão que dava era de uma criatura pretensiosa e longínqua; no entanto, quando falava, tinha na voz uma inflexão de mimo que encantava. Os traços adoçavam-se-lhe. Ela corava por tudo. Encolhia-se vergonhosa, com trejeitos de criança, quando ouvia o marido gabar-lhe os préstimos, e principalmente a inteligência. A admiração de Perestelo pela inteligência dela era desmedida; jamais mencionava uma das obras que lia, sem lhe citar a opinião, que hauria com respeito e retinha como se foram palavras de evangelho.

– A Margarida adorou esse livro! E ela é entendida! Sabe literatura inglesa como ninguém!

Drumond conheceu-os através do que lhe disse, uma vez, a respeito deles, Nhô Lau. Era assim que lhe chamavam, na intimidade, ao professor Nicolau de Campos Murtinho, autor do tratado de filologia comparada, intitulado “Sentido deturpado dos textos”. Nhô Lau, ao beirar os setenta anos de idade, desnorteara. Perambulava pelas cidades de banho, a dançar a conga nos cassinos, rematando, por essa forma, do modo o mais escandalosamente absurdo, uma vida, até então, austera, consagrada toda ela ao estudo.

Verdade é que não fora sua culpa, e sim dos santos de sua devoção, com os quais se agarrara, anos a fio, a pedir-lhes, nas suas orações, que intercedessem junto do Senhor, afim de que lhe fosse poupado o gagaísmo; que tivesse o Senhor a misericórdia de chamá-lo, a tempo, ao seu seio, dando-lhe feliz trânsito deste mundo, como o fizera ao velho da Escritura. Porém, os santos não lhe ligaram, parece até que se divertiam à custa dele; quanto mais Nhô Lau avançava em idade, mais moço, por dentro, se sentia. Tornava-se glutão, amante de bons pratos, de bons vinhos, e lascivo. De uma lascívia que lhe escandescia as veias e lhe titilava deliciosas cócegas na alma. E foi assim que, por ocasião de sua aposentadoria de professor da Universidade, procedendo a um balanço de sua vida, ele se impressionou com este verso de uma fábula de La Fontaine, que, sem saber porque, inexplicavelmente, boiou do seu subconsciente, e insinuou-se-lhe no espírito:

"Quel plaisir a-t-il eu depuis qu'il est au monde?"

Pôs o caso em si. Pensou. E ele, então?... Por fim, relanceou os olhos pelas estantes pejadas de livros da sua sala de estudo e sentiu-se descontente de si. Tomou-se de uma revolta íntima, de um enfadamento por tudo aquilo. Idiota que foi! O tempo que ali perdeu, sedento de *humaniora studia*, enclausurado entre aquelas quatro paredes, a compulsar, dia e noite, sem descanso, obras de uma erudição vastíssima, sutis e complicadas, tais como os *Comentários* de Asconius Pedianus, as *Noites áticas* de Aulo Gélio, os cinco livros que Varron escreveu sobre a língua latina – *De língua latina*, numa edição de Egger, que ele adquirira na praça de S. Marco, em Veneza, sem contar as obras dos helenistas, de um Dacier, de um Boissade, que ele também era versado em grego, e os estudos de Étienne Dolet, de Wesserling, Bunck, Middleton, e muitos outros... Que visava Nhô Lau com todo aquele seu esforço clássico, numa época tão pouco clássica como a nossa?! Esforço, em aparência, supérfluo pela impossibilidade de sua aplicação imediata, direta, material. Visava, acaso, polindo por aquela forma o seu espírito, exceder a todos em pureza, em elegância, na linguagem – *lepore et humanitate omnibus proestare*, como dizia Cícero?... Não; Nhô Lau visava muito mais que isso. Visava a aquisição de uma base sólida para a realização de uma obra sólida. Obra que, um dia, havia de torná-lo ilustre entre os mais ilustres professores do país, isto é, o seu tratado de filologia comparada, em quatro tomos, a que dera o título de "Sentido deturpado dos textos", cujo valor, no entanto, uma vez publicado, a crítica não estivera à altura de aquilatar. E, como sempre, veio-lhe à tona, o ressentimento que lhe ficara dos disparates que, em prosa deslavada, emitira pela imprensa o gramatiqueiro Barbalho Sardinha, um despeitado, um sevandija, simulador de cultura, incapaz de se abalançar a uma versão latina que não fora através da coleção de burros que possuía; sabia o latim como o personagem de Molière sabia o grego: *Du grec! ah ciel! du grec! il sait du grec!* E, no entanto, era apontado como autoridade, respeitado por todos.

Nhô Lau exclamou sacudindo a cabeça:

– Ah! Esta nossa terra! Esta nossa terra!...

Era esse, naquele dia, o seu estado de espírito, quando lhe apareceu a Venância, a anunciar-lhe que havia canjica para o almoço.

Venância era uma preta, cria de uma de suas tias, já falecida, que, havia anos, cuidava dele. Exercia ali todos os misteres: cozinhava, arrumava-lhe a casa, lavava-lhe a roupa. E, por isso mesmo, conhecia-o como a palma de sua mão.

Logo, ao entrar, percebeu que alguma coisa o contrariava. Perguntou-lhe:

– Mecê que tem Nhô Lau? Parece tão aborrecido! Agora que, graças a Deus, mecê vai podê descansá, vai podê saí um pouco de dentro desta caixa?!...

Nhô Lau, porém, não lhe respondeu, conservou-se cabisbaixo. Ela insistiu:

– Mecê o que deve fazê é viajá, í pra Caxambu, pra S. Lourenço, tratá de se divertí...

E, para o animar, acrescentou com malícia, juntando as pontas dos dedos:

– Em todos esses logá tá assim de muié bonita!

Ele olhou para ela entre sorridente e desconsolado:

– Qual, isso tudo para mim já passou, Venância! Eu deveria ter pensado há mais tempo. Fui bobo. Agora estou velho.

Ela protestou:

– Que véio nada! Mecê sempre com essa mania de véio. Véio é trapo. Mecê não é trapo...

Ele sorriu-lhe:

– Então, você acha que eu...

Ela, compreendendo-lhe a resistência, exclamou:

– Tá craro! Mecê ainda tá bem bão!

Ele continuou:

– Não preciso fazer como aquele homem, que contei a você, que, para ficar moço outra vez, vendeu a alma ao diabo?

– Que vendê nada ao diabo. Mecê deixe o diabo quieto lá no inferno. Agora que mecê não tem mais nada que fazê, o que é perciso é abri os ôio cô as muié, que elas andam tiririca atrás dos hóme. Uma ainda é capais de agarrá mecê, e mecê aí vai me dizê se tá mêmo véio...

Aquilo foi como que uma profecia! Não tardou em consumar-se! Uma tarde, Nhô Lau, num curso de dança, no vigésimo andar do Martinelli, exercitava-se, num fox, com uma tchecozinha loira, de pupilas d'ágata, que tinha um quê de clownesco na fisionomia, quando, subitamente, ele se entusiasma, e não se contém, diz-lhe, com os dentes cerrados, as pálpebras descidas, apertando-a contra si:

– Que corpinho obediente o seu!

Ela, radiante, ergue para ele uns olhos langorosos, e como que abandonando-se-lhe nos braços, cicia-lhe:

– É que ele está treinado para obedecer...

Nhô Lau sentiu um *frisson* percorrer-lhe a espinha, empalideceu anelante, por um triz desabou perdendo o equilíbrio. E aquela brincadeira, em menos de um mês, lhe ficou em mais de cinquenta contos.

Em Caldas, passeando em companhia de Drumond, ele apontou, com um alongar de beiços, os Perestelos que liam, sentados à sombra das árvores, no parque. Observou-lhe:

– O sr. já reparou como essa gente lê?!... São incansáveis! Vivem de livro na mão, desde o nascer ao deitar do sol... Outro dia, estive conversando com eles. O homem fala sem tomar fôlego, muito apressado, precipitando as palavras. Disse-me: "Eu, em casa, compro livro, minha mulher compra livro, meu filho compra livro, minha filha compra livro. Todos nós compramos livros. Os livros enchem os armários, amontoam-se pelos cantos, empilham-se de encontro às paredes. Quando andamos, tropeçamos em livros". E pôs-se a falar-me num, que eu não lhe disse que havia lido. Falou, falou. Citou, a respeito, a opinião da mulher. Ele repete muito o que a mulher diz. Ela, por sua vez, meteu-se na conversa, Falou, também, muito; dissertou...

E Nhô Lau fez uma pausa:

– Mas... Coisa curiosa! A impressão que tive é que eles nada entendem daquilo que leem. Dir-se-ia que leem de trás para diante...

Drumond acudiu:

– Isso é muito comum entre nós! Geralmente, lê-se aqui muito mal. Eu tinha um tio que foi um grande educador. Quando ele ouvia gabar-se a ilustração de um indivíduo qualquer, logo indagava: "Mas, será que ele sabe ler?"

Nhô Lau riu-se:

– E seu tio não deixava de ter razão! E é como diz o sr.: lê-se aqui muito mal, muito às pressas, atabalhoadamente. O que todo mundo quer é poder dizer que leu, ostentar uma cultura que não possui. Todos desconhecem a regra fundamental da arte de ler que está em ler devagar. Flaubert, referindo-se à gente do século XVII, dizia: *Comme ils savaient le latin, et comme ils lisaient lentement.*

Nhô Lau pronunciava admiravelmente o francês. Estudara no liceu Chaptal, em Paris. Ainda acrescentou:

– E Faguet, num livrinho precioso *L'art de lire*, diz que *lire lentement c'est le premier principe et qui s'applique à toute lecture, c'est l'art de lire comme en essence.*

Mas, logo depois, torceu o nariz. Mostrou-se entediado. Arrematou:

– Agora, para se ler toda essa porcaria que se publica hoje em dia, é melhor mesmo ler-se saltado... Eu pelo menos não leio.

Numa dobra da estrada, apontou o filho mais velho de Farah Sayed. Vinha de maiô, tostado do sol, ele que era muito moreno, o peito emaranhado de cabelo, as pernas compridas e peludas, a cabeça afunilada, com dois olhinhos pretos e brilhantes que pareciam duas contas; vinha num passo de corredor que treina para a corrida de S. Silvestre, meio encurvado, suarento e ofegante, os braços dobrados, os punhos cerrados, a acompanharem o movimento do corpo.

Nhô Lau, divisando-o, disse:

– Tenho verdadeiro pavor a esse turco, por ele chamar-se Adão. Má ideia teve o pai de dar-lhe esse nome! Imagine o sr.! Nós que vivemos aqui tão felizes neste paraíso que é o Brasil! Se esse diabo faz uma asneira com uma Eva qualquer, somos capazes de ser precipitados do paraíso!

***

Drumond, ao terminar o jantar, sorria. O criado, não compreendendo porque motivo ele sorria, quis ser-lhe amável, e sorriu também. Drumond, ao deixar a sala, dizia de si consigo:

– Pena é que o homem, por mera vaidade, transforme a vida em tragédia, ela que é a mais deliciosa das comédias!

III

DOROTI PACHECO

"La clarté est la politesse de l'homme de lettres."
"Je suis fait comme tout le monde, et si j'arrive à me voir dans ma glace solidement accrochée, je verrai l'humanité presque toute entière."
Jules Renard

No dia seguinte, Drumond acordou tarde. Vestiu o robe de chambre, e desceu tomar o banho sulfuroso. De volta, abriu as janelas do quarto. A manhã, sob um céu azul resplandecente, cintilava fria, com uma brisa farfalhante a arrepiar a folhagem das árvores.

Drumond telefonou pedindo o café. Quando o criado apareceu com a bandeja, ele indagou se não incomodaria a vizinhança com o seu fonógrafo. O criado respondeu-lhe:

– O sr. pode tocar quanto quiser. Os quartos deste lado estão todos vazios.

Drumond tirou, então, ao acaso, um disco da coleção do seu "Parlographe" e colocou-o no fonógrafo. O disco, em movimento, pôs-se a dialogar:

– "*Well, how did you enjoy your evening at the Johnson's?*

– *Very much indeed, thank you.*

– *This wans't your first dinner in an English home, was it?*

– *Yes, it was."*

Era assim que ele praticava o inglês todas as manhãs, enquanto fazia a sua toalete.

Drumond apurara-se no conhecimento da língua francesa; falava e escrevia corretamente o francês. Ia além – pensava e sentia através do espírito francês. Quanto ao inglês, não lograra aprofundá-lo do mesmo modo. Estudara-o mal de início, pelo método rotineiro de outros tempos. Daí o embaraço de outiva que lhe ficara, e a necessidade que tinha de o praticar diariamente por aquela forma.

Mais tarde saiu a dar uma volta.

Em vez de se encaminhar para o parque, foi para a praça Pedro Sanchez, que os pardais animavam a pipilar aos bandos, erguendo-se do chão, em revoadas ruflantes, para a copa das árvores.

Gente havia pouca. Um grupinho aqui, outro acolá, de três, quatro pessoas, a conversar, à porta dos cafés. De quando em quando, num passo ronceiro, a caminho do mercado, passavam récuas de burros, sacolejando cargueiros.

Drumond ia a atravessar a praça, quando o velho, vendedor de bilhetes de loterias, que se aquecia num banco, ao sol, reconhecendo-o, ergueu-se. Esboçou um sorriso. Ele, por pilhéria, costumava dizer que só vendia bilhetes brancos. Antes que lhe oferecesse um, Drumond exclamou, sacudindo a cabeça:

– Não! Hoje, não. Fica para um outro dia.

E atravessou a praça.

A caminho da “Casa de Álvaro”, ao passar pela farmácia, entra a comprar um pacote de algodão. É ali que lhe acontece a coisa mais imprevista e gozada deste mundo – o seu encontro com Doroti Pacheco, com quem, havia anos, ele se não avistava. A farmácia está vazia. Subitamente, abre-se a porta de uma saleta do fundo. O farmacêutico aparece com uma seringa de Pravaz. A porta fica entreaberta, e Drumond vê uma mulher, de costa, com a saia arregaçada, a friccionar a coxa, queixando-se em alta voz:

– O sr., desta vez, me pegou um nervo!

Por fim, a saia cai-lhe ao longo da perna como um pano de boca de teatro, e ela volta-se. Ao dar com Drumond ali, arregala os olhos pasmada. Antes de pronunciar qualquer palavra, solta uma risada. Uma daquelas suas risadas tão características, que não havia outra que se lhe assemelhasse. Doroti, quando ria, sacudia a cabeça, arredondando os lábios, com três “os” metálicos no fundo da garganta – “ó! ó! ó!”

– Ora, você por aqui? Que surpresa!

E enquanto se alvoroça, exuberante na sua alegria, Drumond sente-se constrangido pela impressão entre dolorosa e grotesca que ela lhe causa. Não a contempla com os olhos gulosos e embevecidos de outrora, mas com olhos pávidos. Pobre Doroti! *“Quel coup de vieux!”* A idade, que a ninguém perdoa, não lhe podia ter sido mais cruel. O oval do seu rosto fora-se-lhe! Aquele oval puro, em que havia um quê de angélico, onde brilhavam dois olhos amendoados, de uma transparência infinita, verdes como as vagas, e, ao mesmo tempo, quando o sonho os ia velando, leitosos como o absinto. Agora, ela tinha as pálpebras intumescidas, as bochechas flácidas, os dentes amarelados do fumo. O seu pescoço fino, grácil, engrossara. A sua nuca acetinada,que seus fãs tanto gabavam, vincara-se de rugas. E ela, para reparar todo aquele *irréparable outrage*, que o seu espelho, muito provavelmente, lho atenuava, carregava no *make-up*, no oxigenado dos seus cabelos, no rouge de seus lábios. Usava um preparado de óxido de zinco e glicerina, que dava à sua pele uma aparência de porcelana não esmaltada, de boneca de biscuit. E endurecia as pestanas a poder de rímel, sublinhava as pálpebras de kohl. Um pavor a pobre Doroti!

Contudo, uma coisa lhe restava: o garbo da sua silhueta, que o *embonpoint* não alterara. Conservava-se ainda esbelta, com uma ondulação melodiosa nos quadris, tal como a pintara Van Dongen, num retrato (tamanho natural), que teve imensa repercussão, foi reproduzido em inúmeras revistas. E, quando falava, era com o seu maneirismo de sempre, aprumando-se, voltando ligeiramente a cabeça sobre o ombro esquerdo, que instintivamente alçava. Velho hábito que lhe ficara de pôr a sua nuca em evidência.

Não se fartando de pasmar para Drumond, repetia-lhe:

– Ora, que surpresa! Quando havia eu de imaginar encontrá-lo por aqui?!... Você quando chegou?

– Cheguei ontem.

– Que pena! Eu que me vou embora amanhã!... Olhe que você não mudou nada! Está o mesmo! É fantástico!

– E você então?! – exclama ele.

Ela respondeu-lhe sinceramente convencida:

– Eu bem sei que me tenho conservado. É o que todo o mundo me diz. Mas, podia estar melhor, se não fora a minha enterite. Tudo culpa minha! Quantas vezes, em Paris, o dr. Pierre não me preveniu contra o abuso de purgativos?! *"Madame faites attention!"*, repetia-me. Mas, eu... qual!... – e tem um muxoxo de arrependida por não lhe haver seguido os conselhos.

Subitamente, toma-se de uma revolta íntima. Diz entre si:

– Mas, será possível que eu não me corrija?!... Olhe que eu havia jurado que não falaria mais nas minhas moléstias, depois do que me disse o Cesário Brown; que brasileiro só fala em idade e moléstia! E é verdade!... Você repare! Dois homens se encontram. Cumprimentam-se. Logo depois, um deles imobiliza os olhos como se estivesse a calcular. Diz: – "Você deve ser bem mais velho do que eu!" E explica-lhe o porquê. Porque o conhecera, numa época remota, em tal lugar. E aquilo não acaba mais. Depois, refere-se às moléstias que teve, e conta-lhe com detalhes, com minúcias, as moléstias da mulher, dos filhos, dos amigos. Moléstias pavorosas da gente arrepiar os cabelos!... Você nem queira saber de uma que ouvi falar em outro dia!

Felizmente lhe ocorre, a tempo, o protesto que fizera, e muda de conversa. Suaviza os traços. Pergunta-lhe:

– Você ainda está lembrado, Drumond, de nossa última noitada em Paris, em 1927?

Ele suspira:

– Ora, se estou lembrado!...

Ela, do seu lado, murmura:

– Já lá se vão quinze anos!... Caramba! Como o tempo corre!... – e acrescenta: – Foi no Bois, no Château de Madrid, que nos encontramos...

Drumond acena com a cabeça:

– Foi sim, logo em seguida ao *grand prix*... Eu estava ali, sentado debaixo das árvores, com o Eduardinho Morales da Rocha, quando você chegou, fazendo onda, numa suntuosa Packard, com o Clodomiro, o Carrilho Bueno, a Loulou... A Loulou, sempre com aqueles modos pueris, que me irritavam, de bancar a adolescente ingênua. Uma adolescente libertina de imaginação histérica...

– Mas, você bem que gostou dela!...

– Não digo que não. Era uma mulher que, às vezes, me despertava desejo; outras, em que eu tinha vontade de esguelhá-la.

Doroti muda de tom:

– Você sabe que aquela noite foi, para mim, uma noite histórica, na minha vida?!... A noite da minha ruptura definitiva com o Clodomiro?

Drumond finge ignorar. Mostra-se duvidoso, admirado:

– Não acredito. História! O Clodomiro lá pode passar sem você?!...

– Dou-lhe minha palavra! Desde então, nunca mais me tocou no corpo; nem eu lho permitiria.

E, desejosa de entrar em confidências, indaga:

– Você não tem nada que fazer agora?... Vamos andar um pouco?

Antes de deixarem a farmácia, ela volta-se para o farmacêutico, repete-lhe, encarquilhando o rosto e esfregando a coxa:

– Acho que o sr., desta vez, me pegou mesmo o nervo; está me doendo... Mas, não há de ser nada. Tenho boa carnadura.

E ambos saem; na “Casa do Álvaro”, tomam um café. Em seguida, caminham do lado das Termas, em direção ao Parque, conversando. Doroti, com a cara voltada para ele, diz-lhe:

– Você bem sabe o papel que Clodomiro sempre representou na minha vida, isso desde o início.

– Como desde o início?! – exclama ele.

– Desde o início, pois não; desde a minha lua de mel...

Como Drumond se mostra surpreendido, ela para, encara nele mais surpreendida ainda:

– Você, então, não o sabia?! Admira-me! Uma coisa que todo o mundo sabe.

– Confesso-lhe: para mim é uma novidade! Sempre imaginei que o caso do Clodomiro fosse, na sua vida, um simples episódio, como tantos outros.

– Está você muito enganado. Eu conheci Clodomiro a bordo, na minha viagem de núpcias para Buenos Aires. Daciano e ele davam-se muito. Eram muito amigos. Frequentes vezes, Daciano tinha a simplicidade de nos deixar a sós, sentados, um ao lado do outro, nas chaises-longues, no deck. Clodomiro, que nunca soube o que fosse ter escrúpulo, não hesitou, desde logo, em fazer-me a corte; ciciava-me coisas, no ouvido, que me perturbavam, me faziam corar. Dizia-me que a mulher, outrora, casava e se tornava uma escrava do marido; tinha que lhe ser fiel, sob pena de morte. Mas, que os tempos haviam mudado. A mulher, agora, casava para se tornar independente; devia ser, sem dúvida, fiel ao marido, mas desde que o fosse também fiel a seu amante. Porque não se compreendia mais uma mulher de sociedade, fina, elegante, que não tivesse o seu amante. Todas tinham, afirmava-me. E, as que não tinham, eram postas à margem, apontadas como umas burguesinhas sem significação. Por cima, citava-me nomes. Nomes que me

escandalizavam. E, enquanto falava, ia, sorrateiramente, segurando-me na mão, e a mão dele tinha, para mim, uma doçura, que me arrepiava, que eu não sentia na mão de Daciano... Dizem os franceses que *l'amour c'est une affaire de peau*, e é verdade! Mormente, para nós, mulheres, que a temos de uma sensibilidade, de uma impressionabilidade extrema. Agora, não é todo homem que tem o dom de impressioná-la. Cada uma de nós tem o seu. E desgraçada daquela que não descobre o seu. Passa virgem pela vida!... Em Buenos Aires, nós vamos para o Plaza. Ali nos instalamos num magnífico apartamento. Entre os amigos que nos visitam, Clodomiro é um dos mais assíduos. Um dia, mete em cabeça de Daciano que ele, como criador, não devia deixar de ir assistir a uma exposição de animais, numa cidade a três horas de Buenos Aires, em caminho de ferro. A partida era pela manhã, e a volta à tarde. Aconselhava-o a que não me levasse, porque seria fatigante para mim. E eu, inocentemente, concordo com ele; insisto mesmo com Daciano a que vá; digo-lhe que eu aproveitaria para descansar. De fato, eu andava exausta com a vida noturna, de cabarés, que levávamos... E Daciano vai... Ora, no dia seguinte, quem havia de, subitamente, aparecer-me no hotel?!... no meu apartamento?!... Clodomiro!... Eu, que não o esperava, supondo ser a criada quem batia, abro-lhe a porta de peignoir, e ele, antes que eu lhe pudesse fugir, atira-se a mim como um gângster, aperta-me nos braços, e, por mais que eu me debato, colhe-me na boca um beijo que não tem fim, em que parece que me vai sugar a alma; dá-me a sensação de um desabrochar, que me faz quase desfalecer, me põe as pernas bambas... Aproveita-se da minha perturbação e carrega-me para a cama como uma criança... Corre a fechar a porta à chave... E...

Ela interrompe-se. Volve os olhos para Drumond com um ar de riso, e, não se podendo conter, solta uma daquelas suas risadas sacudidas, com três "ós" metálicos no fundo da garganta – "ó! ó! ó!" – cujo eco se repete, além, de encontro às paredes do Cassino. E depois, semicerrando as pálpebras murmura com ênfase:

– *C'est l'amour, ô mon jeune dieu, qui fait la beauté des choses.*

Prossegue em seguida :

– Quanto ao resto, seria repetir coisas que você não ignora. O meu divórcio. O escândalo que causa. O rosário de infâmias que se tecem em torno à minha vida. O prazer sádico que havia em arrastar-se o meu nome na lama. A cidade provinciana, que era o S. Paulo daquele tempo, goza com isso. Se me pudessem lapidar, ter-me-iam lapidado. O meu sofrimento é grande! Mas, felizmente, não me faltam forças para resistir. Eu jamais cometeria a infâmia de trair-me a mim mesma. A minha vida, em comum com Daciano, não me é mais humanamente possível suportar; tenho-lhe verdadeira aversão física. Nem a voz lhe posso ouvir. Recorro, então, ao divórcio no Uruguai. Sou a primeira mulher, no Brasil, que dá esse passo. E, mais tarde, quando contraio segundas núpcias com José Pasquineli, conde de Rossano, o escândalo, que se havia amainado, recrudesce. Torno a ser alvo da

chacota, da zombaria a mais torpe. O meu casamento é considerado uma mancebia disfarçada. Mas...

E ela faz uma pausa. Exclama:

– Meu caro Drumond! Como tenho sido vingada!...

Drumond, desconversando, pergunta-lhe:

– Por que motivo foi mesmo que Pasquineli não jantou conosco, naquela noite, em Paris?

– Você, então, não se lembra mais? Porque tinha ido para a Itália.

– Ele ignorava as suas relações com o Clodomiro?

– Não sei; nunca me disse uma palavra a respeito. Pasquineli era de uma discrição absoluta. Irrepreensível! Queria-me muito! Gostava de me ver feliz, satisfeita. Seria incapaz de perturbar a minha felicidade. Também, pudera! Era um fidalgo! Mas, um fidalgo de verdade. O tipo perfeito de *gentiluomo.* Descendia de uma velha família siciliana – a família dos condes de Rossano...

– No entanto, em S. Paulo, corria que ele tinha um tio que era garçon na “Casa do Bife”, na rua Formosa.

– Eu sei disso!... Mais uma daquelas muitas infâmias que se assoalhavam naquele tempo!

– E ele que fim levou?...

Doroti tem um movimento, misto de desânimo e incredulidade:

– Ora, Drumond, você, positivamente, está caçoando... Então, você não sabe que fim ele levou?!...

– Juro-lhe!

– Morreu, em Adis Abeba, no dia em que as tropas italianas ali entraram vitoriosas. Morreu de uma indigestão – coitado! –, comendo uma macarronada... Ele que havia feito toda a campanha da Abissínia! Era um entusiasta do fascio. Amigo íntimo de Mussolini...

– E você está viúva?

– Não, estou casada. Casei-me um ano depois; desta vez, no México, à mesma moda do Uruguai, com um judeu rumaico. Sou, hoje, a senhora Karfunck-Kaplanski.

– E que tal esse homem?

– Serve... Casei-me pelo horror que tenho à mulher desemparelhada na vida. Fica-se a sobrar em toda a parte, como um pires, num armário, cuja xícara se quebrou...

– E quanto a Clodomiro?... Tudo acabado?

– Tudo!

– Verdade mesmo?

– Verdade!

– E se ele tentasse uma reprise?

Ela sorri, inclina a cabeça de lado, como quem não diz que não... Morde o lábio inferior. Por fim, murmura:

– Que quer você?... *Je suis une faible femme!*

E solta uma das suas risadas – “ó! ó! ó!”

IV

JOSAFAT, O BANDEIRANTE

"Rien n'est beau que le vrai."
Boileau (*Épître IX*, sur le vrai)
"L'art du conteur est de réduire l'action à ce qu'elle a d'original ou d'intéressant."
"C'est la souplesse et la vérité qui font la grâce et le charme du style."
Marmontel (*Éléments de Littérature*)

Doroti estava hospedada no "Quisisana". Drumond convidou-a para almoçar no "Palace". Ela escusou-se. Tinha um compromisso. Ia almoçar na "Represa" com uns judeus, amigos do marido. E arrepiou-se. Careteou como se tivesse o estômago embrulhado. Disse:

– Uma gente pau! Uma gente horrível!

Era o grande cravo na sua vida de casada ser forçada a frequentar o meio israelita, composto na mor parte de emigrados, todos eles aboletados em Copacabana, repletos de dinheiro, a falarem só em dinheiro.

– Não sei – volveu ela com assombro – como foi que essa gente conseguiu fugir carregando tanta coisa preciosa!... Um deles, que deu muito em cima de mim, um dia me disse: "Vou-me embora; vou para Nova York. Aqui não há mercado para as joias que possuo".

Drumond insistiu:

– E jantar?... Você não gostaria de jantar comigo?... Viria com seu marido.

Ela sacudiu a cabeça:

– Não, infelizmente não é possível. Salomão detesta sair à noite; de mais a mais, o avião parte cedo amanhã, e ele está muito constipado. Você não pode imaginar o que seja um judeu constipado. Fica de mau humor, com a tromba inchada, enorme, os olhos lacrimejantes, a espirrar, a queixar-se...

E ela lamentou-se:

– Assim mesmo! Pobre de nós mulheres! Que vida a nossa!

Despedindo-se de Drumond, entrou para o ônibus do hotel. Quando o ônibus partiu, ela acenou-lhe um adeusinho com a mão. Disse-lhe:

– Fica para o Rio. Havemos de nos ver no Rio.

***

O sino, na matriz, bateu doze badaladas; como fosse cedo para o almoço, Drumond sentou-se num banco, na praça. Ergueu a cabeça para o céu, e o céu pareceu-lhe ter fugido mais ainda para o alto, agora sem uma nuvem, de um azul de anil. O sol reverberava a pino,

entornando-se por tudo. Enquanto a passarinhada continuava a pipilar na folhagem das árvores, a rádio local irradiava o fox – "*Too beautiful to last*".

Drumond, invadido de uma doce languidez, semicerrou as pálpebras, pôs-se a cantarolar baixinho:

I hear you say – "I love you"
Each time you hold me fast
But I know this is too beautiful to last.

E a sua alma como que fugiu para longe, assim como o céu fugira para o alto.

Tirando um caderninho do bolso, tomou umas notas; sorriu-se como frequentes vezes lhe acontecia sorrir. Sorriu-se, pensando em Doroti, no trajeto que ela estava a fazer. Depois, pensou em Clodomiro. Bem lhe ele dissera que ela estava velha "pra burro". Foi a expressão de que usou, uma tarde, em que dera com ele, no *lavoraty* do Automóvel Club, em mangas de camisa, a escovar os dentes. Escovava-os com fúria, em todos os sentidos, empunhando com a mão esquerda um tubo de Colgate. Havia momentos em que punha a língua de fora e escovava também a língua.

Voltando-se para Drumond, olhou-o com ar de riso, os lábios a espumar. Perguntou-lhe:

– Interessa-lhe a minha faxina?

E, como não houvesse ali um copo para enxaguar a boca, dobrava-se sobre a pia, chegava a cara junto da torneira; com a mão em concha, enchia a boca d'água, estufava as bochechas, chocalhando-as, cuspindo dentro da pia.

Depois, tomou de um pente e penteou os cabelos para trás; vestiu o paletó. Foi para diante do espelho. Mirou-se dos pés à cabeça. Disse:

– Está muito bem! Assim, não preciso de ir ao meu apartamento...

E, recomendando ao criado que lhe guardasse o tubo de Colgate e a escova, convidou Drumond para um drinque no bar.

– Você deve estar intrigado com a minha toalete. É que vou jantar com uma criaturinha, um amor de mulher, que tem horror ao fumo. Não me permite que a beije, quando estou a cheirar fumo. E eu, hoje, jogando um bridge, exagerei. Fumei dois charutos.

No bar, demoraram-se a conversar. Clodomiro, não obstante a idade, não se corrigia. Continuava a ser o boêmio divertidíssimo de sempre, com aqueles seus olhos piscos, astutos, numa cara glabra, esguia e longa, com um nariz pontudo de ventas anelantes. Cara cínica, de quem a nada ligava, escarnecia de tudo. Um fraco, no entanto, tinha ele na vida, cujo ridículo não media. Era o orgulho exagerado dos seus pergaminhos nobiliários, da sua genealogia. Jactava-se da fama de seus antepassados, afirmando possuir traslados de

documentos insofismáveis, exumados na Torre do Tombo, em Lisboa, comprobatórios da sua descendência em linha direta do fidalgo Mem de Sá, 3º Governador Geral do Brasil. E demorava-se a explicar o motivo por que seu pai se assinava Lourenço Aluisio Josafat Mem de Sá. Fora seu avô quem liricamente lhe acrescentara Josafat ao nome, num preito de saudade à sua avó, que, ao dar-lhe a luz, em viagem pelo Oriente Próximo, morrera de parto numa estalagem, entre Jerusalém e o Monte das Oliveiras, no vale do Josafat. O que Clodomiro, no entanto, não explicava, e fazia mesmo empenho em silenciar, era a origem, a filiação de sua avó, que, no dizer da gente daquele tempo, não passava de uma alemã muito vulgar, balorda, peituda e barriguda – a *frau* Ana, que seu avô conhecera, a bancar a mulher felá, dançando a dança do ventre numa *gargote*, no Cairo.

Seu pai fora chefe político no interior, deputado reeleito *pro forma* em todas as legislaturas. Verdadeiro deputado inamovível. Como homem era muito jovial e pilhérico. Tornara-se conhecido por "Josafat – o Bandeirante". Não que ele, na sua vida, houvesse desbravado sertões, enfrentando perigos em lutas contra índios, ostentando a indumentária de couro apropriada àquelas incursões – a blusa, a culote, o chapéu de abas largas, ou, invernado em paragens longínquas à moda de Fernão Dias Pais Leme, na Serra do Sabarabussu. Não, seu pai era muito comodista para se aventurar a tamanhos desconfortos; Drumond conhecera-o intimamente. Chamavam-lhe o "Bandeirante", porque ele garimpara toda a sua vida no filão precioso das verbas secretas e da advocacia administrativa. Foi onde descobriu a sua mina.

Quando a oposição o atacava, ele sacudia os ombros. Franzia os lábios com sobranceria, dizendo:

– Podem me atacar! Ataquem-me quanto quiserem, que isso a mim não me impressiona! Estou calejado! Até gosto! Ora, que idiotas!... E eu havia de ser político para andar com as mãos abanando?!... Se outros aproveitam, por que não hei de eu aproveitar, mormente eu que sou...

E interrompia-se, voltando-se para Clodomiro como a pedir-lhe confirmação:

– Não é verdade Clodomiro que nós somos descendentes diretos de Mem de Sá?

E, sem lhe esperar pela resposta, exclamava:

– Ora, teria graça agora que um Mem de Sá não aproveitasse com a descoberta de Pedro Álvares Cabral!

E, logo depois, alçava a voz, acrescentava em tom de oratória, agitando, no ar, o dedo em riste:

– Essa gente que fique sabendo que fomos nós que lapidamos este diamante que se chama o Brasil! Se ele faísca é graças a nós!... Eu queria vê-lo na mão deles! O prestígio que teria! Havia de continuar a vegetar no lamentável regime comunista em que vegetava, antes da descoberta – o índio nu, descalço, mal alimentado... Ao menos, agora, vê-se o

índio vestido nas nossas cidades. Ainda, outro dia, encontrei com um bando deles a pedir esmola no viaduto...

E, sem o suspeitar, personificava Josafat, por aquela forma, a ironia inconsciente de uma época, gozando, saboreando deleitosamente as delícias que a vida lhe liberalizava. Nos seus gastos era de um desperdício pródigo. Gastava nababescamente com a família e com as amantes. Além disso, jogava. Quantas vezes, não perdia somas fabulosas? Mas, que lhe importava, se tinha a sua mina?!...

Seus filhos, então, eram uns príncipes; principalmente Clodomiro. Logo depois de formado, deu a volta ao mundo. Viveu anos na Europa, em Londres, em Paris, sem nunca ter despendido um vintém de seu, a fazer parte de missões oficiais, gordamente remunerado.

Josafat adoeceu e morreu, nas vésperas da eclosão da revolução de 30. Como a oposição estivesse precisamente a mover-lhe tremenda campanha naquela ocasião, dizia ele ofegante aos amigos:

– Eles que me ataquem! Podem me atacar! Atrás de mim virá quem bom me fará!

E não é que Josafat foi profético nas suas palavras?! Hoje, já há muito quem diga:

– Naqueles tempos, não se brincava! Por uma ninharia, arrastava-se na rua da amargura um homem como o Josafat!

***

Drumond pôs-se de pé. Ia a enveredar para o hotel, quando dele se abeirou um negrinho esfarrapado, quase nu, com uma caixa de engraxate às costas.

Perguntou-lhe:

– Mecê não qué engraxá, moço?

Drumond respondeu-lhe:

– Agora, não.

Ele, então, pediu-lhe:

– Mecê não podia dá um tostãozinho pra seu negrinho tomá café?

Drumond franziu a fronte, sobrecarregando o cenho, com os olhos enviesados para ele:

– Meu negrinho?!...

O negrinho, em vez de atemorizar-se, riu um riso de dentes claros, os olhos redondos, lustrosos como duas jabuticabas.

Drumond continuou a fitá-lo. Disse:

– Você do que está precisando é de umas calças, que você está com a bunda quase de fora. Tostão é para malandragem, seu sem-vergonha. Você pensa que eu não sei? É

para jogar no bicho... Em todo o caso, está aqui o tostão, e, às cinco horas, você esteja aqui, que eu quero comprar um pedaço de fazenda para sua mãe fazer umas calças para você...

O negrinho acudiu:

– Não é perciso fazenda. Se mecê quisé dá a carça já feita, seu Camilo tem.

– Quem é seu Camilo?

– É o turco da casa de armarinho. Um hóme munto bão.

– *Bão* por quê?

– Porque ele é bão. Todo mundo qu'é bem ele.

– Onde é isso?

– É na rua Assis Figueiredo. Eu levo mecê lá.

V
CAMILO LOJISTA

À hora aprazada, o negrinho caminhava ao lado de Drumond, feliz, saltitante, assobiando, com a caixa a matraquear-lhe às costas. Subitamente apontou:

– Mecê está vendo lá?... É aquela casa da esquina!

Drumond alongou a vista. Era uma casa térrea, com um toldo na frente, que se inclinava sobre o passeio. De longe, o sol poente, numa fulguração suprema, projetava-lhe, como um holofote, os seus raios derradeiros.

Logo depois, Drumond lia numa tabuleta junto do telhado – “Casa Camilo”. Atravessou a rua. Antes de entrar, leu, ainda, na parede – “Fazendas e Calçados – Armarinho – Roupa de cama e Roupa de mesa”.

A loja era relativamente pequena para tudo quanto continha. Estava atulhadíssima, do chão ao teto, a mercadoria em desordem, empilhada em prateleiras. No centro, o balcão desaparecia, sob um montão de peças de fazenda.

Logo, ao transpor o limiar, o negrinho disse a Drumond:

– Seu Camilo é esse velho!

Camilo, que estava de costas, voltou-se; olhou para Drumond com uns olhos apertados de míope, que supuravam nos cantos. Era um sexagenário de meã estatura, cheio de corpo, os cabelos brancos cortados à escovinha, a barba por fazer repontando, o nariz gretado em forma de pepino. Olhava com um semblante prazenteiro, a boca entreaberta, entremostrando os dentes postiços amarelos, em cujos interstícios havia restos de comida. Tinha o paletó polvilhado de caspa nos ombros, e, quando falava, passava frequentes vezes a mão espalmada pela cara, da testa ao queixo, fechando-a no queixo. Mão que raramente mergulhava na água.

Perguntou a Drumond:

– Dôtor que deseja?

Drumond respondeu-lhe:

– Quero uma calça para este negrinho.

Camilo arregalou os olhos. O seu semblante luziu num riso alegre:

– Calça pra negrinho?! Negrinho vai ganha calça?!... Puxa, negrinho de sorte! Tem mais sorte que Camilo!

E meteu as mãos numa prateleira, abraçando um montão de coisas, que caiu e se espalhou pelo chão – paletós, camisas, suéteres... Como não se encontrasse ali a calça, dirigiu-se a um rapaz, que servia um tropeiro de barbicha e olhos pequenos, sob uma arcaria de pesadas sobrancelhas, o rosto comprido, as faces escorridas, descalço e de

esporas, o chapéu de palha, de abas largas afunilado, com uma fita atada a prendê-lo debaixo do queixo. Falou-lhe em turco:

– *Chouf pantalon le labet. Arrajael bide saah.*

O rapaz, ouvindo-o, dirigiu-se a uma outra prateleira. Puxou dali um outro montão de coisas, que também caiu e se espalhou pelo chão. Enquanto se agachava, a procurar a calça pedida, o tropeiro pôs-se a falar com Camilo numa voz grossa, cava:

– Camilo, você tá ficano munto ladrão! Cinco mirréis esta porquêra desta camisa?!... camisa que não arreseste uma lavage!... camisa que a gente só pode visti uma veis!... Tá louco! Não pago!

– Ocê sabe, amigo, Camilo não briga com ocê! Quanto paga ocê?

– O mais que dou é treis mirréis, e isso mêmo cum dor de coração!

– Não, treis marréis não bode! Munto pouco! Munto barato! Vamô racha. Treis miliquinhentos!

– Que racha nada! Dou treis mirréis e nem um tustão mais! Isso mêmo, cum dor de coração, já disse.

Camilo fez pausa, pensativo. Finalmente, com um sacudir de ombros, acedeu:

– Tá bão! Léba! Ocê não qué que velho ganha; um dia velho quebra. Vai fazê falta pr'ocês todos.

Enquanto isso se passava na loja, duas mulatas, duas meretrizes, de fita no cabelo, rouge nos lábios e nas bochechas, as unhas das mãos e dos pés pintadas, rondavam à porta. Examinavam, apalpando umas chitas, que pendiam de uns ganchos, trocando olhares maliciosos entre si, com o que viam e ouviam.

Quando o empregado vestiu a calça no negrinho, uma delas disse jocosamente à outra, soltando uma grande gargalhada:

– Ué, gente! Oia só o luxo do fio d'Evinha!... E não é que ele descobriu um coroné, coisa que nói nunca fomo capais?!...

A outra indagou em voz alta:

– Camilo, quanto custa o metro desta chita?

– Dois miliquinhento.

– Que dois miliquinhento nada! Você tá ficano mêmo ladrão, Camilo!... Qué miliquinhento, mande cortá treis metro!

Camilo hesitou, mas não discutiu. Deu ordem ao empregado:

– Tá bem! Corta treis metro, aí pr'africanita!

– Outra coisa, Camilo, eu só pago no fim do meis! – disse ela.

– Ocê paga quando qué! Ocê sabe: Camilo não fais questão. Ocê paga com seu cheirinho!

E ele deu uma risada gostosa, soluçante, apertando os olhos, esfregando as mãos:

– Camilo gosta de cheiro de africanita!

A outra interveio:

– Oia lá, Camilo! Toma nota no seu livro pra não dizê despois que ela pediu quatro metro em veis de treis...

Camilo tirou da gaveta um livro; folheou-o e anotou a venda a lápis.

Drumond, além da calça, resolveu dar também um suéter ao negrinho; quando disse isso a Camilo, ele tornou a ter a mesma expressão de pasmo que tivera. Exclamou radiante, fazendo, dessa vez, festa na cabeça do negrinho, esfregando-lhe a mão, dando-lhe piparotes:

– Também suéter?! Puxa, negrinho de sorte !... – repetia.

Mas, subitamente, alçou os olhos para o teto, e fez-se meditativo, com a boca aberta, a forçar com a língua um dente, que lhe pareceu meio mole, meio solto; por fim, segurando-o com os dedos, sacudiu-o e arrancou-o. Depois, cravou nele os olhos, e monologou tristemente:

– Pobre Camilo, e agora? Como vai a fazê?!... É segundo que cai! Outra dentadura não fais mais por mesmo preço... Eu paga esta com treis corte de fazenda. Dentista queria dinheiro. Seiscentos marréis. Eu diz: “Dôtor, dinheiro, agora, não bode; paga com fazenda”. Dentista diz: “Tá bem! Aceita fazenda”. E eu paga com treis corte de fazenda; cada corte custa quarenta marréis. Dentadura fica pra mim cento e vinte marréis. Dentista fica contente. Pensa que fazenda custa mais de seiscentos marréis.

E ele tornou a dar uma boa risada soluçante, apertando os olhos.

A preta, de posse do seu embrulho, foi-se com a companheira; ambas, ao despedir-se de Camilo, sacudiram a mão no ar com um “tchau”!

Ele também sacudiu a dele:

– Tchau!

O tropeiro sacou do bolso um lenço no qual se encontrava enrolado e amarrado o seu dinheiro. Desamarrando-o, tirou uma nota de dez mil réis. Entregou-a a Camilo.

Camilo deu-lhe de troco seis mil e quinhentos. O tropeiro protestou:

– Não sinhô, não tá certo. Nóis combinamô treis mirréis a camisa. Está fartano aqui quinhentão. Passe daí os quinhentão, e dêxe de brincadêra, que eu não sou hóme de brincadêra.

Camilo devolveu-lhe o dinheiro. Ele, antes de sair, acrescentou com certo orgulho:

– Você que está pensano? Não é só turco que é esperto!

O empregado, tomando de uma manivela, foi levantar o toldo que velava as portas. Drumond perguntou, por sua vez, a Camilo:

– E eu quanto estou devendo?

Camilo pensou; respondeu-lhe:

– Sete marréis calça, oito marréis suéter. Quinze marréis.

Drumond fingiu-se escandalizado:

– Quinze mil réis por isso “seu” Camilo!... Será possível?! O sr. está caçoando !

Camilo, que não esperava por aquela, transfigurou-se. Ficou como que apatetado.

– Dôtor acha caro?!... Dôtor hóme fino !... hóspede de Palace Hotel!... Camilo jura pra Deus, pra Sant’Ana, pra Santa Carolina, pra Nossa Senhora de Saúde, que cura todos os doentes de Caldas! Camilo não pede caro pra dôtor!

– Pede, seu Camilo! Tanto pede, que está pedindo! É muito caro!

– Não pede! Mas, pra que dôtor fica freguês, dôtor paga só treze miliquinhento!

Drumond, sorrindo, concordou:

– Está bem!

E, pagando, demorou-se a bisbilhotar, enquanto o negrinho, alvoroçado de alegria, desaparecia correndo, com a calça e o suéter debaixo do braço.

– Pelo que vejo, você é muito popular em Caldas, “seu” Camilo, e querido! – disse Drumond.

– Munto, graças a Deus! – respondeu Camilo risonho. – Também, Camilo não fais mal pra ninguém. Que adianta maldade, não dôtor?!... Melhor ser bom, não acha dôtor?!... Olha! Camilo leba munto na cabeça, leba munto calote! Mas, não fais mal. Deus protege Camilo. Às veis, Camilo tem satisfação. Camilo vai conta pra dôtor: Camilo vendia fiado pr’uma mulher. Um dia mulher morre. Marido de mulher aparece aqui correndo. Diz pra Camilo: “Vê aí conta de mulher: quando ela débe pr’ocê. Ela diz pra mim: vai pága Camilo, antes de compra caxão. Camilo sempre foi bom pra mim. Se ôce não pága Camilo, eu não entra no céu”... Eu, dôtor, não sabe ler, não sabe escrever; finge que toma nota de venda no meu livro. Pergunta pra hóme: “Quanto débe mulher pra Camilo?” Ele responde: “Vinte marréis”. Eu olha pra livro: responde: “É isso mesmo. Mas, ocê paga só dezessete miliquinhento. Resto fica pra caxão”.

E ele riu-se:

– Hóme fica contente. Mulher entra no céu.

Drumond, voltando-se para o empregado, considerou:

– Assim mesmo, que bom homem é este Camilo!

O empregado inclinando a cabeça, concordou enternecido:

– É verdade, sim! Meu pai é mesmo muito bom!

***

A noite caiu de súbito; a cidade iluminou-se. Ao longe, de envolta com o latir dos cães, as intanhas entraram a coaxar. No parque, nas proximidades da fonte luminosa, agora às

escuras por ser fora da estação, o rapacuia fazia “pau-pau-pau”, enquanto a perereca repetia – “prrá... prrá...”.

VI
O SUICIDA DO CASSINO

"C'est un pauvre homme, celui qui ne sait pas mourir!"
Beethoven
"Il y a bien des façons de railler. La moquerie du véritable humour est sans méchanceté."
Gaston Sevrette
"Mon procédé est très simple. Je m'intéresse à ce que je fais, et je tâche d'y intéresser les autres."
Jules Renard

Os dias sucediam-se remansosos como de costume, doirados do sol, o céu de uma inalterável limpidez azul. Drumond lamentava que se lhe estivesse abeirando a partida; por ele, ali se deixaria ficar indefinidamente. Costumava dizer ao dr. Lopo Vieira, de quem se tornara amigo, que gostaria de fixar a sua residência em Caldas. E o dr. Lopo Vieira, que era caldense e ali clinicava, ouvindo-lhe aquilo, jubilava intimamente, embora se mostrasse duvidoso, dilatando os olhos, exclamando:

– Palavra mesmo?!

Drumond, com um menear afirmativo de cabeça, respondia-lhe:

– Palavra, pois não!

E acrescentava:

– Digo-lhe mais: frequentes vezes, penso no sr. e tenho-lhe inveja.

– Inveja de mim?! Ora, pelo amor de Deus!... – balbuciava o dr. Lopo Vieira.

E encolhia-se com as mãos apertadas no peito, cujos nós dos dedos fazia estalar como se foram castanholas, – ele que era dotado de um temperamento nervoso, magro, moreno, o nariz agudo, com uns olhinhos brilhantes e inteligentes, a esclerótica amarelada. De longa data, votava a Drumond particular estima; conhecera-o na noite trágica do suicídio de Indalécio Pedroza no Cassino. E, desde então, todas as vezes que Drumond aparecia em Caldas, ia visitá-lo no hotel; frequentemente jantavam juntos; depois saíam a caminhar, e, muitas vezes, recolhiam de madrugada, perambulando pelas casas de jogo, trocando pernas pela cidade deserta.

Nessa noite, faziam horas para o cinema. Andavam de um lado para outro, debaixo das árvores, ao longo do rio. Drumond explicava por que lhe tinha inveja:

– Tenho-lhe inveja porque o sr. é um privilegiado da sorte!

Dessa vez, os olhos do dr. Lopo Vieira quase lhe saltaram das órbitas:

– Eu, um privilegiado da sorte?!

– Perfeitamente! Não teve o sr. a felicidade de nascer aqui em Caldas e de fazer aqui a sua vida?...

O dr. Lopo Vieira, sempre sob a mesma impressão de perplexidade, interrompeu-o:

– O sr. chama a isso felicidade inaudita?!

– Sem dúvida! No seu caso, nem se discute, porque nunca houve, e jamais haverá quem saiba desfrutar Caldas com mais inteligência que o sr. ... Pense bem! Se Caldas tem, para nós, turistas, este encanto misto de sortilégio, que nos envolve e nos empolga, que redobrado encanto não terá para o sr., que aqui se criou, aqui cresceu, sonhou os seus sonhos de adolescente... Muitas vezes, ouvindo-lhe referir-se a passagens de sua vida, surpreendo-lhe no olhar absorto a vertigem extática que arrebata a alma dos verdadeiros eleitos, dos privilegiados... Porque, o sr., meu caro dr. – (e Drumond sorriu-se) –, permita-me que lho diga, sendo o excelente médico que é, detentor da clínica mais numerosa e elegante de Caldas, é, antes de mais nada, um poeta...

– Eu, poeta?! Mas, se eu nunca fiz um verso na minha vida... – acudiu o dr. Lopo Vieira.

– E que tem isso? Para se ser poeta, não é preciso fazer-se versos... Eu também nunca versejei na minha vida, e, no entanto, o mesmo dizem de mim – que sou um poeta... Poetas somos todos que vibramos diferentemente dos outros. E como é bom ser poeta assim! Ao menos, não se fazem versos de pé quebrado...

Em seguida a uma pausa, Drumond prosseguiu:

– Caldas, anualmente, proporciona-lhe duas modalidades de vida inteiramente diversas... Em plena estação, torna-se supermundana, tumultuária, com os seus hotéis e os seus cassinos abarrotados, as suas ruas atulhadas de charretes, que se entrecruzam, desde pela manhã, num vai-vem constante. Agora, fora da estação, é isto!... esta calma!... este ermo!... este silêncio!...

E, à medida que Drumond falava, ia espaçando as suas palavras, abafando a sua voz, detendo os seus passos. Por fim, parou um momento como a escutar. O dr. Lopo Vieira também parou. Tudo, em derredor de ambos, pareceu emudecido.

Da relva dos canteiros, elevava-se a monótona cantilena dos ralos. As rãs coaxavam à beira do rio. O rapa-cuia fazia “pau-pau-pau”; a perereca – “prrá, prrá”. Subitamente, um cão distante soltou um uivo estridente. Uivo lancinante de uma tristeza infinita, lúgubre, sinistro, daqueles que, para os supersticiosos, é presságio de morte.

Depois, ambos recomeçaram a andar, deram alguns passos em silêncio, até que Drumond, reatando o fio da conversa, disse:

– O sr., quando o vejo durante a estação, lembra-me um médico francês, que conheci em Aix-les-Bains, – o doutor Gaston. Um homem de maneiras muito educadas, muito afável, o tipo racé do gentleman nativo. Ele costumava passar as manhãs nas termas, em companhia dos doentes que, ali, seguiam as suas prescrições, e, geralmente, formavam a roda mais elegante d’Aix-les-Bains. Durante o dia, dava consultas em casa. Uma casa admiravelmente posta. Um primor de bom gosto! A madame Gaston, por sua vez, era um

encanto de senhora, muito fina, muito educada, recebendo com alta distinção. As suas recepções mensais eram famosas; constituíam um verdadeiro acontecimento mundano. A lista dos convivas era publicada no carnet do "Figaro", quase sempre encimada pelo nome do rei da Grécia, frequentador assíduo d'Aix-les-Bains. Daí o motivo por que diziam as más línguas – (há sempre más línguas em toda a parte!) – que muita gente se tratava com o dr. Gaston, por causa das recepções da madame Gaston... Tanto ele, como ela, sabiam disso, mas pouco se lhes dava; sorriam... À noite, ele era infalível no cassino; ia ali fazer a sua fezinha no bacará, sempre impecável, muito aprumado no seu smoking, com a roseta de oficial da Legião de Honra à lapela; e não dispensava de cear, a altas horas da noite, com um ou dois amigos, aí então, num *estaminet*, um botequim de aspecto muito ordinário, mas onde se comia admiravelmente... O sr. certamente não ignora que, em França, antes da guerra, se comia admiravelmente em toda a parte!... Ali, em companhia dele, comi eu, muitas vezes, trufas brancas *"au gratin savoyard"*, uma delícia!... Em suma, fazíamos lá tal qual fazemos aqui, quando o sr. me leva, de madrugada, a comer um bife com ovos estralados no Café do Ido... O dr. Gaston, exercendo austeramente a sua profissão, assim como o sr. exerce a sua, era o maior gozador d'Aix-les-Bains, como o sr. o é de Caldas...

O dr. Lopo Vieira protestou sorrindo:

– O sr. está exagerando!... Oxalá fora eu um homem assim como esse dr. Gaston!

Drumond fez como se o não ouvisse, continuou:

– Agora, devo-lhe confessar que eu o invejo verdadeiramente, mas é nesta quadra do ano, quando Caldas mergulha nesta calmaria, e eu, passando pela sua casa, o vejo confortavelmente instalado na sua biblioteca, rodeado das suas estantes, dos seus livros, a ler, a estudar... Haverá, porventura, maior felicidade, pelos tempos que correm, poder a gente levar a vida, assim como o sr. a leva, longe da confusão dos grandes centros, da anarquia reinante em toda a parte, e dispondo, ao mesmo tempo, do conforto que Caldas proporciona aos seus habitantes, além da amenidade e suavidade deste clima?... Ora, diga-me! Tenho ou não tenho razão?... O sr. é ou não é um privilegiado da sorte?...

Como o dr. Lopo Vieira não lhe respondesse, caminhando e sorrindo de cabeça baixa, Drumond disse, depois de olhar para o seu relógio pulseira:

– Vamos apertar o passo, que são quase horas do cinema!... Hoje é "Sangue e Areia" de Blasco Ibáñez, não é?

– É sim.

– O sr. já conhece o filme?

– Não, não conheço; li o romance.

– Então, vai gostar. É uma maravilha! Um dos melhores filmes que tenho visto, com Tyrone Power, Linda Darnell e Rita Hayworth... A Linda Darnell é de uma doçura, de uma

suavidade encantadoras! Ao passo que a Rita Hayworth é uma mulher de virar a cabeça! Mulher de endoidecer! Um assombro de mulher!

Passado um momento, ele ajuntou:

– Conheci Blasco Ibáñez em Paris. Fui-lhe apresentado uma noite, numa *boîte*, em Montmartre. Ele estava em companhia da romancista italiana Matilde Serao. Era um tipo exuberante, de uma loquacidade doentia, falava por quantas juntas tinha, e muito sujo; nunca uma escova de dentes lhe entrara na boca... Contou-me uma senhora argentina que, uma vez, em Buenos Aires, como não houvesse meio dele terminar uma conferência, que estava a fazer, a assistência pôs-se a gritar-lhe: *"Blasco, cala-te e banha-te!"*

A porta iluminada do cinema alegrava aquele recanto do parque, destacando das trevas da noite a maciça construção do Cassino. Enormes cartazes coloridos punham em relevo a beleza plástica dos protagonistas do filme. A afluência era desusada, de uma gente escorreita e discreta, diferente da gente sécia e esnobe, fremente e tagarela, dos tempos da estação.

Um homem moreno, ao lobrigar o dr. Lopo Vieira, sorriu-lhe num assomo de contentamento. Afastou-se do grupo em que conversava e caminhou para ele. Era baixo, magro, já bastante entrado em anos, com uma cara rapada de antigo seminarista, o peito côncavo e os ombros encolhidos. Usa óculos de aro de ouro, e tinha a pele muito enrugada ao redor dos olhos – uns olhos fulgentes, que se dilatavam, com um alçar das sobrancelhas negras e cerradas, quando ele falava, regougando, por entre frouxos de tosse, um pigarro impertinente.

– Você quando chegou, Tico? – perguntou o dr. Lopo Vieira, estendendo-lhe a mão.

– Cheguei ainda agora. Viajei de trem até Campinas com o Esteves, que foi para Ribeirão Preto; depois, vim no gasogênio do Teófilo. E sigo amanhã cedo para Pocinhos do Rio Verde, por causa do negócio da bauxita.

– Você conhece aqui o dr. Drumond Peçanha?

– De nome e de vista, em S. Paulo, muito. Mas, nunca tive a oportunidade de lhe ser apresentado.

O dr. Lopo Vieira apresentou-o:

– Meu conterrâneo e amigo dr. Augusto Martins Diniz, homem muito culto e viajado, engenheiro de minas, formado em Ouro Preto, que nós, na intimidade, chamamos Tico.

Drumond e ele apertaram-se as mãos.

– Você que nos conta de novo?... Que novidades nos traz?... Como vai a guerra?...

Tico tossiu e endireitou a garganta:

– A guerra vai indo bem. Os alemães continuam cedendo terreno na Rússia; Rommel está na iminência de ser posto da África para fora.

– E que mais?

Ele deu uma risada:

– O aparecimento do “Ovo botado de bruço”, poema da quarta dimensão em versos brancos de Janjão Godói. Eu trouxe um exemplar aí para você; deixei-o, na sua casa, com a Bilinha. Quem lhe mandou foi o Esteves, que me recomendou muito, ainda à hora da partida do trem – “Você não se esqueça de entregar ao tio Paulo, para ele se divertir.”

– E que tal? É interessante?

– Homem, não sei.

– Como, não sabe?! Você não teve a curiosidade de ler?

– Li umas trinta páginas; não pude ir além. Você verá! É a coisa mais besta, mais idiota, que se tem publicado até hoje. Coisa sem pé nem cabeça, de uma pornografia sórdida, fedorenta, e naquela linguagem “estilo angu”, que nos legou a Semana de Arte Moderna, a que essa gente, hoje, tanto se refere, tanto fala, como tendo sido a coisa mais extraordinária, mais fenomenal, que se realizou no Brasil; até brigam por causa dela... Agora, todo o mundo diz que fez parte da Semana. Cada vez que o elenco dos figurantes é publicado, surge sempre no meio um nome novo. Quem fica fula com isso é Janjão Godói, que, naquele tempo, já era o meninão velho de hoje, sempre com o cachaço taurino meio vergado, sacudindo a cabeça e os quadris quando caminha...

E voltou-se para Drumond:

– O sr. assistiu à Semana de Arte Moderna?

– Não sr., eu estava na Europa.

– Então, não sabe o que perdeu. Foi a maior blague deste mundo, levada a sério, imaginada por Graça Aranha, cujo “Malazarte” vi representarem em Paris, em 1913, perante uma sala vazia, no teatro “Femina”, nos Campos Elíseos...

– Eu também vi e possivelmente na mesma noite – acudiu Drumond – porque a sala estava vazia. E note-se que os bilhetes eram distribuídos, gratuitamente, pela Legação do Brasil.

Tico sacudiu a cabeça com entusiasmo:

– Isso mesmo. Vejo que o sr. está perfeitamente lembrado!

E fez uma pausa. Tornou a tossir, a endireitar a garganta:

– Eu costumo comparar a Semana de Arte Moderna à primeira missa que se disse no Brasil, que tanto embasbacou o nosso índio... Porque houve um tempo em que o Brasil, nas suas imitações do que ia lá por fora, andava sempre atrasado. Imagine o sr.! Futurismo, cubismo, dadaísmo! Tudo isso eram velharias, fora de moda, na Europa. Coisas de *avant-guerre*, refiro-me à guerra passada. Basta dizer que o manifesto futurista de Marinetti data de fevereiro de 1909; que o dadaísmo, que teve como iniciador o judeu alemão Tristão Tzara, é de 1916; o cubismo, então, nem se fala... Pois, não é que tudo isso foi aqui revelado, por Graça Aranha, em 1922, data da realização da célebre Semana?!... A

rapaziada, ou, melhor, o grupo já taludo de plumitivos passadistas, a quem ele contou que havia, na Europa, uma arte nova, digna de ser aqui imitada, ficou toda assanhada, de boca aberta, exatamente como o índio ante a celebração da primeira missa... Pediu-lhe explicações e ele explicou-lhe à moda dele, que o Graça tinha muito talento. Vejo-o, ainda, na sessão preparatória dissertando, dizendo que o século XIX havia sido o século de Lamarck e Darwin, de Augusto Comte e Karl Marx, e o século XX o de Marinetti, o libertador do terror estético. Marinetti, por certo, não era considerado o primeiro artista livre da Europa. Antes dele Walt Whitman, Rodin, Rimbaud, Verhaeren e outros já se haviam emancipado do tradicionalismo. Cabia-lhe, entretanto, a glória de ser o organizador da ação libertadora. E Graça Aranha aconselhava-os, a eles, a que fizessem o mesmo, banindo para sempre o culto do passado, como uma criação puramente artificial de gramáticos e historiadores; que o primeiro ato de rebelião fosse abalar a ordem na colocação de pronomes – a coisa mais odiosa da língua portuguesa. O gramático exigia a colocação de um modo, citava exemplos clássicos; eles que, ostensivamente, invertessem a ordem. E teve esta frase histórica: – "O escritor moderno deve escrever sem gramática, deve ignorar a gramática". Ora, a maioria deles era precisamente o que ignorava. Exultou, bateu palmas. Uma pintora, por sua vez, quis saber que inovação deveria introduzir na pintura. Ele respondeu-lhe que aproveitasse da anarquia que se ia estabelecer para pintar as coisas mais estapafúrdias, sem significação, unicamente com o fim de escandalizar o burguês. E contou que conheceu, na Europa, muito pintor vagabundo, sem a mínima noção de desenho, que se tornou afamado como artista moderno, vendendo a peso de ouro os seus quadros. O entusiasmo, aí então, atingiu o auge. Estouraram hurras, pique-piques. E, dias depois, o Teatro Municipal de S. Paulo era transformado numa chocadeira de gênios, que são toda essa velharia trôpega, reumática, desdentada, que conhecemos, e que continua a intitular-se "artistas modernos", não variando a bagaceira que produz, e entre a qual figura Janjão Godói como expoente máximo...

O dr. Lopo Vieira quis saber:

– E a crítica?... Como está recebendo o "Ovo botado de costa"?

Tico corrigiu-o:

– De *costa* não, de *bruço*... – e sublinhou a sua resposta com um riso escarninho: - Ora, como há de estar recebendo?!... Admiravelmente! A crítica está toda na mão deles, e eles é do que vivem – do elogio mútuo! É natural que considerem uma obra-prima, ainda mais sendo de Janjão Godói... Quando a coisa é ruim demais, eles misturam sociologia com literatura. Fazem um coquetel. São agora todos sociólogos. É a grande moda! Uma sociologia mal digerida...

Drumond, que começava a sentir-se fatigado, disse:

– Vamos entrando. São horas.

Tico estendeu-lhe a mão para a despedida. Drumond exclamou:

– O sr. não vai conosco ao cinema?

– Não sr. . Eu conheço o filme. Vi-o em S. Paulo e no Rio.

E, tossindo, prometeu-lhe:

– Na próxima vez que estivermos juntos, hei de contar-lhe ainda muita coisa sobre a Semana.

Ao penetrarem na sala, já às escuras, Drumond disse:

– É um homem interessante esse seu amigo, mas, pelo modo por que fala, pareceu-me ser, no fundo, um despeitado.

O dr. Lopo Vieira sorriu-se:

– O sr. observou bem! É o que ele é de fato, sendo uma excelente pessoa... Tico zangou-se, por causa de um livro que publicou, que não alcançou o sucesso que esperava. Desde aí, ficou um sujeito assim azedo, de uma ironia agressiva, sarcástico...

Drumond murmurou:

– Bem disse eu comigo: “Este homem, nas horas vagas, deve ser, também, literato”.

***

Ao terminar a sessão, o dr. Lopo Vieira mostrava-se encantado. Ouvira falar muito no filme “Sangue e Areia”, mas nunca o imaginara tão empolgante!

– É, não há dúvida, uma maravilha! Principalmente a tourada! Que *primer espada* formidável! A gente tem a impressão de que é o próprio Tyrone Power quem sacrifica o touro!

- E os ambientes, então! – observava Drumond – As mulheres! Que riqueza de *mantóns de Manila*! Que luxo! Que elegância!... A Rita Hayworth, como bailarina, é um assombro! Quando dança, derrama, em torno de si, um filtro de sonho! É ardente a brasa de desejo que acende!

Dali, como costumavam fazer, toda vez que saíam do cinema, foram tentar a sorte no milho. Era o único jogo, fora da estação, que funcionava no Cassino.

Enquanto parte da sala, do lado do grill, com as portas fechadas, as roletas cobertas, mergulhava na mais completa obscuridade, a outra, onde se jogava, estava fartamente iluminada, as mesas, na sua maioria, ocupadas.

Ambos sentaram-se, adquirindo, cada um, dois cartões. Logo depois, o cantador chocalhava os números, e punha-se a cantá-los. Cantava-os arrastadamente, prolongando as sílabas, numa toada monótona, sonolenta: – “Dooois... Meeeia dúzia nove... Seeete... Meeeia dúzia três”... E, à medida que os ia cantando, os números acendiam num quadro

luminoso acima, de encontro à parede. Subitamente, alguém bateu; ele recomendou na mesma toada: “Não desmaarque!” E houve um intervalo para a conferência.

Passou por ele o cobrador e o jogo prosseguiu.

Drumond, num relance de vista lobrigou, mesas além, uma cara conhecida de mulher, que lhe sorriu, sacudiu a cabeça, imprimindo no olhar algo de subentendido. Era a velha madame Michaud, ex-proprietária de uma pensão de mulheres no Rio, na rua do Catete, agora aposentada e largamente relacionada entre as famílias, nos hotéis em que veraneava. As senhoras, principalmente, tinham-lhe um fraco; gabavam-lhe as virtudes. É que a madame Michaud era muito insinuante e prestativa. Sabia fazer-se querida. Ela assistira, ali, ao suicídio de Indalécio Pedroza, e reportava-se ao fato, olhando para Drumond por aquela forma.

Foi numa noite de grande gala, em plena estação. Dançava-se no grill, numa agitação estúrdia, ao ritmo sincopado de um jazz, por entre tempestades de notas, solos de clarinete e saxofone, os pares muito aconchegados, muito compressivos entre si, as mulheres seminuas, ora coleando-se em espirais histéricas, ora quebrando, em trejeitos sacudidos, a cintura flexuosa, à altura dos braços que as envolviam. Naquela sala, ali, então, mal se podia andar. Regurgitava de um mundo cosmopolita ultra-mesclado, no qual figurava muita gente esquisita. E, de um lado e de outro, eram só toques de campainha, ruídos de ficha; nas roletas, o ruído da bola; o banqueiro que anunciava, ao lançá-la: – “Jogo!... Feito!... Preto: 29!” E, enquanto procedia ao pagamento, um croupier estendia, sobre o pano, o rodo a puxar as fitas... No bacará, outro dizia: – “Jogo feito!... 9 na banca!... 5 no ponto! Ganhou a banca!”... E, na víspora, era aquela mesma toada monótona, sonolenta, daquele mesmo homem: – “Seeete!... Oiiitenta e quatro!... Meeeia dúzia dois!”...

Drumond, geralmente, jogava pouco; preferia sapear a jogar. Ia de uma roleta para a outra, da mesa do campista para o bacará.

Naquela noite, seguia, disfarçadamente, com olhares oblíquos, o jogo de Indalécio Pedroza; corria que ele estava perdendo cerca de trezentos contos. No bacará, vira-o taciturno, com o “sabot” à frente, distribuindo cartas aos pontos da direita e da esquerda.

Mais tarde, Indalécio apareceu na roleta em que Drumond se deixara ficar, observando ali a gente que se apinhava em derredor dela, cuja maioria eram turcos e judeus refugiados. Entre os judeus, viam-se duas polacas planturosas, lerdas de aspecto, consteladas de pedrarias, os dedos grossos, recamados de anéis faiscantes. Ambas riam um riso relinchado, que lhes sacudia os seios enormes, cada vez que uma italiana agitadiça, meio tocada, soltava um grito – *“Oh! Dio!”*, apertando as mãos na cabeça e esboçando passos de dança, por haver acertado o número em que jogava. Estava ali também “seu” Domingues, cuja reles “casa de pregos”, com que começara a vida, numa ladeira escusa, evoluíra, tornando-se um banco importante. Ele e a sua amásia, que a todos apresentava

como sua mulher legítima, uma portuguesinha magra, sardenta, antipática, que se fazia valer pelo seu ar petulante, estavam sem sorte; perdiam, mirando-se entre si, sorrindo displicentemente. O mesmo, no entanto, não acontecia com o japonês da escada, que se exibia num *show* no grill. Ganhava com sorte pra burro, sem despegar do pano verde os seus olhinhos metálicos, indecifráveis. A madame Michaud conversava, de parte, com uma das suas amigas pensionistas, – a Lucete, uma *cocotte* afamada, em outros tempos, pela sua beleza, e que se apoiava, agora, a uma bengala, tolhida de reumatismo. A madame Michaud não podia suportar o Gracinha. Dizia:

– *Il me dégoûte avec son air femelle... Je me sens, à mon âge, bien plus masculine que lui.*

Gracinha, tossicando, mordicava os lábios, revirava um olho, entre cinzento e azulado, para um americano, que titubeava bêbedo, de olheiras papudas, a cara mole, com um enorme nariz de prelado.

O americano sussurrava-lhe no ouvido:

– *Sweetheart!*

Um chasseur, que voltava da caixa, aproximou-se de Indalécio; devolveu-lhe, numa salva de prata, um vale de vinte contos, que ele havia assinado. Estava assim cancelado o seu crédito.

Indalécio não pôde reprimir um sobressalto; o seu semblante alvejou como mármore. Ele rasgou o vale. Amarfanhou os pedaços e atirou-os debaixo da roleta. Depois, permaneceu, algum tempo, num difuso alheamento de espírito, o olhar vago...

Ao retornar à realidade das coisas, acendeu um cigarro. Pôs-se a fumar. Como passasse por ele um criado, pediu-lhe um copo d'água. E, quando o criado lhe trouxe a água, deitou nela o conteúdo líquido de um vidrinho, que trazia no bolso do colete.

Tornou a fazer-se pensativo. Por fim, bebeu a água de um trago, e não tardou que a sua cara se crispasse lívida; o copo fugiu-lhe das mãos, partindo-se no assoalho. Ele deu dois passos tropeçados, estendendo os braços como se tentasse apoiar-se no vácuo, e caiu abraçado a uma mulher que estava em frente dele, rolando ambos no chão.

***

A madame Michaud, lá da sua mesa, sacudiu, de novo, a cabeça. Dessa vez, olhou para o dr. Lopo Vieira. Ele disse a Drumond:

– Ela, certamente, está se lembrando do suicídio de Indalécio...

Drumond considerou:

– Homem, a propósito de Indalécio... Antes da minha partida para S. Paulo, hei de contar-lhe a história do drama íntimo dele. A página freudiana mais intensa que conheço.

VII
O DRAMA ÍNTIMO DE INDALÉCIO

"La faculté maîtresse du style, c'est la mémoire visuelle."
Remy de Gourmont
"Ce qui est long et difficile, c'est de se mettre en état d'esprit, de créer l'atmosphère de ce qu'on va écrire."
Jules Renard
"No artist is ever morbid. The artist can express everything."
Oscar Wilde

Era domingo, festa do Divino Espírito Santo. Pela madrugada, os sinos da matriz repicaram, convocando os fiéis para a missa d'alva. Drumond despertou e voltou a dormir. Mais tarde, quando abriu a janela do seu quarto, o sol já ia alto. Subia pelo céu acima. O mesmo céu translúcido de sempre, de um azul líquido que rutilava.

Drumond, contemplando-o, teve saudade dos céus da Itália, onde eles são tão lindos, na diversidade e riqueza dos seus aspectos e coloridos. Principalmente à beira do Mediterrâneo. Ali, as nuvens, interpondo-se entre os raios do sol, muitas vezes, em índigos rutilantes e tons alaranjados, demoram, horas, numa vibração imóvel como nos céus do Saara, e, depois, sopradas pelos ventos, volatilizam-se, fundem-se, polvilhadas de ouro, em harmonias fulgurantes.

Entrando a pensar nos amigos que contava na Itália, o coração apertou-se-lhe. Que destino teriam levado?! Principalmente um deles, de nome Gino. Um rapaz de uma família fidalga de Verona, com quem se relacionara, num inverno, em St. Moritz, seu companheiro inseparável de esqui, de bobsleigh. O tipo mais fino, mais elegante, mais distinto, que conhecera na sua vida. Da sua alta distinção lhe ficara para sempre este gesto: uma vez, caminhando ambos à beira do lago de Como, passou por eles um homem que lhes pediu uma esmola. Drumond, metendo a mão no bolso da calça, disse: "Estou sem meu porte-monnaie". Que fez Gino? Ofereceu-lhe o seu e caminhou alguns passos avante, afim de que Drumond tirasse dele a quantia que bem entendesse e desse ao homem.

Drumond, com os olhos sempre no céu, continuou ali, ainda algum tempo, recolhido em pensamentos. Não se podia conformar com a imensa desgraça que, ora, pesa sobre a Europa. Os povos mais cultos, mais requintados da terra, a destruírem-se mutuamente pela forma a mais abjeta!

No dia seguinte, ele voltava para S. Paulo, e, segundo seu velho hábito, já estava com as malas quase prontas; costumava arrumá-las aos poucos. Barbeou-se. Depois, vestiu o robe de chambre e desceu para o banho sulfuroso; de volta, avivou a sua toalete. Ia almoçar na Caixa d'Água, um dos lugares mais aprazíveis de Caldas, a convite do dr. Lopo Vieira. Encontrar-se-iam, ao meio-dia, à porta do hotel.

Como fosse ainda cedo, ele resolveu sair, andar um pouco. Atravessou a praça Pedro Sanchez, nesse dia movimentada com a chegada de sitiantes das redondezas, de romeiros para a festa do Divino. A rádio local irradiava o “Tico-tico no fubá”, e ouviam-se vozes isoladas, que cantarolavam, moleques que assobiavam.

Na farmácia “Nossa Senhora da Saúde”, liquidou a sua conta, e não pôde resistir a um café na “Casa do Álvaro”; depois, encaminhou-se em direção ao “Gibimba”. Dali, meteu-se pela rua São Paulo. Não sabia se era influência do nome. Sentia certa queda por aquela ruela, que, aliás, nada tinha de extraordinário. Ao contrário. Era mal calçada, esburacada, e, com exceção da igrejinha de São José, que parecia condenada, pois vivia sempre fechada, tudo o mais eram, de lado a lado, quintais, casas térreas, algumas de aspecto miserável.

Numa delas, junto do “Hotel Guarani”, é que morava a famosa cartomante nhá Chica, muito consultada pelas senhoras do *high life* sobre as suas aventuras amorosas, e por políticos em evidência. Em 1937, ela vaticinou a um deles, ao dr. Anselmo, que ora vive no ostracismo, inteiramente esquecido, cultivando abóboras nas suas terras, que ele não demoraria mais de um mês na Interventoria do seu Estado natal. E como aquilo acontecesse, a mulher viu-se, de súbito, guindada a uma grande popularidade. Durante dias, os jornais do Rio transbordaram dela.

Ao usineiro dr. Augusto Meira, foi, então, fantástico o que ela lhe disse. Não só confirmou o que lhe asseverara o burro Canário, acerca da venda da sua usina, como lhe deu uma notícia que o fez empalidecer, provocando-lhe uma nova crise do fígado.

O dr. Augusto Meira era um tipo de nordestino expansivo, folgazão, com uns óculos de tartaruga de vidros grossos, os olhos globulosos e saltados, olhos de sapo; quando ria, ria alacremente, escarranchando a boca, cujas comissuras se lhe alargavam, como as dos clowns, quase até às orelhas, espumejantes de saliva. Ele foi levado a consultá-la, induzido por uma roda alegre, com quem havia almoçado copiosamente. E como não pudesse fugir ao pedido que lhe fizeram, consentiu em que nhá Chica lhe deitasse as cartas à vista de todos.

D. Carlotinha, sua esposa, não estava presente. Ficara no hotel para um bridge. E foi pena, porque ela, certamente, não teria consentido em semelhante brincadeira, mormente depois do caso do burro Canário.

Mas, ao dr. Augusto, nem por sombra lhe passou pelo espírito que a sua ida à casa daquela mulher lhe pudesse acarretar um novo desgosto. E foi assim que ele ali entrou, falando alto, refestelando-se ruidosamente numa poltrona de vime; cruzou as pernas, alongou o corpo, inclinou a cabeça para trás. Mamava num grosso charuto, que apertava entre os dedos, a soprar beatificamente para o ar baforadas de fumo.

Logo depois, endireitando a garganta, ordenou à nhá Chica, na sua voz nasalada e arrastada de nortista:

– Vamô lá “dona”! Diga-me quem sou, que faço eu na vida! Mas, nada de potoca, hein! Que eu não gosto de potoca!

E nhá Chica, uma morena franzina e esguia, de faces adelgadas, os traços angulosos, os cabelos cor de azeviche, os olhos fundos, cercados de fundas olheiras, muito esmerada no alinho das suas vestes, pôs-se a embaralhar as cartas com umas mãos finas, descarnadas, enfileirando-as sobre a mesa. Depois, assim falou, sem tirar os olhos delas:

– O sr., meu senhor, é um homem grande, muito grande!

O dr. Augusto protestou:

– Não, isso é que eu não sou; a “dona” não reparou bem na minha estatura. Eu até sou pequeno. A “dona” certamente o que quer dizer é que eu sou um grande homem. Há uma diferença. Um homem notável, não é verdade? Um homem importante!

– Perfeitamente! – acenou ela com a cabeça.

– Ora, sendo assim, a “dona” não se engana. Está bem, muito bem!... Mas, vamos adiante!

– O sr., na sua terra, além de ser trunfo, é um dunga! Um bacana!

O dr. Augusto gostou daquelas expressões; sacudiu-se na cadeira; riu-se. Aprumou o corpo. Dirigiu-se aos circunstantes, piscando-lhes:

– Infelizmente nunca fui morubixaba. Morubixaba é que eu gostaria de ser!

Nhá Chica, sem prestar atenção às suas palavras, declarou, de olhos sempre fitos nas cartas:

– Pra político o sr. nunca deu!

Ele acudiu:

– Salvo seja!

E acrescentou:

– É uma lenda que corre, mas que não é verdade. Eu até tenho a impressão de que daria um político de primeira ordem!

E interrompeu-se para indagar:

– Mas, como é que a “dona” sabe disso tudo?!

Nhá Chica respondeu-lhe:

– Eu não sei de nada. As cartas é que sabem.

E ela fez uma pausa. Alçou a cabeça, detendo-se a fixá-lo intencionalmente, como se lhe quisesse revelar uma coisa, que as demais pessoas deveriam ignorar. E foi assim que lhe falou:

– O sr. fique sabendo que tudo quanto lhe disse o “doutor”, no Rio, é verdade. Já se realizou!

O dr. Augusto não compreendeu. Mostrou-se apalermado. Exclamou como que a dar tratos à bola:

– O doutor, no Rio?!... Que doutor pode ser esse?!... Eu não estive com doutor algum, no Rio...

Ela, então, perguntou-lhe:

– O sr. não veio da sua terra para fazer uma consulta no Rio?

Ele corou:

– Eu, no Rio, só me avistei com o burro Canário.

– E então?!...

Ele escancarou os olhos e a boca, fez – “Ah?!” –, deixando pender o beiço inferior.

– O burro Canário, agora, é doutor?!... – exclamou.

A risada, em redor, foi geral.

Zé Taco, um rapaz corpulento, de bochechas coradas, assim conhecido por ser exímio jogador de snooker, bradou:

– É doutor, pois não, “honoris causa”, decretado por nós! – e conjeturou: – Por que não havia de ser também doutor o burro Canário, numa terra, como diz Eça de Queirós, que se doutorou, inteirinha, de norte a sul?!...

Com efeito, Eça de Queirós, numa carta a Eduardo Prado, assim escreve: “No Brasil, há doutores com toda sorte de insígnias, em toda sorte de funções! Doutores, com uma espada, comandando soldados; doutores, com uma carteira, fundando bancos; doutores, com uma sonda, capitaneando navios; doutores, com um apito, dirigindo a polícia; doutores, com uma lira, soltando carmes; doutores, com um prumo, construindo edifícios; doutores, com balanças, misturando drogas; doutores, sem coisa alguma, governando o Estado! Todos doutores. O Dr. Tenente-Coronel... O Dr. Vice-Almirante... O Dr. Chefe de polícia... O Dr. Arquiteto... Homens inteligentes, instruídos, polidos, afáveis, – mas, todos doutores! E esse título não é inofensivo: imprime caráter. Uma tão desproporcionada legião de doutores envolve o Brasil numa atmosfera de doutorice”.

Zé Taco, depois de citar, por outras palavras, o trecho acima, concluiu:

– E, em meio de toda essa doutorice, quanta burrice!

O caso, em questão, é que o dr. Augusto, como todo homem de negócio, era de um egoísmo feroz, de uma imoderada sofreguidão de dinheiro. Nunca se mostrava satisfeito, por mais fabulosos que fossem os lucros que apurava. Vivia sobressaltado, considerando-se sempre prejudicado. E foi assim que, depois de se ter nababescamente enriquecido com a sua usina de açúcar, cuja instalação lhe custara apenas cerca de dois mil contos, vendeu-a, aos irmãos Nagib José, pela astronômica quantia de quinze mil contos. O negócio, como é natural, a todos alvoroçou. Até então, jamais, no Brasil, se havia realizado uma operação nesse gênero, assim tão vultosa. E o dr. Augusto, pela primeira vez na sua vida, gozou amplamente o seu sucesso.

Não durou muito entretanto, pois, no ano seguinte, lhe chegava aos ouvidos a notícia de que os irmãos Nagib José a estavam negociando, em Nova York, com um sindicato judeu, pela quantia de vinte mil contos. Aquilo o emocionou, e por tal forma, que o dr. Augusto não comeu mais, não dormiu mais; esteve na eminência de ir para a cama. Mas, depois, como a coisa se arrastasse, e parecesse não passar de zunzum, ele mais a d. Carlotinha resolveram ir, ao Rio, consultar o burro Canário, em quem depositavam inteira confiança. Ora, não é que o burro confirma a notícia, pondo-os ao par das negociações, em via de realização?!... O abalo, aí então, que ele sofreu, foi tremendo. Operou-se-lhe no organismo um desequilíbrio geral. Ele esteve, de cama, um mês, no Glória, com uma icterícia pavorosa, inteiramente amarelo. Por fim, ao entrar em convalescença, os médicos aconselharam-no que mudasse de ares, desse um pulo a Caldas. E foi precisamente quando ele se sentia quase completamente restabelecido, fazendo por esquecer o que se havia passado, habituando-se a pôr em dúvida a revelação do burro Canário, que ouve da boca daquela mulher que o negócio se havia efetivado.

O dr. Augusto, não se podendo dominar, fez-se lívido. Pôs-se de pé como que impelido por uma mola. E dali saiu titubeante, louco por se ver, a sós, no seu quarto, com a d. Carlotinha.

No hotel, como um *chasseur* se afastasse, à porta da entrada, para lhe franquear a passagem, sorrindo-lhe, ele fechou a carranca. Caminhou, com gestos bruscos, desabridos, falando entre si:

– Detesto esta canalha. Só pensam em gorjeta. Está aí uma coisa que devia ser suprimida – a gorjeta. Então, não basta o que se paga de diária?!... Um despropósito!

E era assim a mentalidade do dr. Augusto – o homem da usina.

***

À uma hora da tarde, Drumond e o dr. Lopo Vieira abancavam, defronte um do outro, à uma mesa, no restaurante da Caixa d'Água. Farejavam, com apetite, o aroma que vinha da cozinha, que recendia das iguarias com que se iam deliciar.

O sol alargava por tudo uma luz de um ouro fulvo que chamejava; o dia aquecera. Porém, ali, naquele recanto, à sombra daquelas árvores, sentia-se uma doce frescura vegetal.

Um cego pôs-se a tocar uma sanfona.

Drumond disse:

– Nunca me foi possível explicar a influência mórbida que tinha sobre meus nervos, quando criança, este instrumento... Em frente à nossa casa, havia um armazém, e, todas as tardes, quando ali se acendia a luz, um homem, sentado sobre umas sacas, tocava uma

sanfona. Eu não tardava em sentir-me invadido de uma melancolia, que me doía; agarrava-me às saias de minha mãe, punha-me a chorar, a soluçar. E, como não dizia por que chorava, minha mãe perdia a paciência, zangava. Gritava, sacudindo-me: “Arre! que criança manhosa!”... Havia, no entanto, pessoas que a aconselhavam a consultar um médico. Um dia, alguém lhe disse: “Esse seu filho não deve ser muito normal; deve ter uma tara”. E ela, aí se impressionou.

Drumond deu cinco mil réis ao cego, e, quando o criado apareceu com as travessas do almoço, recomendou-lhe que lhe desse também um prato de comida.

Estava ali o tutu de feijão com torresmos, o arroz solto, a carne de porco, a couve mineira, a abobrinha. Uma delícia!

Cada um deles serviu-se abundantemente; Drumond, comendo, enchia a boca. Exagerava rindo, com as bochechas estufadas. As feições contraíam-se-lhe, quando ele engolia; fechava os olhos.

– A nossa comida – disse – tem que ser comida assim. É feita para encher, para enfartar; a gente, quando sai da mesa, tem que sair pesada, sem o que a impressão que se tem é que não se almoçou. Ao passo que a comida francesa é uma comida só para “gourmets”, para ser saboreada a pequenos bocados. Come-se um prato à francesa, como se lê um livro, refletindo...

E, enquanto mastigavam, estabeleceu-se entre ambos um silêncio. Por fim, o dr. Lopo Vieira disse-lhe:

– Estou à espera da sua promessa, curioso por ouvir a história do drama íntimo de Indalécio.

Drumond exclamou:

– É verdade! Vou lhe contar.

Antes, porém, voltou-se para um vira-lata, que, sentado nas patas traseiras, não lhe desfitava um olho inflamado e purulento; um perdigueiro muito mal tratado, coitado, enrugado como um velho, de bochechas pendentes e enorme dentuça. Drumond atirou longe um osso, que ele foi roer debaixo de uma árvore.

Tornou a exclamar:

– É verdade!

E principiou de falar:

– A história foi assim: penetrei na vida de Indalécio por acaso, numa noite de Carnaval, no Términus. E o curioso é que nunca trocamos uma palavra, nunca fomos apresentados um ao outro...

E, como ele ainda retivesse, de memória, a história nos seus mínimos detalhes, à medida que a foi narrando, emprestava-lhe, graça ao seu surpreendente poder evocativo, o

relevo de um colorido quente, realista, que a tornava enormemente interessante. O dr. Lopo Vieira bebia-lhe as palavras.

Quando chegara ao Términus, o baile ainda não havia começado; ele estava só. O amigo, que devia acompanhá-lo, não fora. Ao passar pela sala de leitura, transformada em bar, deu com um grupo de máscaras, que lhe fez uma recepção ruidosa. Bebiam, sentados em sofás e poltronas de couro, em torno de uma mesa. Puseram-se de pé. Tentaram carregá-lo no ar. Uma mulher, de dominó cor de rosa, com uma meia máscara de cetim, que lhe deixava à mostra uma linda boca com uns lindos dentes, perguntou-lhe em voz de falsete:

– Você me conhece?

E ela mesma respondeu-lhe:

– Não, você não me conhece, e, por isso mesmo, tome!

E, abraçando-se-lhe ao pescoço, deu-lhe um beijo.

Houve um – “Oh!” – geral, seguido de um pic-pic pelo homem de sorte que era Drumond.

Quando o alarido cessou, ela ainda disse:

– Há muito que eu tinha vontade de fazer isso.

Drumond, com os lábios dela impressos em rouge na face, assanhado com a brincadeira, exigia-lhe, agora, um beijo na boca, e fazia por abraçá-la. Ela, porém, desvencilhando-se, lutava com ele, debatia-se:

– Não, na boca não. Na boca não. Será para uma outra vez.

No grupo, já bastante tocado, estava o Carvalhosa, travestido de palhaço, com a cara muito caiada e uma estrela de prata na testa. Era um tipo divertido. Tinha as maçãs do rosto salientes, o nariz pontudo, uns olhos redondos e expressivos, que se acendiam, brilhavam arregalados, quando ele falava. O Carvalhosa era formado em medicina, assistente do Professor Coutinho. Nessa noite, a todos a quem se dirigia, repetia, cambaleante, com a língua lassa, acentuando as palavras e principalmente os advérbios, cujas sílabas espaçava:

– Eu trabalho como um burro quan-ti-ta-ti-va-men-te e não qua-li-ta-ti-va-men-te. E bebo também quan-ti-ta-ti-va-men-te e não qua-li-ta-ti-va-men-te.

E, casquinando risadas, arrumava tapas no ombro do seu amigo Bob – um inglês seco, descarnado, de pescoço comprido, e aspecto melancólico, que dava sempre a impressão de que ia vomitar.

Como passasse por eles a Marianinha Pé de Anjo, levando consigo um séquito de fãs, muito saltitante, a esboçar passos de dança, com um guarda-solinho de papel, que oscilava no ar, a mão esquerda fincada na cintura, o Carvalhosa arregalou os olhos, fazendo-se pasmado:

– E não é que ela tem fôlego de gato?!... Ainda, anteontem, apareceu lá no consultório com um troço complicado. Foi lá fazer um exame da trompa...

Bob perguntou-lhe:

– Que tromba é essa?!

O Carvalhosa respondeu, explicando-lhe:

– Tromba não, seu burro! Trompá!... Tromba é de elefante.

E acrescentou:

– Eu não digo sempre que inglês é burro?!... Não sei como é que eles vão ganhar a guerra!

E bateu palmas, acenou, chamando pelo criado:

– Psiu! Olhe cá!

O criado aproximou-se.

– Que espécie de champanha tem você aí?

– Champanha portuguesa.

– Mas, boa?

– Sim sr., da melhor.

– Então, traga uma garrafa da seca, extra-dry, e uma garrafa de cerveja preta.

Voltando-se pra Drumond, que se sentara entre ele e uma mulher, que se aninhava nos braços de um homem, ambos de dominó, cochichando, o Carvalhosa disse-lhe:

– Vou tomar, agora, um veludo: champanha misturada com cerveja preta. Não há nada melhor, depois de um meio litro de uísque, como eu tenho aqui no bucho!

E, arregalando os olhos, batia com gozo no estômago:

– Deixa a gente estratosférico!

E berrou:

– Viva a pândega! Viva a folia!

Sobreveio-lhe, porém, um acesso de tosse. Uma tosse rouca, convulsiva, estrangulada, que lha abalava o tórax, lhe fazia vibrar o corpo inteiro.

Quando cessou, Drumond disse-lhe:

– Caramba! Que tosse! Você até ficou corado!

Ele resmungou:

– Qual tosse, nada! Uma tossinha vagabunda. Você não sabe o que é tosse. Tosse tive eu há tempos, de acordar vizinho! Agora, esta não. Estou completamente curado. Pela manhã, quando expectoro, é um catarrinho verde, bonitinho, todo cheio de não me toques, com trejeitos de invertido... Até fico com pena dele...

E, falando, requebrava-se. Berrou de novo:

– Viva a pândega! Viva a folia!

Drumond perguntou-lhe:

– Por que você não aparece mais lá no clube?

Ele mudou de cara:

– Admira-me que você me faça uma pergunta dessas!...

– Por quê?

– Ora, por quê?! Porque aquilo não é mais clube. Há muito que deixou de ser clube. A concepção que eu tenho de um clube é a mesma que tem o inglês. O clube deve ser um prolongamento do nosso lar. E aquilo não é mais prolongamento de coisa alguma... Uma vez, – nunca me hei de esquecer, foi nos bons tempos, – tomei um porre, e destripei lá o mico no tapete da sala de leitura. Pois, ninguém me censurou por isso; ao contrário, fui carregado para um sofá, tratado com todo o carinho, como se fora na minha casa... Assim, sim!... Agora, aconteça-lhe uma dessas, e você verá! Fazem-lhe o mesmo que fizeram com o Wenceslau. A mim não me fariam, porque o porco sabe em que pau se coça...

E, em seguida a uma pausa, prosseguiu:

– Também, não vou lá mais, por causa da gente que entrou ultimamente. Uma gente esquisita! Muita cara que não vai comigo...

E berrou num escarcéu de alegria:

– Viva a pândega! Viva a folia! Façam como eu, que sou otimista! Quero morrer pobre! Ganho 20! Gasto 22! Assim, ninguém deseja a minha morte! Toda a minha sobrinhada me quer ver vivinho! Viva a pândega! Viva a folia!

E, de pé, atirava os braços para o ar.

***

O hotel havia sido todo ele transformado numa caverna de Plutão; dir-se-ia arder em chamas, com os tetos revestidos de colgaduras encarnadas, as paredes forradas de painéis. Neles, viam-se, como nos afrescos de Orcagna, lembrando as descrições de Dante, os condenados ao suplício eterno, – os homens, contorcendo-se em momos e trejeitos, em esgares de espanto e terror, chuçados a ponta de lança por demônios chamejantes de alegria, uns de bochechas imberbes, outros de bigodinhos a Hitler. As mulheres, essas, então, muito a gosto, muito a vontade no inferno, gozavam o seu suplício de olhos piscos, seminuas, com os seios tumescentes, as mãos espalmadas, a oferecerem-se para o torvelinho de uma dança descabelada.

No salão principal, os músicos experimentavam os seus instrumentos; deles se desprendiam, numa cacofonia ensurdecedora, de envolta com o brouhaha da turba que, abalada de risos, ávida de prazer, enchia, agora, todas as dependências do hotel, sons agudos de trombone, como a vociferarem imprecações, escalas de flauta, de violões, de saxofone, ruídos de pandeiros, de reco-recos, de bombo.

Subitamente, fez-se um silêncio, e, logo depois, o baile teve início; rompeu um maxixe. O alvoroço foi geral. Toda aquela gente tomou-se de uma agitação desordenada, alucinante. Mergulhou na dança. Os pares, polvilhados de confete, emaranhavam-se nas serpentinas que se entrecruzavam nos ares. Aconchegavam-se muito entre si, sensualmente excitados, exaltados de desejos, semicerrando as pálpebras, ondulando os quadris em torções lascivas, em loucos remelexos como nos paroxismos da dança de S. Guido.

O grupo, no qual Drumond ingressara, mergulhou, também, na dança; ali, só ficaram, num canto do sofá, os dois máscaras, alheados a tudo quanto ia em derredor deles, como se, em derredor, se lhes alargasse a muda solidão de um palácio abandonado; estreitavam-se, sofregamente, um contra o outro, apalpavam-se, embebedavam-se do éter de uma bisnaga, que aspiravam por debaixo da máscara. E, a certa distância deles, de pé, muito ereto, permanecia um homem, de uma aparência bizarra, impressionante; lembrava um egresso de um asilo de alienados, com os cabelos esguedelhados, a cara desfeita, fina, oblonga, de um verde cor de limão, os lábios anêmicos a colarem-se-lhe de encontro aos dentes, a testa vincada, e, nos olhos estrábicos, uma rutilação vaga, obsidiante. De quando em vez, dir-se-ia que perdia o equilíbrio; dava passos em falso para trás, como sói acontecer, no início da moléstia, aos doentes de paralisia geral.

Drumond, segurando na mão da mulher que o beijara, enfiou pelo corredor, em direção ao salão principal; ali, agarrou-se nela, e meteu-se a dançar, levado, aos trambolhões, por toda aquela gente, que se comprimia, formava um bolo, uma massa polimorfa, heteróclita... O calor estava abrasador. Não havia quem não tivesse a roupa ensopada, as faces esfogueadas, gotejantes de suor. E os eflúvios, que o ambiente vaporava, tresandavam a refogado de sovaco, a cloretino de bisnaga, a toda sorte de essências baratas...

Drumond, falando no ouvido da mulher, insistia em perguntar:

– Você quem é? Diga-me!

E ela, com os olhos brilhantes através da máscara, respondia-lhe a sorrir, mostrando seus lindos dentes:

– Não adianta nada você saber... Para quê?!... Sou uma mulher como as outras... Uma mulher por quem você tem passado, muitas vezes, na rua, e nunca lhe despertou interesse...

– Mas, hoje, me está despertando.

– Ah! Isso é hoje, por causa da máscara, mas, amanhã, não despertarei mais.

E, como ali aparecesse, no desvão da porta, o homem de cabelo esguedelhado, que se pôs a contemplar a sala na mesma atitude imóvel, com a mesma rutilação vaga, obsidiante no olhar, ela disse-lhe:

– Não quero causar a você o mesmo transtorno que uma mulher causou ao pobre do Diogo... Você conhece o Diogo?... – e, apontando, mostrou-lhe o homem.

– Não, não conheço... É aquele o Diogo?... Quem é ele?... Tem uma cara de louco...

– Tem mesmo. E parece que está meio louco...

Como a música passasse, sem interrupção, do maxixe para um fox, ela pediu-lhe:

– Vamos descansar um bocado? Vamos ao bar? Está muito quente, e eu estou com muita sede...

O bar regorgitava, apinhadíssimo de uma rapaziada turbulenta, já muito bebida, que discutia num alarido ensurdecedor. Havia momentos que parecia que ia estourar um conflito. Divididos em dois grupos, eles desafiavam-se, ameaçavam-se, cerrando os punhos, dilatando os olhos. No meio deles avultava a cara romboidal de um homem muito vermelho, que vociferava. Surdos ao que ele dizia, eles empurravam-no, arremessavam-no, como uma bola, de um grupo para outro; desmanchavam-lhe o penteado, friccionando-lhe a cabeça. E, por fim, tudo se resolvia em prolongadas gargalhadas sacudidas, enquanto a voz do Carvalhosa, em guinchos estridentes, berrava: – “Viva a pândega! Viva a folia!”

Drumond indagou:

– Você que toma?

– Um uísque!

– Dois uísques! – disse ele a um criado, acenando-lhe com uma nota de cinquenta cruzeiros para a aquisição de cartões.

Quando o criado trouxe os copos, eles resolveram ir beber longe do bar; sentaram-se a uma mesa isolada, de onde podiam apreciar o movimento do hotel, sem serem incomodados.

A mulher disse-lhe:

– Você que é romancista deveria aproveitar o caso do Diogo. É digno de um romance.

Drumond, sacudindo a cabeça, negou:

– Eu não sou romancista...

– Como não é romancista?! Você escreve...

– Escrevo nada; rabisco umas coisas como todo o mundo rabisca no Brasil.

E acrescentou, em seguida a uma pausa:

– O Brasil sempre foi a terra da literatice. Entre nós, não há quem não tenha a mania das letras. No nosso firmamento literário, contamos, sem dúvida, com grandes nomes, mas são relativamente poucos, quanto ao que por aí campeia... tudo bagaceira!... pura literatice!... E tende a piorar, agora que o indivíduo se meteu a querer fazer das letras profissão... Em outros tempos, o Brasil imitava a França. Na França, fazia-se arte pela arte, e não pelo dinheiro. Muitos dos seus homens de letras morriam na miséria, mas, em compensação, deixavam obras-primas que os imortalizavam. Hoje, o Brasil imita a América

do Norte. O escritor, lá, vale pelo *best seller* que alcança, pelos dólares que ganha. Ora, sendo assim, era preciso que, aqui, também assim fosse. E é o que fomentam os nossos editores, que são, na sua maioria, uns ganhadores, uns exploradores de marca, aliás, como acontece em todos os países... Em torno de qualquer borracheira, que lançam no mercado, fazem um reclame por tal forma estrondoso, que o público tem forçosamente que cair no conto do vigário; e só reconhece que caiu depois de estar de posse da mercadoria... Nunca me hei de esquecer do que dizia um menino, queixando-se à mãe: – "Puxa, mamãe, que porcaria de livro! Sabe a sra, o que ele lembra? Aquele sapato que a sra. me comprou na rua 15 de Novembro, que era tão bonito na vitrine, e, no pé, deformou; que, nos dias de chuva, parecia que a sola era de papelão, ficava todo encharcado...

A mulher, porém, pouca atenção ligava ao que Drumond dizia; estava impaciente. Esticava o pescoço, alongava os olhos na direção de Diogo. Subitamente, como que tomada de um susto, exclamou, apertando as mãos na cabeça:

– E não é que ela apareceu?!... Que louca! Se soubesse o perigo que vai correr na companhia dele!...

Drumond dilatou os olhos e perguntou-lhe:

– Ela quem?!... Quem vai correr perigo?!

– A mulher da máscara. A mulher causadora da loucura de Diogo.

Drumond aprumou-se na cadeira. Tentou, também, divisar Diogo, olhando na direção em que ela olhava. Depois, ambos se puseram de pé. Ele pediu-lhe:

– Explique-me isso melhor!

– Para quê?!... Você já me disse que o caso de Diogo não o interessava...

– Eu não lhe disse tal... Eu disse-lhe que não era romancista, e, de fato, não sou romancista.

– Pois aquela mulher que você está vendo!... aquela que está dançando com ele!... – (e ela apontou-a com o dedo) – Olhe! lá vão eles... Repare na máscara dela!... É a mesma máscara que usava o ano passado... Uma máscara curiosa que atrai a gente!... Parece que está rindo a todos que olham para ela... Tem o narizinho rebitado, a bochecha direita ligeiramente inchada... Pois, aquela mulher...

E ela interrompeu-se para dizer ainda:

– ... quando eles pararem de dançar, você verá como ela é graciosa, como é elegante no andar; tem um corpo que é um assombro!...

E prosseguiu:

– Aquela mulher é, para nós, um mistério! Até hoje, ignoramos quem ela seja. O ano passado, esteve aqui conosco, no Términus, a noite toda; agarrou-se a nós. De madrugada, saiu com Diogo; foi dormir com ele no Rex Hotel, onde ele mora, e, apesar de terem

dormido ambos na mesma cama, ele a conhece tanto quanto nós... Imagine você que não viu a cara dela!

– Como assim?! – exclamou Drumond, esgazeando os olhos, admirado.

– É como lhe digo! Não viu a cara dela, dormindo com ela na mesma cama, porque, ao chegarem ao Rex, ele não consentiu que ela tirasse a máscara. Pediu-lhe que o deixasse para depois, quando estivessem deitados e as luzes apagadas... E foi como ela fez!... No dia seguinte, ao acordar-se, à tarde, ele voltou-se de um lado e de outro, e, como a não encontrasse, sentou-se na cama, ficou, um momento, como que apatetado, alucinado, imaginando que tudo aquilo não houvesse passado de um sonho... Sobre o criado-mudo, porém, encontrou um bilhete escrito a lápis, assim redigido: – "Vou me indo, que é tarde. Adeus, meu amor. Agora, só no ano que vem. Não deixe de ir ao baile do Términus. Que saudade! Pena é que você se tivesse apaixonado pela minha máscara e não por mim. Será que você não se esquecerá de meus beijos?!"... Ora, dos beijos dela é que ele jamais se pôde esquecer. Ignoro que convulsa compressão tinham eles, que espécie de veneno destilavam. Sei que Diogo, até hoje, toda vez que se refere à úmida quentura dos lábios dessa mulher, quase perde os sentidos... E passou o ano todo à espera deste dia; tornou-se-lhe uma verdadeira obsessão. A começo, tinha necessidade de contar a todo o mundo a sua aventura; depois, subitamente, silenciou; isolou-se. Ficava, horas, calado, olhando para um ponto fixo. E, aos poucos, se foi desleixando da sua toalete, ele que era tão cuidadoso com a sua pessoa. Os lábios secavam-se-lhe; para os umedecer, ele passava constantemente a língua por eles... Uma vez, voltou-se para mim e olhou-me fixamente com um olhar desvairado, que me impressionou; disse-me: – "Se, um dia, eu a apanho de jeito, você verá! Ela não me sairá viva das mãos!"

***

– E ela não lhe saiu viva das mãos!... – repetiu Drumond, após haver evocado, por essa forma cinematográfica, ressuscitando, como num filme, aos olhos pasmados do dr. Lopo Vieira, todas as personagens que viveram, se agitaram, naquela estonteante noitada de Carnaval no Términus.

E prosseguiu:

– Na quarta-feira de cinzas, os vendedores dos jornais da noite apregoavam, aos berros, o fim trágico que tivera a esposa do industrial Indalécio de Aguiar, encontrada pela criada, ao levar-lhe o café, estendida, nua, no quarto de banho da sua residência, à rua Peru, no Jardim América, asfixiada pelo gás... Sobre o fato pairava um mistério, que a polícia não conseguiu desvendar. É que a chave do aquecedor fora encontrada, no bidê repleto d'água, sob uma esponja, e a chave da porta do quarto de banho na fechadura, do

lado de fora. É verdade que a criada, submetida a rigoroso interrogatório, afirmou, peremptoriamente, que abrira a porta sem esforço, sem dar volta à chave, o que provava que o trinco não estava fechado. Mas, mesmo assim!... Por que havia de estar a chave do aquecedor dentro do bidê repleto d'água, sob uma esponja, e a da porta na fechadura do lado de fora?!... Embora a vítima houvesse sido encontrada tombada junto da porta como se tivesse tentado sair, empurrando-a, e não o conseguisse, a polícia pouca importância ligou a isso. Encerrou o inquérito, considerando o fato um mero acidente. A vítima, provavelmente, sentindo-se asfixiada, havia perdido os sentidos, enquanto o escapamento se avolumava...

O dr. Lopo Vieira perguntou-lhe:

– E essa mulher seria, acaso, a mulher do Términus?...

– Era ela mesma, pois não, a tal do Diogo...

O dr. Lopo Vieira perguntou-lhe ainda:

– E era, então, casada com Indalécio de Aguiar, o homem que vimos suicidar-se naquela célebre noite, aí no Cassino?

– Perfeitamente! – acenou Drumond com a cabeça.

– E como souberam que era ela?...

– Pela máscara... Um repórter, fazendo literatura, ou, melhor, literatice, descreveu, com superabundância de detalhes, o quarto de dormir... dizia que a vítima devia ter recolhido, tarde, de um baile de Carnaval... provavelmente do Términus ou do Odéon... o seu dominó estava amontoado no chão... sobre uma mesa, via-se uma máscara que sorria, e ele, impressionado com o sorriso da máscara, referia-se à bochecha dela, ligeiramente intumescida...

– E o marido onde estava?

– Em Porto Alegre. Chegou, num avião militar, ainda a tempo de assistir ao enterro... E, ao que parece, não pôde dominar o seu desespero; chorou copiosamente como uma criança, descabelou-se... Eu soube disso pela mulher com quem eu havia dançado no Términus, que, afinal de contas, não passava da amásia do Carvalhosa, – a Belém; não sei se o sr. a conhece? Frequentes vezes, jantamos depois juntos. Disse-me ela que Indalécio sabia perfeitamente da vida crapulosa que levava a mulher, mas fingia ignorá-lo; aquilo o excitava. E ele tinha por ela um "rabicho" doido, tanto que não lhe pôde sobreviver. Pôs-se a beber, a jogar, perdeu tudo quanto tinha, e, por fim, suicidou-se.

– E ela?... a mulher?... asfixiou-se ou foi asfixiada?...

– Foi asfixiada por Diogo, que está, hoje, internado no Pinel, de onde nunca mais sairá...

***

No dia seguinte, Drumond, aproveitando o "gasogênio" do Prefeito, voltou para S. Paulo.

VIII

SIC TRANSIT GLORIA MUNDI

"Il faut toujours tendre à la perfection, et alors cette justice, qui nous est quelquefois refusée par nos contemporains, la postérité sait nous la rendre."
La Bruyère (*Les Caractères* – "Des ouvrages de l'esprit")
"Incapable de 'longue haleine', je lis par-ci, par-là, et j'écris par-ci, par-là. Mais je crois bien que c'est la destinée du véritable artiste."
Jules Renard
"Negar a possibilidade de trabalhar as emoções é desconhecer a arte de saber sentir."
Andrade Lima (*Boneco de Louça*)
Romance adquirido por Cr$ 1,00, na rua Quinze, entre livros velhos amontoados na calçada.

Nelson Furtado, ao levantar-se, costumava tomar o café na copa, e ler ali os jornais. Nessa manhã, depois de percorrer os telegramas da guerra, estacou, surpreendido ante a inesperada notícia do falecimento do professor Sévigné-Vieira.

Não se podendo conter, foi para o corredor. Gritou para cima:

– Fany! Fany!

Fany respondeu-lhe com uma voz fanhosa, espremida:

– Que ééé?... Espere um pouco? Já vou.

Ouviu-se, depois, uma descarga d'água no banheiro, e a porta que bateu. Fany apareceu aconchegando o peignoir no peito, dando um jeito ao cabelo.

Nelson disse-lhe:

– Sabe você quem apitou na curva esta noite?... O Sévigné-Vieira.

– Sévigné-Vieira morreu?!... – e ela arregalou os olhos: – Como foi que você soube?

– Agora, pelos jornais.

– Algum desastre?

– Não, provavelmente um colapso... na idade dele...

Fany desceu a escada, apoiando-se ao corrimão, mostrando-se pesarosa. Lamentou:

– Coitado! Bem se diz que, para morrer, basta a gente estar viva... Não faz uma semana... quando foi?... Foi trás-anteontem, na terça-feira, eu vi-o na rua Marconi, diante da vitrine de uma livraria... Achei-o desfigurado, com a cara muito amargurada... Também – pudera! – casado com aquele estrepe da Zulmira...

E ela encarquilhou o rosto num trejeito de tédio:

– Uma mulher velha, sem compostura, uma eterna sirigaita, sempre com aquela mania de querer bancar a ingênua, toda cheia de mimos, de "caídos" para os homens, a sorrir-lhes, piscando-lhes um olho úmido, com a cabeça inclinada sobre o ombro, mudando de voz... Há ocasiões em que ela fala com uma vozinha tão fina que parece uma criança. Nunca vi

mulher mais indecente, mais debochada. Não pode dizer coisa com coisa que não venha logo um despropósito...

Nelson exclamou:

– Arre, também! Não é tanto assim! Coitada da Zulmira! Você, quando não gosta de uma pessoa, caramba!

Fany irritou-se:

– Lá vem você com a ladainha de sempre, que eu não gosto da Zulmira, que eu detesto a Zulmira. Eu lá me importo com a Zulmira?!... Estou falando por causa do falecimento de Sévigné-Vieira, que francamente foi um coitado, um desgraçado... Quando a gente pensa que, dos cinco filhos do casal, somente dois são dele!... E devo confessar que são aqueles com quem eu menos simpatizo: a Graziela, que puxou a mãe em tudo, no gênio, no modo de ser: é a Zulmira escrita e escarrada, e o Floripes, um mulatinho pernóstico, vaidoso...

Nelson acudiu:

– Aliás, como acontece com todo mulato, como acontecia com o pai. O maior bluff que conheci!

Fany protestou:

– Bluff, não sr.! Você diz que eu não gosto da Zulmira, e você, então, – que direi eu? – em relação a Sévigné-Vieira, que você sempre procurou diminuir; meu pai revoltava-se com isso, achava-o um homem de real merecimento, notável mesmo. Sim sr., notável!... Meu pai fez parte da banca examinadora do concurso em que ele foi classificado em primeiro lugar...

Nelson encolheu os ombros, contraindo as sobrancelhas:

– Ora, ora, ora, pelo amor de Deus! Não me venha mais com isso, com o concurso do professor Sévigné-Vieira – (e acrescentou:) – de La Rochefoucauld! É verdade! Ele tem ainda La Rochefoucauld no nome. Houve um tempo que suprimiu. Hoje, é como está no “Estado”.

E Nelson riu um riso escarninho:

– Imagine-se que despropósito! Coisa semelhante só no Haiti! Lá é que todo mestiço se chama Corneille, Racine, Malebranche, Washington, Lincoln, Napoleão Bonaparte...

Fany, que se mostrava agastada, preferiu silenciar. Ela habituara-se a querer e a respeitar Sévigné-Vieira, que fora colega e íntimo amigo de seu irmão Paulo, e seu professor em menina; crescera, vendo-o sempre frequentar a casa.

Murmurou apenas:

– Como se ele tivesse culpa disso... – e tomou do “Estado”, pôs-se a ler o necrológio.

Nelson contraveio:

– Bem sei que ele não tinha culpa, é boa! Não foi ele que escolheu o nome para si. Segundo ouvi seu pai contar, e ouvi-lhe frequentes vezes, foi o cônego Eufrásio quem o

rotulou por essa forma, assim tão pomposamente. Maria Inácia Vieira era como se chamava a mãe dele. Uma mulata, de alta trunfa, cor de jambo, com uns olhos de um verde líquido, os dentes muito brancos. Vivia amasiada com o ferragista português Bento das Dores, vulgarmente conhecido por “Cara Suja”. Como ela morresse de parto, e Bento das Dores não pudesse reconhecer o filho, por ser casado, o cônego Eufrásio, homem de gênio folgazão, com fumaças de intelectual, disse-lhe para o consolar: – “Não faz mal. Vou fazer de seu filho um grande homem.” E, ao batizá-lo, acrescentou-lhe Sévigné no nome, em memória da madame de Sévigné, cujas cartas o deliciavam naquele tempo, e La Rochefoucauld, por causa das “máximas”, que ele tinha o vezo de citar... Agora, o que o cônego jamais pudera prever é que, um dia, Sévigné-Vieira, manifestando tendência para o estudo, estudasse e se formasse, e, sem ser um gênio...

Fany mordeu o beiço:

– Lá vem você outra vez...

– Perfeitamente! Sem ser um gênio, isto é, uma águia, não digo “um águia”, que isso ele sempre foi muito esperto, se visse guindado à elevada situação a que se viu, graças ao tão decantado concurso que fez, bastante protegido por seu pai, e, muito principalmente também, graças à sorte que teve de casar com a Zulmira...

– Sorte?! – objetou Fany, levantando a cabeça do jornal e olhando-o muito a fito nos olhos: – Você está caçoando?!...

– Eu caçoando?! Por que caçoando?!... Você se esquece que a Zulmira é uma Araújo Monteiro, gente da melhor estirpe de nossa terra.

– Uma aventureira é o que ela é! O que sempre foi! Ela não casou com ele, você bem sabe; casou com o dinheiro dele. Bento das Dores, quando morreu, havia enviuvado, e deixou-lhe tudo quanto possuía – cerca de oitocentos contos, que, naquele tempo, representava uma fortuna considerável!

E Fany repetiu:

– Uma aventureira é o que ela é!

– Enfim, seja lá o que for, pouco importa! – sacudiu Nelson os ombros. – Eu não discuto as virtudes, nem os defeitos dela. Mas, o que é verdade é que ele – (um bastardo e de que extração!) – casando-se com ela, casou com uma Araújo Monteiro! Que foi graças a ela, às suas relações de família, que ele teve entrada na sociedade...

– Antes o não tivesse tido...

– Por quê?... se era o maior desejo dele, o que ele mais ambicionava, vaidoso como era, ombrear com toda essa gente...

– E o que diziam dele pelas costas?!...

– Ora, o que diziam dele pelas costas! Diziam o que se diz de todo o mundo pelas costas!... Você não conhece o ditado francês – *“qui parle dans mon dos, parle à mon*

derrière" ?... Tanto ele não se incomodava com isso, que a Zulmira sempre fez o que muito bem entendeu. Os amantes que tinha, ou aqueles que lhe apontavam, ela os tinha às claras...

E, subitamente, Nelson deu uma ligeira palmadinha na testa:

– Homem, por falar em amantes da Zulmira, deixe-me telefonar a Drumond...

Fany rosnou:

– Está aí um que agiu infamemente com ele!

Nelson protestou:

– Infamemente nada!

– Infamemente, sim sr.! – insistiu Fany. – E tão amigo que se mostrava dele!...

Nelson retrucou:

– ... se mostrava não; Drumond sempre foi muito amigo dele. Que me conste nunca houve nada entre ambos. Sempre os vi tratarem-se muito afetuosamente.

E, fazendo uma pausa, reatou com outra entonação:

– Olhe! Estou certo de que Drumond, se ainda não teve notícia do falecimento dele, vai ficar penalizadíssimo.

E dirigiu-se para o telefone; Fany lembrou-lhe:

– Não adianta nada você telefonar. Ele não está em São Paulo.

– Está sim; chegou ontem, de Caldas. Eu estive com ele na rua da Conceição, à porta da casa de apartamentos em que ele está morando agora, que pertence – é verdade! – precisamente a Sévigné-Vieira. Um prédio novo. Diziam até que Sévigné-Vieira havia reservado, para si e para a família, os dois últimos andares. Depois, mudou de ideia.

E discou os números:

– Alô... Alô, alô! quem fala?... É você Drumond?... Aqui, sou eu, Nelson!... Você como vai? Como foi de ontem? Encontrou tudo em ordem? A criada estava à sua espera?... Telefonei para indagar se você já sabe da notícia? Da morte de Sévigné-Vieira?... Ah! já sabe? Soube ontem? Quem foi que lhe contou?... O Carlos Norberto? E você não ficou com pena dele?... Muita, não é assim?... É o que eu estava dizendo aqui à Fany... Fany vai bem!

E Nelson silenciou em seguida, ouvindo e sorrindo o que Drumond falava. Por fim, deu uma grande risada:

– É louca! Tem cada ideia!

Fany mostrou-se curiosa; chegou-se a ele:

– Que foi?

Nelson afastou-a de leve, com a mão:

– Espere um pouco!

E continuou a ouvir, sempre com uma cara de riso; por fim, fez-se sério, disse:

– Não, agora não posso; tenho, hoje, muito que fazer no escritório. Irei lá apenas uma meia hora antes do enterro, fazer ato de presença. Ao cemitério, também não vou; é muito longe. É no cemitério São Paulo. Se você puder passar pelo escritório, é favor! Aceito, como não! O enterro é às cinco horas. Esperarei às quatro e meia, em baixo, na porta... Você passa então?... Está muito bem!... Merci!... OK.

E desligou.

Fany perguntou:

– Que foi que ele contou?...

Nelson disse:

– Que soube do falecimento de Sévigné-Vieira, ontem, à noite, ao sair do Ipiranga, e deu um pulo até lá; esteve conversando com a Zulmira, que não podia disfarçar o seu alívio. Ela disse-lhe, em particular, que Sévigné-Vieira, por uma vez, não se enganou de hora. Esticou a canela na hora H!

– Ela disse isso?!

E o rosto de Fany contraiu-se num assomo de indignação:

– Mulher torpe!

Nelson prosseguiu:

– Ao que parece, solucionou-se, por essa forma, uma situação que se estava tornando intolerável; ele, ultimamente, se havia compenetrado demasiadamente da sua importância, e andava “pau pra burro”! – foi o que ela disse textualmente a Drumond, acrescentando que, por cima, ele sofria de uma asma cardíaca pavorosa, que a não deixava dormir, e meteu-se-lhe a fazer, ultimamente, cenas de ciúme, – coisa que nunca fizera! Ele que se mostrara sempre tão condescendente com a vida que ela levava, começou a tornar-se recalcitrante, desagradável. Eram discussões desde pela manhã... Uma semana mais e seria um escândalo, porque ela, positivamente, ia deixá-lo. Estava disposta a romper com os próprios filhos se necessário fosse. Mudar-se-ia, com armas e bagagens, para a companhia de Dramaturgo Novais...

Fany, sem compreender o que aquilo significava, perguntou-lhe com o rosto sempre fechado, possuída de indignação:

– Que história é essa agora?!... Depois de velha, ela ia entrar para o teatro, e na companhia de um dramaturgo?...

– Não, nada disso! – sacudiu Nelson a cabeça, e explicou: – Dramaturgo Novais é como se chama um desses muitos aventureiros, que vieram agora aqui para São Paulo para fazer a América, de costeletas e polainas, sempre com um charutão entre os dedos, falando o português com sotaque espanholado. Muito cheio de si e de dinheiro. Um testa de ferro, possivelmente, de alguma *societa sceleris*. Porque, de onde lhe vem o dinheiro, ninguém sabe. É um mistério! Coisas da época!... Ele tem comprado o diabo; e não discute preço;

paga o que lhe pedem. Comprou duas fábricas de tecidos, uma laminação, muitos terrenos, diversos prédios na cidade... inclusive o de Sévigné-Vieira, onde mora agora Drumond; pagou por ele oito mil contos, com a condição de que Zulmira recebesse, pessoalmente, para ela, no ato da venda, dois mil contos, que lhe foram pagos em títulos ao portador...

– Será isso verdade?

– Foi o que Drumond me contou agora... Zulmira ainda se gabou, dizendo-lhe: – "Recobro finalmente a minha liberdade. Um pouco tarde – é verdade! – mas, que importa, se vou ser feliz! Vou ser feliz, porque tenho direito à felicidade! Nada me pesa na consciência. Fui sempre boa mãe! E boa esposa a meu modo, porque, com as cabeçadas que dei, fui o maior elemento de sucesso na vida de Vieira! Ele, – um egoísta, um ególatra, – não teria sido, em grande parte, o que foi, se não fosse eu... Vou ser feliz, porque nunca encontrei na vida alguém que me quisesse tanto como Dramaturgo Novais. Ele tem loucura por mim! E tem sido generosíssimo para mim!"

Nelson, falando assim, acrescentou muita coisa por sua conta, que Zulmira não pronunciara, só para irritar Fany, cujos olhos chamejavam. Ela conteve-se para não esbravejar! Repetiu:

– Mulher torpe! Mulher infame!

Nelson alçou a cabeça para o relógio na parede. Exclamou:

– Como é tarde, safa! Oito horas já! Vou tomar meu banho, fazer minha toalete... Hoje, não venho almoçar; almoço na cidade. Estou abarrotado de serviço.

E inquiriu:

– Você, certamente, vai lá passar o dia?

– Vou, sem dúvida, mas vou bem contra a minha vontade, confesso. Vou pela Teteia, que é minha afilhada. Ela estranharia se não me visse. Ficaria sentida, coitadinha!... E dizer que ela ignora que não é filha de Sévigné-Vieira! Não sabe que o pai dela é o Jovita, jogador do Palestra, que vendia pules aos domingos, no prado do Jóquei Clube...

– Não é o Ariosto?

– Não, o Ariosto é pai da Isaura; o caso do Ariosto foi na Europa, em Genebra... Da Teteia é o Jovita...

E, como Nelson balouçando ligeiramente o corpo, se dispusesse a galgar a escada de dois em dois degraus, Fany deteve-o, dizendo-lhe:

– Você, por certo, não leu a notícia toda, ou se leu, leu por alto...

Nelson voltou-se para ela. Confirmou:

– De fato, não li. Você não se refere à notícia da guerra, à vitória dos russos?

– Não; refiro-me ao necrológio de Sévigné-Vieira.

– Não, não li. Ler para quê? Estou mais que farto de conhecer a vida dele.

– Mas, há uma coisa que você desconhece, que eu mesma ignorava. É que ele começou a vida como dentista. Teve um gabinete dentário em Araraquara. E é por isso que, no cemitério, vai falar um professor da Escola de Odontologia...

Nelson regalou os olhos:

– Há, na notícia, referência a oradores?!

– Há, pois então! O enterro dele vai assumir as proporções de uma consagração. E é natural! Porque, ele, além de professor, foi político e foi diplomata; sempre teve muitos amigos. Como político, sabia acomodar-se a todas as situações, aliás como todos os políticos, no que meu pai nem sempre estava de acordo. Desculpava-o, porque eram muito amigos. E, como diplomata, tomou parte em diversos congressos, em Roma, Londres, Paris, Berlim, Haia, Genebra...

Nelson interveio:

– É preciso também não esquecer as relações da Zulmira, no meio social. São numerosíssimas. Todo o *high life* lá estará...

Fany, a esse respeito, não respondeu; atalhou:

– Em nome do Instituto dos Advogados, falará Jericó, e, em nome da Universidade, o professor Tancredo Lima.

Nelson, surdeando a voz, monologou:

– Esse, eu não conheço, mas já ouvi dizer que é um cavalo; é o professor mais entupido da escola.

E, por fim, ele subiu a escada, de dois em dois degraus, rapidamente.

Fany, de baixo, ainda insistiu, recomendando-lhe:

– Olhe! Escute! Você não deixe de ver, ao menos por curiosidade, a lista das condecorações dele. Você não imagina que colosso! Como aumentou!

Nelson voltou-se no patamar:

– Imagino, como não! Era a mania dele. Ele vivia à caça delas. Costumava chamar – “as minhas veneras”.

E sorriu-se:

– Um dia, d. Tudinha, ouvindo mal o que ele dizia, impressionou-se. Foi indagar da Zulmira, em segredo, se ele havia apanhado alguma moléstia feia...

***

Nelson trabalhava na rua 24 de Maio, num sexto andar. À hora combinada, ele desceu. Foi para a porta esperar Drumond, que não tardou em aparecer, guiando um Chevrolet.

– Ora, até que enfim! – disse ele. – Custou, mas você se convenceu! Hoje, quem não tem gasogênio, está perdido.

Drumond respondeu sem entusiasmo:

– É! Serve...

E, quando partiram, contou-lhe:

– Vi Fany, depois do almoço, num táxi, no viaduto; mas, ela não me viu.

– Ia para a casa de Sévigné-Vieira... – disse Nelson, e, após breves instantes, considerou: – À medida que o tempo passa, compreendo cada vez menos as mulheres... Vou me convencendo de que a amizade entre elas não é possível, não existe; quando não se odeiam de verdade, detestam-se, cordialmente, entre si...

– Por que diz você isso?

– Pela birra que elas têm à Zulmira. Fany é impressionante. Não a pode nem ver. Tudo nela a aborrece.

Drumond pensou:

– Com efeito! Elas não a podem suportar; odeiam-na!... Mas, concluir-se daí que a amizade não existe entre as mulheres, que todas elas se detestam cordialmente entre si, como diz você, é demasiado exagero. Elas odeiam a Zulmira, isso sim. Odeiam-na por despeito, pelo ciúme que ela lhes desperta, por sentirem que a Zulmira é muito mais mulher que elas. A Zulmira pertence a uma casta de mulheres – "cem por cento mulheres" – como escrevia Musset a propósito de George Sand: *"C'est encore la femme la plus femme que j'aie jamais connue"*. Mulheres nascidas para o amor. Exclusivamente para o amor. Mulheres que têm o dom de nos inflamar, que todos nós, homens, cobiçamos.

E Drumond interrompeu-se. Buzinou, acelerando a marcha do carro, para passar na frente de um ônibus, que lhe atravancava o caminho. Prosseguiu em seguida:

– É um fenômeno curioso. Fenômeno que, frequentes vezes, tive a ocasião de observar na Europa, nos chás elegantes do Ritz, em Paris; em Londres, no Savoy... Se aparecia uma mulher, meu tipo de mulher, sim porque todos nós temos, mais ou menos, um tipo de mulher que nos agrada, eu e mais uma meia dúzia de indivíduos por ali, cujo tipo era o mesmo, nos sentíamos atraídos por ela, mas era só!... ela não produzia propriamente sensação na sala, por mais elegante que fosse; uma voz ou outra, podia elevar-se gabando-lhe a toalete, um dedo a apontá-la: – "Bonita aquela mulher!"... Mas, era só!... E não tardava em perder o interesse, em desaparecer, misturando-se com as demais... Subitamente, porém, quando menos se esperava, lá surgia, então, como a desabrochar em meio de uma atmosfera de inebriante poesia, uma daquelas esplêndidas flores aguilhoantes de voluptuosidade, destinada à vertigem de todos os pecados, de todos os delírios. A sala emocionava-se; os olhares convergiam acesos para ela. E enquanto as mulheres babavam a sua inveja, mostrando-se desdenhosas, os homens babavam ofegantes de desejo... Essa

era o tipo da mulher capaz de nos transtornar a todos, de nos levar a todos, indistintamente, à demência e à morte...

Nelson voltou-se para ele:

– Você quer dizer com isso, que a Zulmira é uma mulher nesse gênero?...

– Mais ou menos.

– Você sabe que ela já ultrapassou, de muito, os quarenta anos?

– Sei. E que tem isso, se ela está admiravelmente conservada, não perdeu o charme que tem?

– Não é o que diz Fany.

– Isso é lá a Fany. O único defeito que ela tem, a meu ver, é ter tido muitos filhos, e os filhos terem crescido. Quando a gente olha para o Floripes, hoje um latagão, e se lembra que ele é filho dela, decepciona um pouco. Quanto ao resto, ela não mudou... Ainda, ontem, vendo-a, a certa distância, enxugar uma lágrima de encomenda, achei-a encantadora...

E Drumond fez-se de tolo. Acrescentou:

– Não sei que foi que se lhe passou pelo espírito. Sei que ela me piscou vagamente, e depois olhou para o sofá no canto da sala.

Nelson, ouvindo-o falar no sofá, emocionou-se, e, não podendo dissimular a sua emoção, falou com a voz ligeiramente engasgada, gaguejando:

– Eu, eu bem sei qual é o sofá...

Drumond explicou:

– Aquele grande.

– Eu, eu sei... aquele grande, cinzento...

Ao penetrarem na rua da Glória, pelo largo 7 de Setembro, eles avistaram os automóveis que se enfileiravam junto do passeio, nas proximidades do largo São Paulo. Era ali que Sévigné-Vieira morava, havia anos, num velho casarão colonial, agora modernizado, que Bento das Dores mandara construir para sua residência.

O enterro, como o previra Fany, ia assumir as proporções de uma consagração póstuma. No largo, viam-se muitas figuras representativas, a esperarem pelo saimento, conversando à sombra das árvores, enquanto, à porta do palacete, tentando nele penetrar, um bolo de gente se comprimia, se acotovelava.

O cocho fúnebre chegou. Os gatos pingados logo se apressaram em carregar para os autos, que as deviam transportar, as enormes coroas de flores, com saudosos dizeres em letras douradas, coladas em largas fitas roxas, que se alinhavam, em cavaletes, de encontro às paredes das casas vizinhas.

Drumond declarou, ao apear-se do automóvel:

– Vou esperar que o enterro saia. Depois irei dar um abraço na Zulmira, e é só. Não irei ao cemitério ouvir toda aquela discurseira.

– Boa ideia, – aprovou Nelson. – E eu, mesmo que quisesse ir, não poderia; preciso voltar ao escritório.

E ambos foram para debaixo de uma árvore esperar.

Drumond, muito relacionado, cumprimentava de um lado e doutro, apertava mãos que se lhe estendiam. Se lhe gabavam seu ar saudável, ele referia-se à sua estada em Caldas.

De um grupo, saiu, de braços abertos para ele, um homem muito requintado no trajar, de olhos cor de azeitona, e óculos de aros de ouro, que sorria, numa barba negra bem tratada, um sorriso de dentes claros, alvos como marfim. Era um argentino, professor de filosofia na Universidade de La Plata – D. Justino Asuero Zacaria. Drumond e ele conheceram-se em Paris, frequentando um curso na Sorbonne.

Estreitaram-se, afetuosamente, num abraço demorado. Depois, o homem afastou-se uns dois passos de Drumond e pôs-se a mirá-lo e a repetir:

– Pero, usted está esplendido!... magnífico!

Drumond explicou-lhe por que motivo o não tinha ido ainda visitar no Esplanada. D. Justino, porém, já estava ao par, já o sabia. Contou-lhe, por sua vez, que estava ali prestando uma dupla homenagem: uma “a la intelectualidad brasileña”, que acabava de perder um dos seus espíritos mais brilhantes, e outra “a Francia”, por se tratar do sepultamento de um parente da inolvidável Madame de Sévigné, “celebre por las Cartas admirables que escribió – notable monumento de la literatura francesa”.

Depois passou a falar com entusiasmo de São Paulo, que ele não conhecia:

– Que maravilla! Que pueblo! Que humanidad diferente se ve acá!

Sabia que São Paulo era uma grande capital, mas nunca a supusera assim tão importante. Fora muito além da sua expectativa.

– Rio de Janeiro – disse – es una belleza, sin duda. Una ciudad-panorámica admirable! Quizás la más linda ciudad del mundo! En Rio, usted se siente invadido, dominado por la naturaleza. Rio es una ciudad de placer, genero “ville-d’eau” francés, con sus playas llenas de mujeres desnudas – e que lindas mujeres! – su juego, su pif-paf, sus casinos, Copacabana, la Urca, Quitandinha!... Caramba! Quitandinha!...

E ele, após haver pronunciado a palavra “quitandinha”, fez uma pausa, ficou como que extasiado, de boca arreganhada, os olhos apertados.

Continuou em seguida:

– Al paso que San Pablo se impone por su trabajo, su humanidad, su pueblo!

– A que povo usted se refere? – perguntou-lhe Drumond.

Ele emudeceu intrigado. Por fim exclamou:

– Al paulista, claro está!

– Aqui não há mais paulistas. Nós não somos mais paulistas. Somos brasileiros residentes em São Paulo.

Ele fez uma nova pausa:

– Pero, el gaucho es gaucho, el minero es minero, el baiano es baiano! Siempre me dijeron esto en Rio y con que orgullo!

– Isso são eles! Eles podem ser, têm direito! Mas, nós não. Nós somos brasileiros residentes em São Paulo.

D. Justino Asuero Zacaria de súbito entusiasmou-se. A sua fisionomia como que se iluminou:

– Si, si, percibo! Usted quiere decir que San Pablo de las banderas, de los banderantes sigue siendo el Estado más brasileño de todos los Estados del Brasil! Que belleza! Que pueblo!

O largo começou a movimentar-se. O enterro estava a sair. O féretro já havia sido colocado no coche, carregado por professores paramentados nas suas vestes talares, irmãos de confrarias religiosas, de opas.

Um velho italiano sapateiro, magro, calvo, que assistia à cerimônia, ali no meio do povo, fumando num pito de longo canudo, como pitam as negras, carregava no braço um pequerrucho rechonchudo, lourinho como um anjo.

Assim que o coche se pôs em marcha, seguido dos autos que balouçavam carregados de flores, o menino impressionou-se. Pôs-se a cantarolar baixinho, compassadamente:

"Mamãe eu quero,
Mamãe eu quero...

Subitamente soltou um guincho estridente, que atraiu a atenção, despertando o riso a todos os circunstantes:

Mamãe eu quero mamar...

O italiano sacudiu-o no braço. Mostrou-se zangado:

– Cala a boca, diabo!

E explicou-lhe:

– Você pensa que isso é o *carnevale*? O *carnevale* já passou. Isto é o enterro do *professore.*

D. Justino Asuero Zacaria, que também se havia voltado para o menino, sorriu-lhe. E, numa súbita reminiscência de Carmen Miranda, que ele aplaudira em Hollywood, rematou a cantiga, cantarolando por sua vez, em castelhano, e remexendo ligeiramente o tórax:

"Dale chupeta,

Dale chupeta,

Dale chupeta para el niño no llorar.”

Drumond e Nelson encararam-se e não puderam conter o riso.

Drumond disse, por fim, alongando os olhos para o coche que lá se ia:

– Sic transit gloria mundi.

IX

50 ANOS DE HIPOCRISIA

"Tout l'esprit d'un auteur consiste à bien définir et à bien peindre."
La Bruyère (*Les Caractères* – "Des ouvrages de l'esprit")
"On ne fait partager aux autres que les émotions qu'on a éprouvées soi-même. Vivez vos narrations si vous voulez toucher vos lecteurs."
M. Roustan
"Un romancier appartient au milieu dans lequel il vit. Sinon, c'est un essayiste, un polygraphe, un reporter, un fichier."
Paul Morand
"La formule nouvelle du roman, c'est de ne pas faire de roman."
Jules Renard

Havia muito que Simonne Pierat não tinha tido um dia assim tão atarefado; foi ela que preparou todos os pratos do jantar. Era uma surpresa que queria fazer a d. Eudóxia, tia de Drumond, de cuja filha fora preceptora, e de quem se tornara amiga, e ao velho Carlos Marx Gaspar, que, de longa data, a entretinha, era quem lhe pagava as despesas. Simonne conseguira arrancar dele uma fortuna. Estava rica.

Embora d. Eudóxia não ignorasse a natureza das relações de ambos e se desse muito bem com Sinharinha, esposa de Gaspar, não tinha escrúpulo em jantar com ele no apartamento de Simonne. Inda mais que, em 1939, meses antes da declaração de guerra, encontrando-se ela na Europa, fez com eles, a convite de Simonne, enquanto Sinharinha se purgava em Carlsbad, uma "croisière gourmande" pela Normandia. Pernoitaram numa "auberge", em Vimoutiers, nas imediações da terra do "camembert", onde Simonne nascera. E o jantar que ali comeram foi uma coisa do outro mundo, um assombro de que nunca mais se esqueceram; cada vez que a ele se referiam, era sempre com água na boca.

Simonne, como toda francesa que se preza, era perita na arte culinária – um perfeito "cordon bleu". Seguira, em Paris, o curso de cozinha, e, nessa noite, ia servir-lhes o mesmo menu da "auberge" de Vimoutiers.

Já vestida, muito elegante num lamê listado, que a tornava de uma esbelteza sinuosa, dando dela a impressão de uma mulher em pleno viço de mocidade, – ela que já havia ultrapassado muito mais de cinquenta anos, ajudava a sua criada Angélica a pôr a mesa; "Angélique", como lhe chamava, não tendo podido jamais libertar-se do seu sotaque, motivo por que, num diálogo, em frases curtas, respondia em português, mas, desde que lhe acudia um caso mais longo, contava-o em francês.

Posta a mesa, Simonne colocou-se à distância, demorando, sobre ela os olhos com satisfação. Dizem os ingleses – "laying a table for dinner is no easy matter". E com efeito!... Mas, ali era fácil, porque tudo era muito fino. Ela trouxera tudo da Europa. A toalha era de renda de Veneza, os talheres de Christofle, a louça de Limoges, os cristais de Baccarat.

Para cada espécie de vinho, possuía um copo de feitio apropriado; assim o Vouvray branco, cujo sabor lembra o marmelo maduro, era servido num cálice alto, de bordas dilatadas, em forma de campânula; o Vouvray tinto, evocador do aroma da violeta, misto de framboesa, num copo ovoidal, sobre uma haste muito fina, e o champanha em flûtes, em vez de taça.

Estava lindo aquele Lalique, no centro, com aqueles cravos rubros, repolhudos.

Simonne não pôde refrear o seu entusiasmo. Exclamou:

– Oh! oui! C'est parfait!

E voltou-se para a criada, uma morena jeitosa, simpática, vestida de preto, de touca e avental brancos, que ali, também, permanecia a olhar para a mesa. Disse-lhe:

– Está tudo *munto ben, Angélique! Munto ben!*

E recomendou-lhe:

– Você *percisa agórra* tomár *munto* cuidado com as *torradinhes* de *quêjo*, para não acontecer como outro dia que *eles* ficaram tostados *dêmás.* Você só põe no forno quando seu Gaspar e d. Eudóxia *chegarrem*...

Angélica acenou com a cabeça que sim, e foi para a cozinha; Simonne cerrou a cortina que velava a porta da sala de jantar; depois, percorreu o apartamento, a ver se tudo estava em ordem. No living-room, tomou das almofadas do sofá, sacudiu-as, afofou-as, e recolocou-as nos respectivos lugares; pôs em marcha a vitrola, com um disco de Dranem, que logo entrou a cantar:

Habiller,
Déshabiller,
Déjeuner,
Et puis dîner,
C'est la vie.
C'est la vie.

À une maîtresse passionnée,
Toute la journée se donner,
C'est la vie.
C'est la vie.

Et... puis voilà!

E nesse – "Et... puis voilà!" – ele mudava de voz. Pronunciava-o, em seguida a uma pausa, já como que tomado de um enfadamento que descambava para o tédio.

O apartamento de Simonne, embora não fosse grande, era muito confortável – “very cosy” –, num condomínio construído no largo do Arouche. Um lugar privilegiado. Gaspar adquirira diversos andares. Cada andar compreendia dois apartamentos. Presenteara Simonne com aquele. E Simonne, que sempre dizia que se tivesse, um dia, uma casa, havia de decorá-la segundo uma decoração de Leleu, fê-lo como dizia. Encarregou da sua execução o jovem decorador Ticiano, que lhe adaptou ali, com muito talento, a decoração de Leleu. Uma decoração de uma sobriedade e harmonia de proporções inconfundíveis.

O quarto de dormir era, todo ele, gris-perle. O tapete velouté. As portas almofadadas. A cama encimada de um nicho luminoso, com um espelho biseauté no fundo. Uma cama larga, coberta de uma colcha lisa de cetim, pregueada em derredor. E, numa parede, um quadro de Utrillo – “Os Moinhos de Montmartre”, que Simonne comprara numa exposição em Paris.

O living-room revestia-se, de alto a baixo, de lambris, onde se dissimulava o bar, quando fechado. Nessa noite, estava aberto. As suas prateleiras resplandeciam de cristais, de frascos, de garrafas, o balcão prolongando-se sobre o tapete. E, em frente, sob uma natureza morta de Savreux, um amplo sofá gênero inglês, flanqueado de duas amplas poltronas.

Ainda, a título puramente decorativo, num canto, uma bergère de Aubusson, e, noutro, uma cadeira de espaldar alto.

A campainha tocou. O scottish terrier, mexendo-se no moisés, roncou.

Simonne repreendeu-o:

– Tais-toi, Tómmy!

Angélica foi abrir.

Era Gaspar, com aquele seu tom bilioso, cinzento, aquela sua ruga funda na testa, o cabelo exageradamente pintado de preto, como se fora um chinó. Aprumava-se, tanto quanto lhe era possível, num sobretudo claro de pêlo de camelo, não conseguindo ter a cabeça inteiramente de pé, porque o pescoço se lhe ia inclinando, tomando a forma de um gancho. Aprumava-se, para iludir a si próprio, para que não se percebesse a decrepitude que dele se avizinhava. Estava magro. Nunca emagrecera tanto como dessa vez, com a sua bronquite. O nariz até se lhe avolumara. Um nariz adunco. E ele, que nada tinha de judeu, parecia um judeu.

Tossiu.

Simonne, elevando a voz, perguntou-lhe:

– Tu tousses, chéri?

Ele não lhe respondeu, interessado com Angélica. Era a primeira vez que a via e reputava-a um petisco. Na sua mocidade, foi o seu fraco – as criadas. Em casa, ele não as respeitava. A mulher, um dia, quase o surpreende com uma delas no leito conjugal.

Simonne aguardava-o de pé, e, quando ele apareceu, fitaram-se ambos nos olhos, foram-se aproximando, como que atraídos um pelo outro; por fim, ela abandonou-se-lhe nos braços, e beijaram-se na boca, como se beijam os protagonistas nos filmes americanos.

Para Gaspar, aquilo se lhe ia tornando o único deleite que o amor ainda lhe proporcionava. E, por isso mesmo, ele requintava, cerrava as pálpebras, com os lábios colados aos dela, demorava, sustava a respiração.

Simonne, depois, invariavelmente, o repreendia, sacudindo o índex no ar:

– Polisson, tu as mangé tout mon rouge!

Nesse dia, ela apressou-se:

– Je vais le remettre, car. d. Eudóxia ne tardera pas.

E retirou-se para o gabinete de toalete.

A campainha tornou a tocar. Era d. Eudóxia.

Ela entrou aureolada daquela natural sobranceria que lhe dava um ar de princesa; vestia um vestido de Robert Piguet, todo de renda preta, procedente de Nova York, comprado em Buenos Aires, por ocasião de sua última viagem.

Gaspar inclinou-se diante dela. Beijou-lhe a mão. Indagou se ela não queria tirar o manto de visom, que lhe pendia dos ombros. Ela respondeu-lhe que tiraria depois. E sentou-se.

Simonne, aparecendo, não pôde conter a exuberância da sua alegria; precipitou-se para ela. Pasmava-se a contemplá-la, a mimá-la com o olhar. Simonne tinha um grande orgulho da amizade dela.

Exclamou:

– Comme vous êtes belle ce soir!

E logo acrescentou:

– D’ailleurs comme toujours.

D. Eudóxia suplicou-lhe:

– Não me diga mais isso, Simonne. Você me diz tantas vezes, que eu acabo por acreditar, e será ridículo... Na minha idade, lá se pode ser bela?

Simonne como que a repreendeu:

– À votre âge?!...

E reafirmou:

– Je vous donne ma parole que vous êtes belle!

E voltou-se para Gaspar:

– N’est-ce pas, Gaspar?

Gaspar concordou:

– Sem dúvida.

À d. Eudóxia, não era necessário que lho dissessem, ela sabia-o perfeitamente, tinha consciência disso. Sabia mais que, com a idade, os seus traços se foram aprimorando; o mesmo que acontecera com sua irmã Genoveva, mãe de Drumond; uns traços muito finos, peculiares à sua família – uma gente fidalga, que, nos tempos do Império, frequentava a corte, e, por ocasião da proclamação da República, se exilou na Europa, foi viver em Paris.

Angélica, de luvas brancas, entrou, trazendo numa bandeja as torradinhas de queijo. Simonne disse, dirigindo-se a d. Eudóxia:

– Je sais que vous allez prendre un Madère, comme d'habitude?...

Ela acenou-lhe com a cabeça que sim.

– Et toi, Gaspar, un Porto?

Ele também fez que sim.

Ela encheu os cálices e os três puseram-se a bebericar, comendo torradinhas.

Simonne lamentou que Drumond não tivesse podido aceitar o convite para jantar ali também com eles.

D. Eudóxia disse:

– Ele me falou, mas, ao que parece, já tinha um compromisso, um coquetel em casa de uns amigos, uns ingleses; de lá, vão ao Jequiti... Ontem, esteve comigo; foi fazer-me uma visita, e leu-me umas coisas lindas que escreveu ultimamente em Caldas... É um rapaz de muito talento. Digo rapaz, porque o vi nascer...

Simonne acudiu:

– Pour sûr qu'il a du talent! C'est dommage qu'il publie si rarement... Il y a si longtemps que je ne vois rien de lui, que j'avais même cru qu'il avait renoncé aux lettres.

– Que ideia! Ao contrário. Ultimamente tem trabalhado muito. Está com um estilo apuradíssimo! Uma beleza!... Não publica, porque se desinteressou de publicar; fazem-lhe uma guerra surda; a guerra do silêncio, por despeito, por inveja... A obra dele é obra de um artista; não pode ser compreendida na época de hoje... Você veja que espécie de romances se escrevem e se leem atualmente no Brasil. É o que, nos meus tempos de colégio, em França, se chamavam "romans de concierge", gênero Xavier de Montépin, sem literatura, sem gramática, sem nada; só o que se salva é o enredo. A diferença é que, em França, eram somente as concierges que os liam; aqui, é a nossa elite. É verdade que é a elite que bebe uísque, dança a rumba e joga pife-pafe...

Simonne fez sinal a Angélica para que abrisse a sala de jantar e se preparasse para servir.

Pondo-se de pé, disse:

– C'est l'heure! Allons dîner!

D. Eudóxia e Gaspar ergueram-se. Encaminharam-se para a sala de jantar. Ali, detiveram-se, algum tempo, a gabar os arranjos da mesa. Depois de acomodados, Simonne anunciou-lhes:

– Je vais vous dire ce que je vais vous servir. Pour commencer: une langouste, que j'ai reçue de Rio, par avion; c'est Toledo qui me l'a envoyée, je l'ai baptisée – "homard à l'américaine"; ensuite, un "poulet Célestine" et des asperges "à la Pompadour"; comme boisson, un Vouvray blanc et un Vouvray rouge; et, pour finir, un délicieux "camembert". En somme, comme vous voyez, le même menu qui nous a été servi à l'auberge de Vimoutiers.

Gaspar alegrou-se; mostrou-se radiante, esfregando as mãos, arregalando os olhos, passando a língua nos lábios, proferindo:

– Magnífico! Magnífico!

Ele adorava aqueles jantares, aqueles pratos que ela manipulava. Foi principalmente pela boca que ela o conquistou.

Angélica não tardou em aparecer com a lagosta numa travessa, aninhada entre folhas de alface, e a maionese numa molheira.

D. Eudóxia, servindo-se, mostrou-se maravilhada:

– Que beleza de lagosta! Nunca vi uma lagosta tão grande! Lembra as do Prunier!

E, depois de prová-la, exclamou:

– Está deliciosa!

Gaspar, por sua vez, sacudiu a cabeça, mastigando com a boca cheia:

– Está, com efeito, deliciosa!

Simonne sentiu-se lisonjeada; sorriu. E, durante algum tempo, enquanto Angélica enchia os copos de vinho, comeram em silêncio.

D. Eudóxia, na companhia deles, tinha momentos de verdadeira exultação. Falava contraindo as arcadas ciliares, apertando os lábios como que receosa de que eles se lhe arregaçassem em transbordamentos de riso, o que, no entanto, frequentes vezes lhe acontecia. Como tivesse o vezo da "moquerie", divertia-se em cometer gafes propositadas, fazendo-lhes perguntas indiscretas que redundavam, quase sempre, em discussões entre ambos. Era-lhe um fraco, em que entrava uma pontinha de sadismo.

Voltando-se para Gaspar, disse-lhe:

– Sabe quem me telefonou hoje?... com quem estive conversando que não acabava mais?

Ele logo imaginou quem fosse, mas fez como se não soubesse. Endireitou-se na cadeira. Tratou de desconversar, estendendo o copo à criada, pedindo-lhe:

– Dê-me mais vinho!

E pôs-se a gabar o vinho; quis ver a garrafa. Leu no rótulo: "Grand cru – Clos du Bourg".

Simonne, porém, não tirava os olhos de d. Eudóxia, curiosa de saber com quem ela havia conversado uma conversa assim tão longa por telefone.

– Foi com Sinharinha, – respondeu-lhe ela.

– Ah!... Vraiment?... – exclamou Simonne, fazendo-se surpreendida, inclinando ligeiramente a cabeça de lado. – Et que vous a-t-elle raconté “sa chère moitié”?... – tornou ela, com mal disfarçado despeito, relanceando Gaspar de esguelha.

Pronunciou – “sa chère moitié” – num tom sarcástico de azeda ironia.

É que jamais pudera perdoá-lo por não ter conseguido convencê-lo de que ele devia abandonar a mulher e passar a viver com ela de uma vez, desquitar-se para casar-se com ela. E foi assim que lhe ficou, para sempre, aquele despeito que a pungia no fundo do coração.

As suas ironias, em relação à Sinharinha, faziam mal a Gaspar. Porque ele, não obstante o inferno da sua vida conjugal, do estado de hostilidade latente em que vivia com ela, lhe queria como à sua esposa. E é uma coisa que as mulheres não compreendem; não podem compreender, o “rabicho” que um homem tem pela sua amante e o amor que ele consagra à sua esposa.

É verdade que, uma vez, num momento de desespero, ele se abriu com Simonne. Contou-lhe coisas que não deveria ter contado, de que se arrependeu logo em seguida.

Como estivesse possesso, rematou vociferando:

– Um dia, eu ainda largo daquela carcaça!

Simonne, indignada com que ouvia, disse-lhe com energia:

– Oui! C’est ce que tu dois faire, lui donner une bonne leçon! Car, c’est indigne de te faire souffrir comme ça! Toi, un homme bon comme tu l’es!

E, como Gaspar se deixasse afundar, sucumbido, numa poltrona, com os cotovelos fincados nos joelhos, a cara metida entre as mãos, ela acercou-se dele, cheia de carinhos, a repetir, afagando-lhe os cabelos:

– Oui! C’est ce que tu dois faire, lui donner une bonne leçon!

E, como a instigá-lo, ajuntou:

– Quitte-la, donc! Va, mon chéri! Viens vivre avec moi! Viens! Je te promets! Je ferai ton bonheur! Nous serons heureux tous les deux!

E, a partir desse dia, Simonne pôs-se a alimentar o sonho de vê-lo desquitado, de casar-se com ele.

O arrufo com Sinharinha, porém, passou; as coisas acomodaram-se como geralmente se acomodavam. E ele não pensou mais em separar-se dela. Na verdade, nunca pensou nisso seriamente. Eram palavras da boca para fora; um repente como tantos outros. De mais a mais, ele bem sabia o que o esperaria se se atrevesse a semelhante brincadeira.

Uma vez, discutindo com Sinharinha, como ela, de súbito, se retirasse, batendo-lhe com a porta na cara, em presença de sua filha Amanda, uma magricela vesga, pálida, de uma transparência fluida, tão nervosa quanto a mãe, que, quando falava, apertava as pálpebras, fungava, fazia focinho, engasgando-se, engelhando as asas do nariz, ele, enfurecido, disse, em altos brados, o que dissera a Simonne:

– Um dia, eu ainda largo dessa carcaça!

E acrescentou:

– Vou viver com outra mulher!

Amanda empertigou-se. Fungou. Exclamou:

– Larga nada!... Quem vai viver com outra mulher?!... O sr.?!...

E teve um riso escarninho, que lhe engelhou mais ainda as asas do nariz:

– O sr. lá pode ir viver com outra mulher?!... Mamãe já disse que o sr. não é mais homem, que não presta mais pra nada, nem pra fazer uma festinha pra Petitica...

Petitica era uma cadelinha griffon felpuda, de olhos vidrados, saltados das órbitas, quase cega, com a língua como que paralisada, a pender fora da boca, que ali emporcalhava tudo, mijava nos tapetes. Um inferno! Ele, por ele, muitas vezes arrumar-lhe-ia um pontapé. E a sua filha, agora, a dizer-lhe que ele não prestava mais para nada, nem para fazer uma festinha para Petitica! E ainda atalhou agressiva:

– O sr. experimente de largar de mamãe, e verá o que lhe acontece, de que modo todos nós havemos de tratá-lo: como a um cão leproso!

E repetiu:

– Como a um cão leproso!

Gaspar sentiu na espinha um calafrio.

Ora, Simonne, que ignorava essas coisas, não o perdoava. Tornou a indagar de d. Eudóxia:

– Et que vous a-t-elle raconté “sa chère moitié”?

D. Eudóxia, então, contou:

– Esteve a falar-me da celebração das suas bodas de ouro; convidou-me para a festa, que, pelo que me disse – parece – vai ser uma festa de arromba!

Simonne murmurou:

– Eh, oui, c’est vrai! Monsieur et madame vont fêter leurs noces d’or!

Fez uma pausa. Voltou-se para ele. Riu um riso escarninho, que lhe lembrou o riso de Amanda, e o fez corar. Rematou:

– Pour sûr que ça ne te rajeunit pas, mon pauv’e vieux! Il faut être presque centenaire pour se payer ce luxe-là!

D. Eudóxia riu-se.

Gaspar disfarçava mal a sua contrariedade. Propôs falando em francês:

– Et si nous changions de conversation?

Simonne protestou:

– Pourquoi changer de conversation?!... si ça nous intéresse, à d. Eudóxia et à moi. Pas vrai, d. Eudóxia?

Angélica, que havia trocado os pratos, pôs-se a passar a galinha; Gaspar ainda tentou desconversar, gabando a galinha. Mas, d. Eudóxia, maldosamente, fez como se não compreendesse e prosseguiu:

– Ela esteve a enumerar-me todos os pratos que vai fazer, e não acabava mais de os enumerar: perus, coxinhas de galinha, camarões recheados, empadinhas, cuscuz, pernil, arroz de forno, salada russa, maionese, fios de ovos, ovos nevados, papos-de-anjo, cocadas, arroz doce, pés-de-moleque, queijadinhas, balas de ovos, ameixas recheadas, nozes fingidas, bom-bocados, ninhos, doces de batata roxa, de abóbora...

Simonne teve um ímpeto de levar as mãos à cabeça. Interrompeu-a:

– Oh! là, là! Quelle horreur!

E voltou-se para Gaspar:

– Si tu t'empiffres de toute cette mangeaille, tu vas voir ce qui t'arrivera!... Le lendemain, j'en suis sûre, tu viendras ici pleurnicher, te plaindre avec des coliques, me demander du bicarbonate de soude... Toujours la même histoire!...

Gaspar, querendo abrandar o arrebatamento dela, concordou, olhando para d. Eudóxia:

– É verdade! Não sei como explicar; não há explicação. Eu, aqui, como as coisas mais extravagantes que a Simonne prepara, e não me fazem mal. Em casa, vivo com azia.

D. Eudóxia, que estava louca por arrastá-lo para o terreno que mais a divertia, disse:

– É uma questão de ambiente. O sr. pensa que o ambiente não tem influência na digestão? Tem, como não. Ouvi isso de um médico em França. A pessoa comer sempre de mau humor faz mal. E eu, na sua casa, raramente o vejo de bom humor. O sr. está sempre contrariado. Agora, é natural! Sinharinha tem um gênio que não ajuda. Um gênio impossível! Coitada! Não faz por mal! Não tem culpa! Vê-se que ela lhe quer e muito; isso lá, ela lhe quer! Mas, é gênio. Puxou pela mãe!

Gaspar, à medida que d. Eudóxia falava, se ia tornando pensativo, comendo mais devagar, sacudindo a cabeça, esgazeando os olhos, imobilizando-os. Por fim, suspirou:

– É isso mesmo! Tem um gênio dos diabos! Um gênio desgraçado! Embirra por tudo! E, quando menos se espera, faz um espalhafato do inferno. Arruma, no chão, com o que tiver na mão. E, por cima, diz-me coisas desagradáveis. Coisas que me ofendem. Ainda, outro dia, me disse que a minha companhia lhe causava alergia, que eu era pior que asma, que urticária...

D. Eudóxia e Simonne não puderam conter o riso. Ele, tomado de um ressentimento íntimo, de um rancor que lhe apojava de dentro, entrou a desabafar, descontrolando-se como no dia em que desabafara com Simonne. Não notava que ambas, agora, se divertiam à custa dele.

Continuou:

– E ela, nesse dia, estava ruim. Estava atacada de urticária, muito ofegante de asma, com a cara inchada, vermelha; quase que tem uma erisipela. Repetia e dizia-me aos berros: – "Prefiro estas minhas urticárias, a ver você aqui, ao pé de mim. Olhe! Sabe que mais? Toque! Ande daqui para fora. Não me aborreça!"

D. Eudóxia perguntou-lhe:

– E como é que o sr. pode suportar isso?

Simonne falou por sua vez:

– C'est ce que je me demande aussi!... Comment peut-il supporter, non pas cela, mais un pareil monstre!

Aquela expressão – "pareil monstre" – soou-lhe mal, apesar da irritação dele; pela cara que ele fez, Simonne compreendeu que exagerara. Mas, Gaspar, ainda assim prosseguiu:

– É fácil fazer-se uma pergunta dessas. Claro está que se eu fosse um rapaz de agora, já há muito que a teria mandado passear. Hoje, ninguém mais atura isso, bem sei. Se a coisa vai, vai! Se não vai, paciência! Au revoir et merci! Mas, a minha geração não era assim... A minha geração aguentava firme, no duro... E eu...

Subitamente, ele interrompeu-se e os traços alteraram-se-lhe; como que se recolheu em pensamentos.

Repetiu:

– E eu...

Seguiu-se nova interrupção. Dir-se-ia que lhe não ocorriam as palavras com que terminar a frase.

É que ele já estava arrependido de estar ali a queixar-se de Sinharinha por aquela forma, considerava aquilo uma indignidade da sua parte, mormente depois do que ouvira a d. Eudóxia, que Sinharinha lhe queria e muito, que isso lá ela lhe queria, e, também, depois do que ouvira, na manhã daquele mesmo dia, em frente ao Mappin, ao dr. Tapajós, médico da família, que Sinharinha não duraria muito, porque a lesão que tinha no coração se ia agravando paulatinamente.

Como elas lhe não desfitassem os olhos, ele viu-se forçado a concluir, e concluiu engolindo em seco, gaguejando:

– E eu... por dever... tive que aguentar...

D. Eudóxia mostrou-se admirada:

– Por que por dever?!...

Simonne insistiu do seu lado:

– En effet, pourquoi par devoir?!... Celle-là est bonne!

Gaspar, porém, silenciou, e aí de uma vez. Baixou a cabeça. Não tirou mais os olhos do prato. E elas não conseguiram mais arrancar-lhe uma só palavra. Encaravam-se desapontadas.

Angélica tornou a passar a galinha. Gaspar, porém, disse que não queria mais, que estava satisfeito. Trançou os talheres.

Simonne cresceu na cadeira, escandalizada:

– Comment, tu ne manges plus?!... Un poulet que je me suis donnée la peine de préparer exprès pour toi!... Oui, parfaitement, exprès pour toi!... La langouste, c'était pour d. Eudóxia, mais le poulet, c'était pour toi!...

Gaspar tornou a sacudir a cabeça, a dizer que não queria mais, que estava satisfeito. Pediu-lhe que não insistisse:

– Não estou mais com vontade...

Mas, ela insistiu quanto à salada:

– Mange, au moins, un peu de salade de laitue, avec du persil et du cerfeuil, comme tu aimes.

Disse à Angélica:

– Mude o *prrrato* de seu Gaspar!

E ela mesma o serviu. Perguntou à d. Eudóxia:

– Vous en voulez aussi?... Imaginez-vous que je cultive du persil et du cerfeuil dans des vases à ma fenêtre... Je fais cela pour ce gros bêta!... Et l'on dirait qu'il ne m'aime plus... qu'il n'aime plus sa Momônne... Dis: tu n'aimes plus ta Momônne?... – e ela teve um caído para ele, inclinando-se, segurando-lhe a mão, revirando-lhe os olhos.

Gaspar riu um riso amarelo. Comendo disse:

– Logo depois da sobremesa preciso me ir. A sra. há de desculpar-me d. Eudóxia...

Simonne lamentou-se:

– Et moi qui croyais que nous allions passer gentiment la soirée; rien que d'y penser, je me faisais un plaisir! Et voilà que tu gâtes mon plaisir!... Franchement, depuis quelque temps, je ne te reconnais plus. Tu n'es plus le même homme!...

E, franzindo os lábios, deu de ombros:

– C'est que tu vieillis, voilà tout!

Acrescentou ainda, mudando de tom:

– Il faut songer que monsieur va bientôt fêter ses cinquante ans de mariage. Cinquante ans d'hypocrisie!

X
CALEIDOSCÓPIO SÃO PAULO

"Il faut plus que de l'esprit pour être auteur."
La Bruyère (*Les Caractères* – "Des ouvrages de l'esprit")
"Il y a deux choses principales dans le roman, l'observation de la vie et le style."
Remy de Gourmont
"La simplicité seule est belle."
Anatole France
"J'ai beau dire que je n'écrirai plus, c'est plus fort que moi: j'écris toujours, car le spectacle de la vie m'amuse. C'est lui qui me fait écrire. Je suis comme Voltaire: – 'Je ris de tout et je m'en trouve bien'."
René Thiollier

Drumond, de volta do Tribunal, onde foi ver, com Jericó, em que pé estava a ação de despejo e cobrança de aluguel, que sua tia d. Eudóxia movia a um genro do turco Farah Sayed, um tal Abdalah-Alah, ao passar pela rua Quintino Bocaiúva, resolveu mandar engraxar os sapatos. Parou à porta de uma barbearia. Havia ali dois engraxates, com duas poltronas sobre um estrado alto. Pareciam dois tronos.

Jericó, de pasta debaixo do braço, despediu-se de Drumond. Disse-lhe:

– Você, indo à tarde ao seu dentista, na rua Marconi, apareça depois na Vienense. Vamos lá tomar um chá com Mary Keneldy. Não sei se você sabe, ela vai para os Estados Unidos, mas volta. Resolveu fixar residência em S. Paulo. Diz que não pode mais viver fora de S. Paulo. S. Paulo tem, para ela, um encanto inexplicável, que cidade alguma, no mundo, tem.

Drumond acudiu:

– Ora, essa é muito boa! Claro está que S. Paulo deve ter, para ela, toda sorte de encantos, que ela não poderá mais viver fora de S. Paulo, tem que fixar aqui a sua residência. Você não se vai casar com ela?

Jericó esboçou uma cara de riso, corando ligeiramente:

– Eu?!...

– Pois, então?!... Era a notícia que corria antes de minha partida para Caldas, que você se estava desquitando para se casar com ela. Até lhe havia dado uma pulseira de brilhantes, que ela exibiu, com grande escândalo, na noite de sua conferência. Ouvi muitos comentários a respeito.

Jericó riu-se:

– E você acreditou nisso?!... Tudo histórias! Imagine se, nos tempos de hoje, eu lá tenho dinheiro para dar pulseiras de brilhante a Mary Keneldy... Estou me desquitando, porque não posso mais viver com Paulina. Ela, desde que se meteu a frequentar sessões espíritas, está ficando maluca, coitada! Não me pode mais ver, nem mesmo ouvir o som de

minha voz; tapa os ouvidos, arregalando os olhos como que alucinada, e eu, como não quero ter a responsabilidade de interná-la, já me mudei; instalei a minha biblioteca no meu escritório na cidade, e estou morando no Términus, na avenida Ipiranga.

Antes de se ir, pediu-lhe:

– Você, estando com d. Eudóxia, me fará, então, o obséquio de explicar-lhe em que pé está o negócio dela, dizer-lhe que ainda vai demorar algum tempo, provavelmente um mês ou dois, porque o homem apelou, como eu havia previsto... Hoje, questão com inquilino é assim mesmo. Inverteram-se os papéis. O inquilino é que está com a faca e o queijo na mão. A propriedade pertence-lhe muito mais que ao proprietário, visto que a lei foi feita exclusivamente para ele. Lei absurda, como tudo que se tem feito, sobre o joelho, de 30 para cá, nesta terra. Não o seria se fosse de proteção à classe média, às famílias operárias, se se relacionasse somente com as casas de moradias modestas, mas não quando se tratam de armazéns, como acontece com inúmeros deles alugados, em tempo de crise, por uma bagatela, a um comércio imoral, comércio gatuno, que se tem enriquecido à custa do povo, da fome do povo... Se finda o contrato e o proprietário se recusa a renová-lo, que faz o inquilino, ou melhor o negociante? Apega-se ao "fundo de comércio", e consegue facilmente do Tribunal a renovação pelo mesmo espaço de tempo e pelo mesmo aluguel... Isso sucede até com as "casas de bicho". O "bicho" também é um "fundo de comércio" respeitável... E continua larápio, lépido na boa vida, a extorquir o dinheiro do povo, aumentando o preço da mercadoria...

Fez uma pausa, e, em vez de se ir, considerou:

– O caso de Abdalah-Alah esse, então, não tem qualificativo...

E entrou a minudenciá-lo. Falava, elevando a voz, como se Drumond não estivesse ao par dele, farto de saber de tudo aquilo. Mas, é que falava para ser ouvido de um desconhecido, um homem macilento, sulcado de carnes, de ar farejante, o peito côncavo, o nariz afilado, que, sentado numa das poltronas, enquanto o engraxate lhe polia os sapatos, não desfitava dele os olhos, uns olhos pequeninos, vivos, olhos espertos de rateiro, luzentes de curiosidade.

Continuou, ampliando as suas considerações:

– Positivamente não tem qualificativo!... Trata-se de um levantino, hoje muitas vezes milionário, que chegou aqui sem vintém, como geralmente acontece com toda essa gente. Mora, vai para seis anos, nessa casa de d. Eudóxia, pagando-lhe um aluguel ínfimo – setecentos mil réis mensais, correndo ainda, por conta dela, todos os impostos e taxas municipais. Uma casa que é um palacete, dentro de jardim, com um enorme quintal. Hoje, qualquer pessoa pagar-lhe-ia, por ela, dois a três contos de réis. O contrato findou e d. Eudóxia pediu a casa para a filha, que, tendo se casado, se vê forçada a morar numa casinhola, lá nos confins da avenida Rebouças, pagando um conto e quinhentos de aluguel.

E Abdalah-Alah, em vez de desocupá-la, recusou-se. Respondeu que dali saía só se o despejassem, e a partir desse dia, alegando supostos consertos que fez na casa, não pagou mais o aluguel... O advogado dele é um tal Kuri-Kuri, um safado, que tem recorrido a chicanas inéditas... E é por isso que eu peço a você prevenir d. Eudóxia de que ainda vai demorar algum tempo. Ela que tenha paciência...

E Jericó tornou a apertar a mão de Drumond. Finalmente, lá se foi num passo incerto, coxeando de uma perna, com um joelho entumecido. Parecia, por vezes, tentear o chão com o pé. Ele, agora, quando se sentava, deixava despencar o corpo sobre o assento. Suspirava fundo: – "Ai, minha Nossa Senhora!". E, como sentisse, simultaneamente, uma dor nos rins, levava ali a mão, com uma contração no rosto, acrescentando: – "Ô diabo!"... Drumond contemplou-o até que ele dobrasse a esquina. Teve-lhe pena. Disse entre si: – "Coitado! Como está velho!". E pensou sorrindo na paixão dele por Mary Keneldy, embora ele a negasse. Em seguida, trepou sobre o estrado e acomodou-se na poltrona vaga; o homem macilento, sucado de carnes, de ar farejante, olhou-o de lado.

O engraxate era um sexagenário seu conhecido, a quem ele costumava chamar gracejando – "cavalière ufficiale de la Corona de Italia".

Perguntou-lhe:

– Então, como vai, cavalière?

– Bene. E o dottore?

– Bene, também.

Para Drumond, que nascera na travessa da Sé, e crescera nas imediações da catedral, a rua Quintino Bocaiúva tinha um encanto particular; lembrava-lhe os seus tempos de menino. Saudosos tempos de um S. Paulo, que, embora já não fosse mais a cidade das casas de "rótulas" fechadas, que os portugueses chamam "adufas", semelhantes às "adafas" dos árabes e aos "moucharabiehs" do Cairo, continuava a ser, entretanto, uma cidade de província, excessivamente provinciana, erma, silenciosa, que, insulada no cimo destas encostas, sobranceava várzeas e planuras, banhadas pelas águas do Tietê e do rio Tamanduateí, ora rutilantes na vibração cegante do sol, capitosas do perfume das flores, ora esfumando-se, desvanecendo-se, até se tornarem invisíveis, na bruma cinzenta dos nevoeiros...

Quando havia de supor a S. Paulo desse tempo que, num futuro não muito remoto, um grande prefeito, grande demolidor, deitando por terra, a golpes de alvião, o seu casario colonial, de fachada lívida, espectral, havia de metamorfoseá-la na cidade moderna que é hoje! Uma enorme cidade cosmopolita, de cerca de dois milhões de habitantes, a pulular de arranha-céus de cimento armado, cada qual mais alto, as suas ruas agitadas de uma intensa atividade comercial, algumas delas, lembrando a Old Bond Street, pela elegância e diversidade das suas casas de modas, das montras de suas bijuterias, outras ladeadas de

lojas de artigos de toda sorte, – camisarias, chapelarias, sapatarias, armazéns de comestíveis, bares, cafés, cinemas, restaurantes... Pelos seus viadutos e amplas avenidas, entrecruzam-se inumeráveis automóveis, e agita-se uma multidão variegada e compacta, que, em determinadas horas, mais compacta se torna, e, num fluxo e refluxo alegre e ruidoso, se locomove apressada, quase a correr; desemboca nas praças, e, ali, precipita-se a tomar de assalto os bondes, ou, então, espera, em fila, os ônibus buzinantes, que, de envolta com a vozearia dos rádios, um, aqui, a perorar, por conta dos cofres públicos, sobre as excelências do Ditador e da ditadura, outro, acolá, a anunciar um produto farmacêutico, ou a gemer um tango, atroam, estridentemente, os ares.

À noite, ela cintila de luzes; torna-se feérica, teatral. Os seus anúncios eletrônicos, num turbilhão policrômico, a acenderem e a apagarem, no alto dos prédios, têm um quê de imprevisto, de bizarro, que a todos atrai e embasbaca. Não há quem não caminhe, de cabeça erguida, e olhos fitos neles.

A Drumond, como paulista – (e que paulista que ele era! não de quatrocentos anos, mas de quatro costados!) – o progresso de S. Paulo enchia-o de orgulho, de um orgulho enfático, desmedido. Ele dificilmente disfarçava-o, mormente quando via que, pelo acelerado de sua evolução, S. Paulo estava fadado a ser, dentro de breves anos, a capital mais importante da América do Sul.

Havia dias, entretanto, que o seu entusiasmo esmorecia. Ele como que era assaltado de um tédio insidioso. Enfastiava-se de tudo. Tudo o aborrecia. Sobrevinha-lhe isso, quando se sentia perdido, anônimo, entre a turba que enchia as ruas. Andava, andava, e nem uma cara conhecida! Outras vezes, era ao penetrar na sala de um teatro, ou nas salas de espera dos cinemas; tinha, então, saudade do seu S. Paulo provinciano de outrora, da sua vida estagnada, monótona, estreita... Ali, daquela poltrona onde estava sentado, via do outro lado da rua, uns restos desses tempos. Uma casa velha, com as portadas das janelas do andar superior, em arco, abertas sobre uma varanda de gradil de ferro, o beiral do telhado prolongando-se sobre a calçada. Devia ter sido uma casa residencial. Estava, agora, alugada a um vendedor de rádios.

Drumond pôs-se a contemplá-la, e, contemplando-a, fez-se pensativo. O homem macilento, sulcado de carnes, de ar farejante, voltou-se para ele, disse-lhe:

– O sr. não leva a mal se eu lhe fizer uma pergunta?

Drumond olhou-o. Exclamou:

– Não. Por quê? Terei muito prazer em responder-lhe.

O homem, entretanto, hesitou; fez uma pausa. Finalmente, pigarreando, falou:

– O sr. não é daqui, pois não?... O sr. não é brasileiro?

Drumond sorriu-se. Não era a primeira vez que lhe faziam aquela pergunta. Em vez de dizer que era, negou para dar liberdade de expansão ao homem.

– Não, não sou.

O engraxate alçou, admirado, a cabeça para ele.

Drumond repetiu:

– Não sou, mas é como se fosse. Estou aqui a vida toda. Quando cheguei da Europa com meus pais, eu tinha cinco anos.

O homem, que já havia descido do estrado e metia a mão no bolso para tirar dinheiro e pagar o engraxate, sacudiu as pernas a desfazer as joelheiras da calça. Depois, tomando-se de um súbito mau humor, desviou os olhos de Drumond. Disse falando de si para consigo:

– Eu logo vi. Isto é mesmo uma terra só de estrangeiros!

E lá se foi, resmungando alto:

– Terra desgraçada, onde se é roubado em toda a parte! O que chamam aqui paulista é o italiano, o turco, o judeu! A gente, para ver brasileiro, só mesmo longe de S. Paulo! Paulista nunca foi brasileiro!

Drumond teve ímpetos de saltar dali, de ir ao encalço dele e dar-lhe umas bofetadas, mas conteve-se, possuído de uma revolta íntima que lhe alterava o semblante. O engraxate percebeu-o, mas não se atreveu a comentários. Continuou a engraxar em silêncio; de vez em vez, inclinava de lado a cabeça, espiando-o com o rabo dos olhos.

Drumond, sempre revoltado, pensava: – “Por que esse eterno ódio mesquinho contra S. Paulo e os paulistas?”...

Uma vez, no Rio, saindo do “Glória”, ele pediu um táxi ao porteiro; o ponto era em frente, do outro lado da rua. O porteiro apitou. O chauffeur, um tipo clássico de capoeira, gingava na calçada, de sapato branco e amarelo, cambado, sem boné, a gaforina ao vento. Ouviu o apito, olhou, mas foi como se não olhasse; nem se mexeu, ou, melhor, continuou, indiferente, ali, a gingar. Neste entrementes, surge um outro hóspede. Um homem moreno, de aspecto fino, aprimorado no vestir. Perfila-se ao lado de Drumond. Pede, por sua vez, um auto. O chauffeur, vendo-o, salta, célere, para dentro do veículo; põe-no em movimento. Vai parar à porta do hotel. Drumond desce os últimos degraus da escada e caminha para ele, a tomar o carro, porém o chauffeur estende o braço, com a mão espalmada:

– Não sr.! Não posso servi-lo! – exclama. – Vou servir esse sr.! – e aponta para o homem.

O homem, muito dignamente, retrai-se, adverte-o que não fora ele o primeiro a pedir o auto.

O chauffeur retruca:

– Isso não tem importância! Eu costumo dar preferência ao nacional!

Drumond acode:

– Se é por isso, fique você sabendo que eu também sou nacional; sou brasileiro! Sou paulista!

O chauffeur encara-o com olhar de mofa:

– O sr. é paulista?!... Então é a mesma coisa! É estrangeiro!

***

O engraxate, ao acabar de engraxar, recebendo o dinheiro, disse a Drumond:

– Todos tiene odio di San Paulo, porque San Paulo é San Paulo!

E com um profundo desprezo, arrebitando os lábios, acrescentou:

– Invédja!

XI
JEAN LA TROMPETTE

"Amas d'épithètes, mauvaises louanges: ce sont les faits qui louent, et la manière de les raconter."
La Bruyère (*Les Caractères* – "Des ouvrages de l'esprit")
"On ne se moque parfaitement bien que des ridicules qu'on a un peu."
Alphonse Daudet (*Notes sur la vie*)
"L'observateur prend partout son bien, même malgré lui; il ne peut s'empêcher de voir et ne peut s'empêcher de consigner ce qu'il a vu."
Émile Faguet (*Propos littéraires*)
"L'art est une activité qui produit de la beauté."
Léon Tolstoï

Jean La Trompette tinha sido operado, havia dias, no Sanatório Esperança. Drumond precisava visitá-lo, antes que ele recolhesse à casa. Não lhe ficaria bem não tê-lo visitado no hospital. Embora a hora não fosse muito própria, ele tomou um táxi e foi até lá.

Quem era Jean La Trompette? Era um professor da Escola de "ponts et chaussées", contratado, pelo Governo, para a Politécnica, onde ele regia uma cadeira. Um homem notável. Tipo do francês racé como não há mais hoje em dia, ou melhor, cujo espécime se tornou por tal forma raro, que a gente, quando topa com um, não acredita, fica como que apalermada a esgazear os olhos para ele... E o curioso é que, a nós que os conhecemos de perto, se nos vai afigurando que esse gênero de francês nunca existiu, ou se converteu num mito, que a fábula, aos poucos, foi exageradamente enfeitando, – a fábula que tem o dom de enfeitar tudo na vida!... Imaginai, agora, o que não pensarão aqueles que os não conheceram?!... E, no entanto, foram os franceses da estirpe de um Jean La Trompette que fizeram a França, outrora, amada e admirada entre as nações entusiastas do Belo! Mas, também, quão apurados eram eles na sua cultura e no trato! Como eram finos!...

Hoje, desgraçadamente, de envolta com os "ismos" em moda, o cafajestismo se alastrou pelo mundo, e não poupou nação alguma.

Jean La Trompette, sobre ser um notável engenheiro, era um homem de muito espírito. Um fino cultor das belas-letras. Logo que aqui chegou, tornou-se estimadíssimo e admirado nas rodas brasileiras, principalmente na alta sociedade, que ele frequentava assiduamente.

O mesmo, entretanto, não acontecia entre os seus patrícios, que, sempre que podiam, evitavam a sua companhia. Evitavam-na por considerarem-na comprometedora. Porque, Jean La Trompette, sendo um homem de caráter, era, em relação à política de sua terra, de uma independência e intransigência, que a época não comportava. Mormente, depois que o temido Fritz Muller, chefe dos "Maquis d'outre-mer", lhe declarara guerra, incluindo o seu nome no índex.

Fritz Muller era um caso patológico, impressionante, de patriotismo delirante, um patriotismo obsidente, “enragé”, de fundo freudiano, com paroxismos epilépticos. Dizia-se francês, sem nunca ter visto a França. Seu pai, que era sargento da Legião Estrangeira, morrera em Madagascar, e ele nasceu a bordo de um “cargo” francês, em viagem para o Brasil, num dia 14 de julho. O pavilhão tricolor tremulava no mastro e a fanfarra de bordo tocava a Marselhesa, quando ele soltou os primeiros vagidos.

Alguém observou:

– On dirait que le petit crie “Vive la France!”.

E, sua mãe contando-lhe isso mais tarde, Fritz Muller cresceu com esta ideia fixa:

– J’ai crié “Vive la France!” le jour de ma naissance!

E daí a gênese dos estratos fundamentais do seu psiquismo mórbido, do seu temperamento impetuoso, irascível, que, à medida que a guerra se prolongava, se tornava insuportável.

Os “maquis d’outre-mer” tinham-lhe verdadeiro pavor. Tremiam diante dele. Obedeciam-no, sem pestanejar, como os nazistas ao Fuhrer.

Madame Miroton, uma senhora de idade, muito simpática, dizia, cautelosamente, em surdina, ao marido, a Monsieur Miroton, que lembrava Napoleão III, com o cabelo penteado de lado, a sua barbicha em ponta, as guias do bigode muito aceradas, a poder de cosmético:

– Ce type, pour se faire obéir comme ça, ça doit être un boche!... Il n’y a que les boches pour se faire obéir comme ça!

E, como o marido se mostrasse duvidoso, sacudindo a cabeça, ela sacudia, por sua vez, os ombros, e rematava secamente:

– Il n’y a qu’à le regarder! C’est un boche! Il a tout à fait la tête d’un boche! Et puis son nom...

Monsieur Miroton, aí, então, se zangava, gritava franzindo o sobrolho:

– Assez! Voyons! Tais-toi! Je t’en prie!

O que mais os impressionava e os enchia de orgulho, aos “maquis d’outre-mer”, eram as famosas noites de vigília, imaginadas por Fritz Muller, em que eles se sentiam agitados dos delírios de uma febre heróica.

Fritz Muller não se podia dominar. Empalidecia. As suas faces tingiam-se da amarelidão da morte. Pela sua impassibilidade, parecia, por vezes, uma estátua de sepulcro. E era fora de horas, quando tudo mergulhava no mais completo silêncio, que ele, aí, então, com o coração latejante, os olhos como que alucinados, fitos na visão da epopeia prodigiosa, que representava, na sua opinião, a sua atuação deste lado do Atlântico, precipitadamente se punha a telefonar aos “maquis”, ordenando-lhes que saltassem das suas camas e descessem para o porão das suas casas. E eles desciam, e ali passavam o

resto da noite, a tiritar, de ouvido à escuta, como se estivessem na iminência de ser aprisionados pelos agentes da gestapo. Procuravam, por essa forma, comungar dos mesmos sofrimentos, dos mesmos sobressaltos da esperança e do desalento dos “maquis” na França.

E quando se banqueteavam então?!... o que não raro acontecia. Tudo era-lhes pretexto para se reunirem em torno de uma mesa opípara. E comiam! Comiam e bebiam! Comiam como uns alarves. A divisa de Fritz Muller era – “Venger, en mangeant, ceux qui n’ont pas de quoi manger, ceux qui crèvent de faim. Mangeons!”.

E comiam. E empanturravam-se.

À sobremesa, Fritz Muller punha-se de pé. Recomendava-lhes:

– Pas une seule miette sur la table!

E eles raspavam meticulosamente a toalha, como faz o padre com as migalhas da hóstia, ao celebrar a missa.

Madame Miroton impressionava-se com a saúde do marido. Dizia-lhe:

– Écoute-moi bien, mon ami! Tu files du mauvais coton! Tu vas finir par tomber malade, avec cette histoire idiote de te coucher dans la cave. Tu es, maintenant, toujours enrhumé. Et, puis, tu grossis. Tu manges trop. À ton âge, ce n’est pas bon de grossir, tu le sais bien.

Ora, como Jean La Trompette não levasse nada disso a sério, os “maquis d’outre-mer” odiavam-no; inventaram a lenda de que ele era colaboracionista. Agora, com quem ele colaborava era o que eles não sabiam dizer.

O velho Marquet, um energúmeno que, devido a um desvio da espinha, parecia dançar a rumba quando andava, referindo-se a ele, punha-se a gesticular e a vociferar, com uma voz fanhosa:

– C’est un homme qui touchait son traitement du gouvernement de Vichy!

E esquecia-se de que todos os demais funcionários franceses, seus amigos e correligionários, em missão no Brasil, haviam também percebido os seus vencimentos do governo de Vichy, que era, naquele tempo, o governo francês acreditado junto do governo do “caudilho” Vargas.

Drumond, ao chegar ao Sanatório Esperança, voltando-se para a cidade, teve uma visão extática deslumbradora. Ali se deixou ficar algum tempo a contemplar absorto o seu casario que se apinhava ao longe, com os seus sky-scrapers a encherem o espaço, como que desentranhando-se do solo e elançando-se para as alturas, muitos deles esguios, pontiagudos como minaretes, sob um imenso céu azul-ferrete, luminoso.

Ainda, sob a impressão que lhe ficara da cena ocorrida na rua Quintino Bocaiúva, sorriu-se pensando no que lhe dissera o engraxate, e possuído daquele seu inveterado orgulho de ser paulista, murmurou entre si:

– Avante S. Paulo! Olha-os sempre de cima! que eles jamais poderão entravar o teu progresso, mesmo assaltando as tuas arcas, de cumplicidade com os maus paulistas! Estás fadada a ser a Nova York da América do Sul!

E não é que o “caudilho”, no seu ódio obstinado a S. Paulo e aos paulistas, tornara passível de denúncia, perante o infame Tribunal de Segurança, o – “ser paulista” – ?!...

Na portaria, Drumond indagou do andar e do quarto em que estava Jean La Trompette. Tomou o elevador e subiu. Ao bater na porta, uma voz respondeu-lhe:

– Entrez!

E ele entrou. Cruzou com o enfermeiro que acabava de servir ali o chá, colocando, junto da cama, sobre uma mesinha, uma bandeja com um bule e torradas num prato.

Jean La Trompette, sentado, recostado numa pilha de travesseiros, nem parecia ter sido operado; tinha o aspecto saudável; como que se lhe fora, por encanto, aquele ligeiro alquebramento dos últimos tempos, que lhe dava um ar de velhice precoce, através de uma atitude concentrada e taciturna, pouco afeita ao seu temperamento, – ele que adorava a blague, tinha o espírito primesautier, era de uma verve esfuziante, cuja elegância espiritual a sua elegância física, de uma compleição fidalga, completava. Jean La Trompette, de perfil, lembrava o Erasmo de Holbein, mormente quando lia, baixando as pálpebras sobre a página de um livro, com o seu nariz aquilino, o seu queixo pontudo, uns lábios finos, colados aos dentes, que se franziam ligeiramente.

Ao ver Drumond, a sua fisionomia iluminou-se. Os seus olhos deliraram de alegria. Drumond caminhou para ele, estendendo-lhe os braços, num gesto afetuoso, como se o fosse abraçar.

– Et alors, comment allez-vous? Tout s’est-il, donc, bien passé?

– Comme vous voyez!

– Vous savez que vous avez une très bonne mine?

– Je le sais. Tout le monde me le dit.

E puseram-se a conversar.

Jean La Trompette contou-lhe, com todos os detalhes, a operação que sofrera. Gabou muito o doutor Mendes, que ele chamava de “Mandès”. A cada passo, exclamava:

– Oh! Il est épatant!

E acrescentava:

– Et, puis, c’est un chic type! J’aime cet homme!

Referindo-se à sua permanência ali no Sanatório, disse a Drumond:

– N’allez pas vous fâcher! Je sais combien vous êtes “pôliste”, mais vous savez, aussi, combien j’aime les “pôlistes”. Cependant, je dois vous dire, en certaines choses, j’aime mieux les “cariocas”. Ici, par exemple, dans cette maison, tout est parfait; c’est propre. C’est irréprochable comme service. Mais, on se croit, plutôt, dans une clinique vétérinaire. Vous

êtes traité comme un chien de luxe. Les infirmiers ne causent pas avec vous. Ils sont austères. Tandis, qu'à Rio, c'est peut-être moins propre, mais c'est plus intime. Les infirmières sont gentilles, elles sont douces, elles vous racontent leurs petites histoires de famille, si leurs mamans souffrent de la vessie... Elles vous font même, parfois, un "cafuné", et c'est doux, c'est agréable un "cafuné"...

E ele foi semicerrando as pálpebras, deixou pender a cabeça sobre o travesseiro, suspirou como se estivesse a sentir as delícias de um cafuné. Drumond riu-se.

Depois conversaram longamente acerca dos "maquis d'outre-mer", das suas famosas vigílias e das suas perseguições. Jean La Trompette exclamou:

– Fritz Muller, c'est un fou! C'est regrettable qu'il ne soit pas un fou plaisant, au lieu d'être si méchant, car, parfois, il est amusant avec son bagoût. Il m'attaque et il croit que je me frappe; si l'on pouvait s'imaginer comme je m'en fous!

Falaram, em seguida, de Larumelle, cognominado "le beau blond", que se preparava para partir para a Europa. Jean La Trompette disse:

– Il veut se battre, maintenant que la guerre est à la fin. Au début, il était communiste et antimilitariste. Maintenant, il est devenu patriote et vaillant. Il veut se battre. Et il fait un vacarme épouvantable. Il dit, à tout le monde, qu'on ne veut pas le laisser partir. S'il part, vous allez voir... Il va trouver un moyen de se battre aux environs d'Alger, dans un champ de carottes comme Tartarin de Tarascon; il tirera sur un bourricot, en croyant tirer sur des boches. Et il dira: – "On m'a vu tout seul tuer des centaines de boches". Puis, il se fera décorer, et Fritz Muller se chargera de nous raconter ses exploits, et de lui faire une réputation mirifique...

Ambos riram-se.

Como Drumond olhasse para umas azaleias que se encontravam num vaso sobre uma mesa, Jean La Trompette considerou:

– Elles sont belles ces azalées!... C'est Sinhazinha Tatu qui me les a apportées hier dans l'après-midi... C'est une brave fille! Je l'aime bien... Elle se dit pucelle, mais je ne crois pas; il y a longtemps qu'elle a dû être dépucelée... C'est drôle, chaque fois que je la vois, j'ai l'impression qu'elle vient de manger un morceau de pain avec du beurre... Je ne sais pas si c'est à cause de ses grosses lèvres luisantes... Vous la connaissez?

– Bien sûr que je la connais. Seulement je la trouve assommante avec sa littérature.

– Que voulez-vous? Tous les bas-bleus sont comme ça... La femme qui fait commerce de son intelligence est pire que l'homme; elle devient bien plus cabot que lui!... Et, pourtant, il faut être indulgent, il faut l'excuser, car, chez la femme, tout est une affaire de glande...

Drumond tornou a rir. Tomou do chapéu para se ir.

– Comment, vous partez déjà?

– Il le faut. J'ai beaucoup à faire. J'espère vous revoir bientôt chez vous.

Antes dele sair, Jean La Trompette disse-lhe:

– Savez-vous ce que je fais, lorsque je suis là tout seul? Je pense à la France.

E ele fez-se grave:

– Je me dis ce que disait Edgard Quinet: – “Oh! n’oublions pas ce nom de France, cette terre souvent voilée... souvent contristée... toujours sacrée!...”

E os olhos dele enevoaram-se-lhe de lágrimas.

XII
CONTRASTES

"Il n'y a pas d'oeuvre bien sentie qui ne soit naturellement bien peinte."
Eugène Veron *(L'Esthétique)*
"L'artiste devient tout ce qu'il voit et tout ce qu'il veut être."
Maurice Maeterlinck *(Fragments de Novalis)*
"On gagne l'immortalité en mettant debout des créatures vivantes, en créant un monde à son image."
Émile Zola
"Rêver, c'est penser au clair de lune, d'une lune intérieure."
Jules Renard

Manuelito era como lhe chamavam, em casa, a Drumond, cujo nome era Manuel Drumond Peçanha.

Ao sair do Sanatório Esperança, como não houvesse ali um táxi, ele caminhou até a avenida Brigadeiro Luís Antonio, onde, na esquina, tomou um "camarão" da avenida Angélica. O veículo, ao invés do que geralmente acontece, ia quase vazio. Ele acomodou-se no canto de um banco. Apoiou o cotovelo de encontro à janela e trançou a perna. Dali, pôs-se a contemplar um preto que, sentado no banco lateral, cabeceava de sono e de álcool, segurando uma coroa mortuária; numa fita, lobrigou a inscrição – "Ao meu querido Manuelito", – e aquilo lhe produziu um súbito arrepio, como se aquele Manuelito fosse ele e a coroa lhe fosse destinada. Para espairecer, voltou a cabeça do lado da janela e alçou-a para o azul ferrete do céu, que começava a desmaiar com o cair da tarde, – uma linda tarde!

Na avenida Paulista, numa encruzilhada, o bonde parou. Havia ali um ponto de ônibus. Na fila, destacava-se uma rapariga, de um loiro platiné, fina, fresca, com um narizinho arrebitado, petulante, a boca de lábios sinuosos, a tez de uma transparência de porcelana. Tinha as pernas nuas, os pés calçados em sandálias. Vestia um vestido colante, que lhe valorizava as formas, modelando-lhe as curvas de um busto quase assexual, tornando-a mais esguia ainda. Olhou para Drumond e sorriu-lhe. Sorriu-lhe como se o conhecesse de longa data. Piscou-lhe mesmo ostensivamente um olho. Mas, logo, em seguida, viu que se havia enganado, e mudou de cara, fez-se séria. Drumond, impressionado, não lhe pôde mais desfitar os olhos. Arregalava-os agora, fazendo-lhe trejeitos por que ela lhe sorrisse de novo, mas em vão. E, quando o bonde se pôs em movimento, ele lamentou não ter apeado.

– Quem será? Quem não será?... – pensava.

E, enlevado na sugestão do mistério que lhe ela despertara, foi logo engendrando, em torno da sua vida, um romance... Quão singulares são os romances que engendramos em torno da vida dessas personagens anônimas, que se nos deparam, agitando-se no tumulto das ruas?!... E quão chocante é a decepção que temos, se, acaso, lhes desvendamos a realidade?!... A mor parte das vezes nos encontramos em presença de criaturas

incaracterísticas, vivendo uma vida estreita, cujo teor não muda na trivialidade dos seus incidentes. São somente interessantes sob a máscara de aparências, de que nos servimos todos nós, – comediantes que somos!

Num menear da cabeça, ele deu ali com o preto e a coroa. Mas, não sentiu mais o mesmo arrepio. A sua impressão foi outra. Deplorou a sorte do seu xará, daquele Manuelito que se ia deste mundo, por uma tarde tão remansosa e macia. Tarde que convidava a morrer, sim, mas nos braços de uma mulher como aquela, que a sua imaginação nimbava agora de um halo ideal.

O preto acordou. Focinhava estremunhado, engolindo em seco, com os olhos pequeninos de sono, entreabrindo, a custo, as pálpebras, umas pálpebras pesadas e papudas. Passava a língua pelos beiços grossos, revirados e gretados. Inconscientemente, desfolhara algumas flores da coroa, cujas pétalas juncavam o chão, e esforçava-se por ouvir, inclinando a cabeça, o que lhe dizia um velho, que se lhe sentara ao lado, – o popular ator cômico Epifânio das Dores.

Drumond, à primeira vista, não o reconheceu, – um homem que o fizera rir tanto na sua mocidade! É que estava bastante envelhecido, curvado, com as articulações duras. Conservava ainda assim aquele seu olhar malandro, com que divertia o público. E, conversando com o preto, a sua face de bochechas pendentes, entalhada de rugas, luzia num riso alegre.

Indagou:

– De que foi que “Manuelito-câmbio-negro” morreu, hein Benedito?

– Foi de cancro, – e o negro cuspiu.

Epifânio das Dores também cuspiu.

Era um hábito, outrora, cuspir-se, quando se pronunciava o nome da horripilante moléstia.

– Ele deixou “grana” pra burro, não?

– Parece.

– Deixou, sim, – afirmou o próprio Epifânio. – Ele era muito lá do Getúlio como ele só! Foi por isso que enriqueceu no câmbio negro. Tinha todas as facilidades. Eu conheci ele, quando ele chegou do sul, sem um vintém, limpo como um pires, dando facada em todo o mundo pra tomar uma média com pão quente, aliás como todo o pessoal da revolução de 30. Eram todos uns prontos!...

E fez uma pausa.

– Essa coroa quem é que manda?

– É Nhaninha. Ela me pediu pra ir buscar no florista. O florista não tinha quem mandasse.

– Deixe ver!

Ele pegou na fita e leu:

– “Último beijo da sua esposa”.

Considerou:

– Nhaninha, quando moça, foi um assombro de mulher! Um mulherão! Era da gente ouvir estrelas!

E arregalou os olhos, sacudindo a cabeça, estalando a língua no céu da boca.

Acrescentou:

– Mas, só prestava como mulher do próximo; como esposa, nunca prestou. Foi sempre uma peste, ruim como uma víbora pr’ao primeiro marido, pr’ao Teófilo, e ruim pr’ao Manuelito. A vida do Manuelito foi um inferno. Um dia, ele quis dar um tiro na cabeça.

Fez uma nova pausa, dessa vez mais longa, e concluiu:

– Mas, mulher é assim mesmo!... Mulher, só a mulher do próximo... Você nunca avançou na mulher do próximo, Benedito?

O negro, que se erguera, carregando a coroa, fechou a carranca; respondeu:

– Eu não, Deus me livre, é pecado!

– Pecado nada; quem foi que disse isso?

– Foi o padre.

– Isso é besteira!

E, enquanto o negro lá se foi com a coroa, saindo por uma porta, entrou, por outra, uma mulher, sobraçando um volumoso embrulho de roupas, envolvido em alvas toalhas presas com alfinetes de gancho. Cumprimentou Epifânio com um aceno de cabeça, e sentou-se ao lado dele. Acomodou o embrulho sobre os joelhos. Era uma mulher moça ainda, que, se tivesse trato, seria bonita. Parecia atormentada por um pensamento que a fazia concentrada e lhe enrugava a testa. Tinha os cabelos lisos, penteados para atrás, presos, ao pescoço, por duas trancinhas. Passou a mão direita espalmada por eles, e suspirou.

Epifânio voltou-se para ela:

– Você como vai passando, Lucinda?

– Vou indo, nesta minha vida atropelada...

E tornou a suspirar, desembrulhando uns dinheiros, que trazia enrolados num pedaço de jornal, fechados na mão esquerda; contou-os. Eram duas notas de cinquenta mil réis, duas de vinte, uma de dez e duas moedas de mil réis. Separou uma das moedas e tornou a embrulhar o resto, fechando-o na mão esquerda. As suas mãos eram pequenas e bonitas, mas sem trato. Mãos de quem trabalhava. Parecia, além de concentrada, fatigada; bocejou. Ao abrir a boca, Drumond notou que lhe faltavam os grandes e os pequenos molares no maxilar superior, do lado esquerdo, e lamentou. Uma mulher, que se tivesse trato, seria uma linda mulher!

Epifânio perguntou-lhe:

– Como vai a pequerrucha?

– Vai bem.

– Achei ela, naquele dia, uma belezinha. Está que é uma bola. Mas, também, como ela mama!

– Mama mesmo muito! E eu, agora, não sei como há de ser, agora que tenho outra...

– Outra quê?!...

– Outra filha... – respondeu ela com aquele seu ar concentrado e aéreo de quem falava maquinalmente, obcecada pelo pensamento que a atormentava.

Epifânio arregalou os olhos espantados. O queixo descaiu-se-lhe pavidamente. Exclamou:

– Mas, será possível?!... Você teve outra filha, sem desmamar aquela?!

– Isto é, tive... É um modo de dizer. A filha não é minha, mas é como se fosse. É filha de minha cunhada, a Glorinha, que morreu, de recaída de parto. Foi lavar umas roupas, dias depois que saiu da maternidade e teve um febrão; tomou aspirina e morreu. Meu irmão me apareceu com a criança nos braços, chorando, e me pediu que ficasse com ela. Que havia eu de fazer? Havia de recusar? Não podia. Fiquei, apesar desta minha vida atropelada, de meu marido estar desempregado há quase um ano, de ser eu só quem trabalha, em casa, para todos. Foi, não há dúvida, um transtorno para mim... Mas, que havia eu de fazer?... A coitadinha não pediu para vir a este mundo de sofrimento. E ela é tão bonitinha; já me conhece. Sorri, quando me vê. Eu sinto que ela me quer bem...

E a mulher, à medida que falava, se foi enternecendo, a voz ameigando-se-lhe; por fim, duas lágrimas brotaram-lhe nos cantos dos olhos. Ela suspirou e as asas do nariz contraíram-se-lhe; enxugou as lágrimas no reverso da mão, à altura do pulso.

Epifânio comoveu-se. Murmurou:

– É, são coisas da vida!... Coisas que acontecem...

Como Drumond não lhes tirasse os olhos, embora de soslaio, discretamente, a mulher notou, e, para disfarçar a sua emoção, perguntou a Epifânio:

– E o sr., seu Epifânio, o sr. o que está fazendo agora?

Ele respondeu-lhe:

– O mesmo que você, labutando.

E não pôde dissimular, num mudo trejeito do olhar, a profunda mágoa que aquela pergunta lhe causou. Franziu a testa. Repetiu:

– É verdade, labutando!

E considerou:

– Eu, quando penso na minha vida passada, costumo dizer que há homens que vão morrendo em vida... Outros que morrem definitivamente... Eu por exemplo...

– Não diga isso, seu Epifânio.

– É verdade! Há muita gente que julga que eu já morri, e há muita que ignora completamente o que eu fui. Não sabe que Epifânio das Dores foi um dos artistas mais populares do Brasil!

E acentuou:

– É verdade! Do Brasil! Não havia quem não me conhecesse do Amazonas ao Prata! Eu era mais querido que muita estrela de cinema. Quando eu chegava a qualquer cidade, via o meu nome por toda a parte, em letras garrafais, colado nas paredes, em cartazes. Sempre representei nos melhores teatros do Rio, – no S. Pedro, no Carlos Gomes; aqui, em S. Paulo, no Cassino Antártica, no Santana, no Boa Vista... E agora?!... Aposto que você não sabe onde eu estou representando... ou, melhor, que você nem sabe que eu represento ainda, visto que você me perguntou o que eu faço agora...

A mulher sentiu-se constrangida; preferiu silenciar.

Ele prosseguiu:

– Estou representando num redondel, instalado lá na várzea do Canindé! Imagine você, num redondel, com este frio! Eu, velho, com os meus reumatismos... Outra coisa que você também não sabe! É que eu não represento mais comédia. Agora, por imposição do Gabriel, sou ator dramático. Já representei o “Mártir do Gólgota”, e estou representando, agora, a “Cabana do Pai Tomás”...

A mulher teve um pálido sorriso.

Ele, subitamente, tomou-se de uma revolta íntima. A voz alterou-se-lhe. Disse:

– Olhe! Palavra! Eu juro que preferia que o povo me vaiasse, me assobiasse, me enxotasse da cena, em vez de chorar como ele chora, vendo-me representar uma coisa que eu odeio, que eu represento sem alma, sem sentir. Estou, hoje, convencido de que o povo nunca compreendeu a minha arte. Eu sempre fui, pra ele, um palhaço. O povo chora e ri sem saber porquê...

E, em seguida a uma ligeira pausa, rematou:

– Quando apareço algemado, a choradeira é tanta, assoam-se tanto, que até me dá raiva. Pra me iludir, digo comigo: – “Não, não é possível! Esta gente o que chora é o dinheiro que gastou, pagando a entrada”. E se não mando devolver, no fim do espetáculo, é porque o empresário é o Gabriel, e eu, desgraçadamente, preciso desse amaldiçoado dinheiro.

XIII
NA VIENENSE

"L'art n'est sûrement qu'une vision plus directe de la réalité."
Henri Bergson (*Le Rire*)
"Les grands artistes sont ceux qui imposent à l'humanité leur illusion particulière."
Guy de Maupassant (*Pierre et Jean*)
"C'est toujours par ce qu'elle contient de vérité qu'une oeuvre nouvelle choque ses contemporains."
Henry Bataille (*Écrits sur le théâtre*)
"Le classique est le sain; le romantique le malade."
Goethe

Drumond, conforme prometera a Jericó, resolveu dar um pulo à Vienense. A rua Barão de Itapetininga, àquela hora, regurgitava congestionada. A multidão acotovelava-se, empurrando-se nos passeios. Os autos e os bondes, em grande número, cruzavam-se em fila. Arrastavam-se uns após outros. Ora paravam. Buzinavam, tilintavam impacientes. Depois, tornavam a prosseguir, enquanto o sol, que morria, iluminava o último andar de um arranha-céu, em cujas vidraças punha clarões rubros que, aos poucos, se iam tornando de um amarelo pálido.

Drumond dispunha-se a atravessar a rua, quando alguém, tocando-lhe no ombro, lhe disse:

– Ora, até que enfim! Há quanto tempo!...

Ele voltou-se. Era o professor Nicolau de Campos Murtinho, – "nhô Lau", o autor do célebre tratado de filologia comparada, intitulado – "Sentido deturpado dos textos", cujo valor a crítica não estivera na altura de aquilatar, tendo aquilo o desgostado por tal forma que o levara a mudar completamente de vida. Nhô Lau abandonou para sempre a sua sala de estudo, passando a frequentar, desde então, os dancings e os cassinos das cidades de banhos. Foi em Caldas que ambos estreitaram as suas relações.

Ele tornou a repetir:

– Há quanto tempo!

Drumond disse:

– Desde Caldas!

– Com efeito, desde Caldas!

Mas, ele logo acrescentou:

– Agora é natural! Não nos encontramos, porque estive fora. Estive mês e meio no Rio.

– E que tal o Rio?

– Ah, uma maravilha! É, hoje, incontestavelmente, a cidade mais linda do mundo, apesar daqueles idiotas fazerem tudo por estragá-la. Imagine que estão aterrando a baía de Guanabara! Parece incrível, mas é verdade! Aterrando a baía de Guanabara!

E os dois atravessaram a rua. Entraram na Vienense, que estava repleta, com todas as mesas ocupadas, muita gente de pé. Drumond relanceou os olhos, alongando-os, a ver se descobria ali Jericó, porém, ele ainda não havia chegado. E, como tivesse tido a sorte de aproximar-se de uma mesa, cujos ocupantes se levantaram, sentou-se imediatamente. Sentou-se sob o coruscante dardejar dos olhos coléricos de um judeu que, em companhia da mulher, uma planturosa polaca de nariz proeminente e adunco, espreitava a mesa a certa distância.

O homem não pôde deixar de resmungar, num português germanizado:

– *Brasilêros selvagios*! Povo sem educação!

Drumond fez como se o não ouvisse. Deu de ombros, com um sorriso de desprezo. Disse a nhô Lau:

– Imagine quando o Brasil cair nas garras dessa gente! E já está caindo! Pobre Brasil!

– Pobre Brasil, não senhor. Pobre de nós paulistas que estamos sendo submergidos não só por essa canalha, mas por toda sorte de gente que aflui para aqui dos outros Estados, a intrometer-se na nossa vida, na nossa política, a fazer aqui política, até mulheres, e que espécie de mulheres, enquanto não se vê um só paulista intrometendo-se na política alheia. S. Paulo, hoje, é terra de ninguém. O paulista só existe para ser odiado. É revoltante como somos odiados aí por fora...

Nhô Lau pronunciou essas palavras como que exacerbado, tomado de uma revolta íntima. Ia para acrescentar mais alguma coisa, porém o criado o interrompeu, indagando o que eles desejavam. Encomendaram chá com torradas. Depois, entreolharam-se, sorrindo maliciosamente, ao ver entrarem as Lalacas que, quando caminhavam, sacudiam as nádegas e sacudiam os seios. Eram três irmãs solteiras. Tinham as três o maxilar superior alongado e o inferior reentrante, motivo por que arreganhavam constantemente os lábios, dilatando as narinas e apertando as pálpebras. Como tivessem o vezo de achar tudo “ótimo”, e repetissem “ótimo! ótimo! ótimo! ótimo!”, parecia que latiam.

Nhô Lau disse:

– Eu bem que fazia a minha fezinha com a do meio. Ela deve ser bem boa!

Drumond contraveio:

– Mas, não é a mais afamada. A mais moça é que dizem que é um azougue. É sabidíssima!

Acompanhava-as Eduardo Vocação, que as mulheres tratavam por “sabonetão”, “machão”, “gostosão”. Uma besta! Muito presumido. Seguira um curso de jornalismo que um italiano, professor de primeiras letras na Itália, abrira no Brás, numa dependência da casa

em que o dr. Genaro Parlagreco, médico especialista de moléstias venéreas, tinha o seu consultório.

Foi ali que ele aprendeu a fazer crítica literária. Era crítico a seu modo. Ganhava da casa editora “Sampaio Zem-Zem” para elogiar, em artigos camuflados, todas as borracheiras que a casa editava, principalmente traduções de livros franceses, embora de francês não soubesse patavina.

E era isso o que mais maravilhava seu pai, o velho Epaminondas, que sempre o tivera na conta de uma nulidade completa.

O velho exclamava entre si:

– Ora, sim senhor! Olhe que tudo se vê neste mundo! Meu filho, agora, crítico literário, e apontado como autoridade! Ele que é de uma ignorância crassa, e, em pequeno, foi um menino atrasado! Custou para aprender a assinar o nome!

Como Drumond perguntasse a nhô Lau, se ele o conhecia, nhô Lau respondeu-lhe, apontando:

– Esse rapaz aí, filho do Epaminondas? Conheço sim. Fui-lhe apresentado outro dia. Ele contou-me que é crítico literário, e eu fiquei admirado, porque não me pareceu ser nada inteligente. E deve ser muito ignorante. Falou-me longamente de Zola, cujas obras estão sendo publicadas numa péssima tradução em português... Repetiu-me, por outras palavras, o que, a respeito, tem escrito o russo Zemetoff que, tendo-se naturalizado brasileiro, solicitou do governo permissão para passar a assinar-se, doravante, Peri Ubirajara...

– Ah! Peri Ubirajara é o russo Zemetoff?!

– Você não o sabia? É sim!... É desse modo, mudando de nome, que eles vão, disfarçadamente, tomando conta de tudo... Você não calcula a série de sandices que me disse esse rapaz. Ele tem mania da “ficção”. Tudo para ele é ficção. Falou-me nas ficções de Zola, de Balzac; considera Mallarmé o maior ficcionista da França, muito superior a Baudelaire. Uma lástima!... Mas, que quer você? São frutos da época! Tudo, na época de hoje, é uma lástima! E é na mão dessa gente que está a crítica literária no Brasil!...

Apareceram, depois, os Perestelos que, avistando-os da porta, se mostraram exultantes. Acenaram-lhes, sorrindo. Iam, como em Caldas, muito tesos, em fila; na frente, o pai, e, atrás, a mãe, a filha e o filho, cada um com o seu livro debaixo do braço.

Nhô Lau murmurou:

– É a gente que mais lê no Brasil; infelizmente, lê tudo de trás para diante, como geralmente se lê no Brasil.

Em seguida, surgiu a famosa Cordélia, conhecida pela “mulher escorpião”.

Escorpião por quê? Pelo veneno?... Sem dúvida, mas, principalmente, por ter enviuvado duas vezes tragicamente. É como sucede ao escorpião, em se tratando da fêmea. Quem lhes descobriu a trama da sua vida misteriosa e oculta foi o entomologista

francês Jean-Henri Fabre que a narra do modo o mais atraente, na sua obra – “Souvenirs Entomologiques”.

O escorpião é um aracnídeo que vive uma vida solitária. É taciturno, é neurastênico. Faz parte da família dos pedipalpos. Tem uma cauda que termina por um dardo, em cuja base existem dois orifícios que destilam um líquido venenoso. E é pelo temor que ele inspira, e por ter preocupado, em todas as épocas, a imaginação popular, que foi divinizado e glorificado, no céu, por um grupo de estrelas, figurando, entre a Balança e o Sagitário, como signo do Zodíaco.

Na época da procriação, ele surge da sua toca, desejoso de aventuras, e, se encontra, no seu caminho, uma donzela, coloca-se-lhe à frente, como a embargar-lhe os passos. Ela não se desgosta por isso; ao contrário, mostra-se satisfeita; para. E ali ficam ambos, horas, a fitarem-se nos olhos, até que, por fim, ele, tornando-se confiado, estende uma das suas mãos sobre a mão dela. E a mão do escorpião tem a forma de uma pinça, de uma tenaz que prende. E, prendendo-a, ele arrasta-a de um local para outro. E ela deixa-se arrastar. Param de novo. De novo, permanecem de vis-à-vis, a olharem-se, a sorrirem-se provavelmente. Ele acaricia-a e ela retribui-lhe as carícias. O rito nupcial, entretanto, jamais se passa às claras, aos olhos de todo o mundo. Para isso, ele leva-a para um buraco, ou para debaixo de uma telha, ou de um caco. E é ali que se dá a posse, seguida do assassinato dele por ela. É verdade! Ela, logo em seguida à posse, mata-o e põe-se a devorar-lhe o cadáver. Passa, assim, dias a banquetear-se por essa forma.

Caso semelhante foi o que sucedeu com Cordélia, por ocasião da sua primeira noite de núpcias. Não que ela matasse o marido e lhe devorasse o cadáver. Mas, ele morreu. Teve um derrame – o conde de La Tour d’Éperon, um sexagenário miliardário, que ela desposara por interesse. Ele estava tomado de lúbricos ardores, a gozar-lhe o contato, quando, subitamente, lhe irrompe da garganta um lamento de dor, e ele entra a enrolar a língua, a tentar soerguer-se do leito, sufocado, as feições alteradas, os olhos esbugalhados. Cordélia, como é natural, amedrontou-se. Pôs-se a gritar por socorro. Esquecendo-se de que estava nua, divinamente nua, fugiu para o corredor que, logo depois, pululava de uma turba assanhada e rumorosa. Isso no Waldorf, em Nova York. O escândalo que produziu foi considerado o maior escândalo do ano. Não houve revista americana que não publicasse a fotografia de Cordélia, enaltecendo, em termos entusiásticos, a beleza plástica da mulher brasileira.

Anos depois, quis o destino – (parece incrível) – que o segundo marido dela tivesse sorte mais ou menos idêntica à do primeiro. Ele morre afogado numa banheira, no Hotel Central, no Rio. Fato, à primeira vista de um grotesco inédito, que desperta o humor carioca. E, no entanto, digno da mais pungente comiseração, principalmente por se tratar de Heliodoro Vial, um lindo rapaz argentino, irradiante de simpatia, que, apesar de maneta,

jogava pólo a primor, loiro, de olhos azuis, com um tufo cerrado de pelos loiros no peito. Na guerra de 14, arrolara-se como voluntário no exército inglês, tendo perdido o braço esquerdo numa escaramuça na Argonne.

Foi ao entrar na banheira que ele, escorregando, cai. Cai de mau jeito, de lado, sobre o braço direito. Debate-se, e, debatendo-se, o corpo lhe foge, a cabeça submerge, e, submergindo, ele morre.

Cordélia, que o amava perdidamente, ante tão cruel provação, sente o coração aos pedaços. A sua agonia é indizível. Ela desfaz-se em lágrimas. Soluça, chora alto. Deseja também a morte para si. Nos Estados Unidos, a notícia produz sensação. Os jornais nova-iorquinos publicam-na com destaque na primeira página, acompanhada da sua fotografia. Um deles apelida-a, acrescentando-lhe por baixo do nome – "the scorpion woman" –, apelido que pega, passando ela a ser assim conhecida daí por diante – "a mulher escorpião".

Durante dois anos, Cordélia deixou-se ficar viúva. Foi a viúva mais consternada e linda que houve. Cobriu-se inteiramente de luto, de véus de crepe. Andava de olhos baixos, velados, aqueles seus olhos, de ordinário tão ardentes e luminosos, lépidos, irresistíveis.

No Guarujá ou em Copacabana, quando apontava na praia, era metida num maiô preto, a quebrar ligeiramente as ancas, o que lhe fazia ressaltar o seu busto de curvas ágeis. Intimamente gozava a sensação de encantamento que despertava em todos que a admiravam.

Conta-se que Alberto Durão, que, nas horas vagas, se dedicava a estudos de astronomia, lhe assestava, do terraço da sua garçonnière, em Copacabana, um telescópio, declarando que a estrela mais refulgente que divisara até então não se encontrava no céu, mas sobre a terra.

Depois, ela casou-se com o Aurélio, com quem teve um filho, o Pipi. O Aurélio era um triste, um vagabundo, jogador inveterado. Ia pondo fora tudo quanto ela possuía. Felizmente, separou-se a tempo. E, depois de algumas aventuras, casou-se de novo. Dessa vez, no Uruguai, com o Ribeiro Saraiva. Uma amigação decente, em suma. Mas, não combinaram. Separaram-se. E agora que ela não era mais a mesma mulher de outrora, que estava na lona, obesa e flácida, velha pra burro, a cara enorme, os dentes amarelos, a barriga das pernas inchadas como se foram bochechas inchadas, rebolando-se ofegosa, vivia francamente amancebada, aos olhos de todo o mundo, com o Alberto Durão, que, por sua vez, compacto e volumoso, nada mais tinha de "durão", as suas carnes eram tão flácidas quanto as dela. Cordélia até costumava dizer-lhe, quando ele fracassava na intimidade:

– Você deveria tomar umas vitaminas!... Você está ficando ruim...

Quando os dois saíam, a passeio, nunca andavam um ao lado do outro; ele, habitualmente, seguia-a. Ali, enquanto ela esgazeava os olhos a ver se lhe deparava uma mesa, ele atrás dela, enxugava, com um lenço, as bagas de suor na testa, e, depois, abanava-se. Dir-se-ia agoniado, como se alguma coisa azeda lhe houvesse parado no estômago; tinha náuseas e trejeitava caretas.

Pipi metera-se pela sala a dentro. Lá do fundo, acenava-lhes, junto de uma mesa que vagava. Estava com o Gracinha e tinha o mesmo ar "femelle" que ele. Era muito espigado, muito palidozinho. Apesar de seus vinte e quatro anos, parecia um adolescente.

Madame Miroton, que fora governante em casa de Cordélia, ao passar por ela, depois de cumprimentá-la, perguntou-lhe:

– *Et Pipi, comment va-t-il?*

– *Il va bien. Il est là!* – Cordélia mostrou-lho, apontando-o.

Madame Miroton voltou-se, sorridente, para Pipi; saudou-o, sacudindo a mão no ar. E indagou:

– *Pipi ne fait plus pipi au lit?*

– *Oh! non. Pipi va se marier.*

– *Vraiment? Oh! alors toutes mes félicitations!*

E, à saída, madame Miroton cruzou com o sírio Farah Sayed, que lhe deu um encontrão. Ela exclamou:

– *Espèce de mufle!*

Nhô Lau, que lobrigara o sírio, chamou a atenção de Drumond:

– Nem de propósito, – disse. – Hoje, só se vê, aqui, gente conhecida. Lá está o turco Farah Sayed, que, em Caldas comia com as mãos e se enlambuzava todo...

Drumond contou-lhe:

– Sabe que ele foi proposto para sócio do Automóvel Club?...

Nhô Lau não quis acreditar. Tomou aquilo como pilhéria. Drumond, porém, fez-se sério. Sacudiu a cabeça:

– É verdade sim. Não estou brincando. E é natural que entre. Farah Sayed é arquimilionário, e, em S. Paulo, terra do vale quem tem, hoje só vale quem tem muito dinheiro, mas é preciso que seja muito, porque quem tem um ou dois mil contos não vale mais nada, é tido como um pobretão. A gente boa de S. Paulo é composta só de pobretões. Em vez de se prestigiar pelo seu isolamento, orgulha-se de ser satélite de qualquer arrivista que surge aí da noite para o dia, arrotando grandezas e jogando forte...

E, em seguida a uma pausa, acrescentou:

– Hoje, no Automóvel Club, já se come quibe; o José incluiu-o no menu, no restaurante...

Nhô Lau fez uma cara consternada.

– Será possível?!...

E tomou uns goles de chá, pôs-se a mastigar torradas.

Finalmente, chegou Jericó em companhia de Mary Keneldy. Drumond e nhô Lau puseram-se de pé para recebê-los.

– *How do you do?* – disse Drumond, sorrindo e estendendo a mão à americana que estava um encanto, toda de branco.

Ela respondeu-lhe:

– *I'm doing fine, thank you, and you?...*

Drumond inclinou a cabeça de lado e oscilou ligeiramente a mão espalmada:

– *So, so...*

Apresentou-lhe nhô Lau, que não falava inglês, e perguntou-lhe:

– *When are you going to the States?*

– *Next week.*

– *You'll be back, won't you?*

– *Yes, I will.*

– *Jericó tells me you can no longer live away from São Paulo. Is it because of São Paulo or because of him?*

Ela sorriu, mirando de soslaio Jericó que tinha o olhar distante, parecia absorto, seguia sem seguir o que ouvia, rindo uma risadinha curta, inexpressiva.

Drumond voltou-se para nhô Lau. Declarou:

– Que houve um milagre houve! Agora, quem foi que o fez, ninguém sabe, se foi São Paulo ou se foi Jericó. O fato é que Mary Keneldy vai para os Estados Unidos, mas volta. Não pode mais viver fora de São Paulo.

Nhô Lau alegrou-se:

– É verdade?

Ela respondeu com o seu sotaque americano, como que mastigando as palavras na garganta:

– *O', yes! Verdade sim! Gosta munto de San Pól! San Pól parecido com United States! Cidade americano. Povo munto amavel. Sociedade munto fino! Mulier munto elegante...*

– E os homens? – indagou nhô Lau.

Ela tornou a olhar para Jericó, sorrindo.

– *Ô! Os homens todos parecido like Jericó! Very clever...*

Drumond disse:

– *It's remarkable how well you're speaking Portuguese!*

Ela fez-se modesta:

– *Not well; just well enough.*

Drumond arredou cadeiras para que eles se sentassem. Jericó, porém, recusou-se, lamentando:

– Infelizmente, não nos é possível ficar. Viemos até cá, porque fui eu que disse a você que viesse para nos encontrarmos, mas Mary Keneldy tinha um compromisso que eu ignorava. Vamos a um coquetel em casa do Sulivan Marx. E vamos nos indo já, que é tarde!

E ele segurou no braço dela; despediram-se.

A certa distância, Mary voltou-se para Drumond e acenou-lhe um:

– *Bye-bye!*

Ele respondeu-lhe com um:

– *Good luck!*

Nhô Lau, depois que eles desapareceram, disse entre si, meditativo:

– E não é que Jericó está seriamente enrabichado por essa mulher?!...

E suspirou:

– É muito triste o gagaísmo... Acho que vou retornar à minha sala de estudo.

XIV
NA PRAÇA DA REPÚBLICA

"Quand je ne pense pas à moi, c'est que je ne pense à personne."
Jules Renard
"En nous, il n'y a pas que nous, il y a aussi les autres. Il y a même le monde en raccourci."
"Notre âme ne serait point l'expression de notre organisme, mais de notre société. C'est la cité qui la crée."
Paulhan (*La Morale de l'Ironie*)
"Time is the school in which we learn;
Time is the fire in which we burn."
Delmore Schwartz (*The Imitation of Life*)

Drumond, nesse dia, levantou-se mais cedo que de costume; parecia contrariado, "chateado" como se diz na gíria. Nem leu os jornais da manhã, correu apenas os olhos por eles.

Depois de concluída a sua toalete, tomou café; disse à criada que o não esperasse para o almoço. Almoçaria no Clube.

É que ele havia combinado encontrar-se com Turíbio Lima Monteiro, na praça da República, para irem juntos, à Vila Ema, ver uns terrenos que pretendiam comprar, e, às 13 horas e meia, tinha que comparecer no Tribunal de Justiça, para prestar depoimento pessoal numa ação que, como procurador de sua mãe, movia contra um inquilino dela. Fora intimado pelo advogado do réu.

A situação financeira de sua mãe preocupava-o seriamente. Ela que, na sua velhice, podia viver uma vida mais confortável, com as propriedades que possuía, vivia estreitamente, por estarem pessimamente alugadas, e os alugueres congelados, em virtude da lei do inquilinato.

Pegando do chapéu, saiu. Tomou o elevador e desceu. Ao chegar à porta, olhou para o céu; o céu estava encoberto. As nuvens adensavam-se do lado da estação da Luz. Em sentido oposto, porém, em certos pontos, em que elas se esfarpavam, sopradas pelo vento, havia retalhos de um azul rutilante, por onde se filtravam fugidios raios de sol.

Drumond disse de si consigo:

– Será que chove?...

E esteve para voltar, para ir buscar a sua capa de borracha. Depois, porém, mudou de ideia, e pôs-se a caminhar. Meteu-se pela rua dos Timbiras.

Coisa que nunca lhe acontecia, caminhava pensativo, sem prestar atenção ao que se lhe ia em derredor. Só deu acordo de si, na avenida São João, ao atingir a bomba de gasolina, em frente ao Metro.

Atravessou a avenida, ainda pouco movimentada, e enveredou pela ruela, ao lado do cinema, apertada entre altos arranha-céus, – prolongamento da rua dos Timbiras. Num terceiro andar, uma janela se abriu. Era a janela de um salão, cujo lustre, no teto, estava aceso. Apareceu um criado de smoking, que se debruçou do parapeito, a olhar para a porta do prédio, embaixo.

Como a porta se abrisse, e surgissem duas mulheres, em toalete de soirée, uma delas decotada até à cintura, esbelta, elegante, fumando numa piteira, com uma fourrure no braço, que se arrastava no chão, os dedos chamejantes de anéis, a outra, como a tiritar de frio, encolhida num manto de astracã, com a gola levantada até as orelhas, e um rapaz moreno, bastante alcoolizado, que se tinha mal nas pernas, o criado voltou-se para dentro e falou com alguém. Esse alguém chegou à janela. Era um homem de cabelos grisalhos, pálido, os olhos estremunhados. Chamou-as:

– Psiu! Psiu!

Elas alçaram a cabeça. Foram para o meio da rua.

– Que é?

– Digam, aí, ao Leandro, que acabam de telefonar, comunicando que o pai dele morreu.

Uma das mulheres falou alto:

– Leandro! ó Leandro!

O rapaz, que se havia distanciado delas, em direção à praça da República, voltou-se:

– Que é?

– Acabam de telefonar, ao Alves, avisando que seu pai morreu!

– Meu pai morreu?!... – e o rapaz fez uma cara como que apatetada.

Subitamente,porém, transfigurou-se, tomou-se de uma grande agitação, as suas faces e os seus olhos tornaram-se de uma rubidez sanguínea. Vociferou:

– Eu sabia que ele havia de me pregar essa peça! Eu estava adivinhando! Meu pai nunca teve tato na vida. Bem fez minha mãe que deu o suíte nele! Foi sempre um cabuloso! Quando devia ter morrido, deixando-nos uma grande fortuna, não morreu; agora que podia ter esperado até amanhã, só até amanhã, morre hoje, dia de *crémaillère* da Glorinha, e eu não poderei ir lá jogar...

Engoliu em seco:

– E, agora, aposto que meu irmão, que me prometeu uns cobres para hoje, me vai negar, falando nas despesas do enterro. Tudo, lá em casa, serve de pretexto!

E, num assomo de indignação, rematou:

– Pois, já que morreu, que vá para o inferno, que, hoje, ninguém mais faz falta neste mundo!

Uma das mulheres protestou:

– Você está no pileque! Não sabe o que diz! Cale essa boca!

E, enquanto ele continuava a resmungar, ela enfiou o braço no braço da companheira:

– Vamos até o barzinho da esquina tomar um café!

E pôs-se a falar no pife-pafe que jogaram a noite toda até aquela hora.

– Você reparou na Tida como ela estava nervosa? Nunca a vi assim. Deu logo o desespero com o Jorge por ele ter contra-repicado o escuro dela. Engraçado, ela que não passa de uma bailarina...

– E a Juanita, então?!...

– Essa tem um gênio que não vai com o meu. Está sempre azeda, sempre de mau humor. Ninguém tem culpa que ela perca, e, como ela perde sempre, fica furiosa. Implicou com o Tadeu. Chamou ele de sapo de pé frio, e ele não gostou, fechou a cara, quase que se retirou. Agora, quem é muito gozada é a Mariucha; como ela nunca sai do coqueiro e só ganha a custa de capilé, acha que o pife-pafe é o jogo que mais sorte dá neste mundo... Jogasse ela como nós jogamos e havia de ver...

Fizeram uma pausa, servindo-se de açúcar.

– E você como foi?

– Eu não fui nada bem. Estive sem sorte a noite toda. E você?

– Eu não posso me queixar. Peguei boas mesas de repique.

– Quanto você ganhou, se não é indiscrição?

– Uns quinze contos...

– Então, dá de sobra para o vestido do Canadá?

– Ora, se dá! É no que eu estava pensando...

O rapaz, bebendo um uísque, acalmara-se. Disse-lhes:

– Alegre esteve a mesa do buraco!... Nunca nos divertimos tanto!...

E, depois de liquidadas as despesas, os três tomaram um táxi e lá se foram.

Drumond, que levado pela sua bisbilhotice, ali também tomara um café, considerou a cena a que acabava de assistir, alongando os beiços e sacudindo a cabeça. Voltou depois os olhos para a praça. Avistou, ali, Turíbio Lima Monteiro, andando de um lado para outro, debaixo de um plátano. Fumava um grosso cigarro de palha que apertava entre o índex e o médio, como se fora um charuto. Na sua rudeza, não deixava de ser um tipo original, com a sua face bem nutrida, o seu todo entroncado e saudável de homem de bons músculos e nervos sólidos. Tinha o fraco de bancar o caipirão, sendo de fato um caipirão. Mas, o exagerava e por tal forma no seu falar acaipirado, entremeado das cinco letras de Cambronne, que muita gente supondo, às vezes, divertir-se à sua custa, era ele quem mais se divertia intimamente. Porque, Turíbio Lima Monteiro era muito astuto, muito manhoso, dotado de uma grande penetração de espírito. A considerável fortuna, que possuía, ganhara-a graças à sua inteligência.

Drumond e ele cumprimentaram-se.

– Vamô tê qu'esperá aqui uns vinte minuto – disse – porque meu carro tá ali na mecânica do Grôs pr'apertá os breque que não breca... Vamô andá um pouco na praça? Vamô?

E os dois meteram-se a flanar pela praça.

Para Drumond, foi um espetáculo inédito o que ali se lhe deparou, naquela hora, em que a cidade começava a despertar, a saltar da cama, despejando, fora de casa, a sua população que caminhava afobada para o trabalho. Enquanto isso se passava ao redor da praça, na avenida Ipiranga, e ruas adjacentes, na rua Barão de Itapetininga, para onde os automóveis buzinantes afluíam em grande número, e os bondes, solavancando, tilintavam uma sineta estrídula, na praça, em determinados pontos, sentia-se como que um isolamento completo de todo aquele tumulto que era ouvido, abafado ao longe. Pairava, por tudo, a suavidade de uma paz provinciana. O tempo levantara; o sol luzia. Através da folhagem das árvores, a luz escoava-se impregnada de uma tenuíssima doçura. Raros eram os transeuntes que passavam apressados por ali. Todos pareciam cinematografados em câmara lenta. Uns bocejavam, estirando os braços no ar; outros caminhavam encurvados, vagarosamente; paravam. Erguiam os olhos para o céu, para as franças das árvores, e assim se quedavam imóveis, um momento. Depois, continuavam, de novo, a caminhar, vagarosamente. Nos bancos, homens liam jornais, liam livros; um, ou outro, dormitava, com a cabeça pendida sobre o peito, ou, então, se deixava mergulhar na mais doce beatitude dos sentidos e do espírito, como que inteiramente alheado às preocupações da época. Uma velha seca, asmática, que tossia, de enormes óculos de tartaruga, acavalados na ponta do nariz, tricotava, com as pernas nuas cruzadas, repletas de rodelas de esparadrapo. Um cachorrinho peludo enovelava-se-lhe ao lado, muito juntinho dela, como se fora uma bola. Tudo uma gente *mezzo-mezzo.* Ninguém, porém, de aspecto miserável. Aliás, não é comum avistar-se em S. Paulo, por mais que a demagogia em moda carregue nas tintas, gente de aspecto miserável, ou, melhor, os "miseráveis" que se veem nas grandes cidades da Europa.

O varredor já havia iniciado a sua tarefa quotidiana, varrendo, a largas vassouradas, com a sua vassoura de guanxuma, – o carrinho de lixo aberto, parado a certa distância. Numa ponte, sobre o tanque, três meninos, três colegiais, demoravam embevecidos, encostados no parapeito. Divertiam-se em atirar bolinhas de pão aos peixes que, movimentando-se atrás delas, encrespavam a superfície da água. Na outra ponte, por onde Drumond e Turíbio passavam agora, uma prostitutazinha, provavelmente uma *taxi-girl* de algum cabaré da redondeza, "cantava" um rapaz, segurando-lhe em ambas as mãos.

Drumond ouviu-a cochichar-lhe este convite:

– Vamos, ande! Será uma coisa maluca!

Ao que o rapaz respondeu:

– Eu sei disso!

Ela, porém, insistia:

– Vamos! Você verá!

E, insistindo, sorria com um lindo sorriso. Era loira. Tinha os olhos esverdeados e felinos. Como ele fosse mais alto que ela, alçou-lhe, na ponta dos pés, para lhe alcançar a boca, e beijaram-se na boca.

Turíbio Lima Monteiro, vendo aquilo, suspirou; caminhou alguns passos meditativo. Depois, voltando-se para Drumond, disse-lhe:

– Houve um tempo qu'eu dava a vida por uma mulherzinha dessas!

E arrependeu-se. Corrigiu:

– Inda, hoje, eu dou, qu'eu sou turuna pra mulhé, gosto mesmo de mulhé, confesso, é o meu fraco. Agora, casamento não. Casamento é abacaxi. Isso da gente tê que aturá a mesma mulhé a vida toda, é pau! Pau pra gente e pau pra ela! Foi o que o Bagé me disse que quando a mulhé dele quis se separá dele, ele não disse que não, ficou quietinho, assinou depressa tudo quanto ela quis, e que deu graças a Deus, quando soube que ela ia casá, no Uruguai, com o Santos-Vai. Disse consigo: – "Que vá.....! Já vai tarde!" Imagine que nome: Santos-Vai! E dizem que ele não é mau sujeito. É um português. Também, pr'aturá aquela mulhé, só mesmo um português e santo. Porque ela não é sopa. É infernizante! Deixava o pobre do Bagé abobado, de cabelo branco...

E fez uma pausa:

– Mas, agora, de uns tempo pr'acá, tenho pensado melhor, principarmente despois do casamento do Tuda e do Neco...

E interrompeu-se. Conjeturou:

– Qu'idade poderá tê cada um deles?!... O Tuda deve tê uns sessenta e três, sessenta e quatro anos, e o Neco deve está beirando os seus setenta...

Reatou:

– Ora, quando cada um deles me disse qu'ia fazê a burrada, naquela idade, está craro qu'eu não ia dizê pra eles, mais pensei: – "Que triste desenlace!"... Mais, agora, tenho pensado melhor, e é como dizia minha mãe, que tinha medo qu'eu ficasse só, desarvorado neste mundo. Porque, despois de uma certa idade, quando o homem vai ficando velho, faiz farta mesmo, na vida dele, uma mulhé, nem que seja pra esfregá o reumatismo. Eu não digo isso por mim, qu'inda sou moço, tenho saúde, graças a Deus, e tenho inda muito tempo pra gozá, mais é pensando naquela nossa roda do armoço e do jantar, no Automóvel Club. A roda dos enjeitados, dos solteirãos, que o pândego do Aires, num dia de bebedeira, batizou de "trabalhadores do Brasil". Você já viu como aquele pessoar tá ficando esbodegado, velho pra burro?!... Olhe que não escapa um. Nem o Macieira, que sempre foi um rapaiz bonito.

Nele o que tem envelhecido mais é a discurseira dele. Porque, ele nunca soube falá, sem fazê discurso. É sempre a mesma coisa, a mesma história, aquela mesma lamúria por causa de política, por causa do Getúlio... Às vezes, eu tenho vontade de dizê pra ele: – "Macieira, pelo amor de Deus, vire o disco!"...

Drumond sorria, ouvindo-o falar. Um fotógrafo, ali, porém, distraiu-lhe a atenção. Turíbio, percebendo-o, calou-se. Ambos pararam. Parou, com eles, um menino, empregado de uma tinturaria, que, a caminho da casa de um freguês, levava um paletó pendurado num cabide, cujo gancho ele segurava, alçando o braço no ar. Os três puseram-se a olhar para o fotógrafo, – um italiano impressionante pela dilatação e fixidez das suas pupilas; umas pupilas de intoxicado. Ele assestava a máquina, sobre uma tripeça, para fotografar um casal de pretos. Colocou-lhe na frente, a certa distância, duas cadeiras, e, por detrás do espaldar, uma tela num quadro. Convidou, depois, curvando-se, com muitas mesuras, o preto a sentar-se mais a companheira. Um preto retinto, corpulento e petulante, de panamá sobre a carapinha, batido de banda, na testa, os ombros largos e quadrados à americana, gravata encarnada, um lenço a derramar-se-lhe, espalhafatosamente, do bolsinho do jaquetão, e sapatos amarelos de sola Packard ultragrossa. Já devia ter, no bucho, uma meia dúzia de cálices de pinga. Gingava, trocando as pernas. Ao sentar-se, muito excitado, abraçado na companheira, quase rola no chão, por cima dela.

O menino, que acompanhava a cena, com uma cara de riso, não se pôde conter, soltou ruidosa gargalhada, e voltou-se para Drumond e Turíbio a ver o efeito que aquilo lhes causara. E como eles também se mostrassem divertidos, ele, então, requintou numa casquinada estrídula de deboche, com muitos "ú! ú! ú!", que irritaram o preto, lhe assanharam os olhos. Quase lhe saltaram das órbitas. Ah! se ele pudesse pegá-lo! esganá-lo! Soltou um palavrão. Mas, o menino já se havia posto a caminho, agora olhando para as franças das árvores, assobiando.

Drumond, que o não desfitava, o acompanhava nos seus mínimos movimentos e trejeitos, lembrou-se da sua infância, da sua criancice. Ele foi tal qual aquele menino! Desde pequeno que tudo, na vida, o interessava, o atraía! E dizer que há gente a quem a vida não interessa. Passa por ela, às cegas, sem suspeitar que ela existe.

Turíbio, referindo-se ao casal de pretos, dizia:

– Você vê?! Isso é a demagógia comunista! Uma .....!

Pronunciava demagogia, acentuando o "ó".

– É a demagógia comunista que vira a cabeça de toda essa negrada. Não há negro que não seja comunista. É tudo inimigo da gente! Tá ganhando um dinheirão. Quarquer pedreiro vagabundo ganha quatorze, quinze mirréis por hora... E é assim que um diabo desses trabalha quatro dias na semana e diverte treis. A semana ingresa pra eles principia na sexta-feira...

O playground, até então vazio, se foi animando. Enchia-se do ruído álacre das crianças, que, desejosas de movimento, se embriagavam de ar, numa alegria insaciável de viver. Ouviam-se risos, gritos...

Turíbio convidou Drumond a ir até lá:

– Quero mostrá pra você uma coisa...

E, ao passarem pela herma de Álvares de Azevedo, Drumond volveu os olhos para o poeta. Acudiram-lhe, à memória, entre outros versos seus, estes:

"Minha musa é a lembrança
Dos sonhos em que eu vivi,
É de uns lábios a esperança
E a saudade que eu nutri!
É a crença que alentei,
As luas belas que amei
E os olhos por quem morri!"

E, por associação de ideias, lembrou-se do seu amigo Benjamin Aimoré, também poeta, que frequentemente lhe afirmava que um dia havia de ter glória póstuma. Dizia-lhe:

– "Estas bestas de hoje não me compreendem, mas a posteridade há de me compreender. Eu também hei de ter, na praça pública, uma herma como de Álvares de Azevedo!"

E, ególatra como ele só, babava-se de satisfação, com essa sua ideia da sua glória póstuma.

Morreu, e, no entanto, não tardou em ser completamente esquecido. Por certo que jamais alcançará a glória póstuma tão ambicionada.

Quando se aproximaram do playground, Turíbio recomendou-lhe que observasse bem as crianças que brincavam ali. Drumond, num rápido golpe de vista, compreendeu o que lhe ele queria dizer com aquilo.

O playground cada vez se enchia mais. As crianças chegavam, acompanhadas das criadas, que as deixavam entregues às professoras e se retiravam. Com exceção de uma ou outra, de compleição mole, débil, eram, na sua generalidade, todas elas cheias de saúde, fortes, rosadas. Meninos esbeltos, com cabecinhas de Cupido e tórax de atleta, a andadura firme; meninas que lembravam lindas bonecas de porcelana, de caracóis loiros, ou, então, morenas de cabelos castanhos. Todos muito bem agasalhados, ostentando suéteres variegados e caros.

Brincava-se ali de tudo, de pegador, de cabra-cega, jogava-se péla, peteca. A balançoire ia e vinha num movimento contínuo; o giratório, por sua vez, não cessava de

girar. E, enquanto isso, na folhagem das árvores, os pardais faziam uma bulha ensurdecedora, infernal...

Turíbio, antes que Drumond se pronunciasse, disse:

– Você tá vendo?!... É tudo filho d'estragêro, dessa estrangerada que mora nesses apartamento desses arranha-céus! Você veja que mina. Até page de graça o governo dá pra eles pra pageá os filhos dele! Outro dia, eu perguntei pr'aquela mocinha que tá ali, quanta criança tinha aí, e ela respondeu pra mim: – "Tem quatrocentos e quinze neste momento, mas é tudo filho d'estrangêro; brasilêro não tem nenhum!" Você vê?! E tudo filho de um pessoar rico pra burro. Tudo tubarão. Gente que veiu endinheirada da Oropa pr'arrematá o Brasil. Porque o Brasil tá sendo arrematado por essa gente. Nóis brasilêro não vemos, mais tá... O brasilêro não vê, porque o brasilêro é muito engraçado. Você repare! Ele não gosta de sabê que outro brasilêro tá ganhando dinhêro. Fica com raiva, fica com inveja. É o bicho mais invejoso que existe. Agora, se é estrangêro que tá ganhando, ele não fica, ele não se importa; até fica contente. O paulista, então, se arregala de bajulá estrangêro. Também é só o que se vê em São Paulo – é estrangêro...

Fez uma pausa e apontou, olhando para a árvore em que os pardais se aninhavam:

– Você já viu passarinho mais barulhento que o pardá?!... Olhe a argazarra qu'ele tá fazendo!... Eu comparo o pardá a essas criança. O pardá não é passarinho brasilêro; é passarinho estrangêro. Em má hora foi importado da Oropa prô Brasil. Assim que chegou aqui, fez uma guerra danada, guerra de morte contra o pobre do tico-tico que cantava tão bonito, posado no ramo da árvore – *"Minha vida é assim, assim, assim, assim..."* Escorraçou o coitado! Hoje pra você ouvi um tico-tico cantá precisa í lááááá na beira do Paranapanema... O mesmo vai acontecê com essa criançada! É essa criançada que há de escorraçá, mais tarde, os nossos filho... Pobre de nois, brasilêro! Tamô ficando na embira!

Drumond interrompeu-o, sorrindo:

– Bem, Turíbio, vamos indo que já é tarde. Vamos ver se o seu automóvel está pronto, porque eu preciso voltar cedo. Tenho que almoçar ao meio-dia. A audiência, no Tribunal, começa às duas horas e eu devo estar lá meia hora antes...

Turíbio voltou-se para ele. Encarou-o de frente, fazendo-se pasmado:

– Mais, você vai mesmo demandá?!... Você tá louco! Você não vê qu'isso é burrada?!... Você vai tomá na cabeça como eu já tomei. Hoje, não há mais justiça, não há mais nada. A vida é uma.....

XV

O DR. X

"Il n'y a de joie que de créer. Il n'y a d'êtres que ceux qui créent. Tous les autres sont des ombres qui flottent sur la terre, étrangers à la vie."
Romain-Rolland (*Jean-Christophe*)
"Plus aucun goût pour la littérature qui rapporte. Rien, que regarder la vie, et se contenter de ce qu'elle donne."
Jules Renard
"À moi, la littérature ne m'a jamais rien rapporté. Et je fais de même. Je regarde la vie et me contente de ce qu'elle me donne."
René Thiollier
"Il faut faire de l'Art pour soi et non pour le public."
Gustave Flaubert

Drumond, a caminho do Palácio de Justiça, ia rememorando o que lera, certa vez, numa Carta de Francisco Xavier de Oliveira, mais conhecido por Cavaleiro de Oliveira, que foi queimado, em estátua, em 1756, pela Inquisição. Dizia ele: – "Os tribunais de Justiça de todas as Cortes justificam os terríveis efeitos que se têm visto em todas elas, pelo engano de uma fisionomia, e pela falsidade de uma escritura que pareceu verdadeira." E era daí que lhe vinha aquela sua insuperável repugnância pela Justiça falível dos homens, assim como lhe repugnava só a ideia de meter-se num confessionário e confessar os seus pecados a outro homem, tão pecador, ou mais do que ele, – ele que, em relação aos seus pecados, era como "le bon Rollin" de Anatole France, "que ses péchés ravissaient".

Sempre que podia, por meio de entendimentos, de panos quentes, evitava recorrer à Justiça. Dessa vez, entretanto, não quis perder a chance que se lhe oferecia. Tratava-se de interesse de sua mãe, e ela tinha a lei por si. E sua mãe, coitada, embora habituada a uma vida simples e recolhida, ia silenciosamente, sofrendo as suas aperturas, as suas privações, com a alta excessiva de tudo, da desvalorização da moeda, e do congelamento dos seus alugueres. Sofria-as para não deixar de atender a parentes necessitados, a pessoas desamparadas que socorria.

Em ganhando a ação, que Drumond ora intentava contra um de seus inquilinos, o português Manuel Posada, ela, da noite para o dia, sentir-se-ia mais folgada, teria a sua renda aumentada de oito a nove mil cruzeiros mensais. Era a quantia que o português embolsava pelas sublocações de um amplo sobrado, com dois amplos armazéns, situado à rua Anhangabaú, por cujo aluguel, havia anos, ele lhe pagava a irrisória quantia de mil duzentos e cinquenta cruzeiros, correndo ainda, por conta dela, todos os impostos e taxas municipais.

A lei, agora, num substitutivo, estabelecia que o inquilino, sublocando o prédio, era obrigado, no prazo de noventa dias, sob pena de despejo, a comunicar ao senhorio, o número de sublocatários, e quanto percebia de cada um deles. Ora o prazo se esgotara e

Manuel Posada não fez a comunicação. Em vista disso, atendendo ao corriqueiro adágio latino “nemo jus ignorare consetur”, a ninguém é dado ignorar a lei, Drumond, a conselho de Jericó, notificou-o e a todos os seus sublocatários, exigindo-lhes a devolução do prédio.

Aquilo foi como que uma bomba no cortiço. Era a que estava reduzido o sobrado de d. Genoveva, gasto e descosido pelo uso, com as paredes escalavradas, as ripas à mostra. Um sobrado de uma construção sólida e apurada como só era possível construir-se em outros tempos. Fazia pena vê-lo! Num dos armazéns, Manuel Posada tinha o seu botequim, com um restaurante no fundo, um frege que tresandava a fermentações de frituras de sebo e de banha; no outro, havia uma loja de armarinhos, e, no corredor da entrada, ao lado, pelas paredes, ao longo da escada, apoiavam-se prateleiras repletas de caixas de sapatos da sapataria de um sírio, instalada no andar de cima. Além dessa gente, aboletavam-se, nas demais dependências do prédio, quinze pessoas. Entre elas, um árabe, de barbicha e cara alongada, a tez bronzeada, que usava turbante. Os seus dias ele os consumia, ora saindo para a rua, a vender pomada para calos, ora deitado a roncar numa esteira no chão, ou, então, sentado de pernas cruzadas a arpejar uma bandurra, fumando e escarrando para os lados, ou, então, ainda, catando, com devoção, a mulher com quem vivia, uma bordadeira de olhos luxuriosos, sublinhados de khol e beiços sensuais, cujos piolhos e lêndeas ele estalava entre as unhas dos polegares, enquanto ela, numa voz gutural, ia entoando uma melodia dolente como um lamento.

Era da janela do quarto desse homem que Ana-Maria Posada, mulher de Manuel, olhava para o vale do Anhangabaú. Assistia dali às demolições. E como tivesse um temperamento incuravelmente romântico, assisti-as tomada de uma tristeza absorta, cismadora. Foi assim que não pôde sofrear as suas lágrimas no dia em que viu destelharem o Cassino Antártica, onde ouvira cantar, tantas vezes, o “Ora vai, vai...”

Ana-Maria Posada, com toda aquela sua sensibilidade, era uma portuguesa reforçada, de pulsos cabeludos e pescoço curto, baixa, gorda, mamuda, com umas ancas enormes. Pois, não obstante isso, Manuel, quando bancava o “coitadinho”, – (ele era muito chorão) – afirmava que Ana-Maria era tuberculosa. E para o comprovar, sacava do bolso um punhado de receitas médicas que mostrava com um ar compungido por tal forma infeliz, que aquilo o tornava mais macilento ainda do que era e, com o nariz proeminente e adunco que tinha, sobre uma boca sem lábios, parecia um abutre encolhido em dia de chuva. Não raras vezes, levava o lenço aos olhos e chorava, soluçava.

Desde que foi citado, não teve mais sossego. A começo, alvoroçou-se, alvoroçando o cortiço. Depois, fez-se sombrio, carregado, com uma ruga funda na testa. Correu ao escritório de Drumond. Ao avistar-se com ele, disse-lhe sem preâmbulo:

– O sr. não me vai fazer isso, sr. doutor!

– Fazer o que, seu Manuel? Não o compreendo.

– Pôr-me na rua com toda aquela gente!

– Que gente, seu Manuel?

– Ora, sr. doutor, pelo amor de Deus, não se faça de desentendido! Com toda aquela gente que mora lá no prédio da senhora sua mãe...

– Eu nada tenho que ver com aquela gente. Aquela gente não são inquilinos de minha mãe. Ela, ali, só tem um inquilino que é o sr. ... De mais a mais, eu não vou pô-lo na rua; eu seria incapaz disso. Eu quero apenas que o sr. me entregue o prédio.

– Ora, muito obrigado, e isso não é pôr-me na rua?!...

– Não é, não sr. Pô-lo na rua, seria enxotá-lo. E eu não estou a enxotá-lo. Eu quero apenas que o sr. me entregue o prédio, porque o prédio está necessitando de um conserto, de uma reforma; o prédio, hoje, está que é um pardieiro. É ou não é verdade, seu Manuel?...

Ele baixou a cabeça, concordou:

– Não, isso lá é verdade! Está mesmo muito estragado, mas, também que quer o sr.?!... com toda aquela gente!... Eu bem que vivo a recomendar...

E, em seguida a uma pausa refletida, tentou uma proposta. Perguntou-lhe:

– Se eu lhe propuser uma coisa o sr. doutor não se zanga?

– Eu não, seu Manuel, por quê?

Ele, então, animou-se:

– Não, não vê, é que eu não sou nenhuma criança... Eu sei perfeitamente por que foi que o sr. doutor me mandou intimar. Foi para me meter medo, porque o sr. doutor o que quer é um aumento do aluguel...

Drumond sorriu-se:

– O sr. está muito enganado, seu Manuel.

– Não estou não, sr. doutor... O sr. doutor o que quer é um aumento do aluguel, confesse! Ora, sendo assim, por que não havemos de fazer isso às boas?... O sr. me evita de tomar um advogado, que é a coisa que mais horror eu tenho neste mundo; eles, com perdão da palavra, são todos uns gatunos...

Repetiu:

– Vamos fazer isso às boas, sr. doutor! Eu estou pronto a pagar, ao sr. doutor, mais um conto de réis por fora, como todo o mundo faz; prometo-lhe que não direi nada a ninguém... Mais um conto de réis por fora...

Drumond tornou a sorrir:

– Que tolice, seu Manuel! Mais um conto de réis por fora?...

Ele arregalou os olhos; gaguejou:

– O sr. doutor acha pouco?... Pois que não seja essa a dúvida! Em vez de um, eu dou-lhe dois... Dois contos por fora!... Está bem assim?

Drumond, sempre sorrindo, exclamou:

– Dois mil cruzeiros por fora, dois contos, seu Manuel?!

Ele, dessa vez, fez-se perplexo, como que petrificado:

– Será que o sr. doutor acha pouco?!...

– Nem pouco, nem muito, seu Manuel! Eu o que quero é a casa.

Ele contraveio, mal dominando certa irritação:

– Ora, sr. doutor, não é a casa que o sr. doutor quer. O sr. doutor o que quer é um aumento de aluguel.

E se foi anuviando, os olhos enevoaram-se-lhe de lágrimas; balbuciou:

– Pois bem, eu... dou-lhe mais um! Que sejam três contos de réis por fora! Mais não posso. Isso não posso.

E, já engasgado, com uma cara de choro, piscando:

– Dou-lhe três contos por fora, só para não ver aquela pobre gente na rua... Para não ver, na rua, o menino da muleta... o coitadinho do menino da muleta!... Há lá um menino que tem uma muleta, sr. doutor! Uma muleta!...

Procurava comover Drumond. Depois, exclamou:

– E a minha Ana, então?!...

Aí, não se pôde mais conter, prorrompeu em pranto desfeito, com a voz truncada de soluços:

– Ela que é tuberculosa!... Veja, sr. doutor!

Sacou do bolso as receitas:

– Ela que é tuberculosa! Se ela me morre, eu morro também... – gemia. – E ela morre! Morre sim, sr. doutor, porque ela não pode passar sem os campos do Jordão! É como ela chama a uma das janelas lá da casa, de onde ela avista o vale do Anhangabaú – e soluçava: – ú, ú, ú, ú...

Drumond bateu-lhe no ombro:

– Não chore, seu Manuel. É muito feio um homem chorar. A sua mulher não morre. Ela é uma mulher forte, sadia!

– Não é, sr. doutor. É o que lhe parece. Ela é tuberculosa!

– Pois bem, admitamos que seja. Não adianta nada o sr. chorar, porque eu positivamente não posso ceder e não cedo. O prédio está necessitando de uma grande reforma, sem o que vai abaixo, e o único meio de minha mãe entrar na posse dele é eu prosseguir na ação que iniciei. E vou prosseguir!

Manuel compreendendo, finalmente, que era escusado insistir, resolveu, então, retirar-se. Pegou do chapéu:

– Se é assim, não quero mais importunar o sr. doutor...

– O sr. não me está importunando. Passe muito bem.

E ele ia para se retirar, quando se voltou. Aprumou-se transfigurado. Não era mais o mesmo homem. Fez-se agressivo:

– Ora, sabe que mais, sr. doutor? O sr. faça o que quiser, que eu de lá não saio. O sr. vai ver! O sr. vai levar na cabeça! Porque, nós, os inquilinos é que somos, hoje, os donos. Até digo-lhe mais: eu ainda hei de comprar aquela casa da sra. sua mãe, pelo preço que eu muito bem entender...

E saiu pisando firme.

Drumond não se alterou. Pensou filosoficamente: e é possível que isso aconteça! Tudo, hoje, é possível nesta terra.

Agora, recapitulava essa cena, recordando-se também do que ouvira, pela manhã, na praça da República, a Turíbio Lima Monteiro. Receoso de se meter a duvidar do êxito da sua casa, atalhou de si consigo:

– Tolice! Bobagem minha! É uma questão líquida. Nem se discute. Mera questão de direito!

No topo da escadaria da entrada principal do Palácio de Justiça, avistou a velha madame Michaud, em companhia de uma rapariga morena, metida num “ensemble” esportivo, com um suéter brique, que lhe valorizava o corpo. Um corpo esbelto, com ondulações lânguidas. Tinha a pele cor de jambo e no olhar frouxo uma quebreira, que lhe punha as pálpebras semicerradas, pesadas e papudas.

Ambas conversavam com o advogado Salgado dos Anjos. O “dr. Salgadinho”, como era conhecido. Um sujeitinho insignificante, desossado, que, quando andava, sacudia as nádegas, o paletó como que lhe trapejava no corpo. Falava alongando o pescoço, meio engasgado, com um trejeito de peru que gruguleja.

Drumond assomou ali no momento em que ele, escancarando a boca junto da cara da madame Michaud, lhe soprou nas ventas uma baforada quente que lhe subiu das profundas do estômago e a fez estremecer enojada, como se um cano de esgoto houvesse ali, subitamente, rebentado. E, enquanto ela afastava o corpo, inteiriçando-se, levava a mão ao rosto e exclamava: – “Oh! quelle horreur!” – ele, batendo pancadinhas na boca do estômago, dizia entre si:

– Eu bem sabia! Eu bem sabia! Devo estar com muito mau hálito! Desde pela manhã que estou com azia. Não sei como isso foi. Ontem não fiz nenhuma extravagância... Vou, depressa, a uma farmácia tomar uma dose de bicarbonato...

E desceu a escada aos saltos.

A madame Michaud, ao dar com Drumond ali, alçou vivamente a voz:

– Vous avez vu quel salaud?! Quel type dégoûtant ?!...

A rapariga ria-se. Drumond, embora rindo-se também, evitou fazer comentários. Ela, indignada, continuava a falar, ora em francês, ora num português afrancesado.

– Nunca vi, na minha vide, un homme mais porc que este! todo o tempe, il vous demande: – “Veje se eu está com mau halite!”... E abre aquele bóc horrible na nariz da gente e sópre bafe fétide qui vous empoisonne!

E, no auge da sua indignação, exclamou em vivacidade:

– Oh! .....! En somme, qu’est-ce que j’ai à voir à sa mauvaise haleine!

Em seguida, fez por acalmar-se, perguntou a Drumond:

– Et vous allez bien?

– Très bien, merci.

Voltou-se para a rapariga:

– Este é aquele senhor que eu fale sempre pra você...

E apresentou a rapariga a Drumond:

– Sinhazinha Castela.

Drumond, que acabava de ler em letras graúdas, no “Diário da Noite”, – “Julga-se, hoje, o facinoroso cáften e assassino Menezes Custódio Castela”, indagou:

– É seu parente esse Menezes Castela que vai ser julgado?

– É meu marido.

E ela acrescentou:

– Um crápula que sempre viveu à minha custa. Matou meu amante. Estou torcendo para que ele tome com uns trinta anos de cadeia...

A madame Michaud lamentou:

– Mas, infelizmente, não tóme, porque o jurrado brasileiro non é como o jurrado francês. Ele é muito mole... C’est un défaut du peuple brésilien: il a trop de bon coeur... tem dó de todo o munde, do ladron, do assassine... Tem mesmo un frac pelos ladrons, pelos assassines... Diz : – “Que fatalidade! Coitade!...” E – comme les absents ont toujours tort – o morte fique lá no cimitière apodrecende e o assassine vai pra rua gozar a vide, jogar no biche... E é por este que há tante canalha no Brasil.

Sentindo as narinas ainda impregnadas do mau hálito do dr. Salgadinho, careteou, de novo, nauseada, e meteu-se a perorar acerca do acafagestismo da época de hoje. Na sua opinião, não havia mais gente educada no mundo. Aquela gente de costumes polidos de outrora, fina, requintada. E, saudosa, volveu os olhos para o passado. No Brasil – dizia – era por falta das cocottes francesas. Foram elas que educaram muitas gerações de brasileiros ilustres.

Os estudantes viviam entre a Faculdade e as pensões de mulheres, de preferência habitadas por francesas. Era no trato delas que eles se apuravam, se poliam. Eram elas que lhes incutiam as regras da urbanidade. E, como lhes revelassem, além disso, certos amavios, certos segredinhos suculentos de alcova que escandalizavam as demais mulheres, conseguiam conquistá-los para sempre. E daí o ódio que lhes votavam as

matronas receosas pela sorte de suas filhas, o rancor com que as fitavam de lado. Porque, era sabido que, quando um homem casado virava a cabeça, era sempre por causa de uma francesa. E que eram elas o fator principal daquela exaltação desmedida, daquele encantamento que todos eles tinham pela França, e principalmente pela língua francesa, tão doce, tão suave, tão admiravelmente trabalhada.

E a madame Michaud voltou-se contra os americanos; arguiu-os de causadores da ruína da cocotte francesa. Foram eles, sim, com a criação dessa americana sophisticated, de exportação, fabricada em Hollywood, tão apetecida das plateias de cinema, escolhida a dedo entre as mulheres mais lindas do mundo, de uma plástica impecável. Americana, a quem o amor estéril não repugna, impudica, cerebral, cuja vida, obedecendo a uma constante afabulação romântica, desperta concupiscência, curiosidades perversas em torno de si, mas que, em absoluto, não representa a mulher americana por excelência, célula mater da nação americana, assim como a cocotte francesa nunca representou a mulher francesa.

O mundo, naquele tempo, estava dividido em duas classes de mulheres: a senhora e a cocotte. A senhora era a mulher casada, austera, respeitável. Mulher que não se maquiava, que ignorava o que isso fosse, não cortava o cabelo, não fumava, não andava com as pernas à mostra, não pintava as unhas do pé, – credo! Ligava-se a um homem pela vida. Sacrificava-se por ele. Tinha orgulho dele. Quando pronunciava a palavra marido – “Meu marido” – era com unção, com recolhimento como se estivesse a pronunciar uma palavra sagrada. Passava, a mor parte da sua vida, no choco, em casa, a cuidar dos filhos que eram uma ninhada, a engordar metida numa matinée, enquanto ele, o malandro, gozava as suas horas de ócio, regaladamente, num “palais élégant” qualquer, fazendo-se pequenino, gemebundo, entre os braços de uma francesa, que o ninava, lhe chamava “mon petit chéri!”

E hoje, que se passa hoje em dia, na época das massas?... As mulheres tratam de nivelar-se. Vai desaparecendo a classe das senhoras. Todas elas procuram imitar a americana de Hollywood. E, em suma, que é a americana de Hollywood senão uma cocotte disfarçada, muito mais escandalosa que a pobrezinha da cocotte de outrora. Casam, para conquistar a sua independência. E mudam de marido como se muda de camisa. Está aí uma coisa que a cocotte não fazia. Era mais esperta, mais inteligente. Só casava uma vez, quando se ia sentindo sazonada, madurona. Evitava assim toda uma série de complicações, – divórcios, casamentos no México, no Uruguai. E casava para ser, então, uma senhora respeitável. Quantas delas se não tornaram senhoras respeitáveis? E ricas, – acentuou a madame Michaud, – que elas tinham a habilidade de envolver sempre nas suas malhas um homem rico!

Drumond ouviu-a divertido. Sacou do bolso o relógio. Estendeu-lhe a mão:

– Preciso entrar. São horas.

A madame Michaud ainda lhe disse:

– Savez-vous qui j'ai aperçu, aujourd'hui? Le docteur "pisque-pisque"... É verdade! O docteur "pisque-pisque". Ele está velhe, mas está ben, sempre piscande, e se remexende, com a cabece de lade...

E voltou-se para a rapariga, explicando-lhe:

– O docteur "pisque-pisque" era outro hóme fine daqueles bons tempes!... Foi uma cocotte française, a Loulou, que disse pra ele: – "Você é munto sympatique, cande você pisque esse olho pra mim". E ele, anton, nunque mais deixou de piscar aquele olho. E o povo chamava ele o docteur "pisque-pisque"...

E ela enterneceu-se:

– Fiquei com tante sodade daqueles bons tempes, vendo ele...

Drumond entrou no Palácio e encaminhou-se do lado dos elevadores. Como acontece em toda parte, no Brasil, na casa em que funciona a Justiça, há sempre apinhada pelos cantos, nos corredores, uma gente inexpressiva, difícil de ser classificada; a impressão que dá é que vive de expedientes. Drumond subiu para o andar onde se ia realizar a audiência. Encontrou ali, já à sua espera, o dr. Pedro Bento de Araújo, companheiro de escritório de Jericó. Um rapaz loiro, de olhos grandes, espantadiços, sempre a sorrir com uns dentes alvos como marfim, muito afável no trato, muito agradável, sem requintes de toalete, como que vestido às pressas, à americana despenteado, a gravata fora do lugar, os sapatos por engraxar. E um hábil advogado, segundo Jericó que tinha por ele particular estima. Ambos cumprimentaram-se. Drumond ia fazer-lhe uma pergunta, mas interrompeu-se, vendo sair de uma sala para o corredor, a vociferar, com gestos desabridos, brandindo um maço de autos, o velho advogado dr. Cesário Vieira.

Drumond interpelou-o:

– Que é isso, dr. Cesário?

Ele virou-se, olhou-o e exclamou:

– Oh! você por aqui?... – e, passando apressado por Drumond, parou ligeiramente, falou-lhe: – Não, não vê, é que isto aqui está ficando pior que uma casa lotérica. Você nem queira saber! Tudo, hoje, aqui, é uma questão de sorte. Você nunca sabe quando está com a razão, de que lado está o direito. É verdade que o direito é como um anzol de borracha. Tanto torce de um lado como de outro. Mas, às vezes, lá vem uma sentença, por tal forma estapafúrdia, que desnorteia... Dizem que são frutos da época, e são-no de fato. Mas, é lamentável! Com a demagogia que vai aí por fora, breve não teremos mais justiça. Ela, cada vez, se vai tornando mais unilateral...

E concluiu:

– Você, hoje, não dispõe mais de elementos que lhe permitam assegurar, a um cliente, que ele terá ganho de causa.

E suspirou:

– Não podemos mais dizer: temos juízes em Berlim!

Despediu-se. Passos além, voltou-se. Perguntou-lhe:

– Você está demandando?... Pois não lhe gabo o gosto. Faço votos para que não leve na cabeça!

Drumond, que o seguia com o olhar, lobrigou, a certa distância, num grupo, Manuel Posada, bancando o coitadinho, com um ar miserável. Ao ouvir o que Cesário dissera, ele aprumou-se. Fitou Drumond com insolência. Sacudiu a cabeça. Parecia que lhe dizia: – "Está vendo?..."

Drumond voltou-lhe as costas, e como franzisse a testa, Pedro julgou-o apreensivo pelo que referira Cesário; asseverou-lhe, então, aludindo a ele:

– Não é assim como diz esse homem. Isso é o tipo do fracassado, do revoltado. Ele exagera. Nós temos aqui magistrados notáveis, grandes juízes. Pode acontecer que um deles erre, e já tem acontecido, mas isso acontece aqui como na China, em qualquer parte do mundo. Nem todos os homens compreendem a justiça do mesmo modo. Nuns o sentimento do justo e do injusto é mais desenvolvido que noutros. Daí certas falhas que podem sobrevir num julgamento. Mas, existe o Tribunal de Apelação para as corrigir. E o Tribunal de Apelação de S. Paulo é irrepreensível. É ainda uma das poucas coisas elevadas que restam intactas em São Paulo.

Drumond murmurou:

– Com efeito! Tudo, em São Paulo, tem sido tão sabotado! E, infelizmente, por culpa dos próprios paulistas, por não se entenderem. Deixam que toda sorte de aventureiros de outras plagas venham aqui intrometer-se nas nossas coisas, tomem de assalto a nossa terra. Dê um balanço e verá: é tudo gente de fora.

Ambos silenciaram um momento. Por fim, Pedro disse, entre si:

– Será que o juiz não vem?... Está demorando. Está atrasado.

– O sr. o conhece? – perguntou Drumond.

– Não, não o conheço. É um juiz substituto. O titular da Vara é excelente. Foi quem julgou a ação movida pela sua tia d. Eudóxia contra o sírio Farah Sayed.

E depois de uma pausa:

– Nessas ações de despejo, com a prática que temos, já sabemos, mais ou menos, como vai ser julgada a ação, pelo modo de ser de cada um deles. A respeito desse, não tenho a mínima ideia. Nunca o vi.

E, sorrindo, acrescentou:

– Será, para nós, o dr. X.

Mal ele tinha acabado de falar, a porta do elevador abriu-se. Apareceu o dr. X, acompanhado do escrivão que sobraçava uma pasta; atrás deles caminhava o dr.

Salgadinho. Manuel Posada e o bando, assim que o viram, dirigiram-se a ele; rodearam-no, a fazer-lhe perguntas. Ele, como que ansiado, esticava o pescoço, batia pancadinhas na boca do estômago, dizia-lhes:

- Vocês tenham fé! Tenham paciência! Eu prometo que vocês de lá não sairão. Nós é que estamos com a faca e o queijo na mão.

O dr. X adiantava-se num passo frouxo, com a respiração curta. Era um homem já de certa idade. Magro, de estatura mean. Tinha a aparência debilitada, muito pálido, de uma palidez esbranquiçada de cardíaco, com umas olheiras fundas e azuladas, que lhe punham em realce dois olhos de carneiro, doces, inexpressivos. Entrou na sala em que ia proceder à audiência. Pendurou o chapéu no cabide e foi sentar-se à cabeceira da mesa que ficava no centro. Ao longo dela acomodaram-se, à direita, o escrivão e o dr. Salgadinho; à esquerda, em frente deles, Drumond e Pedro Bento de Araújo.

Enquanto o escrivão preparava a máquina de escrever, metendo nela papel, o dr. X pediu desculpas pelo seu atraso. Explicou:

– Cheguei atrasado, porque assisti a um desastre que me emocionou bastante... Os srs. vejam: ainda estou trêmulo...

E mostrou a mão que tremia. Reatou:

– Não só me emocionou como me revoltou contra esta desumana cidade de S. Paulo...

Drumond, ouvindo aquilo, teve um arrepio. Esgazeou os olhos. Repetiu mentalmente a frase – “Desumana cidade de S. Paulo”. Pensou: – Coitado de S. Paulo! E que falta de sorte! Este homem jamais me dará ganho de causa. Está perdida!

O dr. X prosseguiu:

– Eu vinha num bonde, e um homem, que viajava no estribo, ao descer, escorregou, caiu e bateu com a base do crânio no macadame. Ali ficou, sem sentidos a esvair-se em sangue. Poucos passageiros desceram a acudi-lo. Finalmente, chegou a assistência, e, ao levarem-no, ouvi alguém dizer: – “Ufa! já vai tarde! Camarada desgraçado! Fazer a gente perder tanto tempo!”... Isto só se poderia ouvir numa cidade desumana como é S. Paulo...

O dr. Salgadinho aprovou-o:

– De fato!... V. Excelência tem razão! Não há mais coração em S. Paulo!

Em seguida a uma pausa, o escrivão pôs-se a fazer as perguntas sacramentais a Drumond, e as foi batendo à máquina – nome, sobrenome, profissão, etc. ...

Depois, o dr. X pediu-lhe que expusesse os motivos que levaram a senhora d. Genoveva Drumond Peçanha a intentar aquela ação, e Drumond, na qualidade de seu procurador, repetiu, por outras palavras, o que já havia declarado na petição oficial.

Chegada a vez do dr. Salgadinho inquiri-lo, disse que o que mais o interessava saber era o motivo por que ele fazia tanto empenho em entrar na posse do prédio, se era para demoli-lo?

Drumond respondeu:

– Não sei. Não lhe posso dizer exatamente o que pretendo fazer do prédio. Verei depois. O que lhe posso garantir é que ele necessita pelo menos de uma grande reforma, porque está transformado num pardieiro... se continuar no estado em que está, vem abaixo...

– E onde se irá alojar toda aquela gente que mora lá?

– Ignoro, e não me interessa saber. Nós, ali, só temos um inquilino que é o português Manuel Posada que subloca o prédio, há mais de quinze anos, vivendo à custa dessas sublocações, sem pagar impostos...

– Mas, o sr. sabe que, por essa forma, não poderá despejá-lo?

– É o que vamos ver. Trata-se de uma questão de direito. Ele, apesar da lei do inquilinato aproveitar só ao inquilino, infringiu-a por ignorância. Ora, como é sabido, a ninguém aproveita a ignorância da lei. E assim é que, desta vez, excepcionalmente, a lei está do lado do proprietário, se é que ainda existe a figura do proprietário, porque o proprietário não dispõe mais da sua propriedade. Hoje, o inquilino é que é o proprietário.

Outras perguntas e respostas de igual teor se sucederam até que o dr. Salgadinho se deu por satisfeito e Drumond retirou-se.

Em baixo, no hall, ele parou um momento a olhar para a porta do Tribunal do Júri. Estava apinhada, principalmente de mulheres. Entre elas, algumas senhoras do high life. A madame Michaud discursava, num grupo. Drumond ouviu-a repetir o que dissera antes:

– E é por este que há tante canalhe no Brasil!

Depois, mais tarde, Drumond tentou, diversas vezes, comunicar-se, por telefone, com Pedro Bento de Araújo. Mas, não lhe foi possível. Ora, o telefone não respondia, ora estava ocupado ou com defeito. Foi somente, à noite, quando ele ia se deitar, que a campainha tilintou. Era Bento de Araújo quem lhe telefonava agora. Disse:

– O sr. não imagina o que foi o final da audiência. Pior que uma tragédia. Um dramalhão! Apareceu lá o português Manuel Posada, contando uma série infindável de histórias tristes da sua vida, da mulher que é tuberculosa, que mora em Campos do Jordão, com um menino, que ele protege, que não tem uma perna e anda de muleta... Para comprovar o que dizia, exibiu um punhado de receitas médicas, soluçando. O escrivão e o dr. X ficaram com os olhos rasos de lágrimas, enquanto o espertalhão do Salgado dos Anjos não cansava de repetir: – “Bem V. Excelência tinha razão, quando dizia que S. Paulo é uma cidade desumana!... Imagine quererem incriminar este homem por ele ignorar a lei, quererem servir-se desse pretexto para o despejarem. Um homem que não sabe ler nem

escrever. Um analfabeto numa terra de analfabetos!” E falava com ênfase como se estivesse a defendê-lo, quase se põe de pé, não obstante eu lavrar o meu protesto...

Drumond disse:

– Assim mesmo, que falta de sorte a nossa!

Pedro Bento de Araújo concordou:

– Isso lá é verdade! Não tivemos muita sorte não... Mas, aguardemos a sentença.

XVI

A SENTENÇA DO DR. X

"To know a man well were to know himself."
Shakespeare (*Hamlet* – Act V – Scene II)
"Baudelaire, c'est l'homme qui a choisi de se voir comme s'il était un autre."
Paul Sartre ("Baudelaire")
"J'agis de même, dès que je me lève. Je me vois comme si j'étais un autre, car la vie est une comédie, et chacun de nous joue un rôle dans cette comédie."
René Thiollier

Foi em Santos, em casa de sua mãe, nas proximidades da praia, onde Drumond costumava passar as férias, que ele teve conhecimento da sentença do dr. X; quem lha comunicou, em pessoa, foi Pedro Bento de Araújo.

A sentença, tal como ele previra, não lhe foi favorável. O dr. X., contrariando os mais elementares preceitos de Direito, admitiu, da parte de Manuel Posada, a ignorância da lei, e julgou improcedente a ação de despejo.

Quem mais se irritou com isso, entretanto, não foi Drumond, foi Pedro Bento de Araújo, que procurava dissimular a sua irritação, acerando a sua ironia. Dizia:

– Veja só isto!

E relia, com ar de escárnio, certos tópicos da sentença:

– "Sendo o réu um analfabeto, um indivíduo que, à própria vista, se vê desprovido de cultura, não é possível, subjetivamente, acoimá-lo de estar em culpa. A culpa requer elementos essenciais para a sua caracterização: 1º) desprezo pelo cuidado requerido pela ordem jurídica e exigida pelo estado de circunstâncias; 2º) à falta de preocupação, deve acrescentar-se a falta de previsão, estando em questão a capacidade mental do agente individual; 3º) destarte se aclara, ao mesmo tempo, o conteúdo material da culpa, como espécie de culpabilidade. Consiste em que o Autor não tem reconhecido, sendo possível fazê-lo, a significação antissocial do seu ato, por causa da sua indiferença, frente às exigências da vida social. Mas, a um analfabeto, um indivíduo sem cultura alguma como se imputar culpa grave, por infração legal, na omissão de uma simples comunicação dos nomes dos seus subinquilinos?"... Quanta incoerência!... – e sacudiu a cabeça. – Por se tratar de um analfabeto sem cultura – é o cúmulo! Como se houvesse analfabeto com cultura! Não se lhe pode imputar culpa grave por infração legal!... E ainda acrescenta: "Máxime não se provando estar o réu fazendo indústria de sublocações...". Ora, o réu tem a casa abarrotada de subinquilinos, que vão lá depor, vive disso, e não está fazendo indústria de sublocações!... Ou esse homem é um cretino, ou é um homem de má fé...

– Nem uma, nem outra coisa, – sobreveio Drumond. – É um homem simplesmente envenenado pela demagogia da época... – e tomou-lhe o papel das mãos. – A prova mais

convincente disso está na carga que ele me faz, quando acentua dizendo: “o Autor não tem reconhecido, sendo possível fazê-lo, a significação antissocial do seu ato, por causa da sua indiferença, frente às exigências da vida social”... É como lhe digo: é um homem envenenado pela demagogia da época... Ele se esquece da sua condição de juiz que está julgando, e, levado pela sua tendência esquerdista, passa a advogar a causa do réu... É patente o seu ódio ao capitalismo, ao proprietário, que, no entanto, no caso vertente, passa a ser o inquilino, que usufrui todos os proventos da propriedade, de que é detentor, explorando, escorchando o subinquilino, que, citado, vai, ao tribunal, mentir a seu favor, porque isso ainda lhe convém... Na Europa, a lei do inquilinato acabou com as construções: ninguém mais lá constrói, contou-me um francês. É o mesmo que vai acontecer aqui...

D. Genoveva abriu o portãozinho do jardim. Drumond, ao avistá-la, ali da sala de visita, através da janela escancarada, o seu coração enterneceu-se; ele adorava sua mãe. Ela vinha da praia, caminhando vagarosamente, meio encurvada, apoiando-se no seu “chamberlain”. Era como batizara o seu guarda-chuva. Parou um momento. Circunvagou os olhos pelos canteiros do jardim. Agachou-se e apanhou um raminho de manjericão; erguendo-se, levou-o ao nariz, cheirou-o, fez-se pensativa.

A manhã estava linda, rutilante de sol e inebriante de poesia; o céu alto, luminosamente azul. Um céu de safira. A atmosfera tépida, macia, enlanguescente. O trenzinho do Juquiá, que cruzava o canal, a uns quinhentos metros de distância dali, soltou subitamente um silvo agudo, que esfuziou pelo espaço e se foi perdendo ao longe, de envolta com o estridor do resfolegar da locomotiva e do trepidamento das rodas sobre os trilhos.

Pedro Bento de Araújo preparou-se para sair, tomou da sua pasta, disse:

– Vou me indo. Estou com minha família em S. Vicente.

Olhou a hora no seu relógio pulseira e teve como que um sobressalto. Mostrou-se apressado:

– Oh! como me atrasei! Eu que prometi à minha mulher que estaria de volta às onze horas em ponto. Já é quase meio-dia.

E, ao abrir a porta, que dava para o terracinho, afastou-se, vendo d. Genoveva que entrava.

Drumond apresentou-lha:

– Minha mãe!...

Ele inclinou-se, beijando-lhe a mão.

Drumond, designando-o, disse:

– É o nosso advogado dr. Pedro Bento de Araújo, companheiro de escritório de Jericó.

D. Genoveva respondeu sorrindo:

– Eu já o conheço de nome. Meu filho fala muito no sr.... O sr. não quer almoçar conosco? Temos uma sopa de peixe. O sr. não gosta de sopa de peixe?

– Gosto muito, pois não. Eu, por mim, aceitaria o seu convite, mas não posso ficar. Estou com minha família em S. Vicente, e minha mulher está à minha espera. Pensei que eram onze horas, e já é quase meio-dia...

E, depois de lhe beijar de novo a mão, despedindo-se, disse:

– A notícia que o Dr. Drumond lhe vai dar não é muito agradável, mas a sra. não se apoquente por isso. A nossa vitória será certa no Tribunal de Apelação...

D. Genoveva exclamou desapontada:

– Então, perdemos a questão?

Drumond concluiu:

– Perdemos, sim, minha mãe, mas eu tenho fé, tanto quanto o dr. Pedro Bento de Araújo, que havemos de ganhá-la em apelação, porque a sentença não podia ser mais absurda.

XVII
50 ANOS DE HIPOCRISIA

À hora do almoço, d. Genoveva e Drumond sentaram-se à mesa, naquela salinha, para ambos, tão cheia de recordações, com aquela mobília de imbuia, que ele conhecia desde menino. Foi a primeira que seu pai comprou, quando se casou. Andou de déu em déu, mas sempre com eles, nunca deles se separou. Esteve numa chácara em Santo Amaro, depois em Campos do Jordão, e, por fim, quando sua mãe enviuvou, e construiu aquela casa em Santos, resolveu trazê-la para ali.

Quem os servia era a Vicência, que exercia agora os misteres de cozinheira, arrumadeira, e copeira; preferia assim. Ao menos não havia falatórios, diz-que-diz-que. Era uma criatura que sempre se mostrara inalterável no seu modo de ser, muito sisuda, de gestos medidos, e sempre muito escarolada, com a sua touca, o seu avental brancos, de uma brancura imaculada. Para Drumond, que ela tratava por “dr. Manuelito” era de uma solicitude, de uma dedicação extremas.

Pôs a sopeira na mesa, junto de d. Genoveva, acompanhada de um prato de fatias de pão com manteiga douradas ao forno.

D. Genoveva (*olha o conteúdo da sopeira e aspira-lhe o perfume*)

A sopa está com bom aspecto; está cheirosa.

Vicência (*com ar convencido*)

Está boa sim. O dr. Manuelito vai gostar. Eu fiz como da primeira vez que a sra. me ensinou, pela receita do livro de cozinha de sua mãe.

Drumond

Aquele livro que era da vovó?

D. Genoveva

Sim, aquele livro que era de mamãe. Foi por ele que eu aprendi a cozinhar com ela. – “Le Cuisinier des Cuisiniers”. Uma preciosidade! Nunca mais apareceu um livro de cozinha assim!... (*Erguendo os olhos para Vicência*) E como foi que você fez?... Já não me lembro mais da receita...

Vicência

Pus, na caçarola, uma cebola e um tomate, cortados em seis pedaços cada um; alguns dentes de alho socados, salsa picada bem miudinha, um pedaço de casca de laranja, sal, pimenta do reino, cheiro verde, uma pitada de açafrão, um copinho d’água e duas

colheres de azeite de oliva, daquele azeite francês, que seu Antonio fez presente à sra.; que ele disse que comprou a bordo de um vapor aí no cais. Um azeite como não há mais hoje em dia. Misturei, refoguei, e pus, então, dentro a pescada cortada em postas, os mariscos e os camarões, e deixei cozinhar, em fogo vivo, no fogão de lenha, um quarto de hora, marcado no relógio.

Drumond (*exclama*)

Mas, isso que você fez é uma bouillabaisse!

Vicência

Pois, é uma bouillabaisse!

Drumond (*entusiasmando-se*)

Ah, eu não sabia! Magnífico! Que bela ideia! (*Provando*) E está estupenda!

Vicência (*satisfeita*)

Está boa sim. Eu provei. Pena é que d. Genoveva não possa comer também. Eu, para a sra., fiz uma pescadinha frita... E vinho? Que vinho quer o sr.? Aí tem uma garrafa de Sauterne e outra de Barsac.

Drumond

Abra a de Barsac. Eu prefiro. É mais seco... Tem gelo?

Vicência

Está na geladeira. Eu vi logo que o sr. havia de preferir o Barsac e pus na geladeira.

Drumond

Você é um amor, Vicência!

D. Genoveva (*suspira*)

Ah! Quantas vezes, eu penso, que seria de minha vida se não fosse esta Vicência?!...

Vicência (*dirigindo-se para a cozinha, volta-se*)

E eu, então, d. Genoveva, que seria de mim, se não fosse a sra.?!... Vou buscar a pescadinha e a garrafa de Barsac... (*Sai*)

Drumond

Estou achando a Vicência, desta vez, mais satisfeita que da vez passada...

D. Genoveva

Quando ela está só comigo é sempre assim. Mas, se tem outra criada, é um inferno; começa a implicar; emburra. Enquanto não vê a outra pelas costas, não sossega... Agora me declarou que não quer saber de mais ninguém aqui. Para mim é indiferente. Mas, vamos ver quanto tempo isso dura, porque de repente, ela começa a queixar-se que o trabalho é muito, que ela não é burro de carga... Gente velha você sabe como é!

Drumond (*comendo, com apetite, declara*)

Está realmente bem feita. Ela acertou.

D. Genoveva (*passa-lhe as fatias de pão*)

Coma desse pão!

Vicência (*volta com a garrafa de vinho e a pescadinha com batatas numa travessa*)

Então, que tal? Está gostando, dr. Manuelito?

Drumond

Muito. Eu estava dizendo a mamãe que você acertou; está uma delícia!... Está tão gostosa que me está dando saudade de Marselha... (*E, enquanto Vicência serve a pescadinha a d. Genoveva e deita-lhe vinho no copo, ele prossegue*) A sra. se recorda de nosso almoço em Marselha, com papai, a primeira vez que lá aportamos?... Eu era muito menino, ia para o colégio em Paris...

D. Genoveva

Ora, se me recordo! Recordo-me como não!

Drumond

Pois, eu nunca mais me esqueci do nome do restaurante, nem da rua e do número da casa... Foi no restaurante Mistral, no cais da Fraternidade, n.7. Comemos lá uma bouillabaisse que papai adorou! “Bouillabaisse Mistral”, de reputação universal, era como figurava no menu.

D. Genoveva (*mostrando-se admirada*)

É verdade! Como você se lembra!... (*Suspira*). Bons tempos aqueles! Eu era moça e o Julio me queria tanto!... Que homem bom foi “teu” pai!

Drumond

Foi sim. E ele queria-lhe bem de fato! A sra. pode gabar-se!

Vicência (*coloca a campainha ao alcance de d. Genoveva e retira-se discretamente*)

Qualquer coisa que precisarem, é só tocar; eu estou aí na copa.

D. Genoveva (*em seguida a uma pausa, em que Drumond come em silêncio, bebe vinho aos goles, exclama*)

Homem, você não me contou nada a respeito das bodas de ouro de Sinharinha... Como foi? Eu soube que você esteve lá.

Drumond

Estive sim. Fui mais por sua causa, por ela ser tão sua amiga. Mas, confesso, foi, para mim, uma estopada. Não pode imaginar as vezes que ela me telefonou, insistindo para que eu não deixasse de ir. Fez-me prometer que eu não havia de faltar. E não é que, no dia, eu me engano de hora e sou o primeiro a chegar?!... Fui encontrá-la ainda de peignoir e chinelos, com os cabelos cheios de papelotes. Foi ela que me abriu a porta, com aquele modo espeloteado que tem, sacudindo a cabeça meio curvada, piscando uns olhos velados

de míope, que ela arregala quando fixa na gente. Disse-me: – “Você vá entrando, você não é de cerimônia. A madama ainda está se preparando. Daqui a pouco, eu apareço aqui toda chique, toda elegante; pena é que eu não possa vestir o meu vestido de noiva. Eu queria fazer essa surpresa a vocês. Eu ainda tenho ele aí guardado no fundo de uma mala. Fui vestir, mas está tão podre, tão apertado, que estalou nas costas. Como a gente engorda com a idade! Nunca imaginei que tivesse engordado tanto, eu que era uma magricela, quando me casei! Era como a Amanda!... Você nem queira saber o que foi o meu casamento! Você, naquele tempo, era um fedelho. Que idade tinha você? Dois anos. Genoveva era considerada a moça mais linda de S. Paulo. Também seu pai tinha um ciúme fera dela!”...

D. Genoveva (*mostra-se lisonjeada, disfarça mal o seu contentamento*)

Isso é história de Sinharinha. Ela sempre foi muito exagerada. O Julio nunca teve ciúme de mim. E não havia razão para que tivesse. Eu nunca dei motivo. Também é exagero dela dizer que eu fui a moça mais linda de S. Paulo. Eu fui bonita sim, reconheço...

Drumond

A sra. ainda o é!

D. Genoveva (*com um muxoxo*)

Ah! Que bonita nada! Uma velha como eu lá pode ser bonita!... Agora, quando moça, modéstia à parte, fui mesmo. Mas, nunca fui uma beleza. O que eu tinha, que todos gabavam, é que eu era muito simpática. Diziam que eu era uma simpatia!

Drumond

A sra. com efeito, devia ter tido muito “it”! E não pode negar que ainda o tem: (*E ajuntou com um sorriso malicioso*) E, certamente, teve também o seu sex appeal!...

D. Genoveva (*sorri, e como ele, em seguida, se faz absorto, comendo e bebendo em silêncio, ela mostra-se impaciente*)

E depois?... Conte-me o resto.

Drumond

Depois, Sinharinha, escancarando a boca, deu um daqueles seus célebres gritos estridentes, prolongado, chamando pelo Gaspar: – “Gáspá-á-ár... o Manuelito está aqui!”. Ele, lá dentro, no quarto de banho, repetiu a frase dela, com a mesma entoação, mas em surdina: – “Gáspá-á-ár!... o Manuelito está aqui!” Porque ele é como um eco que ela tem; estremece tomado de susto toda vez que ela grita e, a ele, se dirige em tom imperativo, repetindo-lhe a frase em surdina... Depois, respondeu: – “Ele que espere! Estou acabando de me vestir. Já vou”. E eu fiquei ali, andando de um lado para outro... A sra. não pode imaginar a quantidade de coisas que havia! Doces de toda espécie – papos-de-anjo,

cocadas, pés-de-moleque, bem-casados, queijadinhas, balas de ovos... o diabo! Mas, a quantidade é que era impressionante! Aos montões! Os salgados, então, nem se fala! Havia três perus, um robalo enorme ao longo da mesa, para ser comido com maionese, coxinhas de galinha, camarões recheados, empadinhas... Eu disse a uma mulata mal encarada que estava ali arrumando: – "Colosso, quanta coisa!" Ela respondeu meio arrevesado: – "Tem mesmo coisa pra burro! É que Sinharinha não quer que ninguém morra de fome em casa dela. E faz muito bem! É para que não saiam falando...". Finalmente, Gaspar apareceu. Estava de fraque, com ar entediado. Dir-se-ia mais cinzento que de costume, com aquele tom bilioso que tem. A ruga da testa mais funda ainda, o cabelo exageradamente pintado de preto. Abri os braços para o receber. Ele agradeceu o meu abraço como se fosse um abraço de pêsames. É um homem de quem eu tenho pena.

D. Genoveva (*mostra-se admirada*)

Pena?!... Por quê?!... Ora e essa! Um homem felicíssimo!

Drumond (*num aparte*)

É o que lhe parece!

D. Genoveva (*sem se interromper*)

Um homem que não tinha um vintém. Um troca-tintas, como dizia "teu" pai. Casa com uma mulher rica, de boa família, cuja fortuna aumenta de ano para ano, sem que ele arrede uma palha. Hoje está riquíssimo. Faz tudo que entende. E você tem pena dele?!... Um homem que se paga ao luxo de ter, por amante, uma francesa, numa época em que não há mais francesas...

Drumond (*sorri*)

Como piada, isso não deixa de ter graça. Mas, a sra. bem sabe o inferno que é a vida dele com essa mulher.

D. Genoveva (*vivamente*)

Eu não sei de nada. Não é o que me conta Eudóxia, que tem o desplante de frequentá-la, de jantar em casa dela, sendo amiga de Sinharinha; até uma viagem de automóvel, pelo norte da França, ouvi dizer que fez em companhia dela e do Gaspar, enquanto Sinharinha seguia um tratamento em Carlsbad... É o cúmulo!... Mas, Eudóxia sempre foi assim! Nunca pude compreendê-la, sendo ela minha irmã. É a mulher mais extravagante que eu conheço. Abusa da liberdade que tem de ser solteira e rica...

Drumond (*serve-se de novo, enchendo o prato; fala espiando dentro da sopeira, revolvendo-a com a concha, à cata de uns mariscos*)

Ela diverte-se a seu modo. E faz muito bem.

D. Genoveva (*concorda*)

Sem dúvida. Mas, podia ter um pouco mais de compostura. (*E espera pela resposta que não vem. Enquanto ele come, bebe vinho, delicia-se, ela provoca-o:*) E é de um homem nessas condições que você tem pena...

Drumond (*mastigando*)

Tenho pena, sim, e muita. Porque ele não é nada feliz. É infelicíssimo, com aquele inferno de Sinharinha em casa; uma mulher que é uma doente, uma histérica. E fora a Simonne, a francesa a fazer-lhe cenas. Houve um tempo em que ela queria, à viva força, que ele se divorciasse de Sinharinha para se casar com ela. Foi o período mais trágico da vida dele. Melhorou a poder de muito dinheiro. Teve que lhe dar o apartamento em que ela mora, no largo do Arouche, sob pena de deixá-lo. E mobilou-o com requinte. Ficou que é uma beleza; ela é uma mulher de muito gosto... É francesa!...

D. Genoveva

E a Amanda sabe disso?... Deve saber, não?

Drumond (*cresce na cadeira, arregala os olhos*)

Está aí outra coisa que é um padecimento na vida dele – a filha e o genro. Um tormento!... Ela, muito de indústria, finge ignorar, e o marido, o Claudio, que é um patife, um velhaco, aproveita da situação para o explorar. E explora-o miseravelmente. Tem-lhe arrancado uma fortuna, ameaçando-o de contar à mulher, que não hesitaria em fazer escândalo, que contaria, por sua vez, à mãe... Um dia, ele abriu-se comigo, e os olhos marejaram-se-lhe de lágrimas. Tive-lhe pena. É um coitado! Um infeliz!

D. Genoveva

Mas, por que ele não larga dessa mulher? Uma coisa tão simples. Solucionava tudo.

Drumond

É o que a sra. pensa... É muito fácil dizer-se isso!... Mas, não é assim, não. Há, na vida, situações que só a morte as pode solucionar... (*E ele faz uma pausa; d. Genoveva, também, silencia. Por fim, reata o que estava contando:*) Depois do meu abraço, Gaspar disse-me: – “Estou doido por que isto acabe!... Que absurdo festejar-se cinquenta anos de casado. Cinquenta anos de aporrinhação!” E, fazendo uma carantonha, alongou os beiços em bico para o ar, assoprou como ele costuma assoprar, sacudindo a cabeça e as bochechas... A campainha tilintou e a criada apressou-se em ir abrir a porta. Começaram a chegar os convidados. A mor parte, gente toda daquele tempo, ou melhor o que ainda resta de gente daquele tempo...

D. Genoveva

Tudo uma velharia, não?!...

Drumond (*amenizando*)

Alguns bem velhos, sem dúvida. É que os anos correm para todos. O Miguelão-Arcanjo, por exemplo, que era um belo tipo de homem, alto, espadaúdo, aprumado, está

que é um arco, tremendo muito, apoiando-se a uma bengala. E a mulher, a Lola – “Lola, Lola, linda espanhola” –, apesar de artrítica e enrugada, com os dedos nodosos, caminhando aos saltos por causa das pontadas que sente nas cadeiras, continua a bancar a grã-fina, muito desfrutável, mas engraçadíssima. Pelo que deixa entender ainda farpeia o Miguelão. E ele, coitado, com aqueles olhos bovinos, assim curvado e tremendo, parece, com efeito, querer chifrar a todo o mundo. Vi um rapaz apontá-lo ao outro, e exclamar: “Lá vem ele! Arreda!” Ao que o outro retrucou: “Ele não chifra. Sempre foi manso”...

D. Genoveva (*penalizada*)

Coitado do Miguelão! Que maldade!

Drumond

Quem está uma belezinha é a Zizi, neta da Carola. Tudo nela é doce, fino, a voz, o sorriso, o olhar. Chega-se à gente encostando-se, como se desejasse colar-se à gente...

D. Genoveva

E a Carola? Há quantos anos eu não a vejo! Estava lá?

Drumond

Estava sim. Perguntou pela sra. Está muito acabada. Envelheceu tremendamente com o desfalque que o filho deu no Banco.

D. Genoveva

Coitada!... O Lulu é que é o pai dessa menina?

Drumond

É sim... Segundo ouvi contarem, essa menina já tentou suicidar-se; dizem que ela não é muito certa, e não deve de ser... pelos modos!... Mas, é muito bonitinha. Um amor!... Entre as pessoas que, aos poucos, foram aparecendo e tornando-se numerosas, surgiram as três Lalacas, requebrando-se e sacudindo as nádegas, sacudindo os seios, as três com os maxilares superiores alongados, os dentes à mostra e as ventas dilatadas, achando tudo “ótimo”. Parecia que latiam, repetindo em coro – “ótimo! ótimo! ótimo! ótimo!”... Apareceu, também, o Gama e a mulher. Ela contando, a todo o mundo, aquelas bobagens dela, que o Gama sofre agora de umas cólicas ventosas, que é um “repolho”. Foi obrigada a mudar de quarto. Imagine a sra!...

D. Genoveva (*pasmada*)

Ela disse isso?!

Drumond (*sorri*)

Disse sim, assim mesmo! Que ele é um “repolho”...

D. Genoveva (*escandalizada*)

Mas, que horror! Que mulher louca!

Drumond

Com quem estive também conversando, muito tempo, foi com a Zulmira e a Cordélia. Ambas perguntaram pela sra. A Zulmira está que é uma lástima. Um pavor! Obesa, de uma obesidade flácida, sem dentes e desleixadona... Mete os dedos no nariz! Uma mulher que foi uma beleza! O filho da Cordélia, o Pipi, é agora "speaker" numa estação de rádio, mas ganha pouco; ao que parece, na companhia do Gracinha e do Pipoca, degenerou. E a Cordélia, quando fala nele, não diz mais "meu filho"; agora, é "minha filha, minha pobre filha"... E enternece-se até às lágrimas, com um nó na garganta.

D. Genoveva (*arrepia-se, dessa vez, entre pasmada e duvidosa*)

Isso é verdade ou é caçoada?!...

Drumond

É verdade sim. Não é caçoada, não. Ela disse-me a mim.

D. Genoveva (*enche-se de espanto*)

Meu Deus, em que mundo vivemos nós agora?!

Drumond (*acende um cigarro e faz uma pausa; prossegue em seguida*)

A casa já estava repleta, quando Sinharinha, por fim, apareceu, toda de branco, com uma saia cheia de babados. Estava radiante. Foi recebida com abraços e palmas. A Amanda, que chegara, naquele momento, com o marido, precipitou-se para ela, beijou-a, estreitou-a, exageradamente, nos braços. Olhou, depois, para o pai, com a cara amarrada. Que teria havido entre ambos? Timidamente, Gaspar disse-lhe: – "E, a mim, você não me dá um beijo?" Ela consentiu em dar-lhe um, mas chocho. Ele, ainda, perguntou-lhe: – "Você recebeu o cheque?" Ela sempre com a cara fechada, acenou com a cabeça que sim. Subitamente Sinharinha soltou um daqueles seus célebres gritos estridentes: – "Gaspá-ár-ár!... as formigas!..." Ele estremeceu e repetiu em surdina: – "Gaspá-ár-ár!... as formigas!..." E, enquanto ela explicava, para os lados, que não sabia a que atribuir aquela invasão de formigas ali na sua casa, Gaspar, às pressas, com um guardanapo, aniquilava uma fila delas, que, no aparador, ia de uma compoteira para a outra... A comezaina começou e toda aquela gente se precipitou sobre as travessas, aos empurrões, servindo-se às pratadas, e comendo como uns alarves, principalmente as velhas. Como elas comem, minha mãe! Mastigavam com a boca cheia, de olhos arregalados, temendo que a comida lhes fugisse... O Gama, alegríssimo, apesar das suas cólicas ventosas, empunhou uma taça de champanha, e propôs um "pic-pic" à Sinharinha. Berrou: – "Pra Sinharinha nada?"... Todos responderam em coro: "Tudo!"... Ele continuou: – "Então como é que é, que é?"... Todos responderam: – "É!"... E prosseguiram em coro: – "Pic-pic. Pic-pic. Pic-pic-pic!" "Meia hora! Meia hora! Hora! Hora! Hora!" "Rá-tá-chin-boom!"

***

Terminado o almoço, ambos foram para o terraço tomar o café. O dia continuava de um fulgor inenarrável, o sol reverberando num céu azul sem nuvens, que se alteava, se dilatava, – o ar parado, pesado e morno, o mar, de uma inalterável mansidão, quedo, bonançoso.

D. Genoveva recapitulava o que acabava de ouvir; às vezes, esboçava uma cara de riso e ria-se; outras vezes, duas rugas fundas iam-se-lhe juntando entre os sobrolhos e ela fazia-se séria, pensativa. Drumond deitou-se na rede e felicitou Vicência pela bouillabaisse. Disse:

– Esteve estupenda, da gente lamber os beiços. Agora, quero ver se durmo a sesta.

E fechou os olhos, ouvindo, ao longe, o trenzinho do Juquiá silvar um silvo agudo e prolongado que cortava o espaço.

XVIII
REMINISCÊNCIAS
OS VIZINHOS DA ESQUERDA E OS DA DIREITA
UMA NOITE DE AMOR

"La matière première, mieux vaut la chercher dans la vie; dans les livres, c'est le métier surtout qui m'intéresse."
André Gide (*Journal*, vol. II, p.375)
"On n'exprime que ce qu'on sent, non point ce qui est, et qui forcément nous échappe."
Abel Hermant (*Essais de Critique*, p. 47)
« Mon seul dessein est de créer. Bien ou mal, que sais-je, ce n'est pas mon affaire."
André Suarès (*Voici l'Homme*)

Ao acordar, ele ali permaneceu na rede, agora de olhos esgazeados para o céu. Era um dos seus prazeres prediletos, nas férias, aquela rede. Passava ali, deitado, parte do dia, ora lendo, ora rememorando uma série de fatos da sua vida. E suspirava, considerando o que dizem os franceses: – "*les années se suivent, mais ne se ressemblent pas"*.

Quando sua mãe construiu aquela casa, aquilo, em derredor, eram tudo terrenos baldios, charnecas; na rua esburacada, amassada pelos pés dos animais, mal se podia andar. E fazia pena ver os carroceiros, aos berros, espancarem-nos, aos pobres muares, exaustos e ofegantes, vergados, de pescoço alongado, puxando carroças, atulhadas de material, que atolavam, na areia, nos dias de sol, e, na lama, nos dias de chuva.

Ao cair da tarde, o canal como que fermentava. Exalava um cheiro de maresia. Mas, mesmo assim, com todos aqueles inconvenientes, havia no fácies de tudo aquilo, com o mar a marulhar de um lado, e, do outro, além, o morro de Santa Terezinha, com a sua capelinha no alto, uma poesia que se fora e que deixava Drumond saudoso, mormente quando o trenzinho do Juquiá soltava um daqueles seus silvos agudos e prolongados, que se ia perdendo no espaço...

Eram daqueles tempos as casas que ficavam laterais à de d. Genoveva, – dois sobrados dentro de jardim, separados dela por um muro de permeio, e, em frente, do outro lado do canal, o palacete do dr. Godinho.

As casas são como as pessoas. A cada uma está reservado um destino. Há casas irradiantes de simpatia, auspiciosas de felicidade, que nos atraem logo à primeira vista. Ao passo que há outras sobre as quais como que pesa a fatalidade inexorável de uma sorte sombria. Ou, têm um quê de hostil, de agressivo, ou, então, de murcho, de taciturno. Foi o que aconteceu toda a vida com aquelas duas casas.

Quanta angústia, quanta tristeza não incubou o telhado da esquerda?!... Um telhado que logo se tornou pardacento, parecendo vetusto de muitos anos, onde os corvos, em dia de tempestade, de céu baixo e vento uivante, quando o mar, a bramir, se levantava

fragoroso, salteando a praia, pousavam encolhidos, jururus, aconchegados uns aos outros, à espera que a tormenta passasse.

O quarto de dormir de Drumond era precisamente daquele lado. A primeira noite que ele ali dormiu, nunca mais dela se esqueceu. Foi numa noite de lua. Uma lua cheia, enorme, redonda, que, despertando, ao declinar de um dia extenuante de calor, foi, a pouco e pouco, galgando até ao zênite, por um céu sem nuvens, marchetado de estrelas. O luar espargia-se por tudo, pela face levemente crespa das águas, pelos morros circundantes, pelas copas das árvores, pelos telhados, pelos muros dos jardins, e, na transparência suavíssima dos seus reflexos, em meio do silêncio extático, que enchia o espaço, dir-se-ia que, subitamente, ia, ali, surgir o fantasma de uma dessas almas penadas que erram pelo mundo, a passos lentos, sem ruído, povoando os nossos sonhos.

Drumond permaneceu fora até altas horas, a conversar consigo mesmo, com as suas recordações. Quantas reminiscências de histórias já quase inteiramente deslembradas?!...

E por mais que fixasse um ponto aqui, outro acolá, aliás com o espírito sempre absorto, concentrado, fantasma algum lhe surgiu ante os olhos. Inesperadamente, porém, sentiu-se tomado de um sobressalto, ouvindo, a certa distância, não muito longe de si, um gemido como que estrangulado, abafado. Procurou dominar-se. Aprumou-se. Fitou as orelhas. Mas, logo aquilo cessou e tudo remergulhou no mesmo silêncio.

Já ia sobre a madrugada, e ele preparava-se para recolher, quando um galo cucuritou ao longe; outro mais longe ainda. Um cão latiu. No muro do jardim, por entre um farfalhar de hera, assomou um gato. Drumond aí compreendeu que, o que se lhe afigurara um gemido, fora o rosnar lascivo de um gato. Aquele, que ali estava, era do vizinho. Um gato amarelo repelente, já entrado em anos, anafado, pesadão, que parecia morfético, com o pêlo esfolado, as orelhas rendilhadas, cheias de crostas. Ele lembrava-lhe um colega seu do tempo de estudante, filho de um italiano. Um tipo de atleta de cabelo e sobrancelhas de um ruivo de tartaruga, a pele pontilhada de sardas, os dentes amarelos, os beiços grossos gretados. Era exatamente como aquele gato, que vivia encolhido, desconfiado, a espiar de um lado e de outro, sempre pronto a desaparecer se alguém dele se aproximava. Eram ambos poltrões e ambos dados a conquistadores. Na revolução de 24, Chico Monaco (era como se chamava o seu colega), fugindo de São Paulo, num caminhão, berrava, levando as mãos à cabeça, cada vez que ouvia o estampido de um tiro: – “Minha mãe do céu! Acuda-me!”, e empalidecia, tinha contrações, e ninguém sabe lá o que lhe acontecia mais. Entretanto, não obstante isso, esteve em grande evidência, metido em altas “cavalarias”; foi protagonista de cenas espetaculares, com fotografias nos jornais. Um dia, um marido ludibriado fê-lo correr à disparada, descarregando o seu revólver para o ar.

Idêntica era a vida galante que levava o maroto do gato, que Drumond apelidou de Chicão, e cuja uma de suas façanhas ele presenciou interessado e desolado naquela noite.

O gato, em vez de agachar-se, de encolher-se, como era seu costume, empertigava-se sobre as quatro patas, de cauda alçada. Alongava o pescoço e alongava o olhar. Movia a cabeça de um lado e de outro.

Quem procurava ele? – pensou Drumond, fazendo-se imóvel para o não afugentar.

Ora, quem havia de ser?!... Marili, a gatinha de sua mãe, por quem Drumond tinha um fraco. Uma gatinha preta que era um encanto, inteiramente preta, com umas pupilas de ágata, que se dilatavam, como em ascese mística, quando, à distância, ela, imóvel, olhava para ele, a preparar-se para lhe saltar no regaço. E, finalmente, quando ali se aninhava, enovelando-se, e ele lhe passava a mão pelo pêlo, lhe afagava o ventre, ela semicerrava as pálpebras, ronronava de gozo.

Não havia muito que ela tivera uma ninhada de um gato angorá. Esse sim, um lindo gato, elegante, donairoso. Mas, logo depois, se enfarou dele. Passou a evitá-lo. Fugia-lhe. E o pobre do gato andava murcho, tristonho. O que Drumond jamais supôs é que ela, um dia, se metesse de amores com aquele gato asqueroso que lhe dava gana de tocá-lo a pontapés. E, no entanto, era por causa dele que ela, ali, aparecera, no tabuleiro do jardim, a quebrar a anca, com uma flexuosidade provocante, como se fora uma mulher.

O gato, por mais cobiçoso que estivesse, hesitava. Media o pulo e recuava. Faltava-lhe a coragem. Espiava à direita, e espiava à esquerda. Temia, sem dúvida, o angorá, que não devia ser brincadeira. Ela, então, para o animar, modulou a seu modo um queixume que lhe veio do fundo da garganta, acentuando em trejeitos lascivos o quebrar da sua anca. Ele, aí, animou-se. Saltou. Foi para o pé dela. Tentou roçar por ela, mordê-la no pescoço. Ela, porém, embora ansiando por aquelas carícias, fingia que não queria. Afastava-se. Ele, então, meteu-se a gemer, plangentemente, um gemido dorido, quase humano, que lembrava o choro de uma criança, com grandes e prolongados “áú”, “áú”... Inopinadamente, sem que ela o esperasse, salta sobre ela. E, depois de se firmar, de se ajeitar, põe-se a imprimir ao corpo uma série de movimentos, até que, a súbitas, lhe sobrevém o espasmo, abalando-lhe a espinha numa estremeção, como se um corisco houvesse serpeado por ela. O mesmo acontece com Marili, que estremece simultaneamente com ele, e, rapidamente, se volta sobre si. Com as unhas aguçadas, mete-lhas no focinho, arreganhando os dentes, como que irada, e bufando muitos “fú-fú-fú”...

O gato foge desabaladamente para cima do muro. Parece tonto, amedrontado. Ali, agacha-se. Mete-se a recompor-se. Umedece a pata com a língua e passa-a pelo focinho que sangra. Enquanto isso, Marili, no relvado do canteiro, ainda escandescida, rebola-se, contorce-se, espolinha-se; vai de encontro a uma roseira. A roseira agita-se e uma rosa desfolha-se sobre ela.

E assim teria terminado essa noite de amor, se o angorá, fora de propósito, sem que ela o esperasse, lhe não despontasse pela frente. Que faz ela? Dá-lhe o fora. Desaparece.

O gato amarelo também some. E Drumond recolhe, trauteando em surdina – "*la donna è mobile qual piuma al vento*".

XIX
REMINISCÊNCIAS
OS VIZINHOS DA ESQUERDA E OS DA DIREITA

"On apprend à dessiner, on n'apprend pas à peindre; le sens de la couleur est inné et le sens de l'équilibre est une acquisition."
Remy de Gourmont
"Écrire n'est pas un métier, ne devrait en être un."
Paul Géraldy
"L'écrivain qu'il faut relire le plus souvent pour se corriger de ses défauts, c'est soi-même."
Jules Renard

Já era dia nado, quando Drumond despertou. O sol penetrava-lhe no quarto, em listas, pelas frinchas da veneziana. Ele ouviu uma voz suave de mulher vibrar repetindo:

– Água! Água!

Pôs-se de pé e abriu a janela. Alçou os olhos para o andar superior do sobrado vizinho, onde ela se debruçava do parapeito do terraço. Trocaram instintivamente um olhar. Era uma mulher moça e bonita. Tinha o rosto oval, fresco, bem feito. Como alguém lhe respondesse de baixo – "Estou bombeando. Já vai!" –, ela endireitou o corpo, sacudiu a cabeça, deu um jeito nos cabelos, voltou as costas e desapareceu.

– Quem será? – pensou Drumond consigo.

Mais tarde, quando ele ia para a praia, metido no seu peignoir, viu, à porta da casa, uma carroça repleta de malas e um táxi.

Ela saía precisamente naquele instante. Estava de boina, numa toalete impecável de viagem, em lainage pastel, com nervuras e pespontos, e uma bolsa a tiracolo. Despedia-se da criada, que choramingava e enxugava os olhos no avental. Dizia-lhe com um sotaque português alfacinha:

– Pois a vida é assim, minha cara. Vim para o Brasil, cheia de sonhos, com um mundo de esperanças dentro da alma, e o Brasil não me quis; sofri, desde o meu desembarque. Na Bahia, foi um tormento; aqui, nem se fala. Vou-me desta casa com horror. Acredito que nunca mais nos veremos, porque eu aqui não tornarei mais, e você, por certo, jamais irá a Portugal. Mas, prometo: hei de escrever-lhe...

E entrou para o táxi.

Logo em seguida, apareceu um homem de certa idade, de óculos de aro de ouro, bastas sobrancelhas, bigode e cavanhaque grisalhos, que lembrava um dândi de outrora. Usava casquete, polainas e paletó com martingale. O jardineiro seguia-o, sobraçando um plaid e carregando uma maleta e uma máquina fotográfica. Entregou ao chofer. O homem

sacou a carteira do bolso. Abriu-a. Deu-lhe uns dinheiros, a ele e à criada, que, comovida com isso, acentuou mais a sua cara de choro. Sacudiu a cabeça com um soluço.

Ele, despedindo-se, apertou-lhes a mão a ambos, e disse-lhes:

– Então, sejam muito felizes e muito obrigado por tudo. Quando o *sô* Azevedo aparecer aqui, não se esqueçam: recados a ele...

E, por sua vez, entrou para o táxi, que logo se pôs em movimento e desapareceu, enveredando pela praia; a carroça também lá se foi...

Nunca Drumond conseguiu saber exatamente quem fosse aquele homem, mais aquela mulher. Sua mãe, à pergunta que ele lhe fez, respondeu:

– Não sei. Era uma gente com quem eu não simpatizava, e que também não simpatizava comigo. O homem cumprimentou-me uma única vez. A respeito deles, ouvi contar muita coisa, que pus sempre de quarentena. Diziam que ela era enteada dele e que fugira da mãe para viver com ele, que foi assim que vieram para o Brasil, meio escondidos. Ao chegarem à Bahia, como ela estivesse grávida, provocou um aborto e quase morreu. Resolveram, agora, voltar para Portugal, porque a mulher legítima dele, isto é, a mãe dela, foi assassinada pelo amante – um capitão de artilharia –, e ele prometeu casar-se com ela. Veja você que embrulhada.

Que isso fosse ou não verdade, que importância tinha?! – pensou, finalmente, Drumond, desinteressando-se, depois de ter procurado, em vão, averiguar um pouco mais. O que é fato é que ele, toda vez que abria a veneziana do seu quarto, – e já lá se iam anos, – lhe corria sempre aquela cena. Via a mulher debruçada do parapeito do terraço, a repetir pedindo:

– Água! Água!

Depois que eles partiram, o jardineiro e a criada trancaram a casa, fecharam-na hermeticamente, e também se foram. Ninguém mais os viu. O tempo mudou. O céu fez-se baixo, cinzento, amorfo como numa aquarela em grisalha. Choveu uma chuva miudinha, triste, peneirada. E o mato se foi alastrando, germinando por tudo. Até no beiral do telhado, cresceram tufos de erva.

Enquanto isso se passava na casa da esquerda, na da direita, na “Pensão de d. Yayá”, apesar do mau tempo, a vida estuava com alegria, num alvoroço de todos os instantes. O movimento ali começava cedo. As janelas escancaravam-se logo pela manhã, principalmente as da sala de jantar, que era também sala de estar, onde os pensionistas se reuniam, jogavam, conversavam. Como as janelas lhe devassassem o quintal, d. Genoveva, para se resguardar de olhares indiscretos, mandou plantar ao longo do muro, um renque de aglaias que ramalhava brandamente, quando a brisa soprava do mar.

O caramanchão, por cujas colunas trepava um jasmineiro em flor, ficava daquele lado. Era onde Drumond, nos dias de soalheira, instalava a sua rede. Sabia, de antemão, que a

sua leitura seria frequentes vezes interrompida, pelas berrantes controvérsias que, subitamente, explodiam entre os hóspedes da pensão, ao que ele, desde logo, se fazia todo ouvidos; punha-se a escutar, e, pela voz de cada um, os ia identificando a todos.

A proprietária da pensão, a d. Yayá, era uma senhora de aprimorados predicados, precocemente envelhecida, com o ar fatigado, uma severidade triste no olhar, a face pálida, sulcada de rugas, os cabelos brancos. Descendia da melhor gente de São Paulo. O sangue, que lhe corria nas veias, era azul autêntico, e não azul de metileno como acontece, às vezes, com certos fidalgos. Seu bisavô, ao aportar ao Brasil, com a corte de D. João VI, figurava entre os válidos diletos d'el-rei. E seu avô, o barão de N.., além de conselheiro do Império, era apontado como um dos magnatas do seu tempo, pela opulência dos seus haveres. Infelizmente, seu pai não puxou nem por um, nem por outro. Nunca teve juízo. Era um perdulário, que a nada ligava. Em poucos anos, desbaratou, em jogo e libertinagem, a considerável fortuna que herdou, deixando a família na mais extrema miséria.

Quando d. Yayá se queixava da vida, e ela tinha motivo de sobra para isso, começava a sua lengalenga, dizendo:

– Eu que nasci e cresci num palacete da rua Alegre...

A rua Alegre da sua criancice, com efeito, era o Faubourg Saint-Germain do São Paulo daqueles tempos. Era onde morava toda a nossa *gentry*, tão diferente da de hoje pela sua distinção, a sua arrogância aristocrática, que a tornava distante, inabordável, e não como acontece agora, democraticamente mesclada de uma arraia-miúda que a ela ascende, e com ela se nivela, enchendo a todos de pasmo, unicamente pelos milhões que possui, inexplicavelmente adquiridos da noite para o dia.

Moça, muito moça, ela viu-se forçada a trabalhar no duro, para viver e educar a filha, – a Zulmira –, pois o marido, não se conformando com as loucuras do sogro, não quis mais saber dela. Abandonou-a, expatriando-se. Foi para a Argentina. De lá tomou um rumo ignorado e ninguém mais soube dele.

Como meio de vida, ela tentou lecionar. Mas, não lhe foi possível. A instrução que recebera era muito deficiente. Tudo quanto sabia, sabia pouco e mal, – o português, o francês, o piano que tocava. Aí, então, assoberbada com as dificuldades que cresciam de dia para dia, resolveu aceitar o convite que lhe fez nhá Lolita, uma antiga comadre de sua mãe, para trabalhar com ela, na confecção de culotes para soldados. E foi, confeccionando culotes para soldados, que d. Yayá, a neta do barão de N.., antigo conselheiro do Império, nascida e crescida num palacete da rua Alegre, não morreu de fome e pôde educar a sua filha.

Zulmira tinha agora vinte e quatro anos. Era a alegria dos seus olhos e o orgulho da sua velhice. Embora não fosse bonita, também não era feia. Tinha o talhe gracioso, os cabelos loiros, o nariz aquilino, os olhos claros, vivazes, inteligentes. Os dentes é que a não

favoreciam. Além de amarelados e obturados a ouro, eram mal implantados. Amontoavam-se uns por cima dos outros. Uma pena! Porque o trejeito do seu sorriso era simpático. Uma coisa, no entanto, a punha sobremodo em destaque: era a sua natural distinção, que lhe não desmentia a aristocracia do seu berço.

Estava agora empregada numa companhia americana importantíssima. Ganhava ali cinco mil cruzeiros mensais na qualidade de secretária particular do diretor. Um emprego "da China", como diziam todos, invejando-a. Mas, é que nem todos sabiam da capacidade de trabalho de que ela era capaz, quanto era expedita, e a cultura que armazenara. O português, o inglês, o francês e o alemão, ela sabia-os perfeitamente. Falava e escrevia o inglês como uma inglesa. E que datilógrafa! que estenógrafa! Além disso, era contabilista diplomada.

Dos cinco mil cruzeiros, dava três à sua mãe. Era com esse dinheiro que d. Yayá ia amortizando a dívida que contraíra com a compra de móveis para a instalação da pensão. Quando ela a isso se referia, sentia-se comovida, os seus olhos umedeciam-se de lágrimas.

– É uma filha abençoada, – dizia. – Sacrifiquei-me por ela, mas, agora, é ela que se sacrifica por mim.

E, assim como a Zulmira, são as mulheres de hoje, superiormente preparadas todas elas para a luta pela vida, que, dia a dia, se vai tornando mais árdua, miseravelmente envenenada pela incapacidade dos homens.

***

Drumond, do caramanchão do jardim, ouviu a voz de "seu" Vasconcelos. Ele conversava, na sala de jantar, com a espanhola do cachorrinho, como era apontada, na praia, pela criançada, Pepita Perez, ou melhor a viúva Meira, como ela se assinava, por ser, de fato, viúva do Tancredo Meira.

"Seu" Vasconcelos, precário de físico, careca e sensual como um gorila, era o tipo característico do nortista adaptado, a seu modo, aos costumes da Pauliceia. Vestia, com apuro, ternos de fazenda nacional, e trazia sempre, no bolsinho do paletó, um lenço de cor, que acompanhava a cor das meias, da gravata e das listas da camisa. Os seus sapatos eram de sola grossa, sola Packard. Havia dias em que ele aparecia de short e aí, então, lembrava o Ghandi, por ter as pernas finas, os olhos empapuçados, a piscarem através dos vidros espessos de umas enormes cangalhas de tartaruga, a cabeça chata, as orelhas despegadas do crânio.

Embora bancasse o puritano e se mostrasse implacável com os costumes da época, que reputava indecentes, era visível o seu fraco pela carnação pecaminosa da espanhola, que ele não ignorava ter sido, na sua mocidade, uma das estrelas mais afamadas das

pensões elegantes de mulheres do Rio e de São Paulo. Dois homens, uma vez, disputando-lhe o leito, liquidaram-se à bala. E foi por isso que o Meira, enrabichado por ela, e precavido como era, achou mais prudente disputá-la pelo casamento; teria assim direito de posse.

Pepita Perez, apesar da banha – (ela engordara enormemente) – da idade e da gota, que a faziam manquejar, de quando em quando, ainda tinha o seu "it" – era bastante *salerosa.* Conservava, na voz, um timbre de uma meiguice aveludada, e, nos olhos enviesados, a mesma brejeirice picaresca com que excitava e atraía os homens outrora, e que tanto perturbava agora "seu" Vasconcelos, secando-lhe a saliva na garganta e impedindo-o de dormir à noite.

Conforme a lobrigava Drumond, ela devia estar sentada numa poltrona, com o cachorrinho no colo, um *skye terrier* felpudo, que arquejava ofegante, com a língua de fora. De repente, ele latiu e ela repreendeu-o no seu português espanholado:

– *Callate, Joli!*... Você sabe que *no me gusta barujo!*

"Seu" Vasconcelos aproveitou da oportunidade, como ele fazia sempre, para demonstrar o interesse que ela lhe despertava. Disse-lhe num tom melífluo, adoçando os olhos e arreganhando os dentes postiços num sorriso:

– A sra., talvez, não acreditará, mas eu nunca mais me esqueci de um cachorrinho parecido com esse, que a sra. tinha, há tempos, chamado Relâmpago. Eu ouvi a sra. chamar por ele, passeando na praia, no Guarujá... Eu ia atrás, seguindo-a a certa distância...

Ela acudiu, com vivacidade, lisonjeada:

– *No era otro perro, otro cachorro. Era este mismo. Este es el Relámpago!*

– Mas, a sra., agora, só chama ele de Joli...

– Joli *es el apelido, mas, su nombre verdadero, su nombre legitimo, nombre de bautismo es Relámpago. Yo le voi a explicar: en Araras, onde mi marido nacio, todo el mundo tiene apelido, tanto las gentes como los perros, los cachorros...*

– Engraçado! – murmurou "seu" Vasconcelos. – É isso mesmo! No interior é assim mesmo!... E seu marido tinha também apelido?

– *Tenia como no!* – fez ela admirada. – *El era más conocido por el apelido que por su nombre.* Pelo que vejo *usted no conocio mi marido.*

"Seu" Vasconcelos sentiu-se vexado. Ia para dar uma explicação, mas d. Yayá atalhou:

– O sr. conheceu-o certamente. Ele era tão conhecido. Era meu primo. O Meira-peru!

– Ah! Era o Meira-peru?!!!... – e "seu" Vasconcelos escancarou a boca, repetiu com entusiasmo: – O Meira-peru! Conheci-o muito. Fomos companheiros de natação no Tietê. Um companheirão! Um pândego de marca!

– Um safado, *um sinverguenza es lo que ele era! Me enganhava com todas las mujeres...*

Uma vitrola, subitamente, pôs-se a tocar alto e Drumond não ouviu mais nada.

XX
REMINISCÊNCIAS
OS VIZINHOS DA ESQUERDA E OS DA DIREITA

"La lassitude de l'existence ne nous pèse pas aux épaules quand nous composons."
Gustave Flaubert
"Je ne tiens pas plus à la qualité qu'à la quantité des lecteurs."
Jules Renard
"Et moi, je n'écris que strictement pour moi-même."
René Thiollier

Mais um lindo dia de céu azul sem nuvens, muito puro, muito alto, o mar tépido, resplandecente de sol, um sol luxuriante que tudo doirava, e por tudo se derramava profusamente.

A pensão enchia-se. Na sala de jantar, à hora das refeições, não se conversava mais, tagarelava-se. A impressão que dava era de um brouhaha confuso, tumultuoso. Ouviam-se guinchos, gargalhadas. Indivíduos que berravam por se fazerem ouvidos. E, subitamente, sobrevinha uma acalmia. Aí, então, alguém falava. Se aquilo que dizia interessava, era ouvido em silêncio, com atenção; caso contrário, era aparteado, apupado.

Em frente, do outro lado do canal, o palacete do dr. Godinho, na véspera, passou por uma limpeza em regra. Amanheceu com as janelas escancaradas, os colchões, os travesseiros, os tapetes amontoados no terraço. Lavaram-lhe os vidros, enceraram o assoalho. E o dr. Godinho, à tarde, chegou de automóvel. Era um homenzarrão, confrangido de senilidade, com os sentidos rombos, trêmulo, catacego, ouvindo mal, o que o fazia caretear, inclinando a cabeça de lado, e berrar quando falava. Ali todos berravam. O que se passava na sua casa o canal inteiro sabia.

Como fosse viúvo, vivia em companhia de uma irmã e de uma sobrinha, ambas solteiras. A dona Eulália, senhora de sessenta anos de idade, também dura de ouvido, e a Rosalina, – a "menina", como ele lhe chamava, embora ela nada tivesse de menina, pois já era trintona. Na adolescência, teve uma paixão contrariada e jurou que jamais se havia de casar. Como continuasse firme no seu propósito, isso a tornava uma criatura pejada de complexos, irritante, desagradável.

Para exacerbar o tio, que era o tipo clássico do político da velha guarda, oligarca por instinto atávico e democrata simulado por interesse, sempre a exaltar um passado não isento de nódoas, e a ruminar ressentimentos rancorosos pelo esquecimento em que vegetava, ela, nos tempos da ditadura, dizia-se "getulista"; agora, bancava a esquerdista. Era admiradora fervorosa de seu primo Totó, que se salientou no início da propaganda, imaginando, possivelmente, tratar-se de um movimento sem consequência. Esteve preso duas vezes, e sofreu, dizia. Na segunda vez, sofreu tanto que engordou vinte quilos e a

barba lhe cresceu. Uma linda barba preta impressionante. Rosalina suspirava: – “Coitado!” Fora seu companheiro assíduo de infância. Ah! Se ela fosse capaz! Havia de cerrar fileira a seu lado, seguir o seu exemplo!

Nessa manhã, logo cedo, houve ali um sururu dos diabos, precisamente por causa de Totó, que percorria, agora, a Europa, numa Cadillac de luxo, gastando dinheiro a rodo. Ele era muito rico. Além da fortuna que herdara, era sócio de um cunhado banqueiro, magnata da indústria. Estava em Londres, hospedado no Savoy. Indo ao Hyde Park, ao passar pelo Marble Arch, deu-lhe na veneta de discursar de uma daquelas tribunas que ali há. Galgou-a, e pôs-se a perorar acerca das suas ideias extremistas. O povo se foi aglomerando e ele entusiasmando-se. Excedeu-se por tal forma nos seus disparates, que um policeman dele se acercou e o convidou a acompanhá-lo ao comissariado. Ali foi intimado a deixar a Inglaterra no prazo de vinte e quatro horas. Era isso que a “Tribuna” noticiava em letras garrafais e que deu motivo à discussão acalorada entre Rosalina e o tio.

Em resposta a tudo quanto ela lhe disse, em tom desabrido, que ela era muito insolente, ele, furioso, bradava, no terraço, a resfolegar, com os olhos globulosos fora das órbitas, as veias do pescoço intumescidas:

– Sabe que mais?! Vá bugiar! Não me aborreça! Estou farto das suas asneiras! Ora você, agora, a querer obrigar-me a levar o Totó a sério! Um pulha daqueles! Um vaidoso! Um cabotino, que tudo quanto faz é por vaidade! Pura vaidade! Burguesinho grã-fino, criado, por minha irmã, em colchões de pluma, habituado só a champanha, a caviar, a patê de foie-gras, a gozar boas mulheres, a uma vida de boates, de fandango, e, por esnobismo, a bancar o revolucionário, pregador da destruição da família, da sociedade de que ele faz parte! Isso só mesmo aqui no Brasil é que se vê! Não fosse o Brasil descoberto por Pedro Álvares Cabral! Que vá pregar em outra freguesia, foi o que lhe disse a polícia inglesa, e fez muito bem! Bravos à polícia inglesa!

E o dr. Godinho, no auge da sua excitação, foi tomado de imenso abatimento; afundou numa poltrona de vime, cerrou os olhos, o queixo pendeu-lhe sobre o peito, e ele ali ficou imóvel, com os braços flácidos, abandonados.

D. Eulália acudiu de dentro, também aos berros:

– Você ainda acaba matando seu tio, desgraçada!

E tudo depois, ali mergulhou no mais profundo silêncio.

Drumond assistiu à cena encostado à grade do jardim. A porta da pensão apinhou-se. Era natural que aquilo desse que falar. Todos comentavam:

– O velho não é sopa, – diziam uns. – É danado. Quando se mete a berrar, berra mesmo! Não para.

– Também a sobrinha dele não presta. É muito antipática. Muito malcriada.

Seu Vasconcelos, de short, estava que era o Gandhi. Não tirava, enlevado, os olhos de Pepita Perez. Como que para contrastar com a sua magreza, assomou à distância, vindo da praia, apenas de maiô, um turco descomunal, um colosso, mamudo, pançudo e peludo, as mamas e as nádegas balouçantes. Pisava com a sola dos pés, os dedos revirados para cima, gingando. As pernas escancaradas. Tinha os cabelos empastados. A água do mar escorria-lhe pela cara, pelo corpo. Ele fungava. Sacudia a cabeça. Piscava. Acompanhava-o, também de maiô, uma mulherzinha bonita, saltitante e sorridente, que remexia os quadris, e propositadamente fazia oscilar os seios.

Ao passarem pelo grupo, seu Vasconcelos, com um sorriso para Pepita, disse-lhe indicando-o com o canto do olho:

– Parece o Homem Montanha...

O turco ouviu e zangou-se:

– Homem Montanha é a avó!

– A sua, seu malcriado! Turco de m...!

O turco arregalou os olhos. Cerrou os dentes e os punhos. Fez como se avançasse para ele. Quase há um “fecha”. Todos se afastaram amedrontados, inclusive seu Vasconcelos, que enfiou pelo corredor da pensão. Ali, sentindo-se abrigado, recobrou coragem. Bancou o valentão. Pôs-se a provocá-lo, a insultá-lo. O turco, exasperado, despejou-lhe toda sorte de impropérios, os nomes mais hediondos, tratando-o de magricela.

A rechonchuda e congestionada d. Adelaide, senhora pudica, católica, apostólica, romana, levou as mãos aos ouvidos: estremecendo:

– Que horror, meu Deus! Que horror a gente ouvir estas coisas. É por isso que o padre disse, hoje, que o mundo está perdido. Vai acabar. Aí vem a bomba atômica.

Zé Camacho, negociante em São Carlos, português à moda antiga, anafado, de bigodão, com uma pesada corrente de ouro presa no colete, e um anel de brilhantes no dedo mínimo da mão esquerda, empertigou-se com importância:

– O padre disse isso?!... Então, ele não regula. Está sofrendo do miolo. A sra. pode dizer-lhe da minha parte que ele não regula! Olha o absurdo! O mundo perdido por isso! Na minha casa, é como meus filhos se tratam, quando surge uma contenda entre eles. A mocidade quer-se forte. E é assim a educação moderna!

A companheira do turco, agarrada no braço dele, puxava-o, dizendo-lhe:

– *Vamô* embora Simão! Simão, *vamô* embora! Deixa essa *porquera* de gente!

Ele sacudia a cabeça, resmungando:

– *Lan abuke! Charmuta!*

E, quando os dois se foram, os pensionistas reagruparam-se na calçada.

Seu Vasconcelos rosnava:

– Grande patife! Insolente! A felicidade dele foi eu não estar aqui com o meu trabuco, que eu o estendia, na calçada, com dois tiros, ele havia de ver! Mas, ele não está livre disso! Ele ainda me paga! No nordeste, nós somos todos matadores. E eu sou matador. Sou neto de cangaceiro!

Alguém disse:

– E deve ter muita honra nisso! Hoje, no Brasil, há muito cangaceiro ilustre!

A Eufrásia dos Anjos, que caminhava na calçada oposta, à beira do canal, atravessou a rua, num passo miúdo, precipitado. Era uma mulher alta, magra, seca, chupada, de nariz proeminente e adunco, pupilas enigmáticas de papagaio. Vestia saia morango e blusa verde. Na Semana Santa, ali no bairro, na procissão do enterro, ela fazia de Verônica. Cantava, trepada num banco, e as notas, que ululava, repercutiam tristemente no espaço.

Dirigindo-se a Pepita Perez, perguntou-lhe:

– Como vai seu cachorrinho, o Joli?

– *Muy bien. Y el suyo?*

– O meu, o Isgorogota, morreu. Teve uma aflição e morreu. O veterinário disse que foi enfarte. Eu pensei que enfarte só dava em grã-fino. Mas, agora, dizem que está dando até em cachorro. E que falta ele me faz! Eu acho que tenho sentido mais a morte dele do que quando meu marido morreu...

– *Ya lo creo!*

E as duas se olharam. Sacudiram a cabeça compungidas.

XXI
REMINISCÊNCIAS
OS VIZINHOS DA ESQUERDA E OS DA DIREITA

"Cette chienne de vie a quelquefois du bon."
Anatole France (*La vie en fleur*)
Théorie de Flaubert : "on peint d'autant mieux qu'on sent moins vivement."
René Canat (*La Littérature Française*)
"L'imitateur est un invertébré."
Remy de Gourmont (*Le problème du style*)

Foram-se os dias deslumbrantes e calmos, o esplendor fulvo do sol, o azul de gala do céu, as noites tépidas, claras, luminosas... O tempo, na véspera, mudou. Ao cair da tarde, nuvens de chumbo se foram acamando no poente, as cores desbotando-se, as perspectivas diluindo-se, tudo amarfanhando-se, envelhecendo. E, à noite, enquanto o mar bramia ao longe, lufadas de um vento, que turbilhonava revolto, desencadeado em tufões violentos, mugia, sibilava no telhado, como que arrancando as telhas, fazendo estremecer a casa.

Drumond despertou no seu leito. Abriu os olhos. Disse de si consigo:

– De repente, somos arremessados para longe, ou então levados pelos ares...

E pôs-se a escutar. Ouviu a sereia de um vapor que soltou um uivo estrídulo, demorado, pedindo socorro. Os trovões que, a começo, reboavam, distante, começaram de se aproximar, precedidos do afuzilar de relâmpagos, que lhe iluminavam e apagavam o quarto pelas frinchas das venezianas. E, subitamente, ele estremeceu, com o pavoroso estampido da bombarda de um deles, que lhe estourou por cima da cabeça, e cujo eco se foi afastando a estrondear abafadamente. Depois, o céu se desatou em torrentes de chuva, numa massa compacta d'água, e, desde então, não se ouviu mais nada, a não ser a água que caía continuadamente.

Drumond tentou, em vão, conciliar o sono. Virou-se de um lado, depois de outro. Por fim, pôs-se de costas. Foi aí que lhe acudiu, como sempre lhe acudia, por mais que ele fizesse por que se desvanecesse da sua memória, a imagem daquela mulher, que o empolgou como nenhuma outra na sua vida, e por isso mesmo o fez sofrer intensamente, ao dar-lhe "o fora" de um modo inopinado, extravagante, absurdo. Sim, porque, embora parecesse inconcebível, ela lhe dera "o fora". Era essa a expressão da verdade. E "deselegantemente", acentuava ele entre si, quando o seu despeito crescia e ele era tomado de rancor. Depois, como que para se acalmar, sacudia os ombros e acrescentava: – "Mas, não podia ser de outra forma. Uma burguesinha daquelas! Porque, apesar do seu mundanismo, ela não passa de uma burguesinha, escravizada a toda sorte de preconceitos, com fumaças de *bas-bleu*". E rematava: – "Positivamente insuportável!" Porém, os encantos dela não tardavam em vencer tudo quanto ele imaginava para diminuí-la. E ele sentia,

então, um estremecimento interior de saudade e ternura, que mais dorida tornava a mágoa, que se lhe concentrava no fundo do coração.

Foi numa noite de gala no Midnight Room do Copacabana Palace que ele a conheceu. A elegantíssima boate regurgitava flamejante de alegria. Encontravam-se ali, *au grand complet*, de envolta com o *gratin* do set paulistano, o set carioca, e muitos estrangeiros ilustres e interessantes, daqueles que só se viam em outros tempos na Europa, e que o Rio, hoje, atrai pelo prestígio que desfruta de ser a mais linda capital do mundo. E o é indubitavelmente, e não mais, como outrora, somente pela surpreendente cenografia de seus panoramas, – da sua "naturaleza", como dizia o argentino, franzindo os lábios enojado, quando se referia aos seus hotéis, que não passavam todos eles de estalagens de terceira classe, verdadeiras espeluncas, imundos, horríveis. Hoje, a paisagem como que se ampliou, cativa mais ainda os olhos de quem a contempla. É descortinada de pontos em outros tempos inacessíveis, graças a uma rede de estradas de rodagem magníficas, cruzadas, dia e noite, por milhares de automóveis. E, ao turista, a cada passo, o Rio oferece-lhe sugestões de conforto: centros elegantes de vida mundana, "country clubs", casas de chá, bares, restaurantes, alguns deles famosos pelas iguarias da culinária nacional, outros pela cozinha francesa, finamente manipulada por técnicos especializados de renome mundial. Os seus hotéis contam-se às centenas, e ao alcance de todas as bolsas. Entre os de primeira plana, figura o "Copacabana Palace", o "nec plus ultra" dentre eles, de um luxo sóbrio, seleto.

Drumond, levado pela insônia, ia assim de *coq à l'âne*, rememorando essas coisas. Finalmente, o seu pensamento tornou à boate, e ele viu-se sentado à uma mesa, ao lado de Clélia, – a mulher obsessão de sua vida. Foi Durvalina Novais quem lha apresentou. Ceavam ambas com um diplomata espanhol. Um tipo fino, elegante, de tórax encorpado, com uma cara reluzente de menino comilão, bem nutrido. Quando sorria, tinha um sestro chocarreiro: sorria principalmente com os olhos. Ao ver Drumond, pôs-se de pé.

Durvalina, que lhe havia acenado, chamando-o, perguntou-lhe:

– Você está só?

– Estou, sim.

– Então vai cear conosco.

E apresentou-lhe o jovem diplomata:

– Dom Alvarez Esguerra Camacho, da Embaixada de Espanha. Meu amigo Dr. Drumond Peçanha, homem de letras.

Alvarez Esguerra exclamou, apertando-lhe a mão:

– *Mucho gusto, señor.*

Durvalina, em seguida, voltou-se para Clélia:

– Você conhece o Drumond?

– Não, não tenho o prazer...

– Como?! Você não conhece o Drumond?!... E eu que imaginava que vocês se conheciam de longa data...

– Isto é, de nome conheço-o muito, por trabalhos que tenho lido em revistas e jornais, mas nunca lhe fui apresentada...

– O mesmo acontece comigo... – disse Drumond, por sua vez, beijando a mão que ela lhe estendeu.

Durvalina acrescentou:

– Pois, vocês vão se gostar; aposto que se vão compreender. Clélia é uma mulher interessante, inteligente...

Clélia espocou um muxoxo:

– Deixe-se disso...

Durvalina, apontando uma cadeira, convidou Drumond a sentar-se, e ele sentou-se. Como o maître d'hôtel se aproximasse, desdobrando o menu, ela indagou:

– Você topa uma *tranche* de melão, e, em seguida, uma lagosta *thermidor*?... foi o que encomendamos.

– Topo, pois não, mas a lagosta eu prefiro-a à americana...

O jovem diplomata pediu mais uma garrafa de champanha.

– *Bien frappée!* – exclamou.

E os seus olhos não se desfitaram mais de Durvalina, pareciam absorvidos, enlevados nela. É que Durvalina era uma linda mulher, loura, esguia, os traços finos, os olhos glaucos de um verde azulado, transparente, e um ar picante no seu modo de ser, mormente quando se derriçava, fazia por se tornar desejada. Ninguém, como ela, exibia com mais chique as criações de Christian Dior, as suas saias em linha corneta, enrolando-se-lhe obliquamente ao redor do corpo.

Clélia, embora fosse um tipo inteiramente outro, não lhe era em nada inferior em elegância; vestia-se com o mesmo irrepreensível apuro. Era um espécime de brasileira morena bonita, de pele acetinada, cor de jambo, com os contornos do corpo escorreitos, o rosto delicado, o nariz aquilino, uma boca fina, finamente sensual, com uns dentes admiráveis, os olhos negros, redondos, cintilantes, os cabelos lisos franjados na testa. E, com isso, um quê espiritual de imagem pré-rafaelita, corporizada sob o esplendor dos nossos céus, principalmente quando, absorvendo-se em meditação, os seus olhos se tornavam vagos, abstratos, abstratamente fixados num ponto invisível, perdido ao longe.

Drumond, assim que a viu, achou-a um encanto. Aconteceu-lhe o mesmo que ao diplomata espanhol. Não lhe tirou mais os olhos.

Quem animava o ambiente, como solista de um jazz sensacional, era o inexcedível pianista e compositor americano Eddy Duchin. Os seus fox e os seus blues, de uma

polifonia exuberante, de envolta com os nossos sambas e maxixes, entre os quais se destacava o “Tico-tico no fubá”, eram de endoidecer. Na pista, os pares comprimiam-se, agitavam-se com em tempo de Carnaval. Formavam um bolo, destacando-se, no centro, uma mulher, dolorosamente grotesca, que parecia uma boneca de porcelana mal pintada, com um chapéu de plumas no alto da cabeça. Abalada de risos, colada ao homem com quem dançava, agitava um braço no ar e perneava desenfreadamente, sacudindo as nádegas aos rebolos.

Durvalina, mirando-a, apontou-a a D. Alvarez:

– *Usted* está vendo aquela mulher de chapéu, que está dançando?... É casada com aquele homem que está sentado naquela mesa! Ele chama-se Alberto Cebola. É um industrial riquíssimo, um novo rico. O prazer dele é ver a mulher meter-se ao ridículo, enquanto ele se encharca de uísque. E quanto mais ridícula ela se torna, mais prazer ele sente, mais se diverte...

E Durvalina fez uma pausa. Depois, subitamente, como que fora de si, tomada de certa irritação, elevando a voz, acrescentou.

– Mas, não é somente ela que é ridícula. Nós todas, mulheres, somos ridículas, porque o prazer do homem é humilhar a mulher, nos tornar a todas ridículas...

E, como um boneco de mola, cuja mola se desprendesse, ela ergueu-se de salto, tomou nervosamente da mão do diplomata. Disse-lhe.

– Vamos dançar!

E levou-o quase de rasto.

Drumond ficou entre passado e surpreso. Vendo Clélia sorrir, embora frouxamente, indagou:

– Afinal que foi que houve?!... Por que esse desabafo de Durvalina?!...

Clélia respondeu-lhe:

– Dor de corno!...

Ele mostrou-se admirado:

– Dor de corno, por quê?

– Homem essa! Bem se vê que o senhor...

Ele interrompeu-a:

– Senhor não. Trate-me por você.

– Está bem.

E ela repetiu:

– Bem se vê que você não está ao par dos *potins* da vida carioca. E é natural. Não sai da sua província. Vive lá metido no seu São Paulo. Aposto que você ignora que o Moncorvo a deixou...

– Não, isso não. Eu sei.

Ela prosseguiu:

– Deixou-a, depois de três anos de vida em comum, de uma vida social intensa. Vida de festas, de jantares. Recebia, em casa dele, na Gávea e em Petrópolis, toda a sociedade, e ela fazendo sempre de mulher legítima dele. Era voz geral que, mais cedo ou mais tarde, ele regularizaria aquela situação, indo, ao México, “mexicar”... Pois, deixou-a na mão, sem mais nem menos, da noite para o dia... Daí a irritação dela, coitada!... Agora, o que você não sabe é com quem ele vai “mexicar”... (partem depois de amanhã)... com a Flavia Trancoso, prima dele, uma mulher que não tem os encantos da Durvalina. O que tem é dinheiro e muita pretensão. Principalmente pretensão. É a mulher mais pretensiosa que conheço.

Drumond reflexionou:

– Se assim é, ela devia exigir do Moncorvo que se casassem no religioso, em Nova York, em St. Patrick...

Clélia ponderou:

– Se isso fosse possível, ela já teria exigido, mas não é. Flavia é divorciada. Tem um filho.

Drumond continuou:

– St. Patrick, hoje, é a basílica do grã-finismo. Você não viu a imponência que teve, em St. Patrick, o casamento do Clodoaldo Nogueira? Não leu nos jornais?

Clélia acenou que sim, que lera, e considerou:

– Que se lhe teria passado pela cabeça, a um homem daqueles, um homem superior, para dar semelhante passo?!... Mistério!... Mistério tremendo, insondável!...

Drumond retrucou:

– Qual mistério, qual nada! Você está exagerando, dramatizando! Coisa banalíssima na vida de um homem, quando o homem gosta de uma mulher!...

***

Fatigado da vigília, que ia crescendo com a noite, ele estirou-se com um grande abrimento de boca, passando, por fim, paulatinamente, pelo sono. Pensou, ainda uma vez, na dor de corno da Durvalina. Quando havia ele de imaginar, naquela noite de gala, no Midnight Room do Copacabana, que, um dia, havia de sofrer dor idêntica por causa de Clélia?! Era uma página de suas “Memórias”, que conservava inédita, mas que havia de publicar com todos os detalhes e intimidade, (oh! se havia!) só para a aborrecer, prometeu ele a si próprio, num momento de revolta, antes de dormir, estirando-se, novamente, com outro escancarado abrimento de boca, que lhe fez lacrimejarem os olhos.

No dia seguinte, ele acordou tarde, quase à hora do almoço. O aguaceiro havia cessado, mas o céu continuava como que descido, a roçar por tudo, pejado de grossas nuvens pardacentas.

Abrindo a janela do seu quarto, ele relanceou os olhos pela casa vizinha; notou que ali havia gente. As venezianas não estavam mais trancadas. Num dos cômodos, lobrigava-se o vulto de um homem que caminhava de um lado para outro, enquanto, no telhado, os corvos se encolhiam, e a água da chuva da véspera escorria pingando das telhas.

Na sala de jantar, ao avistar-se com sua mãe, ela disse-lhe:

– Você, hoje, perdeu as horas.

– Perdi, com efeito... É que não dormi bem esta noite, por causa da chuva. Acordei-me com a ventania. Pensei que fôssemos levados pelos ares.

– A mesma impressão tive eu.

Depois, ele acrescentou:

– Agora, abrindo a janela do meu quarto, vi que tem gente aí na casa do lado.

– Tem sim. E você vai ficar admirado. Não sei se você se lembra de um homem que, há anos, viveu aí com uma mulher louca, que falava sozinha o dia todo... Nós o considerávamos um sofredor... Pois é esse homem!

Drumond acenou com a cabeça:

– Sei, sei! Lembro-me perfeitamente...

E logo lhe ocorreu o que ele havia dito à Clélia, na noite de gala no Midnight Room do Copacabana, a propósito do casamento do Clodoaldo Nogueira:

– Qual mistério, qual nada! Você está exagerando, dramatizando! Coisa banalíssima na vida de um homem, quando o homem gosta de uma mulher...

É que, por mais extravagante que parecesse, havia uma certa analogia entre os dois casos: o caso do casamento do Clodoaldo em St. Patrick e a vida daquele homem com aquela mulher louca, naquela casa.

XXII

A MATERIALIZAÇÃO DE D. MARIA DAS DORES NA CASA DA ESQUERDA

"Les arts ne sont que le miroir de la vie humaine."
Heinrich Heine (*De l'Allemagne*)
"On n'acquiert aucune connaissance transmissible qu'en voyant par soi-même."
Buffon
"Rien n'est plus odieux que le faux art."
Gustave Lanson (*L'Art de la Prose*)

Depois do almoço, apesar do tempo úmido, nublado, da bruegasinha que caía incessantemente, dando a impressão de confetes a polvilharem o ar, Drumond e d. Genoveva foram para o terraço, sentaram-se – ela, como de costume, na chaise-longue, e ele, na rede. Para d. Genoveva aqueles momentos eram os mais felizes da sua vida, quando ela o tinha assim, ali, ao pé de si. Adorava conversar com ele. Enternecia-se na sua companhia. Também pudera! Eram ambos tão parecidos, mãe e filho, não só nos traços fisionômicos como no modo de ser, de sentir, na analogia dos gostos, num como que sibaritismo espiritual quintessenciado, próprio às índoles extremadas.

Foi dela que ele herdou aquele particular interesse que o espetáculo da vida lhe despertava pela multiplicidade de aspectos e variedade de motivos, qual um livro compaginado de rápidos flagrantes, kodaquizados ao acaso, sem nexo, nem conexão lógica. Assim, a pensão da d. Yayá, o mesmo passatempo, que a ele lhe proporcionava, proporcionava-lhe a ela.

Quando Drumond estava ausente, d. Yayá ia, frequentes vezes, visitar d. Genoveva. Tomava café com ela; demorava-se. Depois do leitmotiv de sempre, isto é, de rememorar a sua vida pregressa de menina rica, bem nascida, crescida num palacete da rua Alegre, e de exaltar as virtudes de sua filha Zulmira, tão boa que era, punha-se a falar dos seus apertos, das suas dificuldades.

– É uma coitada! Faz pena vê-la! Só eu sei quanto ela padece! Trabalha como uma negra, nos tempos em que as negras trabalhavam! Uma mulher que podia ser rica se não fossem as loucuras do pai. Vive a correr de um lado para outro. Muitas vezes, passa semanas inteiras na cozinha, quando a Bidoca, tolhida de reumatismos, não se pode levantar. É ela quem faz o café pela manhã, o almoço, o jantar, varre, arruma os quartos. E há pensionistas que, vendo isso, não levam em consideração, reclamam, dizem-lhe coisas ofensivas. Já a tenho visto não poder conter as lágrimas, chorar, coitada!

E d. Genoveva interrompeu-se pesarosa, meneando a cabeça. Depois, prosseguiu:

– Há, porém, outras ocasiões em que ela se mostra mais animada, mormente quando o movimento da pensão diminui; vem aqui, senta-se, conta-me então uma série de coisas

que me fazem rir sobre a vida dos pensionistas... Foi ela que me disse, hoje, que o homem que alugou a casa aí do lado é aquele que vivia com aquela mulher louca...

- Uma louca – considerou Drumond – que era impressionante nos cuidados que tinha com o marido. Ele andava sempre alinhadíssimo, com umas roupas brancas impecáveis. Quando saía, ela ia espiá-lo, entreabrindo a janela. Dizia-se que eles tinham casado por amor. E ele é um homem feio, meio corcunda, com um braço mais curto que o outro... Uma vez, indo eu a S. Vicente, ele tomou o mesmo bonde, sentou-se a meu lado. Olhou-me. Hesitou, a começo, em falar comigo. Depois, animou-se e disse-me: – "Nós já fomos vizinhos..." Eu respondi-lhe: – "Fomos, sim." Ele disse-me mais: – "Não sei se o sr. soube que minha mulher morreu?..." Eu respondi-lhe: – "Soube, como não". E acrescentei: – "Foi numa ocasião que não compareci ao enterro". Ele lamentou: – "Pois foi uma pena! O enterro esteve lindo!" Depois silenciou e rematou: – "Como o sr. não ignora, minha mulher era uma senhora doente, que me fez sofrer muito, me amargurou muito a existência, mas, mesmo assim, ela me faz falta. Tenho grandes saudades dela!"

E Drumond conjeturou, após uma pausa reflexiva:

– Quem sabe se ele não veio para aí matar saudades?!...

Falavam assim, quando chegou um auto-caminhão da Empresa Funerária e parou precisamente à porta da casa dele.

Drumond e d. Genoveva entreolharam-se. Ergueram-se para ver.

Um empregado da Empresa desceu e bateu palmas. Apareceu um preto beiçudo, de carapinha grisalha. Ele perguntou-lhe:

– É para aqui o caixão de uma mulher?

– É sim... – respondeu o preto, acenando com a cabeça.

– A câmara ardente não foi encomendada, mas nós trouxemos tudo para a armar: crucifixo, panos, castiçais, tocheiros, ventilador...

– Espere um pouco, vou perguntar.

Entrou e voltou:

– Fizeram muito bem. É para armar, sim, a câmara ardente; foi esquecimento.

O chofer desceu, por sua vez, e os dois homens carregaram primeiro o caixão e depois os demais apetrechos. Demoraram-se dentro da casa cerca de três quartos de hora. Ao saírem, um disse ao outro:

– O homem não me deixou ver o defunto. Você viu-o?

– Não, não vi. Estava trancado no quarto de cima. Ainda se ele fosse judeu, compreende-se. O judeu é que esconde o defunto. Mas, ele não é. Achei a atitude desse homem misteriosa.

O outro tossiu, assoou-se com os dedos, disse:

– Eu também achei.

E tomaram o caminhão, partiram.

Tomás Cirilo, um rapaz loiro, pálido, magricela, que, em pequeno sofria de coreia, e por isso ficou meio aluado, vendo d. Genoveva no jardim, cumprimentou-a e perguntou-lhe:

– A sra. não sabe quem foi que morreu nessa casa?

– Não, não sei.

Antes que ele se fosse, d. Genoveva indagou:

– Como vai passando seu irmão? É verdade que ele foi operado?

– Foi sim... A sra. não sabia?... Eu vou contar para a senhora como foi... Foi no dia que eu cheguei lá... A velha estava apavorada...

– Que velha? A sua mãe d. Suzaninha?

– Sim, a velha, estava apavorada... Disse para mim: – "Será que o Carlos escapa?" A coisa tinha começado quando ele pôs a primeira colher de sopa na boca. Foi só aquela garapa: "ai! ai! ai! ai!" Ele que sempre foi forte pra dor! A velha dizia: "Nunca vi um *homão* como o Carlos berrar tanto assim!... Também a barriga dele estava dura que nem pedra!... Quando ele me viu, me pediu: – "Me leve pr'hospital". A velha perguntou: – "Você leva?" – "Que remédio!" – respondi. Eu sou mesmo o anjo da guarda da família. Tenho assistido à operação de todos eles... Agora, só falta a do cachorro... O médico operador foi o dr. Abib Tufi, um sírio. Mas, um sírio batata! Uma uva pr'operar! A sra., tendo que ser operada, escolha ele. A operação durou quatro horas. O Carlos não morreu, porque Deus não quis. Foi uma apendicite supurada, com peritonite. O anestesista só perguntava: – "Continuo?" E ele respondia: – "Continue!" Como eu demorasse pra voltar, a velha cochilou no sofá, e caiu do sofá, quebrou o braço...

– A sua mãe?

– Sim, a velha. Quebrou o braço. Está engessada e a coisa não está boa... Qual! aquela casa é como eu digo, precisa de um macumbeiro pra benzer...

E, voltando as costas à d. Genoveva, ele se foi rosnando, repetindo:

– Qual aquela casa, é como eu digo, precisa de um macumbeiro pra benzer...

D. Genoveva e Drumond tornaram a fitar-se entre si. Depois, acompanharam-no com o olhar, até que ele desapareceu ao dobrar da esquina.

Ela, fazendo-se pensativa, balbuciou:

– Mas, afinal quem teria morrido aí pegado?

Nesse entrementes, apareceu o negro trombudo de carapinha grisalha, que falara com os homens da Empresa Funerária. Indagou da calçada, aproximando-se da grade do jardim:

– O sr. é que é o dr. Drumond Peçanha?

– Sou eu sim.

– Seu Januário Medeiros que mora agora aí, mandou entregar esta carta pro senhor.

Drumond levantou-se. Pegando dela, disse:

– Está entregue.

O negro retirou-se.

Ele abriu-a e correu-lhe os olhos. Ao terminar a leitura, exclamou:

– Que coisa extravagante! A sra. quer ver?

E leu-a em voz alta:

"Exmo. Sr.

"Faz, hoje, dez anos que minha idolatrada esposa faleceu. Como o sr. me disse, uma vez, que não pôde comparecer ao enterro, porque estava ausente de Santos, nessa ocasião, eu contei a ela e ela ficou muito penhorada, pediu-me que o convidasse para vir vê-la, hoje, no seu caixão.

"Terá assim o sr. a oportunidade de capacitar-se de que a morte não passa de uma simples libertação, para se entrar, com maior plenitude, numa vida de além-túmulo; é o que a Bíblia ensina precisamente quando se refere à vida de além-túmulo.

"Certo de que o sr. não deixará de nos honrar, a mim e a ela, com sua presença, e, pedindo-lhe sigilo acerca deste convite, subscrevo-me com elevada consideração,

Januário Medeiros."

D. Genoveva sentiu-se gelada por dentro. Exclamou:

– Que horror!

Nunca pôde imaginar ouvir semelhante coisa na sua vida. Considerou:

– A humanidade positivamente está ficando louca! Só se veem loucos por toda parte!

E perguntou:

– Você vai?

Estava certa de que Drumond lhe responderia que não, mas ele gesticulou afirmativamente com a cabeça:

– Vou, sim.

Ela objetou-lhe:

– Mas, você não se vai impressionar?

– Eu impressionar-me? Não sra. Não será a primeira vez que assistirei a uma sessão espírita. Já tenho assistido a diversas e presenciado fenômenos verdadeiramente curiosos... Como explicá-los, não sei. Nunca tentei explicá-los, mas tampouco me deixei empolgar por eles...

***

O dia permaneceu inalterável, chuvoso, o céu sempre enevoado e baixo. A noite se foi anunciando, como a da véspera, tempestuosa.

Após o jantar, d. Genoveva e Drumond voltaram para o terraço. Ela perguntou-lhe de novo:

– Você vai mesmo aí pegado?

– Vou.

– Não mudou de ideia?

– Não, não mudei. São coisas que não se devem perder. A sra. não disse que a humanidade está ficando louca?... Quero ter mais essa prova.

– Em todo o caso não me conte, o que você vir lá. Não quero saber.

– Está bem.

A Vicência apareceu com a bandeja do café. Mostrava-se diferente de outros dias. D. Genoveva interpelou-a:

– Você que tem?... Está com uma cara...

Vicência respondeu:

– Não tenho nada. O que estou é intrigada, isso sim, com uma coisa que ouvi contarem, hoje, no armazém, quando fui lá comprar macarrão para o jantar. Quem contou foi Babá do Cubatão, que estava bebendo “batida” com Leomar da Ponta da Praia.

Drumond fez-se admirado:

– Que espécie de gente é essa?... Nunca ouvi pronunciarem esses nomes.

– É porque o sr. não é espírita, não frequenta o meio espírita. Eles até são muito populares, muito conhecidos. Não há cozinheira, criadinhas que não conheçam eles. Principalmente as negras. São o ai Jesus delas. O Babá é vidente da bola de cristal e o Leomar médium-encarnador de espíritos.

E ela, assim falando, teve um arrepio:

– Eu tenho pavor dessas coisas...

D. Genoveva indagou:

– Mas, que foi que o Babá contou?

– Ele contou que, nessa casa, foi, hoje, armada uma câmara ardente para o velório do corpo de uma senhora, parenta do homem que mora aí agora. Ela sofreu um desastre de automóvel na Serra, vindo de S. Paulo, e morreu na Beneficência Portuguesa. O corpo ia ser transportado agora, à tarde, para aí, mas não será mais, porque os filhos dela se opuseram, resolveram levar ele para S. Paulo. Está viajando a estas horas. Eu, porém, não acredito em nada disso, acho que é tudo uma história para despistar. O que essa gente vai realizar é uma sessão espírita, como fizeram na Alemoa, no mês passado, em que um homem enlouqueceu e matou a mulher.

Drumond, fingindo-se duvidoso, disse:

– Pois eu acho que você está enganada...

E fantasiou uma história:

– Nós ouvimos contar a mesma coisa por um grupo que parou perto da grade do jardim. O corpo já foi transladado para aí. Nós vimos chegar o caixão. E assim é que eu pretendo ir daqui a pouco até aí, apresentar pêsames a esse homem, que eu conheço há muito tempo...

Ela inclinou a cabeça de lado:

– Se é assim como o sr. diz... Mas, eu ainda duvido...

E acrescentou:

– Pois fique sabendo que, se o sr. for e se demorar, vai assistir a muita coisa que eu não gostaria de assistir.

Nesse momento passou pela rua um homem alto, corpulento, de barba intonsa, seguido de um rapaz magro, esquelético, com o dorso curvado.

Vicência, vendo-os, disse:

– Lá vão eles.

– Eles quem?

– O Babá do Cubatão e o Leomar da Ponta da Praia. O Babá é o grande barbudo e o Leomar o magricela. Babá, aqui, em Santos, anda sempre de camisa esportiva preta, com os braços nus. Em S. Paulo, ele se veste como os padres sírios da rua 25 de Março. Anda de batina e chapéu coco. Não sei por que a pessoa dele me lembra sempre defunto, acompanhamento de enterro, ele cheira de perto a vela de cera, quando a chama se apaga e o pavio fica fumegando...

***

Eram 21 horas, quando começou a afluir gente à casa. Entravam todos, homens e mulheres em silêncio, cabisbaixos, olhando com o rabo dos olhos para os lados, como se temessem ser vistos.

Drumond levantou-se e despediu-se de sua mãe. Beijou-a na testa:

– Então, boa noite. É possível que, hoje, não nos vejamos mais, porque eu, daí, pretendo dar um pulo ao hotel do Parque. Vou lá conversar com nhô Lau, que chegou há dias.

– Boa noite, – disse d. Genoveva.

E ele saiu. Logo depois, entrava na casa vizinha, onde era recebido, à porta, pelo seu Januário, que parecia estar ali perfilado à espera dele. Apertou-lhe a mão com efusão.

– Faça o favor de entrar. Tenha a bondade.

E Drumond entrou diretamente na câmara ardente, armada na sala da frente, formada de alto a baixo de preto, com uma mesa, entre quatro tocheiros, também forrada de preto, onde devia ser colocado o caixão; da parede, pendia um crucifixo.

Januário fê-lo sentar-se numa poltrona e acomodou-se noutra ao pé dele.

Da sala contígua, uma voz se elevou dizendo:

– Acho que já estão todos. Podemos começar, seu Januário?

– Podemos.

A mesma voz acrescentou:

– Então que se fechem o portão da rua, a porta de entrada e que nenhuma janela fique aberta.

Nesse momento, chegou uma retardatária. Uma mulher de formas delgadas com um todo picante, a quebrar os quadris, metida numas bombachas, com um foulard de seda ao redor do pescoço. Tinha o nariz aquilino, as faces escorridas. A sua fisionomia era de uma mobilidade impressionante. Seus olhos, habitualmente piscos, sob a arcaria de cerradas sobrancelhas, subitamente se dilatavam como que espantados. Embora entrada em anos, conservava um vislumbre da formosura de outrora; foi famosa como demi-vierge. Tinha um sex appeal, que a tornava irresistível, farejada como uma cadela no cio. Chamava-se Rosa Bolero – “a Franga”, como a apelidavam as suas colegas de colégio. Ao beirar os quarenta anos, resolveu casar e casou-se com o Comendador Sarmento, português riquíssimo, muito conceituado na praça de Santos, e relacionado na sociedade em S. Paulo e no Rio. Ambas as sociedades a receberam de braços abertos. Foi festejada e deu festas. Porém, não tardou em entediar-se do Comendador, que era bom como marchante, mas de amargar como marido. E foi assim que Rosa Bolero se divorciou e tornou a casar-se; agora, era a quinta mulher de God-Black, o homem que bateu o recorde do divórcio, considerado como um colecionador de mulheres. Quando ela se encharcava de drinques, costumava dizer divertida: – “Que boa pilhéria é o casamento! Seria preferível a amigação pura e simples”.

Rosa Bolero nunca foi amante de Januário Medeiros. Nos seus tempos de demi-vierge foi dele a seu modo, como o foi de muitos outros homens, que ela nem mais se lembrava. Mas, a finada d. Maria das Dores meteu-se em cabeça que era ele quem a sustentava e por isso lhe tinha um ódio surdo.

Quando ela entrou e Januário a foi receber sorridente, todo mesureiro, ela declarou-lhe:

– Eu vim, porque você insistiu que eu viesse, mas eu não acredito nessas coisas, e você deve lembrar-se que sua mulher me detestava...

As portas e as janelas foram fechadas e a mesma voz, que, momentos antes, se elevara da sala contígua, tornou-se a elevar-se perguntando:

– Então, podemos começar?

– Perfeitamente, – respondeu Januário, voltando-se para Drumond e dizendo-lhe: – Quem está falando é o homem que vai presidir a sessão. O sr. o conhece?

– Quem? O Babá do Cubatão? Não, não conheço, apenas de vista.

– Babá do Cubatão é a alcunha que o povo lhe pôs, por ele morar no Cubatão, mas, acredite que não se trata de um indivíduo qualquer. Ele é um professor diplomado, homem muito culto. O sr. vai ver. O nome dele é Isidro Pompeu, da família dos Pompeus de Goiás.

Babá, por fim, apareceu e colocou-se junto à mesa. Ele era tal como Vicência o pintara, alto, barbudo de cabelos hirsutos, vestindo uma camisa esportiva preta. Fazia calor e ele suava em bica, fungava, enxugava a cara com um lenço. Leomar, muito pálido, muito magro, o rosto anguloso, perfilou-se ao lado dele.

Babá tossiu, endireitou a garganta e pôs-se a falar:

– Meus Irmãos!... Aí fora, o dia todo, murmurou-se muita coisa acerca do que se vai passar, hoje, aqui. Dizia-se que uma senhora, parenta de seu Januário, morrera, na Beneficência, em consequência de um desastre de automóvel na Serra; que esta câmara ardente foi armada para o velório do seu corpo, que seria transladado para aqui, à tarde, mas que a isso se opuseram os seus filhos, que resolveram levá-lo para S. Paulo. Tudo fantasia, pura fantasia, vós bem o sabeis. Nós o que vamos fazer, aqui, é comemorar o décimo aniversário do falecimento da sra. d. Maria das Dores, que morreu nesta casa. Atendendo ao pedido que ela fez ao seu esposo nosso honrado irmão sr. Januário Medeiros, o seu corpo será materializado e exposto, aos nossos olhos, dentro de um ataúde, como no dia do seu enterro; será uma reconstituição do seu enterramento...

Rosa Bolero voltou-se para Drumond, com um sorriso cético:

– Isso eu nunca vi e duvido que se consiga.

Alguém, não se podendo conter, fez:

– Psiu! Silêncio!

Babá continuou:

– Eu, aqui na assistência, vejo pessoas que eu ignoro se são adeptas da nossa religião espírita, ou se não passam de simples metapsiquistas. O metapsiquista é aquele que se interessa pelo espiritismo, mas não se sente animado da fé que nos anima, está sempre de sobreaviso, receoso de ser vítima de uma mistificação, acerca dos fenômenos sobrenaturais a que assiste. Recorre à ciência para que ela o esclareça, lhe dê uma explicação, e a ciência não lhe responde, cala-se... E por que ela se cala?... Porque se sente impotente para explicar os fenômenos que presenciamos. Só a Fé no-los pode explicar. Vede o caso do célebre professor William Crookes, membro da Real Sociedade de Londres, membro correspondente do Instituto de França, a quem se devem tantos trabalhos importantes sobre os solenóides, bem como a descoberta do tálio, do fotômetro de polarização, do microscópio espectral. Ele dizia, a respeito das coisas, que observava no

campo do espiritismo, – tais como o movimento de corpos sem esforço mecânico, fenômenos de percussão, de levitação de objetos sem nenhum contato, de aparições luminosas tendo formas humanas, e principalmente a mais notável das experiências que foi a materialização de Katie King – ele, notabilíssimo cientista que era, dizia aos céticos, quando o interrogavam: “Explicar, não lhes posso explicar, mas que a coisa é verdadeira, que ela existe, isso não se discute”...

E Babá fez uma pausa. Reatou em seguida:

– Pois é a materialização da sra. d. Maria das Dores, a que vamos assistir, aqui, revestida desse invólucro tênue, fluídico, que serve de intermediário entre o espírito e o corpo a que chamamos perispírito. Peço aos metapsiquistas presentes que averiguem o fato, mas que o não discutam lá fora. Façam por ser atraídos pela Fé que nos anima! Amém.

E enveredou pelo corredor, seguido de Leomar, de Januário Medeiros e do negro Benjamim.

Momentos depois, voltavam, carregando pelas alças um ataúde, que colocaram sobre a mesa. Abriram-no. Estava vazio, forrado de branco. Todos, de pé, em silêncio, rodeavam-no, fitando-o.

– Como veem – disse Babá – ele está vazio. Vamos fechá-lo novamente e sentemo-nos ao redor dele, de mãos dadas. Formemos a corrente.

Antes, porém, ele pronunciou, muito de espaço, em voz alta, firme:

– E você, Leomar, você vai falar por Ela, vai encarná-la.

E gritou:

– Vamos, Leomar, depressa! Em estado de transe!

E Leomar começou a ter uma série de contorções nervosas, de empuxões. Careteou, piscou, envesgou os olhos, espichou o pescoço. Teve um movimento rotativo da cabeça, inclinando-a sobre o ombro, entortando a boca, mordendo o lábio inferior quase até sangrar. As suas faces, habitualmente descoradas, descoraram-se mais ainda e a sua respiração tornou-se ofegante. A testa empastou-se-lhe de suor. Por fim, rodopiando sobre os calcanhares, ele caiu estatelado no chão.

– Apaguem-se as velas – recomendou Babá.

E todos se apressaram em assoprar os pavios dos tocheiros, alongando os beiços. A câmara mergulhou em trevas e ficou rescendendo ao cheiro que Vicência dizia que Babá rescendia. Cheiro de pavio de vela de cera mal apagado, fumegante.

– Silêncio! – ordenou ele.

E o silêncio fez-se profundo – um silêncio morto.

Subitamente, ouviram-se pancadinhas como de nós de dedos de encontro à tampa do caixão – “toc”... “toc-toc”... “toc-toc”...

Babá indagou:

– É você, Maria das Dores?...

A resposta foram dois “toc-toc”.

Babá perguntou:

– Podemos abrir o seu caixão?... Você já está acomodada dentro dele?

As pancadas cessaram. Ele esperou. Como o silêncio se prolongasse e a resposta não viesse, ele disse:

– O nosso “Irmão” Leomar já está em estado de transe mediúnico, próprio para receber você. Encarne-se nele e fale-nos!... Todos queremos ouvi-la. Seu marido fez o que você lhe pediu que fizesse para comemorar, como você o desejava, a data de hoje, que, para as suas amigas, foi um dia triste, e, para ele, o mais triste de sua vida...

Ouviu-se um ruído feito por Leomar, que se soergueu sobre um cotovelo, e, por fim, se pôs de pé. Maria das Dores acabava de encarnar-se no médium. Com voz de falsete, voz feminina, ele protestou:

– Mentira!...

E pôs-se de pé.

– Mentira! – repetiu com um timbre esganiçado.

– Por que mentira?! – mostrou-se Babá admirado.

– Porque eu vi, nesse dia, tudo quanto se aqui passou... Ouvi todas as conversas... Retirei-me só depois que meu corpo foi levado...

E, depois de uma pausa, Leomar exclamou, sempre com a mesma voz de falsete:

– As minhas amigas!... que ironia!...

E casquinou uma gargalhada shakespeariana:

- Ah! ah! ah! ah! ah!... As minhas amigas!... Uma delas disse : – “Já vai tarde!”; a outra: “Podia ter ido há mais tempo”... Uma foi Adélia Trigueiros; a outra Margarida Burzelos...

Adélia Trigueiros protestou dentre as trevas:

– Isso não é verdade, Maria das Dores... Quem foi que contou isso a você?

– Ninguém me contou.

– Mas, então como foi que você soube, se você tinha morrido?!

– Tinha morrido sim, – é boa!, – para vocês... Pois, eu não disse que me retirei daqui só depois que meu corpo foi levado?... Vi com meus olhos e ouvi com meus ouvidos... Até parece que você ignora que a Morte é a separação da alma e do corpo...

O médium, em seguida a um trato de tempo, perguntou requintando na sua voz de falsete:

– E para onde vocês foram nesse dia, dizendo: – “Ora bolas, morreu quem morreu”?! Foram jogar um “buraco” que combinaram aqui...

A voz de um homem considerou:

– E que “buraco”, Maria das Dores... Mais fundo e pior que a sua cova... A 5 cruzeiros o ponto!... Na contagem, aquele ladrão do Tadeu me passou a perna..

O médium exultou:

– Você vê que eu não minto?... É o Maneco quem está falando.

Adélia Burzelos revoltou-se:

– Isso é uma infâmia do Maneco!

Rosa Bolero, por sua vez, irrompeu:

– É uma infâmia sim!

Maneco tomou-se de indignação:

– Quem é que está falando agora?!... É Rosa Bolero?!...

– Sou eu mesma.

– Ora, sabe que mais?! Meta-se com a sua vida, sua “franga”!

Rosa Bolero, que não tinha papas na língua, retrucou com um palavrão.

Como é natural, houve logo ali um sentimento de pânico. Todos se puseram de pé, com arrastar de cadeiras. Um tocheiro rolou ao chão com fragor.

Babá, procurando acalmar o ambiente, gritou:

– Silêncio! que isto assim não pode continuar!

Januário Medeiros, de seu lado, implorava com voz chorosa:

– Não me façam isso! Não me façam isso, pelo amor de Deus, que a minha Maria, desse modo, se retira e eu não a verei mais... – e soluçava.

Rosa Bolero, porém, dizia, em altos brados:

– Abram a porta! Abram a porta, que eu aqui não fico! Eu não acredito em nada disso. Abram a porta!

Leomar, subitamente, interveio, não mais com voz de falsete, mas com a sua voz natural:

– O melhor é pôr-se um ponto final à sessão, porque o espírito de Maria das Dores não está mais presente. Ela desencarnou-se de mim...

E a porta foi aberta e os circunstantes saíram, alguns precipitadamente aos empurrões.

Alguém, expandindo-se irado, berrava:

– Isto tudo não passa de um conto do vigário! Toda sessão, em que o Leomar toma parte, acaba sempre assim. Veja o que aconteceu na Alemoa...

EPÍGRAFES E CITAÇÕES

Epígrafes

I

EDUARDO JERICÓ

"Quel supplice que celui d'entendre déclamer pompeusement un froid discours ou prononcer de médiocres vers avec toute l'emphase d'un mauvais poète."
La Bruyère (*Les Caractères* – "Des ouvrages de l'esprit")

LA BRUYÈRE, Jean de. *Les Caractères de Théophraste traduits du grec avec Les Caractères ou les Moeurs de ce siècle*. Paris, Éditions Garnier, 1962.

"Il y a de certaines choses dont la médiocrité est insupportable: la poésie, la musique, la peinture, le discours public.
Quel supplice que celui d'entendre déclamer pompeusement un froid discours, ou prononcer de médiocres vers avec toute l'emphase d'un mauvais poète!" (cap. I, item 7, p.68-69)

II

EM CALDAS...

"En art, le difficile c'est de voir."
Conseil de La Tour: "Copiez la nature telle qu'elle est, telle que vous la voyez, d'aussi près que vous le pourrez. On n'invente ni un personnage, ni un caractère. Des personnages inventés ne sont jamais que des fantoches."

ALBALAT, Antoine. *Comment on devient écrivain.* Paris, Armand Colin Éditeur, 1992.

"Suivez le conseil de La Tour: copiez la nature telle qu'elle est, telle que vous la voyez, d'aussi près que vous le pourrez... Mais, direz-vous, ce sera de la photographie!... Non, ce ne sera pas de la photographie, parce que la photographie est une reproduction mécanique et sans interprétation, tandis que c'est avec vos yeux et votre cerveau que vous copiez, c'est-à-dire avec une lentille qui *interprète* et *transpose*. Vous croirez copier, vous interpréterez malgré vous. Mettez dix peintres devant le même paysage. Ils feront tous un paysage différent." (p.69)
"Il faut donc copier la vie, pour rendre la vie ; et copier vos personnages dans la vie, si vous voulez que vos personnages vivent. On n'invente ni un personnage ni un caractère. On doit ou les prendre tels qu'ils sont, ou les imaginer d'après ceux que l'on connaît. Et ne dites pas qu'un portrait particulier n'est pas un type général. Un

individu peut parfaitement représenter un type général, puisque cet individu existe certainement à des milliers d'exemplaires.

Des personnages inventés ne seront jamais que des fantoches. Faites, au contraire, une liste de vos héros, donnez-leur le caractère, le langage, les manies de telle ou telle personne que vous connaissez. Celui-ci sera Mlle X..., celui-là M. Z... Vous verrez alors le relief que prendra [p.71] votre récit et comme il vous sera facile de savoir ce que vos personnages devront dire et penser dans telle ou telle circonstance. Nous rencontrons tous les jours des types; chacun de nous est un type; pourquoi en met-on si peu dans les livres? C'est qu'en art, le difficile, c'est de voir. Un romancier doit, comme un peintre, prendre des notes et écrire d'après l'esquisse. Don Juan, Faust, Hamlet, Tartuffe, Othello on certainement existé." (p.70)

III
DOROTI PACHECO

"La clarté est la politesse de l'homme de lettres."

"Je suis fait comme tout le monde, et si j'arrive à me voir dans ma glace solidement accrochée, je verrai l'humanité presque toute entière."

Jules Renard

RENARD, Jules. *Journal: 1887-1910*. Paris, Gallimard, 2008.

7 octobre 1892 (p.137) e 1er janvier 1897

"Je ne dirai pas, comme Jean-Jacques Rousseau: 'Je ne suis fait comme aucun de ceux que j'ai vus; j'ose croire n'être fait comme aucun de ceux qui existent.' Non, non! Je suis fait comme tout le monde, et, si j'arrive à me voir dans ma glace solidement accrochée, je verrai l'humanité presque toute entière." (p.378)

A referência a Rousseau foi extraída das *Confessions*:

ROUSSEAU, Jean-Jacques. *Oeuvres complètes* (Tomo I – *Les Confessions; Autres textes autobiographiques*). Paris, Gallimard, 1959.

Les Confessions

"Je forme une entreprise qui n'eut jamais d'exemple, et dont l'exécution n'aura point d'imitateur. Je veux montrer à mes semblables un homme dans toute la vérité de la nature; et cet homme, ce sera moi.

Moi seul. Je sens mon coeur, et je connais les hommes. Je ne suis fait comme aucun de ceux que j'ai vus; j'ose croire n'être fait comme aucun de ceux qui existent. Si je ne vaux pas mieux, au moins je suis autre. Si la nature a bien ou mal fait de briser le moule dans lequel elle m'a jeté, c'est ce dont on ne peut juger qu'après m'avoir lu." (Livro I, p.5)

IV

JOSAFAT, O BANDEIRANTE

"Rien n'est beau que le vrai."
Boileau (*Épître IX* sur le vrai)

BOILEAU-Despréaux, Nicolas. *Art poétique: Épîtres, Odes, poésies diverses et épigrammes*. Paris, Flammarion, 1998.

Épître IX (p.64-68)
À M. le Marquis de Seignelay
Secrétaire d´État

versos 43-60; 101-104.

v.43 – Rien n'est beau que le vrai: le vrai seul est aimable;
Il doit régner partout, et même dans la fable:
De toute fiction l'adroite fausseté
Ne tend qu'à faire aux yeux briller la vérité.
Sais-tu pourquoi mes vers sont lus dans les provinces,
Sont recherchés du peuple, et reçus chez les princes?
Ce n'est pas que leurs sons, agréables, nombreux,
Soient toujours à l'oreille également heureux;
Qu'en plus d'un lieu le sens ne gêne la mesure,
Et qu'un mot quelquefois n'y brave la césure:
Mais c'est qu'en eux le vrai, du mensonge vainqueur,
Partout se montre aux yeux, et va saisir le coeur;
Que le bien et le mal y sont prisés au juste;
Que jamais un faquin n'y tint un rang auguste;
Et que mon coeur, toujours, conduisant mon esprit,
Ne dit rien aux lecteurs qu'à soi-même il n'ait dit.
Ma pensée au grand jour partout s'offre et s'expose;
Et mon vers, bien ou mal, dit toujours quelque chose.

v.101– L'ignorance vaut mieux qu'un savoir affecté.
Rien n'est beau, je reviens, que par la vérité:
C'est par elle qu'on plaît, et qu'on peut longtemps plaire.
L'esprit lasse aisément, si le coeur n'est sincère.

*

"L'art du conteur est de réduire l'action à ce qu'elle a d'original ou d'intéressant."
"C'est la souplesse et la vérité qui font la grâce et le charme du style."
Marmontel (*Éléments de Littérature*)

MARMONTEL, Jean-François. *Éléments de littérature*. Tomo 1, Paris, Librairie et Typographie de Firmin Didot Frères, 1846.

"Nulle action dans la vie ne serait théâtrale, si on la rendait fidèlement. Il y a toujours des vides, des longueurs, des circonstances superflues, des détails froids et plats, qu'il serait puéril de raconter, et plus puéril de mettre en scène. L'art du conteur est de réduire l'action à ce qu'elle à d'original ou d'intéressant. L'art du poète *dramatique* est de l'étendre et de l'embellir, d'en élaguer ce qu'elle a de commun, et d'y ajouter ce qui peut la rendre plus singulière et plus piquante, ou plus vive et plus animée. C'est bien partout l'air de la vérité, sa ressemblance, mais jamais sa copie. Il en est du langage comme de l'action". (rubrique: "Drame", p.486)
"Une langue répugne aux ouvrages de *goût*, non seulement lorsqu'elle est pauvre, rude et grossière, mais aussi lorsqu'elle n'a qu'un ton, ou que tous les sons s'y confondent. C'est la souplesse et la vérité qui font la grâce et le charme du style ; c'est par ses modulations qu'il s'élève ou s'abaisse au gré de la pensée, et qu'il se met d'accord avec les caractères et à l'unisson des sujets." ("Essai sur le goût", p.28)

VI
O SUICIDA DO CASSINO

"C'est un pauvre homme celui qui ne sait pas mourir!"
Beethoven

ROLLAND, Romain. *Vie de Beethoven*. Paris, Librairie Hachette, 1914. Coll. Vie des hommes illustres.

"Il disait plus tard (en 1816): 'C'est un pauvre homme, celui qui ne sait pas mourir! Quand je n'avais que quinze ans, je le savais déjà'". A frase que dá origem à nota é: "Elle [sua mãe] était morte phtisique; et Beethoven se croyait atteint de la même maladie; il souffrait déjà constamment; et il se joignait à son mal une mélancolie, plus cruelle que le mal même". (2ª nota de rodapé, p.8)

*

"Il y a bien des façons de railler. La moquerie du véritable humour est sans méchanceté."
Gaston Sevrette

Referência não encontrada

*

"Mon procédé est très simple. Je m'intéresse à ce que je fais, et je tâche d'y intéresser les autres."

Jules Renard

24 mars 1894

Em uma conversa com Anatole France, o autor de *Histoire contemporaine* lhe fala de *L'Écornifleur*, romance recém-publicado de Jules Renard. Anatole gostou do livro e diz que seu autor é "le plus sincère des naturalistes". Jules Renard lhe responde: "Mon procédé est très simple. Je m'intéresse à ce que je fais, et je tâche d'y intéresser les autres." (p.212)

VII
O DRAMA ÍNTIMO DE INDALÉCIO

"La faculté maîtresse du style, c'est la mémoire visuelle."

Remy de Gourmont

GOURMONT, Remy de Gourmont. *Le problème du style.* Paris, Mercure de France, 1918.

"Écrire bien, avoir du style, et, selon M. Albalat, user d'un style "descriptif ou de couleur', c'est peindre. La faculté maîtresse du style, c'est donc la mémoire visuelle. Si l'écrivain ne voit pas ce qu'il décrit, ce qu'il raconte, paysages et figures, mouvements et gestes, comment aurait-il du style, c'est-à-dire, en somme, de l'originalité? Le peintre qui travaille 'de chic' a devant les yeux la scène imaginaire qu'il traduit à mesure. Qui dit peintre, dit visuel." ; "Si, à la mémoire visuelle, l'écrivain joint la mémoire émotive, s'il a le pouvoir, en évoquant un spectacle matériel, de se replacer exactement dans l'état émotionnel qui suscita en lui ce spectacle, il possède, même ignorant, tout l'art d'écrire." (p.34-35)

*

"Ce qui est long et difficile c'est de se mettre en état d'esprit de créer l'atmosphère de ce qu'on va écrire."

Jules Renard

16 mai 1894

"Ce qui est long et difficile, c'est de se mettre en état d'esprit, de créer l'atmosphère de ce qu'on va écrire." (p.223)

*

"No artist is ever morbid. The artist can express everything."
Oscar Wilde

WILDE, Oscar. *Plays, prose writings and poems.* Londres, Dent; Vermont, Charles E. Tuttle, 1996.
Prefácio para *The picture of Dorian Gray* (p.524-525)
"No artist desires to prove anything. Even things that are true can be proved.
No artist has ethical sympathies. An ethical sympathy in an artist is an unpardonable mannerism of style.
No artist is ever morbid. The artist can express everything.
Thought and language are to the artist instruments of an art." (p.524)

VIII
SIC TRANSIT GLORIA MUNDI

"Il faut toujours tendre à la perfection, et alors cette justice, quis nous est quelquefois refusée par nos contemporains, la postérité sait nous la rendre."
La Bruyère (*Les Caractères* – "Des ouvrages de l'esprit")

"Celui qui n'a égard en écrivant qu'au goût de son siècle songe plus à sa personne qu'à ses écrits: il faut toujours tendre à la perfection, et alors cette justice qui nous est quelquefois refusée par nos contemporains, la postérité sait nous la rendre." (cap. I, item 67, p.95)

*

"Incapable de 'longue haleine', je lis par-ci, par-là, et j'écris par-ci, par-là. Mais, je crois bien que c'est la destinée du véritable artiste."
Jules Renard

18 juillet 1896
"Incapable de "longue haleine", je lis par-ci, par-là, et j'écris par-ci, par-là. Mais je crois bien que c'est la destinée du véritable artiste." (p.343)

*

"Negar a possibilidade de trabalhar as emoções é desconhecer a arte de saber sentir."
Andrade Lima (*Boneco de Louça*)
Romance adquirido por Cr$ 1,00, na rua Quinze, entre livros velhos amontoados na calçada.

Sobre o livro de Andrade Lima, apenas uma nota publicada no *Correio Paulistano* (14/10/1937, p.12), na qual se anuncia seu lançamento. Nas páginas do romance, ver-se-iam traços indicativos da leitura de Wilde, Zola e Flaubert.

IX
50 ANOS DE HIPOCRISIA

"Tout l'esprit d'un auteur consiste à bien définir et à bien peindre."
La Bruyère (*Les Caractères* – "Des ouvrages de l'esprit")

"Tout l'esprit d'un auteur consiste à bien définir et à bien peindre. MOÏSE, HOMÈRE, PLATON, VIRGILE, HORACE ne sont pas au-dessus des autres écrivains que par leurs expressions et par leurs images: il faut exprimer le vrai pour écrire naturellement, fortement, délicatement." (cap. I, item 14, p.70)

*

"On ne fait partager aux autres que les émotions qu'on a éprouvées soi-même. Vivez vos narrations si vous voulez toucher vos lecteurs."
M. Roustan

Referência não encontrada. Marius Roustan (1870-1942), político francês, foi Ministro da Educação Nacional nos anos de 1935-1936. Professor de Literatura, Roustan escreveu *Les Philosophes et la société française au XVIII siècle* (1907) e inúmeros compêndios escolares.

*

"Un romancier appartient au milieu dans lequel il vit. Sinon, c'est un essayiste, un polygraphe, un reporter, un fichier."
Paul Morand

Referência não encontrada.

*

"La formule nouvelle du roman, c'est de ne plus faire du roman."
Jules Renard

06 avril 1892

"La formule nouvelle du roman, c'est de ne pas faire de roman." (p.122)

X
CALEIDOSCÓPIO S. PAULO

"Il faut plus que de l'esprit pour être auteur."
La Bruyère (*Les Caractères* – "Des ouvrages de l'esprit")

"C'est un métier que de faire un livre, comme de faire une pendule: il faut plus que de l'esprit pour être auteur. Un magistrat allait par son mérite à la première dignité, il était homme délié et pratique dans les affaires: il a fait imprimer un ouvrage moral, qui est rare par le ridicule.
Nota: Il s'agit ici, suivant toutes les clefs, de Pierre Poncet de la Rivière (1600-1681), doyen des conseillers de l'État, candidat à la succession du premier président de Lamoignon en 1678 et malencontreux auteur d'un livre: *Sur les Avantages de la Vieillesse*, publié en 1677." (cap. I, item 3, p.67-68)

*

"Il y a deux choses principales dans le roman, l'observation de la vie et le style."
Remy de Gourmont

GOURMONT, Remy de. *Promenades littéraires*. Paris, Mercure de France, 1929. 17e édition.

Ensaio: "La vie de Barbey d'Aurevilly" (p.258-288), com a seguinte nota: "Eugène Grelé: *Jules Barbey d'Aurevilly, sa vie et son œuvre*, d'après sa correspondance inédite et autres documents nouveaux. Avec une préface de M. Jules Levallois. Première partie: *la Vie*. Caen, L. Jouan, éditeur, 1902, in-8". O ensaio é, portanto, uma resenha da obra de Grelé.
"Il y a, en somme, deux sortes de romanciers, les prosateurs et les poètes. Je ne pense pas que l'on ait encore établi cette distinction; elle est cependant capitale, pour qui veut comprendre quelque chose à l'évolution du roman depuis cent ans. Il est généralement admis que le plus grand romancier du dernier siècle, c'est Balzac. Oui, si l'on ne songe qu'aux écrivains qui furent uniquement des romanciers ; mais cela serait peut-être contestable." (p.279)
"Si l'on pense aussi aux poètes qui furent en même temps des poètes et des romanciers. Quelques-uns des romans modernes les plus célèbres, et en même temps les plus beaux, ont pour auteurs des poètes. C'est le *Stello* et le *Cinq-Mars*, d'Alfred de Vigny; c'est *Mademoiselle de Maupin* et *le Capitaine Fracasse*, de Théophile Gautier; ce sont *les Misérables* et *les Travailleurs de la Mer*, de Victor Hugo; c'est *Graziella*, de Lamartine, et bien d'autres que tout le monde a lus. Cette tradition nouvelle du poète-romancier se continue jusque sous nos

yeux avec les oeuvres de Catulle Mendès ou de Henri de Régnier, poètes qui sont devenus romanciers sans cesser d'être poètes.

Il y a deux choses principales dans le roman, l'observation de la vie et le style. Le poète n'est pas toujours un très bon observateur, mais il prend sa revanche dans le style. D'autre part, le romancier qui n'est que romancier est très rarement un bon écrivain: témoin Balzac. Il est vrai qu'une telle affirmation est contredite par Flaubert, observateur merveilleux, écrivain merveilleux, et même par les Goncourt qui surent regarder la vie extérieure et rendre leur vision en un style curieux et neuf. Mais si l'on tenait compte des exceptions, on ne pourrait construire aucun raisonnement général..." (p.280)

*

"La simplicité seule est belle."

Anatole France

FRANCE, Anatole. *Les dieux ont soif*. Paris, Calmann-Lévy Éditeurs, 1912.

" – Trouvez-vous ce dessin à votre goût, Monsieur Gamelin? Gamelin était incapable de feindre. Et l'amour, en enflammant son courage, exaltait sa franchise.

– Vous brodez avec habileté, citoyenne, mais, si vous voulez que je vous dise, le dessin qui vous a été tracé n'est pas assez simple, assez nu, et se ressent du goût affecté qui régna trop longtemps en France dans l'art de décorer les étoffes, les meubles, les lambris; ces nœuds, ces guirlandes rappellent le style petit et mesquin qui fut en faveur sous le tyran. Le goût renaît. Hélas! Nous revenons de loin. Du temps de l'infâme Louis XV, la décoration avait quelque chose de chinois. On faisait des commodes à gros ventre, à poignées contournées d'un aspect ridicule, qui ne sont bonnes qu'à être mises au feu pour chauffer les patriotes; la simplicité seule est belle. Il faut revenir à l'antique. David dessine des lits et des fauteuils d'après les vases étrusques et les peintures d'Herculanum." (cap.III, p.33)

*

"J'ai beau dire que je n'écrirai plus, c'est plus fort que moi: j'écris toujours, car le spectacle de la vie m'amuse. C'est lui qui me fait écrire. Je suis comme Voltaire: – 'Je ris de tout et je m'en trouve bien'."

René Thiollier

VOLTAIRE. *Correspondance*. Tome V (janvier 1758 – septembre 1760). Paris, Gallimard (Pléiade), 1980.

Lettre à Charles-Augustin Ferriol, Comte d'Argental

Aux Délices, 26 mai 1760.

"Hélas, M. de Choiseul protège aussi ce Fréron. Il a bien mal fait de s'adresser à lui pour répondre aux invectives horribles de Luc contre moi. Il ne connaît pas Fréron, c'est un monstre, mais un monstre dont je ne fais que rire.

Je ris de tout, je m'en trouve bien, mais c'est bien sérieusement que je vous aime avec la plus grande tendresse." (p.918)

XI
JEAN LA TROMPETTE

"Amas d'épithètes, mauvaises louanges; ce sont les faits qui louent et la manière de les raconter."
La Bruyère (*Les Caractères* – "Des ouvrages de l'esprit")

"Amas d'épithètes, mauvaises louanges: ce sont les faits qui louent, et la manière de les raconter." (cap.I, item 13, p.70)

*

"On ne se moque parfaitement bien que des ridicules qu'on a un peu."
Alphonse Daudet (*Notes sur la vie*)

DAUDET, Alphonse. *Notes sur la vie*. Paris, Charpentier et Fasquelle Éditeurs, 1899.

"On ne se moque parfaitement bien que des ridicules qu'on a un peu." (p.65)

*

"L'observateur prend partout son bien même malgré lui; il ne peut s'empêcher de voir et ne peut s'empêcher de consigner ce qu'il a vu."
Émile Faguet (*Propos littéraires*)

FAGUET, Émile. *Propos littéraires (quatrième série)*. Paris, Société Française d'Imprimerie et de Librairie, 1907.

"Ce dernier trait est bien vrai, un peu cruel. Il a dû être inspiré à Daudet par le commerce qu'il entretenait avec un écrivain célèbre, que, du reste, il aimait de tout son coeur. Ça n'y fait rien. L'observateur prend partout son bien, même malgré lui; il ne peut s'empêcher de voir et ne peut s'empêcher de consigner ce qu'il a vu. C'est dangereux d'être connu, même en étant très aimé, d'un moraliste un peu pénétrant." ("Les carnets d'Alphonse Daudet", p.256)

*

"L'art est ce qui produit de la beauté."
Léon Tolstoï

TOLSTOÏ, Léon. *Qu'est-ce que l'art?* Paris, Perrin, 1898.
"Vous demandez ce que c'est que l'art? La belle question! [...] L'art, diront-ils [l'homme ordinaire cultivé et l'artiste], est une activité qui produit de la beauté." (Capítulo I, "Le problème de l'art", p.15-16)

XII
CONTRASTES

"Il n'y a pas d'oeuvre bien sentie qui ne soit naturellement bien peinte."
Eugène Véron *(L'Esthétique)*

VÉRON, Eugène. *L´Esthétique: origine des arts, le goût et le génie, définition de l'art et de l'esthétique, le style, l'architecture, la sculpture, la peinture, la danse, la musique, la poésie.* Paris, Reinwald, 1904. 4ª edição. Bibliothèque des Sciences Contemporaines.

A citação aparece em nota no capítulo "La peinture". É uma passagem extraída de *Les maîtres d'autrefois* de Fromentin. A frase transcrita, portanto, não é da lavra de Véron. Eis o rodapé:
"Après avoir parlé de l'erreur des peintres modernes qui négligent le métier, s'imaginant que la pensée peut être aussi bien servie par un instrument que par un autre, Fromentin ajoute ces observations pleines de justesse : 'C'est précisément à ce contre-sens que les peintres habiles, c'est-à-dire sensibles, de ce pays des Flandres et de la Hollande ont répondu d'avance par leur métier, le plus expressif de tous. Et c'est contre la même erreur que Rubens proteste avec une autorité qui cependant aurait quelque chance de plus d'être écoutée. Enlevez des tableaux de Rubens l'esprit, la variété, la propriété de chaque touche, vous lui ôtez un mot qui porte un accent nécessaire, un trait physionomique, vous lui enlevez peut-être le seul élément qui spiritualise tant de matière et transfigure de si fréquentes laideurs, parce que vous supprimez toute sensibilité, et que, remontant des effets à la cause première, vous tuez la vie, vous en faites un tableau sans âme. Je dirai presque qu'une touche en moins fait disparaître un trait de l'artiste. La rigueur de ce principe est telle, que dans un certain ordre de production il n'y a pas d'oeuvre bien sentie qui ne soit naturellement bien peinte, et que toute oeuvre où la main se manifeste avec bonheur ou avec éclat est par cela même une oeuvre qui tient au cerveau et qui en dérive. Rubens avait là-dessus des avis que je vous recommande, si vous étiez tenté jamais de faire fi d'un coup de pinceau donné à propos. Il n'y a pas, dans ces grandes machines d'apparence si brutale et de pratique si libre, un seul détail, petit ou grand, qui ne soit inspiré par le sentiment et instantanément rendu par une touche heureuse. Si la main ne courait pas si vite, elle serait en retard sur la pensée; si l'improvisation était moins soudaine, la vie communiquée serait moindre; si le travail était plus hésitant ou moins saisissable, l'oeuvre deviendrait impersonnelle dans la mesure de la pesanteur acquise et de l'esprit perdu. Considérez de plus que cette dextérité sans pareille, cette habileté insouciante à se jouer de matières ingrates, d'instruments rebelles, ce beau mouvement d'un outil bien tenu, cette élégante façon de le promener sur des surfaces libres, le jet qui s'en échappe, ces étincelles qui semblent en jaillir, toute cette magie des grands exécutants, qui chez d'autres tourne soit à la manière, soit à l'affectation, soit au pur esprit de médiocre aloi, – chez lui, ce n'est, je vous le répète à satiété, que l'exquise sensibilité d'un oeil

admirablement sain, d'une main merveilleusement soumise, enfin et surtout d'une âme vraiment ouverte à toute chose, heureuse, confiante et grande. Je vous mets au défi de trouver dans le répertoire immense de ses oeuvres une oeuvre parfaite; je vous mets également au défi de ne pas sentir jusque dans les manies, les défauts, j'allais dire les fatuités de ce noble esprit, la marque d'une incontestable grandeur. Et cette marque extérieure, le cachet mis en dernier lieu sur sa pensée, c'est l'empreinte elle-même de sa main' (Fromentin, *Les Maîtres d'autrefois*, p.71)". (p.326-327)

*

"L'artiste devient tout ce qu'il voit et tout ce qu'il veut être."
Maurice Maeterlinck *(Fragments de Novalis)*

NOVALIS. *Les disciples à Saïs* et *Les fragments de Novalis: traduits de l'allemand et précédés d'une introduction par Maurice Maeterlinck*. Bruxelles, Paul Lacomblez, 1914.

"Le pouvoir d'éveiller véritablement en soi une individualité étrangère – (et non de tromper simplement par une imitation superficielle) est encore entièrement inconnu et repose sur une très étonnante pénétration et mimique spirituelle. L'artiste devient tout ce qu'il voit et tout ce qu'il veut être." (p.183)

*

"On gagne l'immortalité en mettant debout des créatures vivantes, en créant un monde à son image."
Émile Zola

GOURMONT, Remy de. *La culture des idées*. Paris, Mercure de France, 1916.

"À propos de ces évidences, M. Albalat se plaît à réfuter l'opinion de M. Zola, que 'la forme est ce qui change et passe le plus vite' et que l''on gagne l'immortalité en mettant debout des créatures vivantes'. Autant que cette dernière phrase se peut interpréter, elle signifierait ceci: ce qu'on appelle la vie en art est indépendant de la forme. Peut-être est-ce encore moins clair; peut-être cela n'a-t-il aucun sens? [..] Tout ce que l'on peut concéder à cette théorie, c'est qu'une oeuvre originellement belle et d'une forme originale, si elle survit à son siècle, et plus, à sa langue, les hommes ne l'admirent plus que par imitation, sur l'injonction traditionnelle des éducateurs." (p.19)

*

"Rêver, c'est penser au clair de lune, d'une lune intérieure."
Jules Renard

28 septembre 1901

"Rêver, c'est penser au clair de lune, d'une lune intérieure." (p.688)

XIII
NA VIENENSE

"L'art n'est sûrement qu'une vision plus directe, de la réalité."
Henri Bergson (*Le Rire*)

BERGSON, Henri. *Le rire: essai sur la signification du comique*. Paris, Librairie Félix Alcan, 1938. 45ª edição.

"Ainsi, qu'il soit peinture, sculpture, poésie ou musique, l'art n'a d'autre objet que d'écarter les symboles pratiquement utiles, les généralités conventionnellement et socialement acceptées, enfin tout ce qui nous masque la réalité, pour nous mettre en face à face avec la réalité même. C'est d'un malentendu sur ce point qu'est né le débat entre le réalisme et l'idéalisme dans l'art. L'art n'est sûrement qu'une vision plus directe de la réalité. Mais cette pureté de perception implique une rupture avec la convention utile, un désintéressement inné et spécialement localisé du sens ou de la conscience, enfin une certaine immatérialité de vie, qui est ce qu'on a toujours appelé de l'idéalisme. De sorte qu'on pourrait dire, sans jouer aucunement sur le sens des mots, que le réalisme est dans l'oeuvre quand l'idéalisme est dans l'âme, et que c'est à force d'idéalité seulement qu'on reprend contact avec la réalité." (p.160)

*

"Les plus grands artistes sont ceux qui imposent à l'humanité leur illusion particulière."
Guy de Maupassant (*Pierre et Jean*)

MAUPASSANT, Guy de. *Romans*. Paris, Éditions Gallimard, 1987. Bibliothèque de la Pléiade.

"Chacun de nous se fait donc simplement une illusion du monde, illusion poétique, sentimentale, joyeuse, mélancolique, sale ou lugubre suivant sa nature. Et l'écrivain n'a d'autre mission que de reproduire fidèlement cette illusion avec tous les procédés d'art qu'il a appris et dont il peut disposer.
Illusion du beau qui est une convention humaine! Illusion du laid qui est une opinion changeante! Illusion du vrai jamais immuable! Illusion de l'ignoble qui attire tant d'êtres! Les grands artistes sont ceux qui imposent à l'humanité leur illusion particulière." (p.709)

*

"C'est toujours par ce qu'elle contient de vérité qu'une oeuvre nouvelle choque ses contemporains."
Henry Bataille (*Écrits sur le théâtre*)

BATAILLE, Henry. *Écrits sur le théâtre*. Paris, Georges Crès, 1917.

"'C'EST TOUJOURS PAR CE QU'ELLE CONTIENT DE VÉRITÉ QU'UNE OEUVRE NOUVELLE CHOQUE SES CONTEMPORAINS. C'EST TOUJOURS ET SEULEMENT POUR CE QU'ELLE AURA CONTENU DE VÉRITÉ QUE CETTE OEUVRE EST APPELÉE À SUBSISTER DANS L'AVENIR'. Voilà la phrase qu'il faudrait inscrire au fronton de toute salle de spectacle, voilà l'éternelle et funeste contradiction dont se doit persuader l'écrivain de théâtre dès le début de sa carrière. À lui de faire choix. Ce qui constitue son obstacle aujourd'hui sera sa gloire de demain, ce qui est sa sauvegarde aujourd'hui sera plus tard sa ruine. Mais quelque route qu'il adopte cet écrivain peut tenir pour assuré l'aphorisme suivant: 'Ce qui n'est pas vérité est destiné à périr, et s'il y a dans son oeuvre une part quelconque de convention, en dépit du succès qui l'aura accueillie, ou du talent qui l'a défendue, cette part-là est d'avance frappée de caducité et de mort. La vérité! Profond et difficile idéal. Source et fin de tout art'." ("À propos d'art dramatique", p.121-122)

"En tête de *la Marche Nuptiale*, j'écrivais jadis ceci: 'C'est toujours par ce qu'elle contient de vérité qu'une oeuvre nouvelle choque ses contemporains. C'est toujours et seulement pour ce qu'elle aura contenu de vérité que cette oeuvre est appelée à subsister dans l'avenir'.
Précisément, à l'heure où j'écris ces lignes, *la Marche Nuptiale* à son tour reçoit à la Comédie-Française, de la part du public et des critiques mêmes qui, jadis, l'ont pourfendue, un accueil presque sans restriction; bref, une consécration telle qu'il m'est permis de me reporter au jour de sa création où la pièce fut tellement discutée, et si médiocrement goûtée. Alors comme aujourd'hui, moins âpres mais tout aussi flagrantes, c'étaient les éternelles rengaines: 'détraquement, névrose, malsain, etc...' Et il n'y a que sept ans de cela! Le temps marche vite et l'évolution se fait rapide. Ce qui était impur hier et pur aujourd'hui... Ainsi va le monde, et c'est très beau, très réconfortant et très sain!" ("Préface au 'Phalène'", p.275-276)

*

"Le classique est le sain ; le romantique le malade."
Goethe

Conversations de Goethe pendant les dernières années de sa vie, 1822 – 1832 (recueillies par Eckermann). Tomo II. Paris, Charpentier et Fasquelle Éditeurs, 1863.

Jeudi 02 avril 1829
"De ces écrivains nous passons aux poètes français contemporains et à la signification des mots *classique* et *romantique*. – 'J'ai trouvé une nouvelle expression', dit Goethe, 'qui peint assez bien ces deux idées. Je nomme le genre classique le genre sain et le genre romantique le genre malade. Ainsi, les *Niebelungen* sont classiques comme Homère, parce que tous deux sont sains, solides. – La plupart des modernes sont romantiques, non pas parce qu'ils sont récents, mais parce qu'ils sont faibles, maladifs, malades; l'antique n'est pas classique parce

qu'il est antique, mais parce qu'il est vigoureux, frais, serein et sain. Si nous distinguons le classique et le romantique d'après ces caractères, nous y verrons bientôt clair'." (p.102-103)

XIV
NA PRAÇA DA REPÚBLICA

"Quand je ne pense pas à moi, c'est que je ne pense à personne."
Jules Renard

16 décembre 1904
"Je sais enfin ce qui distingue l'homme de la bête: ce sont les ennuis d'argent.
...
L'artiste a beau faire: son plus cuissant remords est de ne pas gagner d'argent.
...
Quand je ne pense pas à moi, c'est que je ne pense à personne.
...
Je ne suis, je n'ai jamais été et je ne peux être qu'un pauvre artiste à 200 francs par mois." (p.943)

*

"En nous, il n'y a pas que nous, il y a aussi les autres. Il y a même un monde en raccourci."
"Notre âme ne serait point l'expression de notre organisme, mais de notre société. C'est la cité qui la crée."
Paulhan (*La Morale de l'Ironie*)

PAULHAN, Frédéric. "La contradiction de l'homme". *La morale de l'ironie*. Paris, Félix Alcan, 1914.

"C'est même à la société qu'on a voulu rattacher l'esprit humain comme à sa cause et à sa substance. Notre âme ne serait point l'expression de notre organisme, mais de notre société. C'est la cité qui la crée. Ces théories qu'entrevit Comte, que développèrent M. de Roberty et plus tard M. Izoulet, que reprenait récemment M. Draghicesco, ces théories sont bonnes. Seulement il faut les compléter, en disant, à la manière de Leibniz si l'on veut, que tout est social dans l'âme individuelle, excepté son individualité qui subsiste, qu'il ne faut pas oublier, et qui, dans la pratique, ne permet pas qu'on l'oublie." (p.8)
"En nous, il n'y a pas que nous, il y a aussi les autres. Tous les autres: nos ancêtres et nos contemporains, et nos descendants, ceux que nous aimons, ceux que nous croyons indifférents, et ceux que nous haïssons, notre patrie et toutes les patries, tous les groupes sociaux, et l'humanité entière, ou du moins le germe de l'humanité. Il y a même le monde en raccourci.
Il arrive ainsi que nous préférons tout naturellement le bien des autres. Disons mieux: les autres qui sont en nous, et, sur quelques points plus forts que nous, nous font agir dans le sens de leurs désirs, et contrairement aux

nôtres, contrairement, au moins, à ce que seraient les nôtres si les autres n'étaient pas en nous. Toute société est une combinaison et un mélange." (p.16)

*

"Time is the school in which we learn;
Time is the life in which we burn."
Delmore Schwartz (*The Imitation of Life*)

SCHWARTZ, Delmore. *Selected poems (1938-1958): Summer knowledge*. New York, New Directions Books, 1967.

"Calmly We Walk Through This April's Day" (última estrofe):

"Each minute bursts in the burning room,
The great globe reels in the solar fire,
Spinning the trivial and unique away.
(How all things flash! How all things flare!)
What am I now that I was then?
May memory restore again and again
The smallest color of the smallest day:
Time is the school in which we learn,
Time is the fire in which we burn." (p.66-67)

XV
O DR. X

"Il n'y a de joie que de créer. Il n'y a d'êtres que ceux qui créent. Tous les autres sont des ombres, qui flottent sur la terre, étrangers à la vie."
Romain-Rolland (*Jean-Christophe*)

ROLLAND, Romain. *Jean-Christophe* (vol.I). Paris, Albin Michel, 1971.

"Joie, fureur de joie, soleil qui illumine tout ce qui est et sera, joie divine de créer! Il n'y a de joie que de créer. Il n'y a d'êtres que ceux qui créent. Tous les autres sont des ombres qui flottent sur la terre, étrangers à la vie. Toutes les joies de la vie sont des joies de créer: amour, génie, action – flambées de forces sorties de l'univers brasier. Ceux mêmes qui ne peuvent trouver place autour du grand foyer: ambitieux, égoïstes et débauchés stériles – tâchent de se réchauffer à ses reflets décolorés.

Créer, dans l'ordre de la chair, ou dans l'ordre de l'esprit, c'est sortir de la prison du corps, c'est se ruer dans l'ouragan de la vie, c'est être Celui qui Est. Créer, c'est tuer la mort.
Malheur à l'être stérile, qui reste seul et perdu sur la terre, contemplant son corps desséché et la nuit qui est en lui, dont nulle flamme de vie ne sortira jamais! Malheur à l'âme qui ne se sent point féconde, lourde de vie et d'amour, comme un arbre en fleurs, au printemps! Le monde peut la combler d'honneurs et de bonheurs; il couronne un cadavre." ("Sables mouvants", I, p.362)

*

"Plus aucun goût pour la littérature qui rapporte. Rien que regarder la vie, et se contenter de ce qu'elle donne."

Jules Renard

16 mai 1905
"Plus aucun goût pour la littérature qui rapporte. Rien, que regarder la vie, et se contenter de ce qu'elle donne." (p.972)

*

"À moi, la littérature ne m'a jamais rien rapporté. Et je fais de même. Je regarde la vie et me contente de ce qu'elle me donne."

René Thiollier

*

"Il faut faire de l'art pour soi et non pour le public."

Gustave Flaubert

FLAUBERT, Gustave. *Correspondance*. Paris, Gallimard, 1991.

Carta a Mademoiselle Leroyer de Chantepie
Croisset, 5 juin 1872.
"Mais je suis tellement dégoûté des éditeurs et des journaux que je ne publierai pas maintenant. J'attendrai des jours meilleurs; s'ils n'arrivent jamais, j'en suis consolé d'avance. Il faut faire de l'Art pour soi et non pour le public. Sans ma mère et sans mon pauvre Bouilhet, je n'aurais pas fait imprimer *Madame Bovary*. Je suis, en cela, aussi peu homme de lettres que possible." (tomo IV, p.530-531)

XVI
A SENTENÇA DO DR. X

"To know a man well, were to know himself."
Shakespeare (*Hamlet* – Act V – Scene II)

SHAKESPEARE, William. *Hamlet*. Londres, The Arden Shakespeare, 2007.

"OSRIC – I know you are not ignorant.
HAMLET – I would you did, sir. Yet, in faith, if you did, it would not much approve me. Well, sir ?
OSRIC – You are not ignorant of what excellence Laertes is.
HAMLET – I dare not confess that, lest I should compare with him in excellence. But to know a man well were to know himself.
OSRIC – I mean, sir, for his weapon. But in the imputation [p.443] laid on him by them in his meed he's unfellowed.
HAMLET – What's his weapon ?
OSRIC – Rapier and dagger." (Ato 5, cena 2, p.442)

*

"Baudelaire, c'est l'homme qui a choisi de se voir comme s'il était un autre."
Paul Sartre ("Baudelaire")

SARTRE, Jean-Paul. *Baudelaire*. Paris, Gallimard, 1972.

"[..] Délaissé, rejeté, Baudelaire a voulu reprendre à son compte cet isolement. Il a revendiqué sa solitude pour qu'elle lui vienne au moins de lui-même, pour n'avoir pas à la subir. Il a *éprouvé* qu'il était *un autre*, par le brusque dévoilement de son existence individuelle, mais en même temps il a affirmé et repris à son compte cette altérité, dans l'humiliation, la rancune et l'orgueil. Désormais, avec un emportement buté et désolé, il s'est *fait* un autre: un autre que sa mère, avec qui il ne faisait qu'un et qui l'a rejeté, un autre que ses camarades insouciants et grossiers; il se sent et veut se sentir unique jusqu'à l'extrême jouissance solitaire, unique jusqu'à la terreur." (p.20)
"[...] Il feindra une spontanéité déconcertante, il fera semblant de s'abandonner aux impulsions les plus gratuites pour se dresser soudain devant son propre regard comme un objet opaque et imprévisible, bref comme *un Autre* que lui-même. S'il y parvenait, la besogne serait plus qu'à moitié faite: il pourrait jouir de soi. Mais, ici encore, il ne fait qu'un avec celui qu'il veut surprendre. C'est peu de dire qu'il devine son projet avant même que de le concevoir: il prévoit et mesure sa surprise, il court après son propre étonnement sans jamais l'atteindre. Baudelaire, c'est l'homme qui a choisi de se voir comme s'il était un autre; sa vie n'est que l'histoire de cet échec." (p.27-28)

*

"J'agis de même, dès que je me lève. Je me vois comme si j'étais un autre, car la vie est une comédie, et chacun de nous joue un rôle dans cette comédie."

René Thiollier

XVIII

REMINISCÊNCIAS

OS VIZINHOS DA ESQUERDA E OS DA DIREITA

UMA NOITE DE AMOR

"La matière première mieux vaut la chercher dans la vie; dans les livres, c'est le métier qui m'intéresse."

André Gide (*Journal*, vol. II, p.379)

GIDE, André. *Jornal: 1913-1922*. Rio de Janeiro, Americ = Edit, 1943.

1921

Cuverville, 1er janvier

"Arrivé hier soir à Cuverville. Lu tout le long du trajet *À l'extrême limite* d'Artzibascheff, fort recommandé par Roger M. du G., mais qui ne me plaît pas guère. La matière première, mieux vaut la chercher dans la vie; dans les livres, c'est le métier surtout qui m'intéresse – et dans celui-ci, non plus l'un que l'autre. Continuerai-je ?" (p.375)

*

"On n'exprime que ce qu'on sent, non point ce qui est, et qui forcément nous échappe."

Abel Hermant (*Essais de Critique*, p. 47)

HERMANT, Abel. *Essais de critique*. Paris, Bernard Grasset, 1912.

"On ne saurait d'ailleurs apprécier dignement, ni même bien entendre son oeuvre, si on ignorait sa personne. Et cela n'est probablement pas vrai de toutes les oeuvres. Car il est certes moins nécessaire à l'intelligence de Corneille, de savoir très précisément comment il sentit et pensa, que cela n'est nécessaire à l'intelligence de Saint-Simon par exemple; et bien que les lyriques ne mettent dans leurs écrits autre chose que leur moi, l'étude séparée de ce moi peut être assez indifférente et dénuée d'enseignement: au lieu qu'elle est une clef indispensable de l'oeuvre d'un réaliste. On n'exprime que ce qu'on sent, non point ce qui est, et qui forcément nous échappe. Celui donc qui prétend se renoncer lui-même pour observer, est, en définitive, celui qui nous livre le plus de lui-même; et le moi est le principal, ou l'unique personnage de toute oeuvre d'art où l'artiste n'a voulu pour personnage que la nature. Ce qui fait qu'on doit avant tout étudier Daudet dans sa personne, c'est justement

que (sans tomber dans les exagérations de théorie et d'école) il a voulu retrancher cette personne de son oeuvre, et qu'il a été le plus scrupuleusement, le plus exclusivement naturaliste." ("Alphonse Daudet", p.47-48)

*

"Mon seul dessein est de créer. Bien ou mal, que sais-je, ce n'est pas mon affaire."
André Suarès (*Voici l'Homme*)

Referência não encontrada.

XIX
REMINISCÊNCIAS
OS VIZINHOS DA ESQUERDA E OS DA DIREITA

"On apprend à dessiner, on n'apprend pas à peindre: le sens de la couleur est inné et le sens de l'équilibre est une acquisition."
Remy de Gourmont

GOURMONT, Remy de Gourmont. *Le problème du style.* Paris, Mercure de France, 1918.

"De ces deux catégories, la seconde ne sera disqualifiée que si l'on attribue, comme M. Albalat, une importance extrême à une certaine manière d'écrire, au 'style en soi'. Mais il faut se hâter de faire observer à M. Albalat lui-même et à ses nombreux élèves que, si déplaisant que soit très souvent le style abstrait, la plupart des styles concrets sont bien plus mauvais encore. La qualité du style imagé répond à la qualité de l'oeil, à la qualité de la mémoire visuelle, et aussi à la qualité de la mémoire verbale. On apprend à dessiner, on n'apprend pas à peindre; le sens de la couleur est inné et le sens de l'équilibre est une acquisition. D'ailleurs, la plupart des styles excellents que M. Albalat qualifie d'abstraits sont réellement concrets." (p.46)

*

"Écrire n'est pas un métier, ne devrait en être un."
Paul Géraldy

Referência não encontrada

*

"L'écrivain qu'il faut relire le plus souvent pour se corriger de ses défauts, c'est soi-même."
Jules Renard

29 septembre 1907

"Académie Goncourt. Il y a plus de trente candidats. Ces manoeuvres font comprendre celles qu'il y a autour de l'Académie française.

L'écrivain qu'il faut relire le plus souvent pour se corriger de ses défauts, c'est soi-même." (p.1133)

XX
REMINISCÊNCIAS
OS VIZINHOS DA ESQUERDA E OS DA DIREITA

"La lassitude de l'existence ne nous pèse pas aux épaules quand nous composons."

Gustave Flaubert

FLAUBERT, Gustave. *Correspondance*. Paris, Louis Conard, 1926. (Série: Oeuvres complètes)

Première série: 1830 – 1846

Carta a Alfred Le Poittevin

Croisset, septembre 1845 (pp.191-193)

"[..] Travaille, travaille, écris, écris tant que tu pourras, tant que ta muse t'emportera. C'est là le meilleur coursier, le meilleur carrosse pour se voiturer dans la vie. La lassitude de l'existence ne nous pèse pas aux épaules quand nous composons. Il est vrai que les moments de fatigue et de délassement qui suivent n'en sont que plus terribles; mais tant pis! Mieux vaut deux verres de vinaigre et un verre de vin qu'un verre d'eau rougie. Pour moi, je ne sens plus ni les emportements chaleureux de la jeunesse, ni ces grandes amertumes d'autrefois. Ils se sont mêlés ensemble et cela fait une teinte universelle où tout se trouve broyé et confondu." (p.191)

"Enfin je crois avoir compris une chose, une grande chose, c'est que le bonheur, pour les gens de notre race, est dans *l'idée*, et pas ailleurs." (p.192)

*

"Je ne tiens pas plus à la qualité qu'à la quantité des lecteurs."

Jules Renard

4 septembre 1907

"Je veux faire les choses bien, et je désire que quelqu'un, n'importe qui, s'en aperçoive.

Je ne tiens pas plus à la qualité qu'à la quantité des lecteurs." (p.1127-1128)

*

"Et moi, je n'écris que strictement pour moi-même."
René Thiollier

XXI
REMINISCÊNCIAS
OS VIZINHOS DA ESQUERDA E OS DA DIREITA

"Cette chienne de vie a quelquefois du bon."
Anatole France (*La vie en fleur*)

FRANCE, Anatole. *La Vie en fleur*. Paris, Calmann-Lévy, 1948.

"[...] Entends cela, mon ami: bien que le sort m'ait épargné les grands maux dont il est prodigue à tant de mortels, bien que je [M. Dubois] n'aie éprouvé ni maladie cruelle, ni deuils qui condamnent la nature, je ne voudrais pas recommencer un seul jour de ma vie. Et pourtant, te dis-je, je doute si je n'attends pas, contre toute raison, quelque bien, quelque agrément de cette vie dont j'ai dépassé le terme ordinaire. En cela, je suis homme. On aime la vie. Et il me faut reconnaître, sinon par expérience personnelle, du moins par raisonnement, que cette chienne de vie (le mot est de madame de Sévigné) a quelquefois du bon, bien que je ne m'en sois pas aperçu. Elle a du bon, puisque, ne connaissant qu'elle, c'est d'elle que nous vient l'idée du bien comme l'idée du mal. Mais l'aptitude au bonheur n'est pas égale pour tous les hommes. Elle est plus forte, autant qu'il me semble, chez les médiocres que chez les hommes supérieurs et chez les imbéciles. Il faut souhaiter aux êtres qu'on aime la médiocrité de l'esprit et du coeur, la médiocrité de la condition, toutes les médiocrités" ("N'écris pas", p.319-320)

*

Théorie de Flaubert : "on peint d'autant mieux qu'on sent moins vivement."
René Canat (*La Littérature Française*)

CANAT, René. *La littérature française au XIXe siècle*. Paris, Payot, 1925. Collection Payot.
Cap. XX – Les romanciers (pp.242-243)

A "teoria de Flaubert", tal como é apresentada na epígrafe, é uma síntese elaborada por Thiollier.

"Rien ne lui [à Flaubert] semblait plus vulgaire, plus banal et par conséquent moins personnel que cette prétendue littérature personnelle où les romantiques avaient versé leur coeur." (p.241)
"Il n'y a pas de 'beauté plastique des passions', et il nécessaire, pour maintenir l'art, d'éliminer le frémissement personnel." (p.242)

“Le terrible contradicteur de G. Sand – car c’est elle surtout qui multipliait les objections – ripostait que tout ce qui est individuel est ‘relatif’, et que l’art ne se fonde pas sur des contingences: ‘Le premier venu est plus intéressant que M. Gustave Flaubert, parce qu’il est plus typique et par conséquent plus général.’ Le romancier peut toujours, s’il est habile, utiliser d’une façon indirecte ses émotions les plus intimes: ‘Je me suis mal exprimé en disant qu’il ne fallait pas écrire avec son coeur: j’ai voulu dire: ne pas mettre sa personnalité en scène... Les choses que j’ai le mieux senties s’offrent à moi transposées dans d’autres pays et éprouvées par d’autres personnes: je change ainsi les maisons, les costumes, le ciel.’ Encore est-il préférable de ne pas trop pratiquer ce jeu dangereux, de répudier tout souvenir qui risquerait de ramener la confidence lyrique, et de créer de toutes pièces un univers magnifique où la personnalité de l’écrivain vient s’anéantir: ‘Moins on sent une chose, plus on est apte à l’exprimer comme elle est, comme elle est toujours en elle-même dans sa généralité et dégagée de tous ses contingents éphémères... L’art est une autre nature; rien de ce qui est ma personne ne me tente. Nos joies comme nos douleurs doivent s’absorber dans notre oeuvre... C’est une délicieuse chose que de ne plus être soi, mais de circuler dans la création dont on parle.’” (p.242)

“Flaubert est un très grand artiste dans l’application de la méthode scientifique. Il l’est encore dans le soin minutieux de l’exécution et personne n’a poussé plus loin le respect du style. Il ne séparait pas le fond de la forme: ‘Vous me dites que je fais trop attention à la forme. Hélas! c’est comme le corps et l’âme, la forme et l’idée; pour moi, c’est tout un et je ne sais ce qu’est l’un sans l’autre. Plus une idée est belle, plus la phrase est sonore. La précision de la pensée fait (et est elle-même) celle du mot’.” (p.246)

*

“L’imitateur est un invertébré.”
Remy de Gourmont (*Le problème du style*)

GOURMONT, Remy de Gourmont. *Le problème du style.* Paris, Mercure de France, 1918.

“Le mimétisme apparaîtrait dès lors tel qu’une survivance de la docilité des invertébrés qui s’accommodent de tout milieu, se faisant identiques de chaleur à la chaleur ambiante, adoptant pour leur lymphe la densité du liquide où ils plongent, conformant leur vie aux conditions que leur offre le monde extérieur, au lieu de réagir, de se couvrir, par exemple, d’une fourrure, l’hiver, de creuser un trou, au lieu, ingéniosité unique de l’homme, inventer le feu.

L’imitateur est un invertébré. Il est resté beaucoup de l’invertébré chez l’homme, type longtemps mobile, à cause de la variété de ses aptitudes, et peut-être de sa croissance relativement rapide.” (p.59)

“L’imitation n’est pas le mensonge, faculté noble et primordiale, base de toute la civilisation, de toute la création sociale, de tous les arts, et de toutes les littératures; c’est tout le contraire, c’est la sincérité, la naïveté. Il y a des écrivains ou des peintres qui se vantent de leur sincérité, et qui vraiment appellent cet éloge. On ne saurait les qualifier différemment: ils sont sincères, c’est-à-dire sans réaction contre le milieu littéraire ou artistique qui les entoure et ils font naïvement, avec l’illusion de créer, c’est-à-dire de réagir, la peinture à la mode, la littérature à la mode. Ce sont des invertébrés.” (p.60)

XXII
A MATERIALIZAÇÃO DE D. MARIA DAS DORES NA CASA DA ESQUERDA

"Les arts ne sont que le miroir de la vie humaine."
Heinrich Heine (*De l'Allemagne*)

HEINE, Heinrich. *De l'Allemagne: tome premier.* Paris, Michel Lévy Frères Éditeurs, 1866.

"Mais les arts ne sont que le miroir de la vie humaine; et, quand le catholicisme faiblit dans le monde réel, il pâlit et s'éteignit aussi dans les arts." (p.200)

*

"On n'acquiert aucune connaissance transmissible qu'en voyant par soi-même."
Buffon

Citado por GOURMONT duas vezes em *Le problème du style*:

"La légende de M. de Buffon – Non content de nous avoir fait assimiler le style descriptif, puis le style antithétique, M. Albalat propose encore à notre appétit 'quelques autres procédés assimilables', parmi lesquels l'ampleur et la concision. Voulez-vous être concis? Prenez Montesquieu. Voulez-vous être ample? Prenez Buffon. Mais ne faites pas comme M. Albalat, qui va chercher ses exemples dans les derniers volumes des *Oiseaux*, lesquels ne sont pas de Buffon, mais de son collaborateur, l'abbé Bexon." (p.131)
"Buffon n'a rien d'un rhéteur. Il disait: 'On n'acquiert aucune connaissance transmissible qu'en voyant par soi-même'. Il écrivait à Bexon: 'Tâchez, Monsieur, de faire toutes vos descriptions d'après les oiseaux mêmes; cela est essentiel pour la précision.' [...] Depuis un siècle et demi, les connaissances scientifiques ont augmenté énormément; l'esprit scientifique a rétrogradé; il n'y a plus de contact immédiat entre ceux qui lisent et ceux qui créent la science, et (je cite pour la seconde fois la réflexion capitale de Buffon): 'On n'acquiert aucune connaissance transmissible qu'en voyant par soi-même'; les ouvrages de seconde main amusent l'intelligence et ne stimulent pas son activité." (p.133-134)
"Rien ne pousse à la concision comme l'abondance des idées; Buffon en a beaucoup. Ses corrections sont très souvent des suppressions; c'est presque la seule marque de sa main qui paraisse dans l'oiseau-mouche, de Bexon: il a rayé une phrase et ordonné de petits arrangements de style." (p.135)

A passagem usada por Albalat para provar a amplitude do estilo de Buffon havia, portanto, sido escrita por Bexon.

*

“Rien n’est plus odieux que le faux art.”
Gustave Lanson (*L’Art de la Prose*)

LANSON, Gustave. *L’’Art de la Prose.* Paris, Librairie des Annales, 1908.

“Rien n’est plus odieux que le faux art. Et c’est où arrivent fatalement les braves gens, intelligents, sincères, qui ont quelque chose à dire, et le diraient bien, s’ils se contentaient de l’énoncer justement. Mais la justesse ne leur suffit pas, ils veulent la beauté! Et c’est piteux.” (p.292)

Citações

I

EDUARDO JERICÓ

“Tomando de um volume, abriu-o, ao acaso. Eram as *Máximas* de La Rochefoucauld. Leu e sorriu-se:

– “Un homme d’esprit serait souvent bien embarrassé sans la compagnie des sots.”

Sorriu-se, pensando em algumas de suas relações...

Mais adiante, leu ainda:

– “Nous choisissons souvent des louanges empoisonnées qui font voir par contrecoup en ceux que nous louons des défauts que nous n’osons découvrir d’une autre sorte.”

Era um processo de que ele usava e abusava na sua vida – ele a quem, uma vez, no entanto, alguém lhe dissera à queima-roupa:

– Fique você sabendo que nós sempre o tivemos na conta de um bobão!” (p.04)

LA ROCHEFOUCAULD, François. *Maximes*. Paris, PML, 1995.

“140 – Un homme d’esprit serait souvent bien embarrassé sans la compagnie des sots.” (p.34)

“145 – Nous choisissons souvent des louanges empoisonnées qui font voir par contrecoup en ceux que nous louons des défauts que nous n’osons découvrir d’une autre sorte.” (p.35)

*

“Agora, ali diante do espelho, a dar um laço à gravata, Drumond entregava-se a outros pensamentos. Dizia consigo:

– É incrível a que ponto chega, em certas coisas, a falta de gosto entre nós!... *Le manque de goût qui est le plus grand des péchés, le seul qui ne sera pas pardonné!*

Eram oito horas. Concluída a sua toalete, ele desceu para jantar.” (p. 08)

FRANCE, Anatole. “La Terre”. *La vie littéraire* (1è série), Paris, Calmann-Lévy, 1932-1949.

“Mais M. Zola ignore la beauté des mots comme il ignore la beauté des choses. Il n’a pas de goût, et je finis par croire que le manque de goût est ce péché mystérieux dont parle l’Écriture, le plus grand des péchés, le seul qui ne sera pas pardonné.” (p.191)

II

EM CALDAS

“E foi assim que, por ocasião de sua aposentadoria de professor da Universidade, procedendo a um balanço de sua vida, ele se impressionou com este verso de uma fábula de La Fontaine, que, sem saber porque, inexplicavelmente, boiou do seu subconsciente, e insinuou-se-lhe no espírito:

“Quel plaisir a-t-il eu depuis qu’il est au monde?”

Pôs o caso em si. Pensou. E ele, então?... Por fim, relanceou os olhos pelas estantes pejadas de livros da sua sala de estudo e sentiu-se descontente de si.” (p.12)

LA FONTAINE, Jean de. *Fables*. Collection des Cent Chefs d’Oeuvre. Paris, Ed. Robert Laffont, 1958.

“Quel plaisir a-t-il eu depuis qu’il est au monde ?” (“La Mort et le Bûcheron”, Livre I, nº16, p.70)

*

“E, como sempre, veio-lhe à tona, o ressentimento que lhe ficara dos disparates que, em prosa deslavada, emitira pela imprensa o gramatiqueiro Barbalho Sardinha, um despeitado, um sevandija, simulador de cultura, incapaz de se abalançar a uma versão latina que não fora através da coleção de burros que possuía; sabia o latim como o personagem de Molière sabia o grego: *Du grec! ah ciel! du grec! il sait du grec!* E, no entanto, era apontado como autoridade, respeitado por todos.

Nhô Lau exclamou sacudindo a cabeça:

– Ah! Esta nossa terra! Esta nossa terra!...” (p.12)

MOLIÈRE. “Les femmes savantes”. *Oeuvres complètes* (tomo II). Bibliothèque de la Pléiade. Paris, Gallimard, 1971.

“Philaminte – Du grec, ô Ciel ; du grec ! Il sait du grec, ma soeur !” (Ato, cena III, p.1033)

*

"– E seu tio não deixava de ter razão! E é como diz o sr.: lê-se aqui muito mal, muito às pressas, atabalhoadamente. O que todo mundo quer é poder dizer que leu, ostentar uma cultura que não possui. Todos desconhecem a regra fundamental da arte de ler que está em ler devagar. Flaubert, referindo-se à gente do século XVII, dizia: *Comme ils savaient le latin, et comme ils lisaient lentement.*

Nhô Lau pronunciava admiravelmente o francês. Estudara no liceu Chaptal, em Paris. Ainda acrescentou:

– E Faguet, num livrinho precioso *L'art de lire*, diz que *lire lentement c'est le premier principe et qui s'applique à toute lecture, c'est l'art de lire comme en essence.*

Mas, logo depois, torceu o nariz. Mostrou-se entediado. Arrematou:

– Agora, para se ler toda essa porcaria que se publica hoje em dia, é melhor mesmo ler-se saltado... Eu pelo menos não leio." (p.14)

FAGUET, Émile. "Lire lentement". *L'art de lire*. Paris, Hachette, 1912.

"Pour apprendre à lire, il faut d'abord lire très lentement et ensuite il faut lire très lentement et, toujours, jusqu'au dernier livre qui aura l'honneur d'être lu par vous, il faudra lire très lentement. Il faut lire aussi lentement un livre pour en jouir que pour s'instruire par lui ou le critiquer. Flaubert disait : "Ah ! ces hommes du XVIIè siècle! Comme ils savaient le latin! Comme ils lisaient lentement!". Même sans dessein d'écrire soi-même, il faut lire avec lenteur, quoi que ce soit, en se demandant toujours si l'on a bien compris et si l'idée que vous venez de recevoir est bien celle de l'auteur et non la vôtre. 'Est-ce bien cela ?' doit être la question continuelle que le lecteur se fait à lui-même." (p.1)

"Lire lentement, c'est le premier principe et qui s'applique absolument à toute lecture. C'est l'art de lire comme en essence." (p.3)

FLAUBERT, Gustave. *Correspondance* (tomo II). Paris, Gallimard, 1991.

Lettre à Louise Colet (Croisset, 31 mars 1853 – pp.289 – 296)

"Nous nous étonnons des bonshommes du siècle de Louis XIV, mais ils n'étaient pas des hommes d'énorme génie. On n'a aucun de ces ébahissements, en les lisant, qui vous fassent croire en eux à une nature plus qu'humaine, comme à la lecture d'Homère, de Rabelais, de Shakespeare surtout, non! Mais quelle conscience! Comme ils se sont efforcés de trouver pour leurs pensées les expressions justes! Quel travail! Quelles ratures! Comme ils se consultaient les uns les autres. Comme ils savaient le latin! Comme ils lisaient lentement! Aussi toute leur idée y est, la forme est pleine, bourrée et garnie de choses jusqu'à la faire craquer. Or *il n'y a pas de degrés: ce qui est bon vaut ce qui est bon*. La Fontaine vivra tout autant que le Dante, et Boileau que Bossuet ou même qu'Hugo." (p.292-293)

VII

O DRAMA ÍNTIMO DE INDALÉCIO

"Com efeito, Eça de Queirós, numa carta a Eduardo Prado, assim escreve: 'No Brasil, há doutores com toda sorte de insígnias, em toda sorte de funções! Doutores, com uma espada, comandando soldados; doutores, com uma carteira, fundando bancos; doutores, com uma sonda, capitaneando navios; doutores, com um apito, dirigindo a polícia; doutores, com uma lira, soltando carmes; doutores, com um prumo, construindo edifícios; doutores, com balanças, misturando drogas; doutores, sem coisa alguma, governando o Estado! Todos doutores. O Dr. Tenente-Coronel... O Dr. Vice-Almirante... O Dr. Chefe de polícia... O Dr. Arquiteto... Homens inteligentes, instruídos, polidos, afáveis, – mas, todos doutores! E esse título não é inofensivo: imprime caráter. Uma tão desproporcionada legião de doutores envolve o Brasil numa atmosfera de doutorice'." (p.45)

QUEIRÓS, Eça de. *Eça de Queirós, Júlio Pomar*. São Paulo, Editora Giordano; São Caetano do Sul, Ateliê Editorial. 1996.

Carta de Eça a Eduardo Prado, Paris, 1888. A citação encontra-se na página 21.

VIII

SIC TRANSIT GLORIA MUNDI

"Elas odeiam a Zulmira, isso sim. Odeiam-na por despeito, pelo ciúme que ela lhes desperta, por sentirem que a Zulmira é muito mais mulher que elas. A Zulmira pertence a uma casta de mulheres – "cem por cento mulheres" – como escrevia Musset a propósito de George Sand: *"C'est encore la femme la plus femme que j'aie jamais connue"*. Mulheres nascidas para o amor. Exclusivamente para o amor. Mulheres que têm o dom de nos inflamar, que todos nós, homens, cobiçamos." (p.63)

SAND et MUSSET. *Le roman de Venise*. Composition, préface et notes de José-Luis Diaz. Arles, Babel-Actes Sud, 20008.

Alfred de Musset à Alfred Tattet (Paris, 3 août 1835)

"Retenez ceci: il n'y a de bon, de vrai, de gai, de triste, d'aimable, de variable, de désirable, de potable, de chantable, de célébrable, d'idôlatrable, que le delta qui existe depuis la ceinture d'une femme jusqu'à ses jarretières. La [...] motte est faite en triangle, il est clair que c'est le symbole de la divinité. On dit que Mme Sand

est à Baden. Si vous la voyez, dites-lui que je l'aime de tout mon coeur, que c'est encore la femme la plus femme que j'aie jamais connue, et que je donnerais toutes mes maîtresses au diable pour être cocu de sa façon." (p.470)

XI
CALEIDOSCÓPIO SÃO PAULO

"Antes dele sair, Jean La Trompette disse-lhe:

– Savez-vous ce que je fais, lorsque je suis là tout seul? Je pense à la France.

E ele fez-se grave:

– Je me dis ce que disait Edgard Quinet: – 'Oh! n'oublions pas ce nom de France, cette terre souvent voilée... souvent contristée... toujours sacrée!...'

E os olhos dele enevoaram-se-lhe de lágrimas." (p.90)

QUINET, Edgar. *Oeuvres complètes: Les Révolutions d'Italie*. Paris, Pagnerre, 1857.

"Cette situation est telle, qu'elle n'a d'autre danger que son excellence même. Oui, au sein de ce cosmopolitisme facile, nécessaire, auquel tout nous invite, je ne crains qu'une chose; c'est que l'humanité ne fasse oublier leur pays à quelques-uns d'entre nous, et que, pour quelques vertus nécessaires, mais aisées, nous ne perdions les plus difficiles.

Plus l'esprit, en s'élevant, admet aujourd'hui de formes, de choses, de systèmes, d'éléments étrangers, plus aussi je voudrais que le coeur, du moins, restât fidèle à notre pays, objet de tant d'espérances, assiégé en secret par tant d'inimitiés. Au milieu du spectacle de tant de climats qui s'appellent, qui se mêlent, au milieu de tant de monuments du génie étranger, qui nous enlèvent pour ainsi dire à nous-mêmes, à nos propres foyers, n'oubliez pas ce nom de France, cette terre souvent voilée, souvent contristée, toujours sacrée; et surtout, gardez-vous de penser que ce soit un signe de peu de philosophie, de vous attacher au drapeau sous lequel le ciel vous a fait naître. L'histoire des peuples est l'histoire de leur émulation vers Dieu, ce n'est pas celle de leur renoncement volontaire. Qui le sait mieux que la philosophie du Nord? En ce moment même, elle ne cesse de confirmer, de fortifier, de relever les nationalités et les espérances croissantes du Nord.

Plus j'y réfléchis, plus je suis convaincu qu'il n'est rien de vivant, rien de grand, dans les choses et les oeuvres humaines, où vous ne retrouviez ce double caractère: le général et le particulier, la tête et le coeur, l'humanité et la patrie. L'immense Odyssée gravite autour de la petite Ithaque." ("Éducation des peuples du midi de l'Europe en général", p.74)

XIV
NA PRAÇA DA REPÚBLICA

E, ao passarem pela herma de Álvares de Azevedo, Drumond volveu os olhos para o poeta. Acudiram-lhe, à memória, entre outros versos seus, estes:

"Minha musa é a lembrança
Dos sonhos em que eu vivi,
É de uns lábios a esperança
E a saudade que eu nutri!
É a crença que alentei,
As luas belas que amei
E os olhos por quem morri!" (p.110)

AZEVEDO, Álvares de. *Obra completa*. Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 2000.

Lira dos Vinte anos.
Terceira parte: "As Musas", 1ª estrofe (p.268)

XV
O Dr. X

"E era daí que lhe vinha aquela sua insuperável repugnância pela Justiça falível dos homens, assim como lhe repugnava só a ideia de meter-se num confessionário e confessar os seus pecados a outro homem, tão pecador, ou mais do que ele, – ele que, em relação aos seus pecados, era como 'le bon Rollin' de Anatole France, 'que ses péchés ravissaient'." (p.112)

FRANCE, Anatole. *Le crime de Sylvestre Bonnard*. Paris, Calmann-Lévy, s/d.

1ère partie – "La bûche" – 24 décembre 1849 à 30 décembre 1859
2è partie – "Jeanne Alexandre" – Lusance, 8 août à février 186...

10 juin
"Les insectes et les fleurs m'émerveillent davantage à mesure que je les observe mieux. Je suis comme le bon Rollin que les fleurs de ses pêchers ravissaient. Je voudrais bien avoir un beau jardin, et vivre à l'orée d'un bois." (p.271)

Na edição de 1930 (Hachette), há uma leve alteração nas datas:
1ère partie – 24 décembre 1861 à 30 décembre 1869
2è partie – Lusance, 8 août 1874 à février 1876

A citação aparece na página 215 desta edição.

FOLHEANDO A VIDA NAS PÁGINAS DA *REVISTA DA ACADEMIA PAULISTA DE LETRAS*

I – EDUARDO JERICÓ (Nº 20 – 12/12/1942, P.97-105)

II – EM CALDAS (Nº 21 – 12/03/1943, P.89-98)

III – DOROTI PACHECO (Nº 22 – 12/06/1943, P.70-78)

IV – JOSAFAT, O BANDEIRANTE (Nº 23 – 12/09/1943, P.46-52)

V – CAMILO LOJISTA (Nº 23 – 12/09/1943, P.52-57)

VI – O SUICIDA DO CASSINO (Nº 24 – 12/12/1943, P.72-84)

VII – O DRAMA ÍNTIMO DE INDALÉCIO (Nº 26 – 12/06/1944, P.103-114; Nº 27 – 12/09/1944, P.73-80)

VIII – SIC TRANSIT GLORIA MUNDI (Nº 28 – 12/12/1944, P.32-47)

IX – 50 ANOS DE HIPOCRISIA (Nº 30 – 12/06/1945, P.51-65)

X – CALEIDOSCÓPIO SÃO PAULO (Nº 32 – 12/12/1945, P.52-59)

XI – JEAN LA TROMPETTE (Nº 33 – 12/03/1946, P.50-57)

XII – CONTRASTES (Nº 34 – 12/06/1946, P.49-55)

XIII – NA VIENENSE (Nº 37 – 12/03/1947, P.112-122)

XIV – NA PRAÇA DA REPÚBLICA (Nº 38 – 12/06/1947, P.30-41)

XV – O DR. X (Nº 40 – 12/12/1947, P.72-88)

XVI – A SENTENÇA DO DR. X (Nº 43 – 12/09/1948, P.61-64)

XVII – 50 ANOS DE HIPOCRISIA (Nº 43 – 12/09/1948, P.64-77)

XVIII – REMINISCÊNCIAS – OS VIZINHOS DA ESQUERDA E OS DA DIREITA – UMA NOITE DE AMOR (Nº 44 – 12/12/1948, P.51-55)

XIX – REMINISCÊNCIAS – OS VIZINHOS DA ESQUERDA E OS DA DIREITA (Nº 45 – 12/03/1949, P.88-95)

XX – REMINISCÊNCIAS – OS VIZINHOS DA ESQUERDA E OS DA DIREITA (Nº 47 – 12/09/1949, P.86-91)

XXI – REMINISCÊNCIAS – OS VIZINHOS DA ESQUERDA E OS DA DIREITA (Nº 48 – 12/12/1949, P.91-99)

XXII – A MATERIALIZAÇÃO DE D. MARIA DAS DORES NA CASA DA ESQUERDA (Nº 51 – 12/09/1950, P.76-90)